

RAPHAEL CESAR LINO

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

A relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay

ASSIS

2024

RAPHAEL CESAR LINO

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES:

A relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em História

Orientador: Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Junior

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

ASSIS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

L758d Lino, Raphael Cesar
Diálogos interdisciplinares : a relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay / Raphael Cesar
Lino. — Assis, 2024
237 p.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Junior

1. Psicanálise. 2. Psicanálise e história. 3. Psicanálise na historiografia. 4. Gay, Peter, 1923-2015. I. Título.

CDD 901.9

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: A relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay

AUTOR: RAPHAEL CESAR LINO

ORIENTADOR: HELIO REBELLO CARDOSO JÚNIOR

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em História, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. HELIO REBELLO CARDOSO JÚNIOR (Participação Presencial)
Departamento de História / UNESP/FCL - Assis/SP

Prof. Dr. ALFREDO DOS SANTOS OLIVA (Participação Presencial)
UEL - Londrina/PR

Prof. Dr. DANIELI MACHADO BEZERRA (Participação Presencial)
UFF - Niterói/RJ

Prof. Dr. ROGER MARCELO MARTINS GOMES (Participação Presencial)
UNISAGRADO - Bauru/SP

Profa. Dra. CARMEN LUCIA MONTECHI VALLADARES DE OLIVEIRA (Participação Virtual)
PUC - São Paulo/SP

Assis, 29 de janeiro de 2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço sobretudo à CAPES pelos anos como bolsista que foram determinantes na execução desta tese. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Sem tal financiamento jamais teria feito este percurso, e agradeço muito a todos aqueles que lutaram por manter viva a pesquisa científica no Brasil entre 2019 e 2022. Só quem viveu sob a lucidez nestes anos, sentiu na pele a dificuldade de fazer ciência e falar sobre a verdade num momento em que parte considerável da sociedade se permitiu cindir da realidade e flertar com a loucura fascista. São estas vozes que resistem e lutam por um mundo melhor e mais justo.

Tive contato com muitas pessoas desde 2018 que foram essenciais para a elaboração e finalização deste trabalho, e tentarei fazer justiça a elas fazendo um sincero agradecimento por toda ajuda que recebi.

Não posso deixar de agradecer o apoio incondicional de meus pais, que nunca mediram esforços em educar e me dar uma base de apoio fundamental. Pensar em meu pai é sempre olhar dois mundos distantes, mas que de algum modo coabitam o mesmo espaço, sempre me apontou da forma mais simples lugares em que a razão não enxerga. Minha mãe, matriarca sem saber, sem dominar conceitos acadêmicos, sempre me mostrou de forma muito doce a importância do cuidado, e das múltiplas formas de demonstração amor. Não teve um dia em que voltei pra visitá-los que não fui recebido com seu tradicional pão caseiro, o cheiro de padaria e de café se somam ao seu abraço tímido.

Agradeço o professor Hélio Rebello, que me apoia desde 2011, sempre orientando do seu modo particular, dando a liberdade necessária ao crescimento, ao mesmo tempo que seu olhar cuidadoso e crítico sempre tem algo a dizer. Não é por acaso que tantos alunos o seguem e se inspiram nele.

Quero agradecer aos professores da banca de defesa, Alfredo dos Santos Oliva, Carmem Lúcia Montechi de Oliveira, Danieli Machado Bezerra e Roger Marcelo Martins Gomes pela leitura e contribuição com meu trabalho final.

Impossível deixar de dizer o quanto Thais Maria foi importante para este percurso, desde o início me incentivando a nunca desistir e sempre comprando

comigo as aventuras que decorreram desta decisão. Não sei se ela sabe, mas sempre me apoiei na sua coragem, e em sua capacidade inventiva, fazer uma escolha e correr um risco era muito mais fácil do lado dela. Além disso, tinha sempre algo novo na rotina vivendo com ela. Espero que ela saiba da importância que teve e tem em mim.

As professoras Inara Marin Voirol, do Instituto de Estudos Linguísticos da UNICAMP (IEL), e Maria Tereza Menicucci, do Centro de Formação e Assistência à Saúde (CEFAS), que me apresentaram uma psicanálise acolhedora, didática e ética. Do mesmo modo, meus colegas de formação em psicanálise foram muito importantes, nos grupos de estudos, nos dilemas da profissão, nas primeiras impressões e, acima de tudo, nas inseguranças. Obrigado, Ana Carolina Almeida, Francis Sunaga, Edi Carlos e Michelle Ferreira.

Agradeço a todas as crianças e adolescentes com quem convivi durante mais de um ano junto às Aldeias Infantis, aprendi muito com cada um. Obrigado por sempre me incluírem nos jogos mesmo eu sendo péssimo jogando basquete ou futebol.

Agradeço também meus colegas da “Equipe 5” d’O SETA, Camila Firmino e Leonardo Targino. Pelas risadas, trocas, memes, alegrias e tristezas e por todo aprendizado que alcancei ao lado deles dentro da luta diária na Assistência Social. Sempre me fizeram me sentir muito à vontade dentro desse espaço e, sobretudo, me deram voz.

Quero fazer um agradecimento especial a minha analista, Lourdes Mara Silveira, quem me ajudou muito num momento em que me encontrava estilhaçado, e com muito cuidado e paciência ajudou a segurar estes fragmentos e a me recompor. Hoje eu percebo o quanto o movimento dentro das sessões me fez caminhar rumo a alguém de quem eu consigo conviver em paz, sem carregar tantas coisas que não me pertencem.

Por último, quero agradecer a todos aqueles que se colocaram na condição de paciente e confiaram em mim para compartilhar a intimidade de suas vidas. Sou muito grato a cada um, aprendi muito com vocês. Acima de tudo, foi neste espaço do *setting* que percebi o quão viva e intensa é a relação entre história e psicanálise.

LINO, Raphael Cesar. **Diálogos interdisciplinares: a relação entre história e psicanálise nas obras de Peter Gay**. 2023. 237f. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2024.

RESUMO: Nesta tese busco trabalhar com o diálogo interdisciplinar entre história e psicanálise por meio do trabalho específico do historiador naturalizado estadunidense, Peter Gay (1923-2015), tomando como objeto de análise a coleção *A experiência burguesa – da Rainha Vitória à Freud*, publicadas no Brasil entre 1989 e 2001. A relação entre os dois campos do saber é discutida a partir de um debate teórico sobre a interdisciplinaridade compreendida como parte do desenvolvimento das ciências de um modo geral, apontando para a especificidade deste movimento na história. Com efeito, exploro sobretudo o contato da psicanálise em diferentes contextos historiográficos, em especial europeu e anglo-saxão. Em seguida, busco dar à luz ao método de trabalho desenvolvido por Peter Gay entre os anos 1950 e 1980, num período de intensas pesquisas e publicações, dentro do qual defendo a existência de uma reflexão epistemológica que caminhou no desenvolvimento de uma teoria da história conduzida pela psicanálise. A psicanálise é então apropriada pelo autor como uma visão interpretativa de mundo, que pode elucidar e responder questões relativas ao conhecimento histórico, direcionada a uma psicologia da experiência humana no tempo. Em paralelo, observo que há no trabalho freudiano uma concepção de filosofia da história que define uma visão particular do psicanalista vienense em relação à história. Com esse panorama em mãos, analiso a coleção supracitada considerando-a nesta dupla interseccionalidade, dentro de uma concepção teleológica de história, que observa a experiência humana num contexto social, das classes médias, cronologicamente determinado, século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Teoria da história, Psicanálise, Peter Gay, Sigmund Freud, Filosofia da história.

LINO, Raphael Cesar. **Interdisciplinary dialogues: The relationship between history and psychoanalysis in the Peter Gay's works**. 2023. 237f. Thesis (Ph. D in History). – School of Sciences and Letters, São Paulo State University “Julio de Mesquita Filho”, Assis, 201, 2024.

ABSTRACT: In this thesis I seek to work with the interdisciplinary dialogue between history and psychoanalysis through the specific work of the American naturalized historian, Peter Gay (1923-2015), taking as an object of analysis the collection *The bourgeois experience – Victoria to Freud*, published in Brazil between 1989 and 2001. The relationship between the two fields of knowledge is discussed based on a theoretical debate on interdisciplinarity understood as part of the development of science in general, pointing to the specificity of this movement in history. In fact, I mainly explore the contact of psychoanalysis in different historiographical contexts, especially European and Anglo-Saxon. Next, I seek to shed light on the working method developed by Peter Gay between 1950's and 1980's, a period of intense research and publications. Within this timeframe, I argue for the existence of an epistemological reflection that progressed towards the development of a theory of history guided by psychoanalysis. The psychoanalysis is thus appropriated by the author as an interpretative worldview that can elucidate and respond to questions related to historical knowledge, directed towards a psychology of human experience over time. In parallel, I observe that within Freudian work, there is a conception of the philosophy of history that defines a particular view of the Viennese psychoanalyst in relation to history. With this overview in hand, I analyze the aforementioned collection, considering it within this dual intersectionality, within a teleological conception of history. This perspective observes the human experience in a socially contextualized manner, specifically focusing on the middle classes, within a chronologically determined framework of the 19th century and the early 20th century.

KEYWORDS: History theory, psychoanalysis, Peter Gay, Sigmund Freud, Philosophy of history.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1: História e psicanálise, os caminhos de uma relação interdisciplinar	17
1.1. Interdisciplinaridade, e interdisciplinaridade na história.....	17
1.2. Debates sobre interdisciplinaridade.....	17
1.3. Interdisciplinaridade na historiografia.....	20
1.4. As apropriações historiográficas.....	22
1.5. Diálogos interdisciplinares na história da historiografia.....	25
1.6. Os intelectuais da escola de Frankfurt e a psicanálise.....	26
1.6.1. Erich Fromm – o homem como produto histórico.....	28
1.6.2. Walter Benjamin – a história contra o progresso.....	31
1.7. Sociologia e a psicanálise.....	36
1.7.1. Norbert Elias – A formação da civilização.....	37
1.8. Diálogos entre história, psicologia e psicanálise no contexto francês.....	41
1.8.1. A influência da psicologia nos Annales.....	42
1.8.2. Robert Mondrou – A tomada de consciência.....	45
1.8.3. Jean Delumeau – O medo da história.....	47
1.8.4. Alain Besançon – A história psicanalítica.....	53
1.8.5. Michel de Certeau – Um jesuíta lacaniano.....	60
1.9. O contexto italiano.....	68
1.9.1. Carlo Ginzburg – Sinais de uma psicanálise indiciária.....	68
1.10. A psico-história anglo-saxônica.....	74
Capítulo 2: Peter Gay, Um historiador psicanalista.....	83
2.1. Introdução.....	83
2.2. Biografia.....	84
2.3. A historiografia estadunidense pós-1950.....	86
2.4. A produção historiográfica de Peter Gay.....	91
2.5. Psicanálise e história: um diálogo elegante.....	106
Capítulo 3: Psicanálise – a natureza humana e a filosofia da história freudiana.....	124
3.1. A especificidade da psicanálise freudiana.....	124
3.2. Contextualizando o pensamento freudiano.....	128
3.3. O passado e a metapsicologia.....	138
3.4. Filosofia da história freudiana.....	145
Capítulo 4: Coleção “A experiência burguesa” – uma análise entre história e psicanálise.....	165
4.1. Introdução.....	166
4.2. A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud.....	171
4.3. Método de análise.....	175
4.4. Conceitos Centrais.....	178

4.4.1. A experiência histórica.....	178
4.4.2. A classe média.....	189
4.4.3. Vitorianos	196
4.5. Articulado história e psicanálise.....	201
4.5.1. O século XIX e suas mudanças irresistíveis.....	201
4.5.2. A redefinição na percepção do eu.....	206
4.5.3. Ódio e violência na cultura das classes médias vitorianas.....	216
Conclusão.....	226
Referências.....	230

Introdução

Esta é minha tese de doutoramento! Trata-se de uma pesquisa que se dedica a relação entre história e psicanálise, para tal parto de elementos obra de Peter Gay considerando-o como um dos historiadores que se dedicou intensamente a este diálogo, entre os anos 1950 e 1990, produzindo não apenas uma defesa a favor da interdisciplinaridade entre os dois campos, como também aplicando sistematicamente elementos da psicanálise freudiana na análise de fontes históricas, que compõe, por exemplo, a coleção *A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud* (1989, 1990, 1995, 1999 e 2001) tomadas por mim como fontes de análise. Portanto, também vou me basear numa psicanálise específica, ou seja, nos textos de Sigmund Freud produzidos entre 1895 e 1939¹. Não considerarei, a não ser a título de conclusão, outros continuadores, ditos neo, ou pós-freudianos. A partir de agora, toda menção à psicanálise levará esta especificidade em consideração.

Minha pesquisa, como todo trabalho de construção de conhecimento, também é uma mistura entre o autor e seu objeto, ou seja, de algum modo ela é parte de mim, muito do que vivi, sofri e transformei durante este período está presente nas páginas que seguem. Passados cinco anos e alguns meses desde meu ingresso no programa de Pós-graduação da Unesp, 2018 (que na época se restringia ao Campus de Assis), encerro minha caminhada de pesquisa, ao mesmo tempo em que abro possibilidades de continuidade. Posso afirmar com toda certeza de que este é muito mais um ponto de partida do que de chegada. Em todo caso o tempo que me dediquei a esta tese foi muito intenso, dentro e fora da pesquisa me vi diante de questões que mobilizaram muitos desafios internos. Houve angústias familiares, ameaça pandêmica, um governo imbecil, trabalho, leituras que não acabavam, mais trabalho, e é claro, a tentativa

¹ Este recorte cronológico representa o ponto inicial no qual Freud utiliza pela primeira vez o termo psicanálise em seus escritos, especificamente no trabalho, *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa* (1896). Este momento também marca uma consideração técnica, o abandono do método catártico e da hipnose em favor da livre associação como método essencial de condução terapêutica (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001 p.385). A data final, por sua vez, corresponde ao ano de morte de Freud, de modo a enfatizar que trabalhou até o último momento nas definições e reformulações a respeito de sua obra. Renato Mezan, por sua vez, cogita que, embora não use o termo, Freud já no segundo semestre de 1895 já tem elaborada sua primeira teoria do aparelho psíquico, *Projeto para uma psicologia dos neurólogos*, que conteria algumas das bases da psicanálise (MEZAN, 2006).

desesperada de manter níveis saudáveis de sanidade no meio disso tudo (consegui? As vozes na minha cabeça duvidam em parte). Sobrevivi, e é com a marca da sobrevivência, do precipitado entre minha vida pessoal e a pesquisa que tentei aqui deixar minha contribuição humilde na pesquisa brasileira. Não, humildade não tem nada a ver com isso. Assumo aqui toda necessidade narcísica que está presente na finalização desta tese e toda vontade de saber mais que outros que movimenta qualquer pesquisador! E dá muito trabalho validar internamente o que eu faço, então sinto muito a quem ler isso, fiz antes de tudo este trabalho para mim. Portanto, seja qual for, está é minha contribuição para o conhecimento histórico, e no diálogo interdisciplinar entre história e psicanálise.

Existe uma fala muito presente em alguns contextos brasileiros que se refere a percepção da passagem do tempo e da transformação de um lugar em diferentes aspectos, “quando eu cheguei aqui, tudo aqui era mato” – que, pensando bem, faz todo sentido com a visão dos colonizadores portugueses diante da imensidão da natureza brasileira. Mas essa herança cultural também quer dizer outra coisa nessa pesquisa. Lá no longínquo ano de 2018, quando fiz o levantamento bibliográfico sobre o tema de pesquisa havia pouca coisa, um artigo aqui ou ali, uma pesquisa indireta, uma resenha, mas sobretudo publicações estrangeiras.

Agora, em 2023 este cenário parece ter mudado considerável e qualitativamente, existem diferentes pesquisas sobre o tema, grupos de estudos, revistas, eventos e pesquisas dedicados a analisar o debate entre história e psicanálise. Por exemplo, a *Revista de Teoria da História* da Universidade Federal de Goiás (UFG), que em 2020 dedicou todo um dossiê às relações entre história e psicanálise, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), existe um grupo de historiadores que partem de leituras lacanianas para incrementar investigações históricas, além de uma série de teses e dissertações que enveredam pelo mesmo tema². Este crescimento bibliográfico nacional é acompanhado por uma literatura estrangeira que segue o mesmo foco de interesse.

² CF. Os trabalhos de DE GOES, Clara. *História e psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012, e BEZERRA, Danieli Machado. *Lacan para historiadores*. Curitiba: Appris, 2018.

Quando pensei na ideia desta pesquisa queria saber se é possível nós, historiadores, dialogarmos com a psicanálise utilizando-a como um recurso teórico. Dentro de todo levantamento bibliográfico que realizei a produção do historiador estadunidense, Peter Gay (1923 – 2015) me chamou a atenção. Ele é muito conhecido por seu trabalho biográfico sobre Sigmund Freud, mas sua atuação como historiador é pouco destacada entre nós, brasileiros. Talvez em parte esta posição decorra do fato de que ele mesmo não buscava se impor como teórico, não era um acadêmico clássico com muita participação nos debates historiográficos, nem um participante assíduo de eventos. No entanto, ele se posicionou do seu modo, elaborou alguns trabalhos incisivos, que utilizei amplamente nesta pesquisa. Ao todo teve 26 livros publicados, e alguns artigos – que não pude alcançar em sua totalidade, visto que muitos foram publicados em revistas impressas, além de suas contribuições para jornais de grande circulação. Foi assim que cheguei até os cinco volumes da coleção *A experiência burguesa – da rainha Vitória a Freud*.

Fiz uma primeira tentativa de leitura durante a elaboração do Projeto de Pesquisa, e logo percebi que existiam lacunas em minha formação no quesito de domínio da teoria psicanalítica. De fato, compreendi que, se aprovado, deveria investir em minha capacitação. Em 2018 fiz minha primeira disciplina na Unicamp, junto ao Instituto de Estudos Linguísticos (IEL), com a professora Dra. Inara Voirol, que apresentou aspectos mais complexos da teoria de modo claro e didático, me aproximando dos conceitos fundamentais, e acima de tudo, demonstrando o quanto a psicanálise era um campo autônomo do conhecimento que ia para além da psicologia – aliás este é um ponto que defendo neste trabalho, a individualidade da psicanálise como campo de conhecimento. Assim, percebi que a experiência analítica também deveria se tornar parte do meu percurso de pesquisa.

Em 2019 iniciei minha própria análise pessoal com minha mudança para a cidade de Campinas, e dei início à formação profissional em psicanálise junto ao Centro de Formação e Assistência à Saúde (CEFAS), onde passei três anos realizando disciplinas, frequentando a clínica-escola e passando por supervisões periódicas, cumprindo o famoso tripé que sustenta a prática do analista. Com isso a psicanálise não apenas foi um interesse crescente de pesquisa, mas também uma abertura profissional da qual me aproveitei amplamente. Desse

modo, acredito que fui fiel a pressupostos essenciais para a compreensão da psicanálise, que acabou se tornando uma forma de visão de mundo pessoal. Logo percebi o quanto a obra de Peter Gay havia sido um percurso orgânico e intenso, e o quanto suas pesquisas continham uma sólida fundamentação material e teórica, o que demandou muito trabalho e empenho para que pudesse observá-lo com a atenção. Se eu fiz esta observação de modo a corresponder a magnitude deste autor não sei, mas me esforcei muito.

Peter Gay (1923 – 2015) foi um historiador marcado pela originalidade, o que pode ser atestado pela sua própria trajetória intelectual, inicialmente dedicando-se ao modernismo e ao iluminismo, em suas múltiplas manifestações. O autor também possui alguns estudos teóricos, como, por exemplo, as obras *Freud para historiadores* (1989) e *O estilo na história* (1990)³. Na década de 1970 ele passa a dedicar-se com mais intensidade ao período vitoriano, e aprofunda-se sistematicamente nos escritos de Freud, o qual já tinha vinha explorando desde o fim da década de 1950.

Seu contato com a psicanálise ocorre pela psico-história (a qual veremos mais detalhadamente adiante), mas não se resume a ela, ao contrário, Gay rejeita tal *dimensão* para trilhar um caminho próprio, inclusive realizando cursos de formação psicanalítica⁴ e submetendo-se à *análise didática*⁵. O aprofundamento na teoria lhe permitiu tematizar diferentes aspectos da cultura burguesa do século XIX, sexualidade, agressão, defesas e a repressão puderam se tornar objetos de pesquisa. A psicanálise lhe trouxe novas maneiras, “mais instrutivas de ler diários e sonhos, cartas e pinturas, novelas e textos médicos” (GAY, 1989 A p. 16). Por trás das intencionalidades dos eventos históricos Gay demonstrou encontrar diferentes aspectos da vida inconsciente, fantasias que compõem estilos culturais, pulsões sexuais e agressivas que dão combustível para as ações e comportamentos humanos, e como tais fatores também podem cobrir ou distorcer a realidade objetiva (ibidem).

³ As edições brasileiras invertem a cronologia das obras, *Style in History* foi publicada em 1976, e *Freud for historians* em 1985.

⁴ Em 1976, nos conta Peter Gay, entrou como candidato no New England Institute for Psychoanalysis, localizado em New Heaven, Connecticut, EUA.

⁵ Análise didática é um tipo de “análise “regulamentada”” pelo instituto da sociedade internacional de psicanálise (IPA), tendo frequência e duração mínimas estipulada pela instituição. Este tipo de prática visa fazer com que o analisando aprenda a trabalhar com seus próprios pacientes.

Na medida em que me aprofundei nos textos de Freud e nos escritos de Peter Gay a relação entre os dois campos foi se tornando mais evidente, assim como as críticas a relação interdisciplinar entre história e psicanálise começaram a se tornar efêmeras e, muitas vezes, rasas demais. Enfim, percebo que a pesquisa caminhou em duas direções. A primeira delas é percorrer pela obra do autor destacando sua posição singular dentro do quadro historiográfico estadunidense. Ele enveredou pela utilização da psicanálise como base metodológica, fazendo seu próprio retorno a Freud. Isso significa que considerou a metapsicologia psicanalítica como um esforço de delimitar nossa constituição como parte de um tronco comum que poderia ser circunscrito sob a forma de uma “natureza humana”. Com isso temos a busca por uma teoria da história interdisciplinar que promove uma discussão em defesa deste diálogo orientada pela produção do autor. Esta primeira articulação rumo para uma psicologia da experiência histórica. Com esta percepção em mente, foi inevitável caminhar na segunda direção, a exploração das obras de Freud. O passado foi uma das instâncias essenciais para o trabalho psicanalítico ao construir as bases da psicanálise em seu tempo, a psique humana, ontogenética do sujeito, como a encontrou no final do século XIX tinha uma história própria, que condensava todo um percurso filogenético traçado pela humanidade. Nesse sentido, temos uma concepção própria de filosofia da história psicanalítica, ou seja, uma definição do que é a história e quais os mecanismos que atuam na sua progressão.

O historiador britânico Michael Roper, ao mapear as relações entre história e psicanálise, afirma que existem três grandes formas pelas quais o debate se apresenta. Primeiramente, há um corpo de pesquisa – quiçá o mais bem estruturado – que se dedica à história da psicanálise, considerando este campo da ciência desde sua formação e desdobramentos em diferentes linhas teóricas, este é o campo de atuação da historiadora e psicanalista, Elizabeth Roudinesco, por exemplo, que recentemente publicou uma nova biografia de Freud (2016). Porém, muitas das pesquisas relacionadas à história da psicanálise também estão presentes no trabalho de alguns filósofos, com destaque para Renato Mezan e Roberto Monzani, com importantes contribuições a respeito da trajetória da psicanálise e seus desdobramentos teóricos em diferentes contextos.

Em segundo lugar, existe uma vertente dedicada ao estudo e a escrita de biografias, ou melhor, *psicobiografias*, baseando-se em ferramentas da psicanálise para elucidar motivações e características particulares de figuras históricas, políticos, cientistas etc. Este tipo de trabalho é bastante conhecido, e destaca-se, inclusive, o próprio Freud, com trabalhos como sobre Leonardo da Vinci, *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, de 1910 e também seu estudo sobre a origem do judaísmo, recuperando/especulando a respeito da vida de seu fundador, Moisés, publicado em 1939 com o título *Moisés e o monoteísmo*.

Por último, e este é o tópico que mais me interessa aqui, existem historiadores que enveredam pela teoria psicanalítica a fim de incrementar seu arcabouço teórico, compreender comportamentos individuais e coletivos, ou estados mentais do passado, explorando aspectos inconscientes que podem ser apreendidos em certos tipos de fontes históricas, tais como diários, entrevistas, cartas, em suma, tratar a psicanálise como uma ferramenta auxiliar de interpretação (ROPER, 2013). Um caso bastante emblemático é da psico-história, mas também está presente em outras abordagens, como em historiadores franceses ligados aos *Annales*, italianos e ingleses. Roper ainda descreve uma quarta possibilidade, buscar compreender o próprio trabalho do historiador a partir de ferramentas psicanalíticas, mas no momento nos ateremos ao terceiro caminho de pesquisa (ibidem). A partir destas reflexões e das leituras quero apresentar, a título de introdução, os capítulos que compõe minha tese.

No primeiro capítulo, HISTÓRIA E PSICANÁLISE – OS CAMINHOS DE UMA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR, faço um apanhado relativo à interdisciplinaridade como um fenômeno presente em todos os campos do conhecimento, posteriormente, analisando como a historiografia lida com as intersecções possíveis em outros campos sob o ponto de vista teórico. Em seguida, fiz um levantamento geral dos encontros entre história e psicanálise já realizados até o momento, em diferentes contextos historiográficos. Este “estado da arte” é o ponto de partida da minha tese, me ajudou a compreender onde minha pesquisa se encontra.

No segundo capítulo, PETER GAY – UM HISTORIADOR PSICANALISTA, busquei realizar uma apresentação deste historiador observando o desenvolvimento de sua produção e o caminho que tomou rumo à psicanálise.

Este ponto de convergência entre as duas disciplinas atinge seu auge com a publicação, praticamente simultânea, de *Freud para historiadores* (1985), *Freud, uma vida para nosso tempo* (1988) e *A experiência burguesa – volume 1 – a educação dos sentidos* (1989). Busquei identificar sua posição dentro da historiografia estadunidense e como incorporou a psicanálise freudiana na análise documental e na interpretação do passado. Acima de tudo quero destacar que o pensamento de Peter Gay lança questões teóricas sobre o campo de conhecimento, tais como, as possibilidades de diálogo com o passado, a noção de verdade, as interpretações, o estilo e a narrativa como formas de apresentação de um texto, e, acima de tudo, o percurso que leva a uma psicologia da experiência histórica.

O terceiro capítulo, NATUREZA HUMANA – FILOSOFIA DA HISTÓRIA FREDIANA, é uma ampliação da discussão do capítulo anterior. Tomo uma das máximas de Peter Gay e busco defendê-la com base na minha própria leitura da obra de Freud, ou seja, a afirmação de que existe uma natureza humana que pode ser apreendida pela observação de movimentos universais presentes na psique humana. Além disso, esta natureza humana configura uma discussão sobre a concepção de história e seu sentido teleológico de acordo com as elaborações freudianas, evidencia o resultado histórico traçado pela humanidade e com heranças perceptíveis em nosso aparelho psíquico.

No quarto e último capítulo, A COLEÇÃO “A EXPERIÊNCIA BURGUESA” – UMA ANÁLISE ENTRE HISTÓRIA E PSICANÁLISE é completamente dedicado à minha análise pessoal da coleção de Peter Gay sobre a classe média entre o século XIX e o início do século XX. Para tanto, tomei as cinco obras em conjunto e extraí alguns temas essenciais, partindo da definição de três conceitos que atravessam a obra, são eles, *classe média*, *experiência histórica*, *classe média* e *vitoriano*. Cada um deles é definido a partir do referencial teórico já construído pelo autor, assim cada estrato tem uma apresentação própria.

Com este panorama espero ter cumprido com todos os objetivos traçados inicialmente.

CAPÍTULO 1

História e psicanálise – os caminhos de uma relação interdisciplinar

1.1. Interdisciplinaridade, e interdisciplinaridade na história

1.2. Debates sobre interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade é uma realidade incontornável em qualquer área do conhecimento na atualidade, é impossível que uma linha de pesquisa possa sugerir uma interpretação ou análise, em qualquer aspecto, sem se basear em um espectro mínimo de saberes que dialogam entre si. Todo objeto de estudo está vinculado a mais de uma modalidade de conhecimento, de modo que o esforço de compreensão acaba levando ao contato interdisciplinar. No entanto, existem formas cientificamente conduzidas de realizar diálogos interdisciplinares a fim de ampliar os vocabulários teóricos, as reflexões epistemológicas e caminhar para o enriquecimento de um campo científico com pontos de vista oriundos de outras áreas, ou “abordar certo objeto de análise comum a outros campos de saber” (BARROS, 2019 p. 33).

O esforço de classificação e definição da produção do conhecimento levou a formação de diversos campos científicos no século XIX, saberes que antes não tinham suas fronteiras definidas, ou escolas específicas de formação, passaram a compor campos e identidades que regulamentaram seus espaços de atuação. Cada campo foi historicamente constituído a partir da elaboração de *paradigmas* científicos, no sentido que fala Thomas Kuhn, ou seja, construção de “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KHUN, 2009 p.13). Os saberes científicos formados neste contexto elaboraram modelos heurísticos de interpretação da realidade, reunindo em seus grupos de pesquisadores, instrumentais teóricos, conceituais e metodológicos que funcionam como ferramentas. É nesse contexto e neste ímpeto que, disciplinas como a história e a geografia, por exemplo, se afirmaram, buscando cada uma a sua maneira, apreender aspectos do mundo real.

Ao mesmo tempo em que se formaram também teve início um movimento de fragmentação interna dentro de cada campo, dando origem a subespecialidades (ou mesmo novos campos) que ramificaram as categorias de análise, dividindo cada campo em uma rede de especialistas, reduzindo seu olhar cada vez a perspectivas mais singulares. Estas especialidades surgem como uma “nova espécie” que se diferencia do seu tronco de origem, uma forma de mutação, esta analogia serve para Kuhn para explicar o movimento de fragmentação dentro dos campos científicos (OLIVEIRA & CONDÉ 2002). Tal profissionalização também pode ser interpretada como consequência à intensificação da divisão do trabalho, cujo desenvolvimento também se desdobra no inevitável contato entre diferentes campos de saber.

Na historiografia este processo é bem conhecido, produziu diversos *domínios* e *abordagens*⁶ e certo esmigalhamento da disciplina, levando inclusive a questionar sua validade científica (DOSSE, 1994). Para Krzysztof Pomian, ao considerar a especificidade do desenvolvimento da história, o contato com outros campos de saber, ocorre ainda no século XIX, com a intensificação da industrialização, e a renovação dos saberes e do conhecimento que os levou em direção ao contato com outras leituras científicas (POMIAN, 2007). No século XX, por sua vez, houve novos esforços de flexibilização de tais fronteiras, levando a diálogos interdisciplinares, o que me coloca diante de um intenso debate epistemológico que procura determinar os limites e possibilidades destas articulações, e interroga se suas consequências são positivas ou negativas para a ciência de um modo geral. Seja qual for o posicionamento ou o nível de aceitação que posso destinar aos diálogos interdisciplinares, o fato é que esta é uma realidade visível, presente no cotidiano de qualquer campo científico.

Na medida em que a fragmentação dos saberes em diferentes especializações cresceu o contato interdisciplinar se tornou inevitável, ou seja, perguntas realizadas em meio a pesquisas cujas exigências por respostas cada vez mais específicas os colocaram em contato com outros campos de saber,

⁶ De acordo com José D’Assunção Barros, *domínios historiográficos* é um conceito que se refere à áreas de concentração temática que surgem como especializações do campo, tais como história da religiosidade, da vida privada, das mulheres, entre outras. Já o termo *abordagens historiográficas* se refere ao modo de tratamento de fontes, portanto, aos modos de fazer história, estão relacionados à metodologia como, por exemplo, na História Oral. CF. BARROS, José D’Assunção. *O campo da história – especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2013.

incorporando “metodologias ou aportes teóricos oriundos de outras disciplinas, estabelecer diálogos bibliográficos com outros campos de saber, enriquecer a disciplina-base com pontos de vista oriundos de outras, e ainda abordar certo objeto de análise comum a outros campos de saber” (BARROS, 2019 p. 33).

Caminhando em direção a história como campo de saber, pode-se perceber um grande potencial interdisciplinar, pois, como demonstrarei, seu desenvolvimento no século XX foi especialmente marcado por encontros com outras disciplinas, por exemplo, a escola francesa dos *Annales*, os estudos dos marxistas ingleses, a micro-história italiana, entre outras. Além disso, os estudos sobre a linguagem e discurso permitiram acompanhar a dimensão narrativa da história em seu aspecto subjetivo, juntamente com a representatividade que a intencionalidade do historiador marca em seu trabalho. Em suma, não faltam exemplos para demonstrar o quanto a interdisciplinaridade marca a história, inclusive levando-a ao extremo de quase renunciar sua identidade, segundo alguns intelectuais mais pessimistas, como assinala François Dosse (1992), por exemplo.

Seguindo o foco da proposta que nos traz a este debate, acreditamos ser necessário focar duas *pontes interdisciplinares*, que remeterão adiante aos contatos entre história e psicanálise, são elas, a teoria e o método, e por consequência, a *dimensões*⁷ e *abordagens* distintas. O método se refere à apropriação de procedimentos que podem ser aplicados, passando de um saber ao outro a fim de levantar dados que serão interpretados pelo pesquisador. O que nos leva a revisões teóricas, impostas por tais aplicações, que será a segunda *ponte* aqui destacada, tomada como uma visão de mundo, que organizam e conduzem certas formações discursivas, elencando conceitos, tendências, narrativas e argumentos que conduzem o pesquisador quando lida com seu objeto (BARROS, 2010).

Importante destacar que, obviamente, acredito e defendo a interdisciplinaridade, o que não significa que posso deixar de lado as preocupações com os métodos pelos quais ela se desenvolve a fim de evitar

⁷ Na mesma linha teórica citada anteriormente, Barros define como *dimensões historiográficas* certos aspectos da realidade estudada que ganham centralidade dentro de uma análise, são os enfoques que o historiador prioriza, tais como política, cultura entre outros. CF. BARROS, José D’Assunção. *O campo da história – especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2013.

usos reducionistas. Primeiramente, é preciso compreender como explorar o fato de que toda edificação disciplinar invoca a formação de interditos e hierarquias, além de restringir seu acesso àqueles que possuem sua autoridade do seu discurso, do ponto de vista institucional, existe ao lado da construção epistemológica uma rede humana que constitui dimensões integrantes do campo (BARROS, 2019).

1.3. A interdisciplinaridade na historiografia

A história é uma disciplina que nasce com vocação interdisciplinar, seja porque qualquer disciplina que faça uma reflexão sobre si mesma necessitará de fazer uma incursão historiográfica sobre seu desenvolvimento, seja por que os objetos de estudo do historiador exigem ferramentas que transcendem seu arcabouço teórico, levando a buscá-los nas ciências que lhe circunvizinham (BARROS, 2019). Não é minha intenção aqui recompor todo um quadro extensivo das múltiplas formas pelas quais a história realiza diálogos interdisciplinares, me poupei disso, e optei por fazer uma descrição ampla sobre o tema e, posteriormente, direcionar a discussão para meu objeto de pesquisa.

Seja qual for a origem da história foi no século XIX que ela se afirmou como campo científico, impulsionada pelo contexto europeu da industrialização e da aplicação dos ideais iluministas. Juntamente com a ciência moderna que começou a esquadrihar um leque de disciplinas, que se apresentavam formalmente divididas, a formação acadêmica e as comunidades científicas cultivaram para si identidades e regras específicas, cujo domínio era pré-requisito para aqueles que almejavam fazer parte de um campo do saber. Neste momento, a história se aliou com sucesso à formação dos Estados Nacionais que se formavam, ou se definiam, utilizando-se de uma construção narrativa que lhes justificasse sua existência e seu domínio, afirmando-se em uma singularidade que a tornou distinta dos outros campos existentes. O que levou inclusive o historiador Augustin Thierry a qualificar “o século XIX como o século da história” (ibidem p. 107).

Como ocorreu com os demais saberes formados neste contexto, a história também começou a sentir o impulso interdisciplinar desde o momento em que se formou como ciência, o que se tornou mais evidente no século XX, com o

desenvolvimento de importantes desdobramentos na historiografia. Dentre os exemplos que posso citar neste movimento, destacam-se os *Annales*, cuja interdisciplinaridade iluminava as pesquisas de Marc Bloch e Lucien Febvre, também o materialismo histórico, os historicistas, fora do círculo europeu. Conforme Barros convoca a título de exemplo, James Harvey Robinson (1863-1936), que amplia seu instrumental documental a fim de observar diferentes instâncias da sociedade, e não apenas a política. Discutirei como cada uma delas buscou realizar sua ampliação interdisciplinar mais adiante.

As ciências sociais, talvez a vizinha mais próxima da história, foi um solo fértil de diálogos. O materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels se baseia na lógica da dialética hegeliana para caracterizar os movimentos da história que são responsáveis pela transformação dos modos de produção. A contradição intrínseca dentro de cada modo de produção geraria a possibilidade de uma nova formação que substitui a anterior, numa constante superação evolutiva em direção a um sentido teleológico. Portanto, Marx realiza algumas análises históricas como, por exemplo, seu trabalho *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, publicado pela primeira vez em 1852.

O marxismo exerceu grande influência entre os historiadores no século XX, mas os marxistas ingleses no século XX dão alguns passos adiante na teoria, propondo uma renovação na leitura e interpretação da dinâmica social, realizando importantes diálogos com a antropologia, dando visibilidade para aspectos culturais que até então eram considerados apenas efeitos de superestrutura pelo marxismo ortodoxo, como pode ser visto na defesa pela interdisciplinaridade no famoso artigo “Folclore, Antropologia e História social” publicado por Thompson em 1977.

Os historicistas, por sua vez, elaboraram no final do século XIX e início do século XX aspectos epistemológicos das ciências humanas, ou melhor, das “ciências do espírito”, que teriam como fundamento o estabelecimento de um “nexo vital” entre o objeto de conhecimento e seu autor/pesquisador, de modo que é impossível desenvolver um trabalho de ciências humanas sem imprimir a marca de seu autor, entre estas ciências inclui-se a história. Esta afirmação está ligada ao desenvolvimento da Hermenêutica. As ciências da natureza, por sua vez, remetem a um procedimento distinto, de acordo com os historicistas, pois seu estudo é dirigido por um “nexo causal”, o que permite aos cientistas

elaborarem deduções e regras para o conhecimento a que se dedicam. Apontar este aspecto do historicismo é importante na medida em que historiadores influenciados por ele, como Lucien Febvre projetarão renovações no campo que marcam a abertura interdisciplinar nos estudos históricos (BARROS, 2012).

Parafraseando Bloch, Barros afirma que a história tem “sede interdisciplinar⁸”, que levou a história a realizar importantes diálogos com outras disciplinas, especialmente no século XX. Um dos fatores que impulsiona esta vocação interdisciplinar é o fato de que o discurso historiográfico é, acima de tudo, realizado por meio da linguagem, que implica ao menos três registros de comunicação: “a linguagem comum, a elaboração artística, e a sistematização científica” que resulta num trabalho com certas especificidades, seu discurso será “a um só tempo, cientificamente interdisciplinar, artisticamente literário e experimentalmente multivocal” (BARROS, 2019 p. 114).

O objeto de estudo dos historiadores os “obriga” a buscar conceitos e interpretações em outros saberes, encontrando nos vocabulários da antropologia, psicologia, literatura, sociologia, entre outras, ferramentas que lhes permitem analisar os diferentes aspectos que encontram em seus objetos de pesquisa, o que leva, necessariamente, a pontes interdisciplinares especialmente relacionados à teoria. E este é o aspecto que quero destacar neste momento, as pontes disciplinares entre teoria e método.

Apresentadas estas características gerais sobre a interdisciplinaridade e sua especificidade na historiografia, considerando esta como naturalmente inclinada a tais diálogos, buscarei circunscrever a discussão a seguir apresentando as aproximações realizadas a partir de temas que confluem para aspectos da psicologia, e posteriormente, com a psicanálise. Antes de dar início a esta discussão, é importante recorrer a um importante referencial metodológico que visa dar atenção ao procedimento pelo qual o contato interdisciplinar é apropriado pelo autor com vistas a operar uma investigação histórica a partir de reflexões fora de sua disciplina. Apresentarei este referencial no próximo tópico.

1.4. As apropriações historiográficas

⁸ A frase de Bloch é “a história é como o ogro da lenda: tem fome de carne humana” (BLOCH apud BARROS, 2019 p. 113).

Para iniciar a discussão sobre interdisciplinaridade na história, aprofundando seus aspectos específicos, foi necessário criar um quadro metodológico que me permitisse observar como os historiadores aqui apresentados estabeleceram seus diálogos com outros campos científicos. Para tal, defino alguns conceitos que serão minha ferramenta principal de análise, são eles: *campo disciplinar*, *teoria da história* e *apropriações historiográficas*. O primeiro busca evidenciar o aspecto formal de uma disciplina científica, quais são suas características que lhe conferem particularidade e identidade frente os demais campos. Uma definição geral de *teoria da história*, por sua vez, me ajudará a reconhecer as nuances entre as visões teóricas dos autores aqui apresentados. Por último o conceito de *apropriação historiográfica* remete justamente ao ponto de encontro de um autor, frente a uma nova possibilidade de trabalho e o modo pelo qual ela a incorpora em seu discurso.

Um *campo disciplinar* se constitui a partir de um conjunto de interesses em comum e estabelece elementos que lhe dão singularidade, ou seja, aquilo que o distingue dos demais campos. É característica de um saber a especificidade do seu discurso, sua Escrita, como os integrantes deste saber devem se comunicar entre si a fim de partilhar uma identidade que o singularize, ou melhor, o conjunto de práticas que cada integrante deve seguir para se inscrever numa rede de saber. Juntamente com este aspecto, segue uma metodologia própria, um modo de fazer. Quando um saber está num determinado nível de amadurecimento surge uma série de desdobramentos internos (especializações e subcampos). Estes desdobramentos também podem resultar em intercâmbios com outros saberes e acarretar diálogos interdisciplinares, muitas vezes um mesmo objeto pode ser partilhado por mais de um saber, fazendo com que um possível diálogo seja enriquecedor para as disciplinas envolvidas (BARROS, 2019).

Uma *teoria*, por sua vez, é uma visão de mundo, não está necessariamente relacionada ao pensamento científico, mas todos os campos de saber que se constituem como ciências possuem seu conjunto específico de teorias. Estas organizam e conduzem suas formações discursivas, envolvendo conceitos, tendências, narrativas e os argumentos que descrevem a realidade observada. À medida que cada saber olha para si e reflete sobre suas práticas, se abre espaço para diálogos – muitas vezes – interdisciplinares, colocando em

questão suas bases epistemológicas, consequentemente surgindo novas perspectivas, ou novas teorias.

Como nos mostra Barros: “se uma teoria constitui certa visão de mundo relacionada a um ou outro dos diversos campos científicos, uma *Teoria a História*, ou paradigma historiográfico, corresponderá a certa visão histórica de mundo, ou sobre uma determinada visão sobre o que vem a ser a própria história” (BARROS, 2010 p. 87). Além disso, pressupõe uma determinada concepção sobre o que é a história e o que deve ser a historiografia. As teorias da história surgem juntamente com a intenção de constituir a história como uma ciência – todas as formas de escrever história, atualmente, são embasadas por alguma teoria (BARROS, 2010)

O cruzamento entre campos é realizado a partir de um *modo de uso*, que chamaremos aqui pelo já citado conceito de *apropriação historiográfica*, conforme os moldes fornecidos por Michel de Certeau e de Roger Chartier. Michel de Certeau ao descrever a *operação historiográfica* como a construção de um discurso sobre o passado demonstra que ela se exerce a partir de três determinantes básicos, o *lugar institucional*, a *posição social* e a sua *escrita*. Esta articulação conjunta de três estruturas elementares no ato da produção historiográfica configura o principal pré-requisito do historiador, molda sua escrita e circunscreve seu discurso num campo específico do saber, validado por seus pares, que sancionam ou rejeitam as pesquisas. No entanto, Certeau também é um autor que percebe a importância dos diálogos interdisciplinares, como forma de abrir novas possibilidades de escrita – em sua trajetória em particular, com a psicanálise de Jacques Lacan.

São estes “caminhos não traçados” de que nos fala Certeau que remetem a capacidade da ciência histórica para transitar entre as fronteiras dos saberes que, por sua vez, pode ser complementado a partir da teorização elaborada por Roger Chartier em *A história cultural entre práticas e representações* (2002). A apropriação descrita por Chartier remete a condições históricas, que existem sempre em conjuntos específicos de *práticas e representações* nos quais um determinado grupo se apropria de elementos culturais de outros grupos (CHARTIER, 2002).

Portanto, pensar em termos de *apropriação* na historiografia é procurar perceber o pensamento e a lógica de interpretação histórica de um autor e como

estes mesmos elementos são pensados e utilizados por outro(s) autor(es). Ou seja, pensar os usos e as escolhas que um autor faz quando realiza uma pesquisa, influenciado pelo trabalho de outro historiador – ou neste caso, outro pensador – quais escolhas, conceitos, métodos e a forma de escrita que este procedimento implica. Para isto, esta leitura do mecanismo de construção de um texto procura evidenciar as *estratégias* e as *táticas* de utilização teórica e temática de elementos de outros contextos historiográficos, sem renunciar à originalidade que este processo mantém em termos de produção historiográfica. Além disso, faz-se necessário ter em conta a função que cumpriam no pensamento/contexto de onde foram retirados.

Baseados neste referencial metodológico posso agora partir para uma análise geral de como a história promoveu diálogos com outras disciplinas, como incorporou novos referenciais teóricos e novos objetos. Buscarei traçar um panorama geral para me aproximar do tema de pesquisa, a relação possível entre história e psicanálise.

1.5 Diálogos interdisciplinares na história da historiografia

Agora tenho uma ferramenta de análise que deverá circunscrever minha leitura a respeito dos contatos interdisciplinares realizados pela história, é importante estabelecer algumas diferenciações importantes dentro deste campo, para dar continuidade a minha análise. Novamente remeto às divisões que Barros tão didaticamente apresenta na obra *O campo da história – especialidades e abordagens* (2013). Como descrevi acima, houve uma forte tendência à especialização que marcou os campos científicos no século XX, ou melhor, uma hiperespecialização, que teve como resultado a definição de programas de pesquisa – e consequentemente profissionais formados – com uma grande capacidade de análise, mas cujo domínio se refere a objetos muito específicos, às vezes fazendo perderem o contato com a realidade social macro da qual partiram em algum momento.

Com a história o processo não foi diferente. Atualmente ela se divide em subespecialidades, que podem esquadrihar um labirinto amplo, a perder de vista na busca por um objetivo específico como esse a que me proponho, por esta razão tomo o fio de Ariadne para me conduzir em meio aos inúmeros

desdobramentos na história da historiografia a fim e encontrar meu objeto de pesquisa. Baseado nesta perspectiva, Barros descreve:

A chave para compreender estes vários campos, conforme veremos, está em distinguir muito claramente as divisões que se referem a *dimensões* (enfoques), as divisões que se referem a *abordagens* (ou modos de fazer história), e as divisões intermináveis que se referem aos *domínios* (áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos possíveis) (BARROS, 2013 p. 8).

As *abordagens*, *enfoques* e *dimensões* são aspectos que não podem ser vistos de modo isolado, pois também realizam interconexões em diferentes níveis. Estas oscilações também ocorrem em contraste com as alterações dos paradigmas vigentes nas ciências humanas, nas quais passam a ser substituídos por outros e demandar novas classificações. Em suma, um movimento constante e permanente. Portanto, meu caminho a partir de agora será enveredar por diferentes *dimensões* da historiografia, destacando aquelas que permitirão realizarmos uma aproximação com a psicanálise, são elas: a escola de Frankfurt e os intelectuais ligados a ela, a história das mentalidades, a história do imaginário, a história cultural (ou nova história cultural francesa) e, por último, a psico-história. Cada um destes campos possui pontos de conexão, seja no que tange a seus objetos, *abordagens* ou aportes teóricos, mas mantém singularidades que permite observá-los individualmente e marcar a identidade de cada um (BARROS, 2005).

Na sequência, daremos continuidade apresentando alguns tipos de relações interdisciplinares. Inicialmente tomando como exemplo autores ligados à escola de Frankfurt, passando pelo contexto francês e italiano, até alcançar a psico-história anglo-saxônica.

1.6. Os intelectuais da escola de Frankfurt e a psicanálise

Os intelectuais ligados a Escola de Frankfurt elaboram um tipo de filosofia social na década de 1930, um programa interdisciplinar encabeçado por Max Horkheimer, muito conhecida pela articulação com o marxismo, diálogos com a psicanálise, que culminou na chamada teoria crítica. Neste percurso se inserem intelectuais como Theodor Adorno e o psicanalista, Erich Fromm, por exemplo (GENEL, 2017). Partindo desta base, iniciam análises a respeito do mundo

contemporâneo e as transformações vividas pela sociedade europeia, especialmente alemã, no início do século XX.

A escola nasce de um centro de estudos na Universidade de Frankfurt em 1923, o *Instituto para Pesquisa Social*, funcionando até ano de 1933, momento em que Hitler assume o poder como chanceler alemão, como consequência, diversas instituições foram submetidas ao poder do Estado, que passou a supervisionar o funcionamento interno destes centros a fim de ter maior controle ideológico e remover quaisquer obstáculos à ascensão do nazismo. Diversas instituições e universidades passaram a ser acusadas de praticar “atividades hostis”, e o centro de Frankfurt foi então transferido para Genebra, sua revista passou a ser impressa em Paris, até que finalmente foi transferido para Nova York, nos Estados Unidos, por uma manobra de Horkheimer em 1934.

As profundas transformações ocorridas na Europa no final do século XIX e início do século XX foram pesquisados pelos teóricos da escola de Frankfurt, analisando a sociedade de massas e seus conflitos, cuja problemática foi potencializada pela Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e pela Revolução Russa de 1917, demonstrando, respectivamente, a força destrutiva do capitalismo e a possibilidade de inversão pela via revolucionária. A sociedade de massas ampliou sutilmente os mecanismos de sujeição individual por meio do que foi chamado de indústria cultural, baseando-se nos desejos primitivos pessoais, transformados na possibilidade de consumo, edificando novos modos de sujeição individual. Desse modo, a teoria marxista cuja análise dialética tem o cerne nos movimentos entre infraestrutura e superestrutura, foi ampliada pelas noções freudianas de consciente e inconsciente (GENEL, 2017).

Por sua vez, a relação entre Marx e Freud promovida pela Escola de Frankfurt teve diversos desdobramentos, que podem ser circunscritos em duas grandes linhas de oposição, definidas por Adorno em uma correspondência enviada a Walter Benjamin em 1933, na qual a linha divisória dentro do grupo de intelectuais é descrita como uma corda que puxa cada ponta para um lado, com Erich Fromm e Wilhelm Reich em cada extremidade (ADORNO apud GENEL, 2017 p. 264). Cada um elabora sua forma de trabalhar com Freud e Marx, divergindo especialmente a respeito da aplicabilidade da teoria marxista, e destacando a potencialidade da psicanálise para dar luz a aspectos ignorados pela teoria marxista, buscando um lugar especial para a subjetividade humana,

indo para além da racionalidade. Portanto, Freud fornece uma perspectiva teórica com aplicabilidade dentro das análises sociais, visando interpretar as contradições das ações humanas. Mais ainda, há um papel essencial da história em suas análises, visto que toda problemática trazida por estes autores se inscreve numa perspectiva demarcada cronologicamente. Por estes motivos, tomaremos como exemplo a perspectiva histórica de Erich Fromm e Walter Benjamin⁹.

1.6.1. Erich Fromm – o homem como produto histórico

Erich Fromm¹⁰ (1900 – 1980) foi um filósofo, psicanalista e sociólogo alemão possui uma vasta obra, atuando junto à Escola de Frankfurt, mas também reconhecido por seus trabalhos redigidos fora dela¹¹. Fromm se une ao Instituto Psicanalítico fundado em 1929 por Karl Landauer, um discípulo de Freud, e o primeiro a vincular a psicanálise a uma universidade alemã, cujo mérito foi inclusive reconhecido por Freud, que envia uma carta em agradecimento¹². Este passo foi decisivo para o encontro de marxistas com a psicanálise (MATOS, 1993).

A psicanálise aparece para Fromm como uma ferramenta que, juntamente com o marxismo, pode auxiliar na análise de fenômenos sociais e individuais (FROMM, 1964). Cabe enfatizar ainda que Fromm teve uma profunda vivência como analista, referendado pela formação no instituto de psicanálise, passou a desenvolver em paralelo seu trabalho clínico, que praticou por mais de 35 anos, analisando comportamentos, associações livres e sonhos, cujas práticas

⁹ Excluí Wilhelm Reich da explanação tendo em vista que este autor foge ao escopo da relação entre história e psicanálise, assim como foge tanto da psicanálise quanto da Escola de Frankfurt em sua trajetória intelectual, trazendo outras questões que não estão em meu horizonte de pesquisa. Muito embora, sua obra tenha sido ponto de partida de alguns historiadores, como Philippe Ariès, por exemplo, ao escrever e estudar a história da família e da criança, ou em algumas obras de Jean Delumeau (BARROS, 2013 p. 44).

¹⁰ Foi uma de suas principais inspirações do historiador Peter Gay, o direcionou para a psicanálise freudiana e sua interlocução com a história. CF. GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

¹¹ No ano de 1934, Erich Fromm se exila nos Estados Unidos, dada a crescente perseguição aos judeus pelos Nazistas.

¹² No ano de 1929 Horkheimer incentiva Karl Landauer a formar o Instituto Psicanalítico em Frankfurt, que se vincula a universidade, o que fez Freud ficar agradecido pelo gesto, visto que ocupar o espaço universitário era uma de suas ambições, e agradecer pessoalmente por meio de uma carta. CF. JAY, M. *La imaginación dialéctica: una historia de la escuela de Frankfurt*. Madrid: Taurus Ediciones, 1986.

passaram a compor também seus trabalhos teóricos, “não há uma única conclusão teórica sobre a psique humana que não se baseie numa observação crítica do comportamento humano, feita no meu trabalho de psicanalista” (FROMM, 1964 p. 15). Tal aprofundamento também acabou sendo o ponto de partida para elucidar também críticas ao sistema freudiano, o que levou algumas vezes à pecha de ser um psicanalista revisionista, a qual sempre negou com veemência, mas de fato tanto o marxismo, quanto a psicanálise eram lidas com filtro crítico por Fromm.

Alguns temas são fortemente trabalhados pelo pensador, especialmente no que tange suas reflexões sobre as condições possíveis do homem atingir a liberdade. Partindo de uma concepção de natureza humana, compartilhada por toda espécie: “como poderíamos compreender a arte de culturas totalmente diferentes, seus mitos, dramas, escultura, se não fosse o fato de partilharem todas da mesma natureza humana?” (FROMM, 1964 p.31). Tal natureza encontra-se no centro de diversas tradições e culturas que se esforçaram para explicá-la, mas perde o terreno na ciência iluminista. O que o leva até Marx e Freud, que destacavam que o comportamento do homem é compreensível, por ser “definido em termos de seu caráter psíquico e mental” (FROMM, 1964 p. 33). Ambos observam na natureza humana leis gerais que governam os homens e suas ações, estabelecem um processo de desenvolvimento que está relacionado com a trajetória de nossa espécie ao se estabelecer em sociedade. Freud por meio da evolução psíquica, Marx pelo desenvolvimento da relação entre homem e natureza, embora discordem do sentido histórico deste.

Desse modo, Fromm constrói uma concepção histórica, social e cultural do ser humano. O indivíduo tal como conhecemos é uma criação histórica, constituído a partir de movimentos modernos, como no Renascimento, e posteriormente na sociedade capitalista. Nesse percurso também se desenvolveu uma ideia de liberdade, que tem suas bases em movimentos filosóficos como as Reformas protestantes, ou o Iluminismo. Por outro lado, também é derivado deste período o “medo de liberdade”, que circunscreve o sujeito em novas redes de dominação, mais sutis, pois os antigos vínculos que lhe conferiam certeza e segurança ficaram para trás, do mesmo modo que a criança supera o domínio dos pais, mas a leva a buscar os mesmos vínculos em

outras relações, ou seja, a recuperar a mesma instância de dominação (SANTOS, 2011).

Para Fromm não estava claro na teoria marxista como as bases econômicas se ligavam à superestrutura, lugar da ideologia. Esta falha é preenchida pela psicanálise, da qual deriva o conceito de *caráter social*. Este conceito se baseia em como Freud definiu o caráter, “um sistema de lutas subjacentes ao comportamento e não idênticas a ele”, contrariando a psicologia vigente em sua época (FROMM, 1964 p.74). O que Fromm chama de caráter tem origem em processos inconscientes que escondem as reais motivações das ações humanas, que se manifestam por meio de ferramentas de utilização da libido, que canalizam a energia sexual, tais como sublimações, formações reativas etc. Suas formas de pensar e agir, portanto, decorrem deste caráter psíquico. Desse modo, a aplicabilidade da psicanálise é realizada pelo autor de modo a compreender aspectos da humanidade que condicionam seu comportamento, e a tipologia psicanalítica aparece aqui distribuída, dos diferentes tipos de caráter elencados por Fromm sejam eles, anal ou oral, condicionando alguns tipos representativos de vários grupos, explorador, entesourador, negociante, produtor, cujo conjunto partilhado em sociedade recebe o nome de *caráter social*, cuja junção é “modelar e canalizar a energia humana dentro de determinada sociedade, com o objetivo de manter o funcionamento ininterrupto dessa sociedade” (FROMM, 1964 p. 80).

As estruturas do caráter social não se alteram pela mudança histórica, apenas a energia libidinal é canalizada para uma determinada função específica, que diz respeito ao funcionamento de uma determinada sociedade ao longo do tempo, como por exemplo, a sociedade moderna industrial dirigiu a energia dos homens livres para o trabalho, cultivando os aspectos positivos para esta nova estrutura, tais como, disciplina, ordem, pontualidade, que não eram requisitadas até então. Por sua vez, a classe média formada no século XIX, fortalece os vínculos autoritários da família, religião, Estado e Igreja, funcionando como o caráter social correspondente ao tipo *entesourador*, diretamente relacionado às fixações anais, cujas virtudes valorizadas eram cumprimento de regras, abstenções sociais, cumprimento dos papéis sociais. Portanto, diretamente relacionado às neuroses descritas por Freud na elaboração da psicanálise.

Como podemos ver, o caráter social de Fromm permite tecer análises sociais a partir de conceitos psicanalíticos que são aplicados diretamente nas relações e no funcionamento da sociedade, que busca gerir as atitudes por meio do fluxo libidinal presente em cada sujeito, ou seja, presente na natureza humana. Por outro lado, o homem não é um papel em branco no qual se inscreve a cultura, outros fatores dinâmicos no processo histórico devem ser levados em consideração, como o impulso de felicidade, ambientação, amor e liberdade, que são inerentes à natureza (FROMM, 1964 p. 82). Se uma estrutura social frustra tais necessidades humanas para além de seus limites, os indivíduos procurarão modificar a ordem social, ou então levar a sociedade ao colapso, e neste ponto encontra-se novamente com a teoria marxista, ao enfatizar que nestes momentos, é possível encontrar mecanismos de remodelação da sociedade, acrescentada de sua perspectiva de natureza humana, não apenas remodelando uma nova estrutura econômica, mas também cumprindo o papel de satisfazer nas necessidades humanas.

Em outro momento o conceito de *filtro condicionado socialmente*, também em diálogo com a psicanálise se refere a uma série de elementos, tais como linguagem, lógica, tabus sociais, que ligados aos hábitos, atitudes e impulsos humanos, dão origem às conhecidas práticas culturais. Alguns levam este filtro ao extremo de modo a incorporar e vivenciar as regras sociais com grande senso de dever, outros o seguem apenas em partes, e ainda existem aqueles que o recusam. Barros nota como estes mecanismos descritos por Fromm estão presentes em pressupostos teóricos e metodológicos em algumas obras historiográficas. O *filtro condicionado socialmente* de Fromm o aproxima da história das mentalidades, pois estaria presente na maioria dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo ou sociedade, além de que, considera a influência dialética entre as ideias e o modelo econômico, ambos se influenciam mutuamente (BARROS, 2013 p.45). Tal assertiva está em sintonia com “a flexibilização do determinismo histórico que foi encaminhada por diversos autores importantes do marxismo no século XX” (ibidem p.46). Especialmente historiadores.

1.6.2 – Walter Benjamin – a história contra o progresso

Walter Benjamin (1892 - 1940) dedicou importantes reflexões sobre o papel do passado na formação do inconsciente encontrado em nossa estrutura psíquica. Para tal incursão, Benjamin se aproxima não apenas de Freud e sua metapsicologia, mas também Marcel Prost e Henri Bergson (LEITE, 2020). Do ponto de vista formativo, a ótica benjaminiana se constrói com base em três fontes distintas, aparentemente inconciliáveis, o romantismo alemão, o messianismo e o marxismo, *inventando* uma concepção nova e original de filosofia da história, que reflete também sua crítica à modernidade (LÖWY, 2005). Estas considerações são especialmente observáveis em suas teses *Sobre o conceito de história* (1940) nas quais elabora uma complexa reflexão sobre o que vem a ser história e qual seu sentido. Para compreender melhor a concepção histórica benjaminiana é preciso antes dar atenção a como ele se *apropria* das fontes citadas.

O romantismo do século XIX é corrente intelectual forneceu uma visão de mundo que se manifestou em todas as esferas da vida cultural europeia, com destaque para sua reverberação no contexto alemão, elaborando “uma crítica cultural à civilização moderna (capitalista) em nome de valores pré-modernos,” e que se manifestam contra os efeitos evidentes deste processo tais como “a quantificação e a mecanização da vida, a reificação das relações sociais, a dissolução da comunidade e o desencantamento do mundo” (LÖWY, 2005 p. 18). Tal constatação leva os românticos a olhar para o passado para criar um futuro utópico.

No contexto alemão, o romantismo buscava formas de reencantamento do mundo, no qual o pensamento religioso ocupa um papel importante, de modo que Benjamin não se relaciona com o romantismo por suas figuras literárias e intelectuais, mas pelo conjunto de ideias estéticas, teológicas e, principalmente, historiográficas. No entanto, sua leitura romântica não visa um apelo ao passado de um modo idealizado, mas se inscreve numa via revolucionária, uma entidade messiânica que se opõe a concepção de progresso imposto pelo véu da razão. Tal messianismo, segundo Löwy é central na filosofia de Benjamin, de sua concepção particular de romantismo e, principalmente, de história, cuja ligação com o marxismo o leva a constatar o papel fundamental da luta de classes, ainda que não considere os mesmos resultados teleológicos assumidos por Marx e Engels. A revolução para Benjamin não é um resultado natural do

desenvolvimento histórico, mas uma reação contra o percurso que leva a sociedade ao colapso, ou à catástrofe eminente. Juntas estas três concepções dão corpo a uma intensa e original crítica, não apenas do seu próprio contexto histórico, mas também contra o pensamento dominante nos intelectuais de esquerda (LÖWY, 2005).

Neste ponto me cabe acrescentar que Benjamin também foi um grande leitor de Freud, cujas principais obras publicadas lhe foram contemporâneas¹³. A metapsicologia freudiana considera as influências do passado recebidas e herdadas pela espécie humana por meio da transmissão filogenética, e das heranças culturais particulares que incidem pela ontogênese da formação dos indivíduos. Há, portanto, um passado cultural, que mantém parte da estrutura psíquica da humanidade fora do presente, ou seja, ligada à história. As instâncias psíquicas são provas deste movimento, o *Supereu*, por exemplo, mantém os preceitos da tradição, da moral e da civilização, demonstrando maior resistência para apresentar mudanças, ou então, se recusa a aceitá-las, mobilizando fortes resistências ao novo. Ainda que estes elementos estejam dispostos no nível do inconsciente, suas manifestações se mantêm visíveis. Não há como ignorar nosso pertencimento a tais estruturas.

Benjamin considera, e dá seguimento a visão do passado elaborada por Freud, a existência humana está intimamente ligada ao passado, e a história seria uma tentativa de dar representação a esta instância, mas carece de dar visibilidade à parte inconsciente deste passado, que pode auxiliar na construção de uma consciência histórica, nos moldes destacados por Hans-Georg Gadamer, que defende uma compreensão dos fenômenos históricos do mundo humano e histórico, e de suas determinações, permitindo sua avaliação e reflexão de seus efeitos (2003). Desse modo, Benjamin propõe um novo conceito de história, e critica o materialismo histórico, especialmente no que tange seu sentido linear evolutivo.

A psicanálise torna-se parte integrante da produção intelectual de Benjamin, por exemplo, o que chama de *memória involuntária* possui algumas

¹³ Leite descreve algumas descrições das leituras da obra de S. Freud realizadas por Walter Benjamin, além de aulas e conferências sobre psicanálise, que são descritas em correspondências de Benjamin. CF. LEITE, Augusto B de Carvalho Dias. "Metapsicologia sobre a força inconsciente do passado". Revista de Teoria da História Volume 2/2020 pp.167-184, p. 171.

correspondências com a metapsicologia de Freud. O *insight* analítico concebido a nível individual poderia ser transpassado para a consciência histórica de um ponto de vista coletivo, traduzindo “ideias freudianas, sobretudo sobre o trauma e o recalque para a ‘história coletiva’” (KLÜNERS apud LEITE, 2020 p. 172). Portanto, a psicanálise pelo qual Benjamin se interessa e se apropria é aquela que pode favorecer e auxiliar a coletividade.

A *memória involuntária* recupera da psicanálise a ideia de que elementos constitutivos de nossa experiência individual nunca, ou quase nunca, são percebidos pela consciência, a não ser por momentos em que tais traços mnêmicos atingem picos momentâneos de consciência, ideia muito próxima dos mecanismos de atuação do inconsciente elaborados por Freud¹⁴ (2014 [1916-1917]). Porém, Benjamin se distancia da descrição freudiana, não se interessa pela aplicabilidade terapêutica da psicanálise, mas sim pela possibilidade de articular a metapsicologia de forma filosófica, o resultado é uma transposição original dos postulados freudianos para observar a história coletiva. Enquanto Freud sempre articulou as instâncias individuais e coletivas de forma separadas (mas sempre interligadas), Benjamin toma o coletivo como uma unidade composta pelo social, pela sociedade e pela história, como um só corpo que se torna objetivo pelo contato com a memória voluntária e involuntária e por sua capacidade conjuntiva. Em outras palavras, o eu, o mundo e os outros devem estar juntos, e só podem ser compreendidos por esta interconexão (LEITE, 2020).

Benjamin recorre à Freud, especificamente no ensaio *Além do princípio do prazer*, publicado em 1921, dando atenção à problematização que o psicanalista realiza ao estabelecer o vínculo entre a compulsão de repetição e a pulsão de morte. Desse modo, explica que o estado consciente é marcado pela constante expulsão de elementos mnemônicos de seu campo de vista, protegendo-se de seus estímulos, e sua parte mais duradoura é de responsabilidade de outros sistemas. O ponto central deste ensaio freudiano é que os neuróticos traumáticos analisados por ele buscavam repetir o momento no qual se sentiram aterrorizados por meio de uma elaboração onírica que

¹⁴ CF. FREUD. “Conferências introdutórias à psicanálise”. In: Obras Completas, vol.13 (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Especificamente o tópico: Teoria geral das neuroses, no qual Freud associa os mecanismos pelos quais a linguagem inconsciente pode ascender e acessar a vida cotidiana.

reencenava este momento, observável com grande frequência nos soldados sobreviventes da Primeira Guerra Mundial, transformando estas manifestações em *sonhos típicos*¹⁵. O objetivo destes sonhos é derivado do contexto no qual foram criados, ou seja, colocar o sujeito em alerta de modo a salvar sua vida no caso de ataques eminentes que, no entanto, ultrapassaram o tempo de duração da guerra, causando profundos incômodos.

O trauma para Benjamin é uma categoria que ocorre fora do tempo, sem que pudéssemos nos ambientar a angústia, a consciência e a memória têm o papel para nos preparar para o choque, o que o leva a considerar: “quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos” e, portanto, “quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência” (BENJAMIN, p. 11).

No entanto, Benjamin faz uma leitura parcial do trauma freudiano, pois não considera a dupla temporalidade com a qual a psicanálise a formação deste tipo de experiência individual. O trauma na psicanálise só pode ser investido desta terminologia quando cumpre uma regra essencial, que significa que um evento é traumático por reconectar o sujeito com uma experiência passada, de modo a fazê-lo reviver a mesma experiência uma segunda vez, *a posteriori*¹⁶.

O aspecto trágico salientado por Benjamin nas formações traumáticas aparece com maior intensidade quando damos visibilidade a sua filosofia da história, na qual a rejeição do progresso racionalista é substituída pela ideia de *catástrofe*. A catástrofe é o contínuo da história, não o progresso, “o passado não é senão uma série interminável de derrotas catastróficas” (LÖWY, 2002 P. 204). Quando escreve o contexto social e político parece confirmar sua visão pessimista, sua fuga do mundo nazifascista lhe obriga a refletir sobre seus mecanismos de atuação. Benjamin enfatiza a necessidade de uma teoria da história que possa dar visibilidade às forças destrutivas que se reúnem ao redor da política, “que compreenda que as irracionalidades do fascismo são apenas o

¹⁵ Tipo de sonho que se manifesta de modo corriqueiro, relatados por diversas pessoas. CF. FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. São Paulo Companhia das Letras, 2019 [1900].

¹⁶ Freud tematiza o trauma em “Estudos sobre histeria” em 1895, e o retoma em 1920 em seu famoso trabalho “Além do princípio do prazer” (FREUD, 2014 [1920]).

avesso da racionalidade instrumental moderna”, uma fórmula perversa que “leva às últimas consequências a combinação tipicamente moderna de progresso técnico e regressão social” (LÖWY, 2002 p. 204).

A partir de 1936 até seu suicídio em 1940, Benjamin amadurece e desenvolve sua visão de história, afastando-se radicalmente do que chamava de “ilusões do progresso” que eram evidenciadas por ele como hegemônicas na intelectualidade de esquerda europeia, e amplia seu potencial revolucionário, cuja atenção o autor chama em um capítulo de seu ensaio, *Rua de mão única*, intitulado, *Alarme de incêndio*. Este alarme procura chamar a atenção de seus contemporâneos das eminentes catástrofes que se anunciam neste período, cuja manifestação mais evidente é o crescimento do nazifascismo e os crescentes conflitos geopolíticos que demonstram uma inevitável guerra por vir. *Sobre o conceito de história* é resultado desta inquietação do autor frente a sua visão sensível e crítica do mundo que o cercava, e que, direta e indiretamente, lhe tirou a vida.

1.7. A sociologia e a psicanálise

A perspectiva sociológica que acompanhou muitos dos trabalhos de Freud, como suas obras mais conhecidas fora do campo psicanalítico, *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Mal-estar na civilização* (1930) trazem diversas questões para o campo sociológico. O próprio psicanalista reconhece esta contribuição mútua entre os dois campos, visto que permitia observar a atuação inconsciente na dinâmica das sociedades humanas, e suas consequências em tais relações. Ademais, este campo tem muita proximidade com a história, vista a intensidade da história social a partir da década de 1950 em diversos contextos.

No entanto, embora a discussão seja ampla, trago Norbert Elias para o centro neste tópico. Posso afirmar, concordando com o professor Jurandir Malerba (2003), a reflexão de Elias desenvolveu-se em torno de uma questão que o acompanhou ao longo da vida, a relação entre o indivíduo e a sociedade. Para tal toma a sociologia sempre em diálogo com a história, e neste caso, quero explorar seu contato também com a psicanálise.

1.7.1. Norbert Elias – a formação da civilização

Busco agora trazer para discussão o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) que descreveu a transformação nos modos de pensar e agir, demonstrando a existência de um percurso no refinamento dos costumes na sociedade ocidental. Suas obras tiveram um reconhecimento tardio, tanto pelo fato do autor se encontrar fora da produção universitária, quanto por sua própria história pessoal, permeada por dificuldades financeiras. Em virtude da perseguição nazista não pode defender sua tese de doutorado, levando-o a exilar-se, e atrasando em muitos anos sua publicação, que acaba por ser realizada no ano de 1969, com o título *A sociedade de corte*. Desse modo, sua recepção e reconhecimento ocorreram apenas na década de 1970, sua originalidade e erudição finalmente alcançaram os palcos acadêmicos, sendo uma influência incontestável na formação de uma geração nova de sociólogos, historiadores e antropólogos.

A obra de Elias tem uma originalidade e reúne diversos conceitos que permitem um debate sobre a história humana. Não por acaso, sua obra mais conhecida, *O processo civilizador*, recebeu o subtítulo de “uma história dos costumes”. Tal debate não se restringe aos fatos e transformações do mundo material, pois a história a qual busca Elias compreender é feita a partir da observação na evolução do psiquismo humano, o que torna a psicanálise um dos pilares essenciais de sua sociologia (MALERBA, 2003).

Um segundo alicerce que antepara a formação de Elias foi o círculo intelectual de Frankfurt, com quem conviveu trabalhando junto ao departamento de sociologia desta universidade, cuja efervescência – que apresentei acima – permitiu que pudesse dialogar com diferentes linhas de pensamento, de modo muito próximo estão Walter Benjamin e Erich Fromm, que inclusive foram leitores importantes de suas obras, como *O processo civilizador* (1939). A escola de Frankfurt lhe deu liberdade para desenvolver seu potencial criativo, de modo que articulou junto à sociologia deste período outros saberes para reinterpretar a sociedade e suas dinâmicas, evidenciando aspectos inconscientes, levando suas pesquisas ao campo da psicanálise, a qual não foi recebida passivamente. Elias muda o foco de observação sociológico, evitando problematizar grandes transformações ou os rumos da classe trabalhadora que levariam à eminente

revolução, sua preocupação se desloca para as pequenas transformações, quase imperceptíveis a olhos desatentos.

Este deslocamento direciona suas pesquisas a documentos que de algum modo registraram o refinamento civilizatório que culminou na formação de novos costumes, tomando como fontes de trabalhos manuais de etiqueta, livros de literatura, poesia etc. Estes materiais lhe dão a prova de que havia uma transformação em curso, historicamente pontuada na Era Moderna. Trata-se de um uso muito particular e original da teoria freudiana, ao mesmo tempo em que se afasta desta teoria, pois se Freud buscava compreender os conflitos psíquicos apoiado na consideração da constituição do sujeito em sua própria história por meio do procedimento analítico clínico, Elias, por sua vez, busca evidenciar historicamente a manifestação da regulação psíquica em uma perspectiva histórica, que manifesta nos costumes que condicionam o indivíduo socializado – ou civilizado (DELZESCAUX apud COSTA, 2018).

Posso descrever melhor como Elias se aproxima ou se distancia da psicanálise se recorrer a algumas passagens do próprio autor, como em uma das cartas enviadas a Walter Benjamin, no ano de 1938, em que enviava também o volume inicial da obra *O processo civilizador*, antes de sua publicação definitiva. Neste ano Elias afirma que é preciso colocar a dimensão psíquica em uma perspectiva histórica, visto que ela não é imutável, mas sim faz parte de um “processo”, e descreve: “Frente a nós encontra-se a tarefa mais positiva de tornar acessível ao nosso entendimento a ordem da transformação histórica do psíquico” (ELIAS apud WAIZBORT, 1998 p. 178).

Para compreender corretamente de onde parte Elias é preciso recuperar rapidamente a obra de Freud, *O mal-estar na civilização* (1930). Em linhas gerais o aparelho psíquico é uma estrutura dinâmica permeado por instâncias que visam regular o que Freud chamou de libido, um total energético que utilizados para os mais variados fins. A libido se manifesta por meio das pulsões, que visam atingir certos objetos de satisfação, de modo que o aparelho psíquico tem a responsabilidade de sancionar ou não os destinos da pulsão.

A civilização para Freud é o percurso histórico no qual a humanidade se baseou para unir a necessidade de sobrevivência e garantia de reprodução para manutenção da espécie, cujo principal aspecto foi frear a satisfação pulsional, com o benefício de garantir a sobrevivência do grupo. Desse modo, as diferentes

civilizações organizaram costumes e regras para que pudessem viver de modo harmônico. Para Freud, este processo tem um viés negativo, na medida em que a satisfação pulsional não está completa simplesmente por sua repressão, ao contrário, retorna sempre sob outras formas, o que mantém sempre um caráter angustiante em cada um de nós, que deve aprender a frear nossos impulsos, ou a utilizá-los de modo aceito pela sociedade (FREUD, 2010 [1930]).

Elias vai ao encontro de Freud até certo ponto, defende um condicionamento e um adestramento dos costumes, que também teve um alto custo para o homem, o preço da infelicidade interna. Por outro lado, afirma que existe um sentido evolutivo para este processo e, portanto, um sentido para a história¹⁷. A vida e o comportamento afetivo do homem ocidental se transformaram após a idade média, esta mudança é apreensível pela observação dos costumes, que mudam os padrões daquilo que proibimos ou exigimos.

Tal tese é comprovada por Elias pela reunião de diversos costumes e modelos de conduta, que materialmente expressam e provam o refinamento das impressões psíquicas que Freud menciona de modo especulativo no *Mal estar*, de tal modo que recupera diversos hábitos aparentemente sem importância que estão presentes no cotidiano, como os modos de se comportar à mesa, o uso do garfo, colher, guardanapo, etc. Tais costumes foram formados para substituir outros, e por meio de uma coação pedagógica e psíquica se difundiram para toda sociedade ocidental. O sociólogo alemão afirma que foi preciso moldar comportamentos e afetos, recalcando socialmente hábitos que permitiam maior contato com nossa dinâmica pulsional primitiva, como amor e ódio, por exemplo.

Em conclusão, nosso psiquismo internaliza de modo inconsciente as regras e normas sociais que são um correlato do mundo exterior, juntamente com nosso contato com o outro. O processo civilizador atua na regulação dos mecanismos psíquicos, e das instâncias nas quais se divide, descrevendo um processo que pode ser recuperado cronologicamente, a depender de materiais que permitam tal reconstituição. Por exemplo, Elias afirma que há uma história da formação do “*superego* e a relação entre os impulsos conscientes e inconscientes na psique do homem civilizado” (ELIAS, 1994A p. 18). Desse

¹⁷ Tal ponto é contestado por Renato Janine Ribeiro ao apresentar a edição brasileira publicada em 1994 (ELIAS, 1994).

modo, há uma tese acima destas observações a qual Elias define como “mecânica evolucionária da história” que é uma forma de natureza dos processos históricos, intimamente ligadas aos processos psíquicos (ELIAS, 1994 p. 19).

O processo civilizatório acarreta o surgimento do Estado, uma instância centralizada, que detém mecanismos de controle econômico, tais como arrecadação de impostos e tributos, e do monopólio da violência. A diferenciação social se especializa, as funções do indivíduo dentro desta máquina estatal aumentam sua interdependência, levando também a um novo tipo de consciência de si, de modo que novamente é invocado o controle psíquico das pulsões para regular os limites e possibilidades de atuação dentro desta nova organização. O fundamental para o sociólogo alemão é que este processo demandou uma transformação do psiquismo humano, que como dissemos foi o ponto de encontro com a psicanálise, mas também o lugar de sua crítica a ela.

Elias não se apropriou passivamente da teoria elaborada por Freud, ao contrário, elaborou uma crítica substancial sobre o limite da psicanálise, desse modo dando um passo adiante em sua concepção. Para Elias há uma consideração universal das estruturas psíquicas na teoria psicanalítica, faltando-lhe destacar a perspectiva histórica. Esta crítica parece apenas sustentar-se pelo foco que é dado à segunda tópica freudiana, sem levar em considerações alguns trabalhos nos quais a sociedade e a história humana são discutidas por Freud¹⁸. A civilização humana para Freud também tem um marco histórico, o qual é apresentado em *Totem tabu* (1912), descrevendo o grupo de homens que se alia para enfrentar o pai primevo, assassinando-o e compartilhando seu corpo num grande ato comemorativo antropofágico, que tem no reverso da medalha a interiorização das interdições impostas por este pai cerceador. O passo para a liberdade acarretou a internalização das restrições, o homem saiu da vida selvagem e passou à civilização (FREUD, 2010 [1912]).

Cabe mencionar que não quero aqui dimensionar em que medida Elias e Freud estão próximos ou se afastam, e sim demonstrar que as obras do sociólogo alemão se inscrevem numa perspectiva histórica, articulando a psicanálise a tese da formação da civilização. Portanto, há um diálogo entre os dois campos de saber viabilizado indiretamente pelo campo da sociologia. Não

¹⁸ Como veremos adiante no capítulo 2, em que discutiremos a perspectiva filogenética adotada por Freud que acaba por compor uma filosofia da história psicanalítica.

por acaso, a recepção que Norbert Elias recebe a partir da década de 1970 também o liga aos historiadores, especialmente aqueles que se dedicaram à história das mentalidades na segunda metade do século XX (BARROS, 2013). Também é classificado como um dos modelos de história cultural por Roger Chartier (1990). Este será nosso próximo ponto de discussão a seguir.

1.8. Diálogos entre história, psicologia e psicanálise no contexto francês

A chamada história das mentalidades ganhou seus contornos na segunda metade do século XX¹⁹, no entanto, seus precursores podem ser encontrados ainda na formação da escola dos *Annales*, ou seja, nas abordagens realizadas por Marc Bloch e Lucien Febvre, que demonstraram uma enorme capacidade adaptativa conduzindo para o interior da história algumas ferramentas interdisciplinares (AGUIRRE ROJAS, 2004). O encontro entre os dois historiadores ocorre em Estrasburgo em 1920, criando não apenas as condições necessárias que culminaram na fundação dos *Annales*, mas também as influências que os levaram ao campo das mentalidades e da psicologia, que foi amplamente decisiva em seus trabalhos posteriores.

É importante destacar que a influência da psicanálise na historiografia francesa como um todo, e na história das mentalidades em especial, é muito dispersa, foram poucas as tentativas de aproximação com a teoria freudiana, mas ainda são assim relevantes e indiciárias para o quadro que busco compor aqui. Jacques Le Goff descreve a aproximação das mentalidades com a psicanálise como limitada, embora veja que o campo tenha favorecido também o nascimento de uma história psicanalítica, esta parece ter vigorado com mais intensidade nos países anglo-saxões²⁰. Para Le Goff a psicanálise enfrenta uma enorme dificuldade para passar do individual ao coletivo, o que levaria os historiadores a uma perspectiva mais próxima a Carl Jung do que Freud (LEGOFF, 1990).

¹⁹ O termo mentalidades aparece no livro de Levi-Bruhl *A mentalidade primitiva* de 1922. CF: BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929 – 1989. A revolução francesa na historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

²⁰ CF. tópico sobre a psico-história.

Esta afirmação não se sustenta por dois motivos. Primeiro porque embora haja uma proximidade entre Freud e Jung no início do desenvolvimento teórico de ambos, muito cedo romperam relações, o que é bem conhecido na história da psicanálise, de modo que Jung parte para o desenvolvimento da psicologia analítica, que não pode ser confundida com a psicanálise. Em segundo lugar, o próprio Freud recusa esta divisão entre individual e coletivo, salientando que ambas as análises são componentes de uma mesma base teórica psicanalítica.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) Freud se esforça para elaborar uma teoria do funcionamento psíquico coletivo, e enfatiza que a separação entre indivíduo e grupo é meramente um recurso de análise, pois “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (FREUD, 2010 [1921] p. 10).

Por outro lado, Le Goff tem razão em afirmar que a influência da psicanálise na historiografia francesa é pequena, citando os casos de Alain Besançon e Michel de Certeau, que enveredam por caminhos distintos rumo a uma apropriação da psicanálise para empreender trabalhos historiográficos. No entanto, acredito que seja importante destacar a psicologia histórica presente no percurso da história das mentalidades, dado os desdobramentos posteriores que culminaram em maiores recepções e apropriações da psicanálise, como algumas vertentes da história cultural, ou a psico-história estadunidense, por exemplo. Desse modo, destaco o percurso da história das mentalidades retomando o ponto de partida dado pelos historiadores fundadores dos *Annales*.

1.8.1. Influência da psicologia nos Annales

Bloch desenvolveu um importante trabalho tematizando certa crença presente na Inglaterra e na França, cujos registros remontam à Idade Média até o século XVIII, segundo esta, os reis poderiam curar doentes de escrófula²¹ por meio do toque, de modo que seus súditos buscavam auxílio em seu poder. O resultado foi a obra *Os reis taumaturgos* de 1924, cuja temática foi marginalizada

²¹ O escrofuloderma é forma de tuberculose cutânea, também denominada escrófula ou tuberculose gomosa, que atinge o tecido subcutâneo e provoca fistulização e ulceração da pele que o recobre.

pelos historiadores da década de 1920, mas, por outro lado, representou inúmeros avanços do ponto de vista epistemológico e historiográfico ao adentrar no tema da “psicologia religiosa”. Muito próximo do que, posteriormente, ficou conhecido como história das mentalidades, Bloch classificou seu campo de investigação como “representações coletivas” (BLOCH). Esta trilha aberta leva até *A sociedade feudal* (1929), na qual nos é apresentado, no capítulo “Maneiras de sentir e pensar” como o homem medieval moldava seu mundo a partir de suas experiências de vida, das adversidades naturais, da violência e das constantes ameaças que faziam parte de seu cotidiano.

Febvre, por sua vez, se esforçou para compreender a figura de Lutero no seu emblemático livro *Martinho Lutero, um destino*, publicado pela primeira vez na França em 1924, no qual o autor se esforça para compreender psicologicamente o personagem, defendendo a prática metodológica de atuar como um historiador que também se comporte como psicólogo, deixando de lado a literatura sobre o fundador do protestantismo, mas ouvindo-o diretamente, por meio de seus escritos. Desse modo, Febvre parte para suas cartas pessoais, que permitiram acessar o “verdadeiro” Lutero, sua psique, que poderia ser comparada como “a voz da Alemanha inquieta” (FEVBRE, 2012). Nesta comparação, reconhecemos a existência de todo um campo que poderia unir história e sensibilidade, aplicando temas psicológicos na pesquisa histórica²².

É o que ocorre em seu estudo sobre Rabelais, *O problema da descrença no século XVI: A religião de Rabelais* (1942). Febvre se dedica a comprovar – ou refutar – o possível ateísmo de Rabelais denunciado por seus contemporâneos, partindo de uma análise etimológica do que se compreendia como descrença no período, novamente a análise leva o historiador a afirmar que Rabelais, embora crítico ao cristianismo, possuía a mesma crença na religião que seus detratores, e que não havia sentido em atribuir o racionalismo ateu a um homem medieval, cujo contexto histórico não permitia que tais acepções pudessem ter o mesmo sentido que despertou no século XVIII.

Este itinerário aberto ficou marginalizado pela produção historiográfica da segunda geração dos *Annales*, porém no final da década de 1960 e 1970

²² François Dosse afirma que a psicologia histórica de Febvre parte de Henri Wallon e Jean Piaget como referenciais, destacando a sensibilidade da vida afetiva na história, princípio que será retomado na História das Mentalidades (DOSSE, 1994 p. 57).

algumas mudanças deslocaram o interesse dos historiadores da base econômica para as mentalidades – ou superestrutura, se pensarmos na definição marxista então vigente – num movimento que foi descrito por Le Roy Ladurie como “do porão ao sótão” (BURKE, 2010 p. 91). Em paralelo houve também neste período um afastamento do centro hegemônico de Paris, inovações historiográficas similares aquelas ligadas aos franceses dos *Annales* também ocorreram em outros países, como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Itália entre outros (BURKE, 2010 p. 91).

A aproximação oficial dos historiadores junto às mentalidades caminha por diálogos com a psicologia e com a antropologia. Conforme aponta Barros, as mentalidades representam um novo enfoque de análise, o que nem sempre significou a descoberta de novos objetos, ao contrário, temas tradicionais como a política e o nacionalismo, por exemplo, podem ser abordados sob a ótica das mentalidades, tanto quanto do ponto de vista político e social. O que realmente tange aos questionamentos e polêmicas levantadas ao redor desta perspectiva são aspectos os teóricos adotados (BARROS, 2013).

Inicialmente quem chamou atenção e deu visibilidade às mentalidades neste período foi Philippe Ariès, cuja curiosidade sobre a infância e sobre as práticas culturais que envolvem a morte o levou a se debruçar sobre estas temáticas. Assim, partiu da tese de que nosso entendimento a respeito das crianças é construído historicamente, em outros momentos, como na idade média, esta faixa etária era apenas tomada como um “adulto em miniatura”, e apenas no século XVII, quando surgiram materiais que provam o interesse sobre esta etapa do desenvolvimento humano: “Cartas e diários do período documentam o interesse crescente dos adultos no comportamento das crianças, que tentavam, algumas vezes, reproduzir a fala infantil” (BURKE, 2010 p. 92). Além destes materiais, outras fontes poderiam ser cruzadas a fim de comprovar sua teoria, como o crescimento de representações iconográficas em ilustrações e obras artísticas.

Posteriormente, seu trabalho passa a se dedicar às práticas relativas à morte, que culminou em seu trabalho *O homem diante da morte*, publicado no ano de 1977, realizando um estudo de longa duração que se estende por mil anos da história ocidental, elucidando diferentes práticas que refletiam aspectos da mentalidade na qual se inscrevem. A perspectiva de Ariès demonstra uma

aproximação maior com a psicologia, sociologia e antropologia, que foram amplamente utilizadas pelos historiadores neste período para realizar a leitura e interpretação de novos objetos. Dentre estes historiadores, destacamos Robert Mandrou e Jean Delumeau, pois enveredam com maior intensidade pela chamada psicologia histórica, na qual podemos ver sinais da psicanálise. Destaco aqui algumas das contribuições destes dois autores dando visibilidade aos tímidos contatos flertados com a psicanálise.

1.8.2. Robert Mondrou – a tomada de consciência

Robert Mandrou (1921 - 1984) literalmente deu continuidade à obra de Lucien Febvre, ao encontrar entre seus arquivos pessoais algumas anotações de um livro não escrito, uma continuação de *Rabelais*, que se dedicava à mentalidade da França moderna. Com este ensejo Mandrou escreve *Introduction à la France Moderne* (1961), cujo subtítulo, bastante sugestivo, anunciava sua dedicação às mentalidades “Um ensaio em psicologia histórica: 1500 – 1640”. Após o sucesso deste trabalho, em 1968, Mandrou publicou uma obra que se tornou uma referência clássica na história das mentalidades, *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII, uma análise de psicologia histórica*, no qual reforçou seu compromisso com a continuidade dos *Annales* da década de 1930:

Essa pesquisa foi empreendida, e são quinze anos, na trilha do pensamento do inovador Lucien Febvre, no prolongamento de seus trabalhos sobre o problema da incredulidade no século XVI, e da aparelhagem mental de uma época, alimentado pelo pensamento inteligente e irradiante dos *Annales* da primeira versão, encontro-me instalado plenamente nesta problemática apaixonante que visa a reconstruir os horizontes mentais específicos das épocas e dos grupos sociais (MANDROU, 1979 p.13).

Nesta obra Mandrou dá visibilidade a processos contra acusados de feitiçaria a partir do olhar de juristas e réus, levando em conta suas dúvidas pessoais frente a contradições de alguns processos, ou quando julgavam pessoas com certo destaque social, problemas individuais daqueles que estavam a frente dos processos acusatórios. Sua pesquisa adentra na consciência dos magistrados, e como modificam suas concepções, numa análise que é feita a partir de uma vasta documentação, que varia de deliberações dos tribunais, apelações dos juristas, correspondências pessoais, libelos. Em suma,

tanto documentos cuja publicidade os destacou como evidências de constatações públicas e grandes escândalos, quanto fontes que escondem informações inesperadas e indiretas (MANDROU, 1979 p. 19).

As mudanças localizadas pelo autor no trato da feitiçaria caminharam para uma revisão dos métodos das bases ideológicas dos magistrados, e nos permitem reconhecer o ritmo de mudança das mentalidades como um processo inscrito na temporalidade de longa duração. É basicamente uma investigação de psicologia coletiva. Um trabalho cujas multiplicidades documentais acarretaram algumas especificidades, não apenas devido a uma característica própria das mentalidades, mas também devido a independência das cortes e jurisprudências, ainda que alguns centros pudessem exercer maior influência sob outros, como caso de Paris, por exemplo.

Para Mandrou, as transformações ocorridas na jurisprudência das acusações contra feitiçaria e demonologia são uma forma tomada pela crise de consciência, que levou a uma análise crítica dos seus procedimentos, dando início a um processo que não termina no âmbito jurídico, mas num amplo debate que mobiliza teólogos e médicos, com intuito de modernizar as leis. Os limites entre o sobrenatural e a natureza começam a surgir, e os médicos propõem a existência de uma categoria de delírios imaginários que levam a manifestações que até então eram conhecidas como feitiçaria ou possessões, a penalidade para tais crimes deveriam então ser substituídas por tratamentos (MANDROU, 1979 p. 453). Como resultado o autor conclui que este processo buscou:

Reduzir ao máximo a parte que cabe ao sobrenatural. Discriminação do normal e do patológico, definição da invenção artificiosa, distinção entre o melancólico e o alienado mental, todos esses vetores da reflexão sobre os processos demoníacos desempenharam um papel importante, sempre no fim das contas no mesmo sentido: todos reencontram a distinção entre o natural e o sobrenatural, físico e metafísico (MANDROU, 1979 p. 454).

Portanto, há um movimento de tomada de consciência que substitui a condenação automática à fogueira, angariado por uma profunda reflexão intelectual que tornou possível alterar de modo perceptível, os modos de pensar e sentir, estruturas mentais e visões de mundo herdadas durante séculos pela magistratura europeia do século XVII, o que tampouco significa que não houve uma série de conflitos entre a tradição e estas novas formas de conceber a

feitiçaria, muito pelo contrário, este campo foi composto por diferentes jogos de poder. No entanto, o esforço racional, científico, se impôs, ainda que contestado e assumido de modo hesitante, homeopaticamente assumido pelas mudanças nos padrões de racionalidade humanos.

A temática de feitiçaria e cultura popular auxiliou no crescente interesse público que a história alcançou na França neste momento, inclusive influenciou Jean Delumeau a mudar de área de pesquisa, saindo da economia e se dedicando à história da cultura e das mentalidades. Suas pesquisas também tematizam os sentimentos e sua manifestação a partir de sua identificação em uma perspectiva temporal de longa duração.

1.8.3. Jean Delumeau – o medo na história

Jean Delumeau (1923-2020) parte para a psicologia histórica a fim de estudar inicialmente o medo e a culpa no Ocidente, destacando algumas crenças coletivas que eram compartilhadas pela mentalidade da Europa moderna, como fantasmas, pragas, fomes, monstros marítimos entre outros, além destes também havia os medos impostos por uma cultura dominante, cristã, contra judeus, demônios e mulheres feiticeiras. Delumeau se baseia em alguns preceitos psicanalíticos de autores como Wilhelm Reich e Erich Fromm, que apresentamos acima, apropriando-se destes autores a fim de estabelecer conceitos operatórios que pudessem ser aplicados na pesquisa historiográfica (BARROS, 2013).

Delumeau demonstra que não apenas o medo, mas também o pecado – que é a cristianização da culpa – foram difundidos no Ocidente cristão, nos quais se desenvolve toda uma sensibilidade coletiva. Esta tese foi desenvolvida na obra *História do medo no Ocidente – 1300-1800, uma cidade sitiada*, publicado pela primeira vez em 1978. A originalidade da obra pode ser comprovada desde as primeiras páginas pelo tom narrativo no qual descreve a chegada de Montaigne a Augsburgo, em 1580, a cidade mais povoada da Alemanha com cerca de 60 mil habitantes. O que ressalta aos olhos do autor é o medo constante que leva a cidade a se fortificar e criar uma série de mecanismos defensivos para qualquer eventualidade. No entanto, o cerne da questão que apresenta no início de sua obra é o “vazio historiográfico” que pairava sobre o tema do medo

(DELUMEAU, 1999 p.14). Vale a pena destacar a discussão introdutória de Delumeau para compreender algumas discussões teóricas sobre as mentalidades que são mobilizadas pelo autor.

Dentro do recorte temporal proposto pelo autor, séculos XIV ao XVIII surge um conjunto de valores burgueses que são difundidos na sociedade, por exemplo, pelas novelas de cavalaria que apresenta a figura *arquetípica* do cavaleiro sem medo, imbuído apenas de coragem, que se opõe aos humildes, sempre descritos como seres dominados pelo medo. A partir da renascença estas qualidades passam a coexistir nas personalidades descritas nas crônicas e narrativas produzidas neste período. O temor e o medo da morte levam à criação de mecanismos de fuga, que permitem afastar a insegurança, num processo que está entrelaçado com os traços evolutivos da humanidade, “um componente maior da experiência humana, a despeito dos esforços para superá-lo”, inclusive, salienta Delumeau, este deveria ter sido um dos temas analisados por Freud, a “análise da angústia e de suas formas patogênicas até o enraizamento na necessidade da conservação ameaçada pela previsão da morte” (DELUMEAU, 1999 p. 23).

O plano das mentalidades é trabalhado a partir da indagação se há possibilidade de descrever um sentimento coletivo que se comporte como um sujeito, abstrações coletivas que se referem a um modo de pensar compartilhado por populações inteiras, como as expressões comuns “Israel está depressiva após a guerra do Kippur”, ou o “grande medo da Revolução Francesa” ambas expressam uma vivência coletiva que pode ser identificada, em diferentes níveis, dentro das unidades que compõem estes grupos, um aspecto que demonstre algo que está para além das especificidades das reações pessoais.

Outro aspecto fundamental da discussão encabeçada sobre os grupos e coletividades é a observação da psicologia das multidões. Os indivíduos tornam-se mais influenciáveis nesta condição:

O caráter absoluto de seus julgamentos, a rapidez dos contágios que a atravessam, o enfraquecimento ou a perda do espírito crítico, a diminuição ou desaparecimento do senso de responsabilidade pessoal, a subestimação da força do adversário, sua capacidade de passar subitamente do horror ao entusiasmo e das aclamações às ameaças de morte (DELUMEAU, 1999 p.32-33).

O medo, por sua vez, recebe uma conotação singular coletiva, refere-se tanto aos hábitos grupais quanto a percepções individuais de elementos que levam um temor de uma ameaça, seja ela real ou imaginária. Delumeau então busca estruturar sua trilha de pesquisa perguntando se teria havido algum momento da história europeia na qual a civilização precisou reagir de algum modo. A discussão encabeçada pelo autor sobre o medo e angústia nos dá um panorama das diversas influências teóricas que o auxiliam a embasar sua análise historiográfica, e nos permite delimitar o caminho percorrido para construir sua modalidade de história das mentalidades.

Para refinar o conceito de medo o autor o diferencia da angústia, que recebiam a mesma definição pela psicologia, mas que estão em “polos em torno dos quais gravitam palavras e processos psíquicos ao mesmo tempo semelhantes e diferentes” e completa adiante, “o temor, o espanto, o pavor, o terror dizem mais respeito ao medo, a inquietação, a ansiedade, a melancolia, à angústia” (DELUMEAU, 1999 p.33). O medo surge diante de coisas das quais conhecemos, um objeto do qual podemos nos preparar para enfrentar, ainda que modo desafiador, já angústia surge diante do desconhecido, uma espera dolorosa diante de uma ameaça que não podemos identificar.

Esta diferenciação o leva a comentar alguns pressupostos psicopatológicos, destacando a angústia e o medo como constituintes da neurose e da psicose, visto que a atuação destes sentimentos acarreta consequências no indivíduo, e não têm, necessariamente, ligação com uma realidade objetiva, ao contrário, pode vir inteiramente como consequências da estrutura psíquica do sujeito e das condições sócio-históricas às quais está submetido, o que faz da angústia uma condição inerente ao homem.

Por outro lado, o medo e sua presença constante pode ser causador de angústia, uma inadaptação do homem que o leva a inquietações, pois dispõe de “uma experiência tão rica e de uma memória tão grande que sem dúvida só raramente experimenta medos que não estejam em algum grau penetrados de angústia” (DELUMEAU, 1999 p. 34). Nesse sentido, a exposição prolongada de angústia pode criar diversos reveses no âmbito individual e coletivo, tais como estados de desorientação, inadaptação, inflar o imaginário, que no final das contas levam a um movimento involutivo e a manter a psique sob forte pressão de um clima de insegurança.

É justamente pelo fato de que não podemos manter a angústia por muito tempo, sem que isto leve a uma perda total do equilíbrio interno, e por este motivo o homem criou um mecanismo defensivo, que o faz transformar a angústia em medos específicos, ligados a alguma coisa ou alguém, e é este o processo realizado pelo que conhecemos como civilização: “em uma sequência longa de traumatismo coletivo, o Ocidente venceu a angústia ‘nomeando’, isto é identificando, ou até ‘fabricando’ medos particulares” (ibidem, p. 58).

Daí partem as reflexões de Delumeau para encabeçar o estudo sobre o papel do medo da civilização ocidental, e a descrição acima está muito próxima da psicanálise freudiana, embora também realize uma crítica contundente a ela²³, o historiador francês afirma superar as bases da psicanálise para buscar a experiência coletiva sobre o medo. Citando a chamada “teoria da fixação”, que questiona a relação mãe-filho, vista pela psicanálise como uma relação sexual e nutritiva, mas também como uma tendência original e permanente de buscar uma conexão com outro. Um estado natural e inerente ao homem de origem biológica, que torna o homem essencialmente um sujeito social, que é a verdadeira raiz da afetividade.

Há um elo entre o medo e a agressividade, que também deve ser debatido para descrever sua função, especialmente no que tange a passagem do olhar individual para o coletivo. Novamente o historiador recorre aos teóricos da violência, iniciando com Freud, e seus textos sobre agressividade, especialmente no conhecido *Além do princípio do prazer*, de 1920, o qual toma para elaborar uma profunda crítica. Neste texto de Freud, a agressividade é interpretada como um desvio da pulsão de morte, que antes era dirigida ao eu, o que parece ser uma redescoberta de mitos orientais, nos quais amor e ódio são duas faces de um eterno combate presente no início do universo. Esta dicotomia, segundo Delumeau, só poderia levar a um futuro pessimista, pois “ou a agressividade não é reprimida e então se dirige para outros grupos ou pessoas externas ao grupo – daí as guerras e perseguições – ou então é reprimida, mas

²³ No capítulo 10 Delumeau questiona a visão freudiana da mulher, que é alicerçada no medo de castração, o que em sua opinião não passa de uma visão misógina que defende uma superioridade masculina, contrastando esta visão por meio da argumentação de Simone Beauvoir. Por outro lado, leva em consideração a conversão da libido na formação de gestos de agressividade, assim como a projeção de medos inconscientes ao analisar a demonização feminina. CF. DELUMEAU, J. Os agentes de Satã, A mulher. IN. DELUMEAU, J. *A história do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

em seu lugar aparece uma culpabilidade desastrosa para os indivíduos” (Delumeau, 1999 p. 37).

Após a realização desta discussão preliminar, Delumeau realiza uma confissão, citando Alain Besançon, um grande entusiasta do uso da psicanálise na atuação do historiador, escreve “não há nenhuma busca que não seja busca de si mesmo e, em algum grau, introspecção” (BESANÇON apud DELUMEAU, 1999. 47). Esta confissão resulta do seu próprio contato com a morte, resultado de uma vivência ocorrida aos dez anos de idade, na qual se surpreendeu com a morte prematura de um amigo da família, levando-o ao adoecimento e consternação pelo caso. Esta vivência foi completada com sua experiência junto ao colégio salesiano em que frequentou, que mantinha a prática de realizar uma oração, “litanias da boa morte”, cuja finalidade é preparar os indivíduos para o momento do seu suspiro final. Tal rememoração alude a prática corrente da Igreja medieval de preparar pedagogicamente os espíritos para sua vida no além, de modo que não é necessário temer a morte, mas sim o pecado e o julgamento, no qual pode haver um comprometimento no acesso do sujeito aos benefícios do cristianismo, portanto, o medo é um mecanismo necessário.

Se nesta obra a psicanálise aparece de forma esporádica e sob a crítica do historiador das mentalidades, que refuta de diversos modos a ciência freudiana, mais adiante em *Nascimento e afirmação da Reforma*, de 1989, traz uma análise sobre as causas da Reforma Protestante, incluindo nela uma tese psicanalítica a respeito de Lutero. Nesse sentido, há um embate entre narrativas que constroem a imagem do protagonista da reforma, e uma das argumentações é que os católicos se aproveitaram das análises da psique para construir um Lutero com diversas fraquezas e problemas nervosos, ou seja, um caso patológico.

Esta leitura é reforçada por um dossiê do Vaticano que descrevia conflitos e queixas pessoais de Lutero, que descreviam episódios de sua vida em que a angústia e nervosismos acarretavam diversos sintomas, que reforça a possibilidade de que havia um constante desequilíbrio emocional, que o tornava com um sujeito “acima de tudo um temperamento impetuoso até ao excesso, no qual uma lenta e quase inconsciente preparação de súbito resultou numa cristalização interior. Além disso, sua psicologia é inteiramente dominada pelo subjetivismo” (LORTZ apud DELUMEAU, 1989 p. 281).

Lutero teria uma inclinação natural à melancolia, que foi realizada desde muito cedo pela historiografia católica, que se embasou com as teses dos discípulos freudianos já na década de 1910. No entanto, difícil acatar tais interpretações sem notar alguma tautologia forçada por parte destes intérpretes, para os quais a personalidade de Lutero era uma consequência direta da relação abusiva com seus pais, especialmente com a severidade do pai que lhe batia e ditava sua vida de modo opressor. Desse modo, esta linha considera que o temor ao Diabo se forma como um traço obsessivo, um deslocamento da imagem do pai para uma criatura que pudesse odiar, se livrando da culpa pelo ódio paterno, conclusões possíveis ao examinar algumas reflexões deixadas em sua vivência monástica. Soma-se a isso um amor exagerado pela mãe.

Em sua vida adulta foram descritos diversos episódios de crises psicóticas, o que levou alguns intelectuais, como o psicanalista Erik Erikson, a elaborar uma tese de que Lutero teria buscado deter o processo de destruição de si mesmo levado a cabo pela psicose, convertendo sua patologia na criação de um “golpe de estado interior, elaborando uma versão própria e original do cristianismo” (ERIKSON apud DELUMEAU p. 282). No entanto, estas leituras embora originais suscitam em Delumeau uma análise crítica, especialmente no que tange a uma discussão teórica a respeito da interpretação histórica das mentalidades do passado.

A primeira crítica realizada a esta interpretação está na escassez de material utilizado para chegar a tais conclusões, o que não surpreende, primeiro por se tratar de uma análise realizada fora da história profissional, e remetem ao estilo do próprio Freud de escrever trabalhos com viés histórico, como no caso de *A lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, de 1910 ou de *Moisés e a religião monoteísta*, publicado em 1939. Ambos são exemplos de trabalhos nos quais Freud se baseia em materiais escassos e não de fontes primárias.

Além disso, a biografia mencionada sobre o autoritarismo de seu pai e o colo seguro de sua mãe, seria diferente dos demais indivíduos de sua época? Esta explicação está longe de dar conta da complexidade do personagem que criou um importante movimento de constatação de uma tradição longuíssima como o cristianismo ocidental, que no espaço de uma geração logrou fundar uma nova vertente, difundindo sua visão e recrutando seguidores. Outro ponto é a confiabilidade das análises, visto que o grupo que formou esta narrativa é

composto principalmente por seus principais adversários, os católicos, de modo que esta interpretação pictórica é bastante conveniente aos seus interesses e de sua religião. Há uma seleção parcial de documentos, se “apoiam em três ou quatro indicações fornecidas por Lutero adulto sobre sua infância – informações que foram transmitidas em segunda mão, notadamente nos *Tischreden*” (DELUMEAU, 1989 p. 283).

Delumeau não critica a possibilidade dos psicanalistas realizarem interpretações históricas, mas sim seus métodos, que acabam tendo consequências enviesadas, e acabam separando o sujeito de sua época, fundamental para uma análise historiográfica contundente e devidamente embasada por fontes materiais. Todavia o historiador das mentalidades tampouco menciona ser impossível realizar um trabalho sob tais condições guiadas pela psicanálise. O que pode ser evidenciado pelo grande número de trabalhos dedicados a Lutero, inclusive com o trabalho de Lucien Febvre, que possivelmente ganharia muito com a adição de outros pressupostos psicanalíticos.

Estas apresentações demonstram que houve graus diferentes de recepção da psicanálise por parte dos historiadores das mentalidades, uma dimensão do *campo historiográfico*, para usar a expressão de Barros, com diversos pontos de contato e interesses comuns às duas áreas do conhecimento. Por outro lado, como afirmou Le Goff, outros historiadores foram mais entusiastas a respeito da psicanálise, como é o caso de Alain Besançon e Michel de Certeau, que por caminhos diferentes, mas sugestivos, que contribuíram para aproximações entre história e psicanálise na França.

1.8.4. Alain Besançon – A história psicanalítica

Alain Besançon (1932) foi um historiador inicialmente ligado ao comunismo, mas que se tornou um grande crítico desta tendência política, especialmente por seu viés totalitário que foi encarnado pelo stalinismo soviético. Esta virada também o levou a outros temas, entre eles, a reflexão e aplicação da psicanálise como uma ferramenta de apoio na pesquisa historiográfica, o que chamou de história psicanalítica. Quero me deter num texto de Besançon no qual o autor faz um balanço deste relacionamento interdisciplinar e de como defende

este contato. O ensaio “Auxiliary Science or Historical Method?” de 1968 foi republicado em 2014 pela revista estadunidense *Journal of Contemporary History*. Apresento agora, em linhas gerais, como o autor apresenta a questão.

Na ocasião da publicação, 1968, o autor observa a resistência e relutância dos historiadores em observar as possibilidades de interlocução entre história e psicanálise, ainda que os movimentos que levaram a historiografia “do porão ao sótão” estivessem em efervescência. Em todo caso Besançon não desanima com este panorama e apresenta algumas premissas básicas entre as duas disciplinas, e quais caminhos estabelecer para elaborar tais *pontes interdisciplinares*.

Ambas lidam com textos, no sentido discursivo e amplo da palavra, cujas interpretações são igualmente amplas, mas ainda assim, limitadas pela própria fonte, não é possível trazer elementos que não sejam chamados pela própria fonte analisada, seja na palavra escrita, no caso do historiador, seja no silêncio do paciente, no caso do psicanalista (BESANÇON, 2014 [1968]). Semelhanças à parte, Besançon insiste que, inicialmente, “É fundamental definir o que os historiadores exigem da psicanálise, que auxilia a distinguir a psicanálise como uma ciência auxiliar e como um método histórico (tradução livre)”²⁴ (Ibidem p. 149).

Parte do pressuposto que ela pode contribuir na resolução de alguns problemas ou na resposta de algumas perguntas, e fomentar um ambiente no qual ambos os campos podem ser cruzados com amplos benefícios seria e biografia histórica, e a literatura, tomada como fonte de pesquisa historiográfica. Além destes, também alguns temas de importância sociológica, como o nazifascismo ou movimentos de massa, se beneficiaram da interpretação psicanalítica. No entanto, afirma Besançon, há uma diferença metodológica que deve ser levada em consideração.

A análise historiográfica, seja na biografia ou outros temas, partem da fonte para o contexto histórico, ou seja, do texto para a cultura, a psicanálise parte do discurso analítico para o homem que o proferiu, ou seja, do *texto* para seu enunciador. O método de escuta psicanalítica busca captar no discurso

²⁴ Is necessary to define what it is that historians require from psychoanalysis; and for this is necessary to make clear distinction between psychoanalysis as na auxiliary Science and psychoanalysis as a historical method.

elementos inconscientes que se manifestam pela transferência e pela contratransferência, de modo a transformar sua escuta num método heurístico de interpretação, com base nesta constatação, Besançon elabora uma possível metodologia de sua história psicanalítica.

Primeiramente, ao tomar uma fonte, o historiador psicanalista deve abstrair as circunstâncias nas quais o texto foi concebido, o texto fala apenas de seu autor, e justamente esta singularidade que aparece como ponto de contato com seu contexto cultural, tal como o historiador relaciona a fonte com seu contexto histórico. A diferença neste caso é dialogar com os modos pelos quais o homem-objeto de análise se conformou dentro desta cultura, e como respondeu às pressões impostas por ela na sua constituição psíquica, uma dúvida que é respondida por uma investigação psicanalítica, no sentido estrito da palavra (BESANÇON, 2014 [1968]) p. 153).

Além disso, é preciso considerar os ecos dos objetos analisados no interior do próprio historiador (em analogia à contratransferência psicanalítica), pois escolhemos nossos objetos e temas a partir de conflitos pessoais, temas com os quais nos identificamos, e cujas respostas também damos a partir das soluções que encontramos em nosso universo particular²⁵. Do mesmo modo que reconhecemos que a história é uma resposta do presente, que somos inspirados por demandas contemporâneas do tempo em que estamos inseridos, o historiador psicanalista também deve levar esta afirmação até o limite, reconhecendo seus traços individuais em seu trabalho. De um lado ele vai explorar a contratransferência para descobrir os conflitos, figuras e símbolos com o quais tem uma experiência íntima, e de outro lado, se reconhecer como participante de uma história, literalmente envolvendo aspectos formais e afetivos – que são estão presentes, mas não são comentados – na pesquisa, tornando-se apto a compreender e estimar o valor do material recuperado psicanaliticamente (ibidem p. 156).

Besançon defende a necessidade de buscar uma compreensão psicológica dos fatos históricos, não apenas no sentido de compreender as *mentalidades coletivas*, mas também buscar apreender elementos cuja dinâmica

²⁵ Sobre este tema é interessante recuperar a discussão elaborada pelo historiador Michael Ropper. CF. ROPER, Michael. "Psychoanalysis and the making of history". IN: FOOT, Sarah & PARTNER, Nancy (Editors). *The Sage handbook of Historical Theory*. SAGE Publications, 2013.

parte de uma relação com o inconsciente. Para além da perspectiva sociológica ou psicológica, os eventos – e suas representações – são resultados da *catexização*²⁶ de forças que governam a percepção dos homens e seu comportamento, elementos que escapam às análises racionais quando olhamos diretamente para eventos e decisões tomadas por personagens históricos. E um dos elementos privilegiados por registrar esta instância, na qual consciente e inconsciente se cruzam, são os símbolos.

Baseado numa definição de Sándor Ferenczi, Besançon classifica o símbolo como uma representação investida de afetividade em nossa consciência e, embora esta relação nos pareça à primeira vista ausente de qualquer lógica explicável, realiza uma identificação inconsciente com outra representação que potencializa a afetividade à qual pertence (BESANÇON, 2014 [1968] p. 157). Portanto, um símbolo, para ser um representante desta categoria, deve conter correspondentes inconscientes.

Embora existam diversos símbolos, o conjunto de coisas representadas por eles é bem mais restrito, a ampla variedade cultural que podemos encontrar ao redor do mundo esconde um conjunto de elementos que está sempre presente, e sempre são simbolicamente representados por cada uma delas, mães, pais, crianças, castração, nascimento e morte, por exemplo. Dentro destes padrões existe um que ocupa uma posição estratégica, e que tem sido tema de diversas discussões ao redor da psicanálise, o Complexo de Édipo.

Sua resolução marca uma importante etapa do desenvolvimento humano, no qual a criança pode se tornar independente de seus pais e se inserir na vida social de fato, a saída da triangulação edípica é obrigatória, e cada cultura elabora um modo distinto de realizar esta passagem. Por exemplo, os russos o ilustram em seus mitos religiosos e políticos, na literatura ou na religião. Em outras regiões, como na Pérsia, o mito do rei é invocado na presença de eunucos e rodeado de virgens (não por acaso remetem ao pai primitivo e a castração imposta ao grupo). No entanto, o que a princípio parece ser uma redução é apenas uma primeira parte da interpretação.

²⁶ Catexia, ou investimento, se refere a uma energia psíquica que se liga a uma representação (ou conjunto de representações), uma parte do corpo, um objeto, entre outros. CF. LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 p. 254.

O que Besançon destaca não é identificar o símbolo dentro da sociedade, este aspecto é quase uma obviedade, o foco do historiador é demonstrar sua função e mostrar como ele contribui para o equilíbrio geral da cultura. Além disso, o fato de existir uma definição cultural para inserir todos os indivíduos a ela pertencentes numa mesma tipologia, está longe de significar que todos se enquadram dentro destas expectativas ou se comportam dentro do esperado. Na medida em que se conforma ou foge-se a regra podemos observar como o homem lidou com seus desejos e conflitos.

Esta discussão apresentada nos coloca diante do último elemento discutido por Besançon, a diferença cronológica existente entre a temporalidade dos fatos e a dinâmica do inconsciente, que por definição é uma instância atemporal. O inconsciente faz ressoar no presente elementos de outros tempos. E na historiografia em sua cientificidade este diálogo com o inconsciente é realizado quando encontramos no desenvolvimento do tempo cronológico a *repetição*.

A psicanálise parte do pressuposto que somos obrigados pela dinâmica inconsciente, a repetir incansavelmente certos padrões de comportamentos, a história, por sua vez, se baseia na ideia de desenvolvimento ou progresso/evolução. De uma geração a outra os homens rearranjam os elementos que representam os dramas e conflitos, cujo roteiro segue alguns elementos que se mantêm constantes.

Seja o início de uma nova era, regime, ou os modelos de filosofia da história desenvolvidos por pensadores e filósofos, expressões de regras nas quais a repetição se inscreve. O próprio pensamento freudiano se desenvolve a partir de uma filosofia da história, Freud desenvolve sua teoria baseado numa historicidade evolutiva humana, ao descrever o processo de saída da humanidade do estado de natureza e de sua entrada na civilização. A história, sendo baseada no inconsciente é baseada no atemporal. O inconsciente segundo o historiador possui uma dinâmica imutável que permite observar regras e tecer generalizações (DOSSE, 2001). Para discernir o padrão quase invariável do cenário por trás e seus atores, notar suas modificações e seus significados, e relatar suas evoluções: nada disso deveria ser impossível de alcançar (BESANÇON, 2014 [1968] p. 161).

A defesa de Besançon por uma história psicanalítica enfatiza a possibilidade de estudos baseados em fontes literárias, como um espaço privilegiado para aplicar a história psicanalítica. Não por acaso este é o exemplo que o historiador a apresenta no volume *História: novos objetos*, organizado por Jacques LeGoff e Pierre Nora. Comentaremos o capítulo de história psicanalítica de Besançon, “O inconsciente – o episódio da prostituta em *Que fazer?* e em *O subsolo*” no qual aplica os postulados que apresentamos até o momento.

Neste texto, Besançon busca evidenciar algumas manifestações inconscientes de um escritor e poeta russo, Nikolai Tchernichevski, a partir da leitura de seus romances, de modo que seus personagens são compreendidos como manifestações de seus sentimentos e desejos, convertidos num discurso analítico, permeado expressões transbordadas de seu inconsciente. Besançon também vai para além das qualidades individuais do autor, ao afirmar que “a situação histórica da *intelligentsia* russa nos ‘anos 60’ revela-se parcialmente em *Que fazer?*” (BESANÇON, 1995 p.33). Portanto, o romance corresponde a certo grupo específico da sociedade russa do século XIX, cujas identificações compartilhadas integram tanto a vida mental de Tchernichevski quanto de seus companheiros.

Ao lado de *Que fazer?* Besançon traça uma comparação com Dostoievski, que faz uma crítica à Tchernichevski em *Memórias do subsolo*, mas não o faz de modo consciente. Trata-se de uma “reação de um inconsciente com um outro inconsciente” (Ibidem p.38). Portanto, podem ser interpretados como reflexos de um momento cultural e histórico e, também, de um determinado grupo de grande importância para a história russa do século XIX, “permite reconhecer em cada etapa uma ordem e um processo análogos cuja exposição é uma contribuição da psicanálise à compreensão histórica da *intelligentsia*” (p. 33).

O contexto histórico no qual estão inseridos – o Czarismo russo – também aparecem em ambos os autores, mostram seus mecanismos coercitivos, e não apenas aqueles visíveis cuja expressão maior é a força física, mas também a dominação sutil que atua em corações e mentes, “mecanismos suaves e inconfessáveis” nos quais ela se perpetua. Portanto, do contexto individual e de grupo, também permite a Besançon a transpor tais mecanismos de atuação – inconscientes – à história russa. As expressões simbólicas que Besançon expos

em seu texto de 1968 e a transposição do indivíduo e sua psique para a cultura são articuladas com habilidade pelo historiador psicanalista.

A transposição para a realidade psíquica apresentada pelos romances analisados aparece posteriormente nas consequências da Revolução Russa de 1917, quando o ideal ascético do qual o personagem de *Que fazer?* aparece no herói ideal de Lênin, e ao mesmo tempo justifica o recurso revolucionário dos proletários bolcheviques, conforme afirma: “este romance fixava, assim, uma moral, não desprovida de heroísmo, encarnava uma esperança sustentada por seu autor durante a mais dura perseguição, estando assim na origem da ética revolucionária moderna” (Ibidem p. 48).

Há uma troca simbólica entre as formas de dominação do estado russo czarista e como sua reprodução aparece nos romances da *intelligentsia*, uma psicologia subterrânea que a *intelligentsia* russa elaborou retorna explosivamente (assim como o recalcado) e alude ao “homem novo” uma atração destes conteúdos reprimidos, que posteriormente serão utilizados pelo estado soviético no culto à personalidade, tão presente nas manifestações do Estado. Seja na figura do Czar ou nos estandartes com a fotografia de Stalin estes conteúdos inconscientes se manifestam e se reproduzem.

Para finalizar esta discussão a partir da história psicanalítica de Alan Besançon, é importante acompanhá-lo na conclusão de *O inconsciente*, no qual ele faz alguns apontamentos que acreditamos ter alguns desdobramentos, especialmente na psico-história, uma derivação da história das mentalidades que se apropria muito da psicanálise como uma de suas ferramentas de pesquisa.

Besançon compara a literatura e a arte como criações humanas que, assim como os sonhos, deixam transparecer com mais facilidade elementos inconscientes, e por este mesmo motivo são interpretáveis destacando-os como uma elaboração que condensa desejos reprimidos e pulsões encontrando uma forma conveniente de alcançar a realidade tangível ao consciente (o que Freud convenientemente chamou de sublimação). Um aspecto subjetivo, mas que tem um valor indispensável, e o fato de que o sujeito permanecerá ainda inacessível não significa que tal interpretação é menos significativa do que outros métodos, afinal:

O historiador não atinge o céu dos acontecimentos e o empíreo da história geral, senão ao termo de construções e no prolongamento último das análises operadas sobre os primeiros textos no mundo sublimar, onde se encontra com eles. Que o texto seja lido, com o envolvimento afetivo que isto implica, que o acontecimento seja construído, eis o campo da história psicanalítica na tarefa comum (ibidem p.50).

Em suma, o programa de Besançon é bastante amplo e complexo, e tem um sólido embasamento na teoria psicanalítica de Freud.

1.8.5. Michel de Certeau – um jesuíta lacaniano

Seguindo esta trilha, não seria possível elencar as contribuições da psicanálise à historiografia francesa sem mencionar Michel de Certeau (1925 – 1986). Certeau foi um renomado historiador e intelectual jesuíta, com destaque para o fato de que também foi psicanalista, com uma grande influência de Jacques Lacan, de quem frequentou os famosos seminários e acompanhou as discussões ao redor da psicanálise e da centralidade do papel dos discursos na análise.

Além de sua produção historiográfica, Certeau também é conhecido por sua contribuição à teoria da história, especialmente com sua obra – incontornável para qualquer historiador na atualidade – *A escrita da história*, publicado em 1975 na França. Nela o historiador define a famosa “operação historiográfica” que enfatiza os delineamentos da escrita da história a partir do lugar institucional, das regras coletivas que afirmam o que é e o que não é história, e a forma específica de escrita, que caracteriza o texto historiográfico, um sistema tripartido que cerceia os limites e possibilidades de nossa escrita e nosso profissional (CERTEAU, 1982). Busco aqui destacar algumas passagens nas quais a utilização da psicanálise está em evidência, seja pela aplicabilidade metodológica, seja pela discussão acerca a teoria da história.

Com base nos deslocamentos que o próprio Freud faz no campo da história servem de base para que Certeau problematize a historiografia e os processos que se escondem nas entrelinhas da prática do historiador, além de levantar importantes questionamentos acerca da cientificidade de nossa ciência, chamada por ele de “ficção teórica” em alguns momentos – o que também dá o

título da obra póstuma, *História e psicanálise, entre ciência e ficção*, publicada no Brasil em 2011.

Segundo Certeau, por uma face, a historiografia que cria um espaço hierarquizado que mantém um “próprio”, que é representado pelas práticas institucionais que citamos acima, e um “outro”, que remete ao passado estudado, e a outra face, remete ao discurso resultante que procura dominar este outro, na medida em que o insere numa rede discursiva. A psicanálise, por sua vez, reconhece este “outro” dentro do presente, um passado que está constantemente retornando e dialogando com o presente, cujas consequências desta relação são visíveis no ato analítico, dentro quais também se tornam objeto de compreensão, ou melhor, de *elaboração* (CERTEAU, 2011).

A permanência da influência do passado no tempo presente é uma característica que foi debatida amplamente na historiografia no século XX, seja na constatação de que a história é sempre um movimento do presente, ou na atenção dada às rupturas e permanências de heranças históricas, mas Certeau dá um passo adiante e aprofunda-se neste aspecto constituinte da disciplina ao relacioná-lo com a psicanálise. O pressuposto básico de intersecção das duas disciplinas, como aponta Certeau consiste na relevância dada à descoberta freudiana do “retorno do recaiado”, uma das premissas essenciais que explica e organiza a formação das psicopatologias. Este retorno indica nada menos do que a influência do passado que insiste em deixar sua marca no presente, comparável ao drama vivido por Hamlet, no qual seu pai assassinado retorna e se “torna a lei à qual o filho então obedece” (CERTEAU, 2011 p.71). Este passado pode ter sido esquecido ou falseado, mas sempre retorna de algum modo, contrariando a certeza do presente.

Assim a história e a historiografia seriam, segundo Certeau, um esforço de estabelecer um corte entre passado e presente, criando um espaço organizado que comporta passado e presente, cientificamente regido por uma “encenação escriturária”. Neste ponto, Certeau diferencia a psicanálise da historiografia tendo em vista sua relação com o “espaço da memória”. A psicanálise considera a repetição, aquilo que se retorna sob uma forma distinta, mas possui uma estrutura determinada pelo processo/experiência vivido, e a historiografia, por sua vez, se baseia no modelo da sucessividade, da correlação, do efeito e da disjunção (CERTEAU, 2012 p. 73). Nesse sentido, há uma relação

teleológica entre o passado e o presente para a história, pois é o encadeamento dos fatos acumulados que alcança a configuração presente.

Mas o destaque segue para as intersecções entre as disciplinas, Certeau então elenca algumas questões análogas entre história e psicanálise cuja citação é imprescindível para compreendermos o debate proposto pelo historiador, sem perder de vista o confronto entre as diferentes estratégias do tempo, desenvolvem ao simultaneamente:

Procurar princípios e critérios em nome dos quais seja possível compreender as diferenças ou garantir continuidades entre a organização do atual e as antigas configurações, conferir valor explicativo ao passado e/ou tornar o presente capaz de explicar o passado; reconduzir as representações de outrora ou atuais a suas condições de produção; elaborar (de onde? De que modo?) as maneiras de pensar e, portanto, de superar a violência (os conflitos e os acasos da história), incluindo a violência que se articula no próprio pensamento, definir e construir a narrativa que é, nas duas disciplinas, a forma privilegiada conferida ao discurso de elucidação (ibidem p.73).

Assim como o recalcado retorna à consciência e se manifesta por meio das repetições e na construção dos sintomas, a psicanálise e a história devem trazer à luz este conteúdo para que possa ser elaborado no tempo presente, atribuindo-lhe sentido nestes dois momentos cronológicos, passado e presente. A história pode aprender com a psicanálise, especialmente por sua sensibilidade para perceber e ouvir os vestígios do passado, que se apresentam sob a forma de ausências e silêncios, não apenas no quadro de fontes organizadas de um arquivo, mas também nos traços que demandam de uma *escuta flutuante* por parte do historiador. Nesse sentido, de acordo com José Carlos Reis a perspectiva aberta por Certeau vai de encontro com a ruptura entre passado e presente anunciada por Marc Bloch e Lucien Febvre, no qual o passado, abordado pelo presente, conduz sua própria análise, na medida em que é abordado pelo presente (REIS, 2008).

De acordo com Certeau, o próprio Freud realiza um trabalho de “intervenção” na historiografia, quando se debruça a pesquisar sobre as origens da civilização, em *Totem e tabu* (1912), nas histórias de seus pacientes, cuja investigação dos sintomas os levam necessariamente a revisitar suas histórias pessoais, e também no “romance histórico” como seu trabalho sobre Leonardo da Vinci, *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910), ou seu romance histórico sobre Moisés, *Moises e o monoteísmo* (1939). Portanto, Freud

atua sempre se movimentando do individual para o coletivo e vice-versa, num movimento que busca justamente anular as oposições entre estas duas instâncias.

O patológico em Freud nasce justamente no ponto quem que se encontram os funcionamentos estruturais da espécie humana, do mesmo modo que é em meio a estas experiências que também se originam as estruturas psíquicas elementares, posteriormente confirmadas por sua experiência clínica, das quais sempre retira material para embasar suas teses sobre a civilização – Certeau descreve este processo em três direções: a busca pelas “cenar primitivas” no adulto, a violência contida na origem dos povos, que se torna alvo do recalque (e que voltam a se manifestar), e a possibilidade de mudanças no presente pelo tratamento analítico – e por último, a historicidade do ato analítico é substituída por um discurso “ficcional”, que significa o discurso identificado com seu lugar de produção (CERTEAU, 2011 p.75).

Freud não foi um historiador, mas foi pioneiro, inspira teses e hipóteses verificáveis que se ligam aos historiadores, e insere questões que remetem ao romance fantástico, nos revela o fantasma que vive dentro de casa, citando Michelet, Certeau nos relembra que Freud o reiterou ao observar que os mortos voltam a nos falar, mas voltam a sua revelia, suas vozes são substituídas pela escrita historiográfica, ou pela interpretação analítica (ibidem p.78). Estes espaços podem ser trabalhados tanto pela história quanto pela psicanálise, ou ambos, lado a lado.

Certeau então elenca três esferas nas quais a psicanálise modifica sua relação com a historiografia. A primeira delas é a necessidade de escrever uma história da psicanálise, que se multiplica desde as rupturas dentro do círculo freudiano e amplia tal ramificação após a morte do pai primevo. A segunda é o campo da biografia, na qual a contribuição da psicanálise promove um olhar crítico ao indivíduo derivado do iluminismo e da sociedade liberal. A partir de Freud, o indivíduo não é mais senhor de si mesmo, o esclarecimento kantiano é desviado, e a psicanálise mostra os resquícios da minoridade – infantis – do homem e as determinações dos mecanismos pulsionais e inconscientes. Por último, a investigação histórica das configurações que organizam as práticas sociais, tomando mitos, sonhos, fábulas como objetos para acessar o irracional, o inconsciente, seus mecanismos, compreender sua dinâmica, as pulsões e

afetos articulados pela linguagem, e os sistemas culturais, responsáveis por articular as duas instâncias anteriores (ibidem, p. 89).

De acordo com Certeau, estas questões já estão disseminadas pela historiografia, mas não estão marcados por uma filiação psicanalítica, mas nem por isso deixam de ter sua dívida na ciência Freudiana. Tal afirmação de Certeau é levada ao extremo por François Dosse, que vê na psicanálise o principal corolário da história das mentalidades, ou mais precisamente, uma resposta dos historiadores ao freudismo na década de 1970, e possibilitou articular a psicologia individual e coletiva, historicizando o inconsciente (DOSSE, 2001).

Após apresentados alguns argumentos sobre a articulação entre história e psicanálise na perspectiva de Certeau, vale a pena nos debruçarmos sobre dois artigos do historiador presentes na sessão “As escritas freudianas” da obra *A escrita da história* (1982). São eles, “O que Freud fez da história?”, no qual analisa o trabalho histórico e psicanalítico “*A propósito de uma neurose demoníaca no século XVI*” (1923), e “*A ficção da história: ‘A escrita de Moisés e o monoteísmo’*”, no qual analisa o trabalho homônimo de Freud sobre o “mito” construído sobre Moisés. Com estes dois artigos Certeau busca evidenciar como o Freud analista lidou com a história, que neste caso, reconhecendo seu esforço de enveredar pela “região ‘histórica’ de sua cultura” (CERTEAU, 1982 p.281).

Freud analisa a documentação sobre a história de Christoph Haitzmann, um pintor bávaro que supostamente havia sido acometido de possessões demoníacas. O psicanalista vienense objeta tal conclusão baseada no misticismo demonológico cristão, e considera este caso apenas um tipo de neurose precedida de um quadro depressivo, que foi desencadeada após a morte de seu pai. O fato de se tratar uma tese que Freud prova vasculhando a documentação que está ao seu alcance leva Certeau a indagar se esta elaboração não teria colocado Freud próximo à história, como um caso de interdisciplinaridade.

Por um lado, Certeau responde que a intenção primária desta análise não é outra senão dialogar com os psicanalistas. Por outro lado, é também histórico, pois cria uma narrativa de um objeto a partir de uma dada interpretação. Primeiramente, porque busca atribuir sentido ao documento a partir do funcionamento das relações históricas daquela sociedade, mas munido de ferramentas interpretativas próprias, neste caso o próprio modelo analítico

elaborado por Freud. Em segundo lugar porque a análise da figura do Diabo é confirmada por outras fontes do século XVII, e também o pacto/contrato firmado entre o possuído e a figura diabólica, marca a recuperação de um “pai perdido”, que reencontra um paralelo nos diversos papéis que são investidas figuras de poder deste período da era moderna (CERTEAU, 1982 p. 283).

Há um distanciamento histórico entre o leitor e o documento analisado, pois Freud vê com excessiva clareza um caso de neurose no século XVII que no século XX demanda de um profundo trabalho analítico para ser diagnosticada e tratada, a diferença identificada está na linguagem com que cada tempo lida com as “máscaras que lhes representam”, no primeiro caso a descrição demonológica, e no segundo as psicopatologias. Nesse sentido, a descrição freudiana se inscreve numa postura teleológica, visto que alguns termos taxativos julgam as práticas medievais como arcaicas e as contemporâneas como científicas. Como em *Totem e tabu* Freud vê uma lei que sai do primitivo e caminha em direção a sua formação, “o mais antigo código da humanidade”, uma época anterior a todas as religiões humanas (ibidem, p.290).

Certeau destaca ainda que a análise de Freud do caso de Haitzmann não atribui a solução de sua neurose por um processo de substituição, na qual a falta do pai é deslocada primeiramente para a imagem do Diabo, e posteriormente para os Irmãos da Congregação, ou seja, passa de uma violação da norma religiosa cristã para o enquadre das leis da sociedade, o que ocorre não é nada além de uma reabsorção do conflito, agora representado por uma forma religiosa. Esta percepção é evidente, mas o que esconde as “mil formas presentes de instituições que façam do ‘normal’ uma máscara oculta, é menos visível e mais difícil de revelar” (ibidem p. 293).

Isto significa que, historicamente, houve um processo pelo qual as manifestações de tensões são revestidas com uma nova roupagem, que as mantém em essência, mas as diferencia por meio de características. E assim como o pai primevo, assassinado pelos irmãos, não morre de fato, mas é apenas assimilado e adquire novas formas. Freud observa com excessiva clareza um caso de neurose ocorrido na Idade Moderna, ao passo que o mesmo reconhecimento/diagnóstico demanda um árduo trabalho analítico no início do século XX.

O que Freud nos mostra é que ocorreu um ocultamento da problemática, que justifica a busca científica de inaugurar um método cuja práxis visa elucidar as regras de funcionamento da natureza, neste caso das psicopatologias. O iluminismo no qual se inscreve Freud – literalmente remetido pelo termo alemão, *Aufklärung*, por Certeau – funda uma investigação, cujo elemento chave de resolução são os vestígios que ele encontra na investigação, no caso palavras, sua discursividade, e aqui Certeau nos mostra o Lacan que nele habita. Sua ciência depende deste ocultamento, é ele que inaugura o *Ato* freudiano. Este *ato* torna este tipo de história uma oscilação entre a “lenda” – fonte – de um lado, e o “tornar-se outro” – risco de afirmar-se assegurando por si mesmo sua existência, no outro lado (CERTEAU, 1982 p. 295).

Na sequência, em *A ficção da história* Certeau se esforça para buscar na “lenda, ou ficção freudiana sobre Moisés”, tal ficção, elaborada a partir de uma “demanda de historiador” tem uma tripla significância, de acordo com o teor que segue em seu desenvolvimento: “se desdobra no intermédio de uma ambivalência, a qual faz a *ficção* significar ora uma produção (*fingere*, parecer, fabricar), ora um disfarce ou embuste” (CERTEAU, 1982 p. 300).

Basicamente Freud parte da tese na qual o monoteísmo judaico teria sido uma herança do Faraó Amenófis IV, ao estabelecer a crença num único deus, Aton (deus-sol), intitulando-se a partir de então sob o título de Aquenáton, recusando-se às crenças antropomórficas, a magia e a bruxaria presente nas práticas comuns dos sacerdotes egípcios, trazendo para sua pessoa toda autoridade religiosa e política naquele contexto. Tal mudança no panteão egípcio durou pouco, com a morte do Faraó-deus, rapidamente os cultos tradicionais retomaram seu lugar.

É nesse contexto que Moisés surge, um antigo sacerdote e nobre egípcio – não hebreu – herdou o monoteísmo, e mais tarde o utilizou para libertar e unificar povos escravizados, dando-lhes tradições e costumes, que foram canonicamente seguidos. Como pai primevo, Moisés cumpriu seu papel, foi assassinado por seus seguidores, que se encarregaram de recalcar tal assassinato – mais tarde reintroduzido na religião pelo cristianismo e o assassinato de Jesus.

Para Certeau, esta obra freudiana reúne diversos elementos comuns ao historiador, especialmente porque há uma imbricação de elementos fictícios e

poéticos – ambos utilizados como ferramentas por Freud, que os insere no domínio da ciência – um estilo de escrita que mescla narrativa e teoria, entra na história dançando, coreografando um ensaio que articula ambas as ciências (CERTEAU, 1982).

O resultado é uma obra dividida, não apenas pela fragmentação da sua elaboração, redigida em 1934, tem uma parte publicada em 1937, e é finalizada em 1939, quando recebe a primeira publicação, dividida entre o alemão de Amsterdã e o Inglês de Londres que, portanto, dialoga com o crescimento da perseguição aos judeus empreendida pelos nazistas, que impõe diversos cortes na trajetória de escrita de *Moisés*, mas também pela fragmentação dos dados que Freud se esforça para reunir e sustentar seu trabalho, o que falha em muitos aspectos, de modo que fez, segundo suas próprias palavras, “erigir uma estátua de ameaçadora grandeza sobre um pedestal de argila” (FREUD apud CERTEAU, 1982 p.302). Certeau qualifica a obra uma dupla filiação na ficção e no romance histórico.

Esta escrita “desmoronada” traz implicações para a história, segundo Certeau, pois assim como a construção dos casos clínicos psicanalíticos exige uma atenção às temporalidades do discurso, também a escrita de *Moisés* mobilizou recursos ficcionais e romanescos, nas quais a historicidade de seu objeto exigem de Freud uma arte poética, um fazer que é responsável por configurar o texto. Um paralelo interessante aqui recuperado pelo historiador é que Freud já havia constatado que seus casos clínicos publicados eram lidos como novelas.

Nas palavras de Betty Fuks, o que Certeau faz neste ensaio é demonstrar como Freud devolve novela e ficção para o mundo da ciência, pois o método de investigação que elabora, e que aparece em *Moisés* revela um rompimento da cientificidade iluminista, convertendo um estilo de tipo literário em uma escrita teórica (FUKS, 2000). Este pressuposto leva a uma afirmação de Certeau para os historiadores, “sem romance, não há história”, assim como a psicanálise a história também realiza um salto diacrônico em direção ao seu objeto, cujo preenchimento narrativo é diegético, um discurso que mescla ciência e ficção (CERTEAU, 1982).

Desnecessário dizer que tais postulados exercem desdobramentos na historiografia e sua cientificidade, no entanto, no que tange a relação de Certeau

com a psicanálise nos deteremos aqui, e seguiremos neste momento em busca de outra *dimensão* da teoria da história no qual a psicanálise parece ter contribuído com maior intencionalidade por parte dos historiadores, a psico-história. No entanto, antes de enveredar pela psico-história é importante observar o uso da psicanálise que o historiador Carlo Ginzburg propôs na década de 1970, em paralelo aos historiadores franceses.

1.9.O contexto italiano

1.9.1. Carlo Ginzburg – sinais de uma psicanálise indiciária

Saindo do contexto francês, o historiador italiano Carlo Ginzburg, um dos criadores da famosa micro-história, também faz incursões na psicanálise freudiana. A abordagem micro-histórica de Ginzburg nasce sob a rubrica interdisciplinar, aponta para novos horizontes nos objetos de estudo do historiador, operacionalizado especialmente pelo recurso metodológico de redução de escala de observação e cruzamento de fontes seriais. Neste percurso, encontra especialmente na antropologia de Clifford Geertz e na linguística de Mikhail Bakhtin uma ferramenta de observação da cultura popular e suas dinâmicas em relação à cultura erudita, as quais, somadas à psicanálise freudiana, desenvolvem um de seus conceitos de maior implicação teórica para a historiografia atual, o *paradigma indiciário*.

Para explorar a articulação de Ginzburg com a psicanálise, podemos destacar dois trabalhos de sua autoria que exemplificam a relação apresentada acima, são eles *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, redigido entre os anos de 1976 e 1978, e *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*, de 1989. O texto *Sinais* pode ser descrito como um esforço de elaboração teórica que sintetiza a perspectiva micro-histórica de Ginzburg e o diferencia de outros autores que partiam da mesma abordagem, relacionando a pesquisa histórica com elementos de outros saberes na busca de elaborar um método de análise que transforma *indícios* do passado, pequenos elementos aparentemente sem significado, em material bruto do historiador. O segundo texto é o esforço de discutir um famoso caso relatado por Freud em 1914, conhecido como *O homem dos lobos*, aplicando o paradigma indiciário para ampliar lacunas deixadas pelo

psicanalista, e que, talvez, pudessem ampliar seus horizontes de interpretação. Vejamos mais de perto cada um deles.

Segundo Ginzburg conhecimento indiciário é uma característica que pode ser observada em mais de uma disciplina no final do século XIX, e que emergiu “silenciosamente no âmbito das ciências humanas” (GINZBURG, 1989 p. 143). Este saber indiciário pode ser evidenciado ao menos em três autores distintos deste período, o crítico de arte Giovanni Morelli, que propunha identificar obras de arte por minúcias e detalhes que revelavam o estilo de seus autores. Morelli buscava nos detalhes quase imperceptíveis, como o formato de uma orelha, o desenho dos dedos etc. Na sequência, o personagem de Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes. Famoso detetive que desvendava os mais sutis mistérios, por meio de pequenos elementos não perceptíveis a olhares destreinados. Por último, para completar o saber indiciário, o criador da psicanálise, Sigmund Freud. Freud inovou ao desenvolver o método e a escuta psicanalítica por meio de resíduos marginais no discurso de seus pacientes, pequenos deslizos de fala, silêncios ou relatos oníricos abriam caminho para o inconsciente e para o tratamento das psiconeuroses.

O saber indiciário de Ginzburg volta-se para a análise da cultura popular, a experiência particular de sujeitos do passado, que “não eram aprendidas nos livros, mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares, fundavam-se sob sutilezas certamente não formalizáveis, frequentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal” (GINZBURG, 1989). Estes temas eram cada vez mais colocado ao centro das discussões historiográficas, especialmente nas décadas de 1970 e 80, e a micro-história foi uma das protagonistas a este respeito (LIMA, 2006).

A utilização do método moreliano por Freud é indiscutível, o crítico de arte é citato pelo psicanalista vienense algumas vezes em suas obras, inclusive levando Freud a realizar uma comparação literal entre a técnica de Morelli e a psicanálise²⁷: “era bastante aparentado à técnica da psicanálise médica. Também essa costuma adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de traços menosprezados ou não notados, a partir da escória da observação” (FREUD, 2012 [1914] p.284). Dados marginais, traços aparentemente irrelevantes, demonstravam exatamente os momentos em que as técnicas e instruções das

²⁷ Não por acaso, Morelli também é citado por Freud num texto de 1914, *O Moisés de Michelangelo*, que Ginzburg afirma ter uma participação na história da formação da psicanálise (p.148).

escolas artísticas falhavam, era o momento em a singularidade se impunha na obra de arte, como uma forma inconsciente de atuação, cuja notação de Morelli é redirecionada por Freud, visto que esta “impressiona a identificação do núcleo íntimo da individualidade artística com elementos subtraídos ao controle da consciência” (GINZBURG, 1989 p. 150).

Por outro lado, o uso de Freud por Ginzburg é limitado, não há intenção de demonstrar em seu trabalho qualquer operacionalidade de conceitos psicanalíticos na pesquisa histórica, e reconhece suas restrições, especialmente no que tange às limitações da psicanálise ao desconsiderar aspectos da formação cultural de seus pacientes e assim incorrer em interpretações precoces que poderiam ter outras implicações, como veremos adiante no texto relativo ao homem dos lobos. Ginzburg destaca que Morelli influenciou profundamente Freud, elementos desta relação, segundo o historiador italiano, estão presentes em diversos momentos da elaboração conceitual psicanalítica.

Nesta trilha, se junta a Morelli e Freud, Sir Conan Doyle, três médicos de formação, que demonstram como o campo da medicina também analisa por meio de sabres indiciários, buscando ir além dos sintomas para compreender afecções patológicas e deduzir diagnósticos. O que remete diretamente à relação Freud-Morelli-Doyle pode ser circunscrita no que o psicanalista vienense definiu como *atenção flutuante*, ou seja, afinar sua audição para que seu inconsciente possa trabalhar a *livre associação* do paciente. Ambos remetem a regra fundamental da psicanálise. Quando o paciente se permite que tudo venha a sua cabeça o analista deve captar os sinais do inconsciente, manifestados em atos falhos, resistências e a transferência.

O contato com Morelli, portanto, está intrincado na fase pré-psicanalítica, pois se liga a um momento em que Freud caminha da neurologia em direção a sua criação original, ocupando “um lugar especial na história da psicanálise”, fato que está devidamente documentado, inclusive com livros de Morelli, pertencentes a Freud, conservados em sua biblioteca e atualmente preservados em Londres (GINZBURG, 1989 p. 148-9). Sob sua influência, Freud faz um exercício pessoal para se recordar da autoria de um afresco de Orvieto, cuja autoria foi removida de sua consciência temporariamente por um lapso de memória, que pouco a pouco retornou à luz por meio de associações que vai buscando até reencontrar o nome de Signorelli (FREUD, 1964 [1901]). Portanto,

o paradigma indiciário de Ginzburg, ao mesmo tempo que busca referendar seu método de análise micro-histórica também busca problematizar um capítulo da história da psicanálise, especificamente aspectos da técnica que estavam latentes em Freud cuja origem está ligada aos movimentos no campo epistemológico das ciências humanas no final do século XIX.

Em outro momento, Ginzburg tece uma crítica à Freud, recorrendo também a um capítulo da história da psicanálise, e busca indícios de elementos não considerados pelo psicanalista vienense, retratando o caso e questionando outros pormenores não considerados no momento da análise. Além disso, Ginzburg busca recorrer a estruturas culturais de longa duração, do mesmo modo que fizera em *Os andarilhos do bem* (1966) e *O queijo e os vermes* (1976). É neste tom que analisa o caso de Freud com um paciente russo, cuja identidade hoje é conhecida, Serguei Constantinovitch Pankeje, mas na época tornou-se conhecido pela alcunha de “homem dos lobos²⁸”, que também dá título à redação do caso clínico publicado em 1914, *História de uma neurose infantil: “O homem dos lobos”* (com acréscimos de Freud em 1918).

No texto *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*, Ginzburg se esforça para fazer uma análise aprofundada da parte central da descrição clínica de Freud, o medo de animais – especialmente lobos – cujo ponto de origem está ligado a um sonho infantil de Serguei. Com aproximadamente quatro anos de idade, às vésperas de Natal, o garoto despertou angustiado de um sonho no qual via uma matilha de lobos (6 ou sete) distribuídos na copa de uma árvore, que lhe encaravam incisivamente, sugerindo que poderiam devorá-lo, embora não se movimentassem. Em sua análise Freud interpreta a imagem como uma correlata simbólica de Sergei por ter presenciado uma relação sexual de seus pais, num momento em que se encontravam em posições semelhantes aos caninos de seu sonho. No entanto, Ginzburg critica Freud por não levar em consideração a cultura eslava presente na constituição individual de seu paciente, e que poderia auxiliar numa interpretação diversa daquela apresentada.

Em seu diagnóstico Freud identificou uma histeria de angústia, juntamente com uma intensa fobia de animais, que posteriormente se constituiu numa

²⁸ A primeira pessoa a chamar Sergei de “homem dos lobos” foi a psicanalista de origem estadunidense Ruth Mack-Brunswick, com quem passou a ser analisado a partir de 1928, quando foi tratado novamente por novas reincidências de suas patologias, e com acentuadas manifestações de delírios psicóticos.

neurose obsessiva, na medida em que o menino cresceu e novas experiências se acumularam em sua vida, dentre as quais destaca o ensino religioso ao qual foi submetido, e a figuras de autoridade que exerceram influência em sua personalidade, em especial um professor alemão por quem desenvolveu grande afeição (FREUD, 2019 [1914]). No entanto, aponta Ginzburg, o sonho do paciente também pode ter sido derivado das tradições folclóricas, e se baseia na descrição da convivência de Sergei com uma ama russa, *Nânia*, que é relatada como uma pessoa muito supersticiosa.

O micro-historiador vai mais longe nesta suposição. Menciona uma série de elementos da cultura popular russa que poderiam ter sido relatadas ao menino, inculcando-lhe ideias, que mesmo em estado de latência, poderiam cumprir significados e manifestações inconscientes, tais como o sonho com os lobos. A ama de Sergei teria lhe introduzido diversos elementos culturais: Além de ficar sabendo que poderia ter extraordinários poderes por ter nascido com a coifa, “dela terá ouvido os primeiros contos, antes de ouvir os de Grimm em tradução russa, ligados a governanta inglesa. Também o conto do alfaiate e dos lobos, evocado durante a análise do paciente, que lhe contara o avô” (GINZBURG, 1989). Ginzburg acredita que tais elementos poderiam lhe conferir certas particularidades em sua constituição psíquica. Além disso, questiona a validade da discussão e preponderância que a discussão sobre a cena primária representa, tanto no caso de Sergei quanto para a teoria psicanalítica.

Sendo assim, o micro-historiador italiano se guia por seu *paradigma indiciário*, envereda pelos não ditos de Freud, mas que aparecem como possibilidades no plano de fundo da história do paciente. A associação com seus *Andarilhos do bem*²⁹ é evidente, o paciente era russo, nascido com a pelica, na noite de Natal. Estas características evidenciam paralelos entre as tradições populares mencionadas acima e o sonho descrito na sessão psicanalítica. São contatos com antigas tradições folclóricas russas, nas quais, assim como os *andarilhos do bem*, o sujeito nascido com pelica poderá se transformar num lobo,

²⁹ Faz referência a sua obra *Os Andarilhos do bem*, de 1966, no qual descreve uma cultura popular europeia muito antiga que difundia a crença de que em algumas noites durante o ano, todo aquele nascido com pelica (membrana amniótica que pode sair envolvendo o corpo de certos recém-nascidos), tem o poder e o dever de sair de seu corpo durante a noite, e combater feiticeiros a fim de defender as colheitas de seu povoado. CF. GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem – feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ou lobisomem. Freud deixou tais detalhes lhe escaparem (GINZBURG, 1989). Sergei sabia da sorte que aqueles nascidos como ele tradicionalmente recebiam pela tradição local, mas perdeu o encantamento quando teve que considerar os efeitos da gonorreia a qual foi infectado, pois tal enfermidade o tornara impuro.

Outro ponto que a análise de Ginzburg busca problematizar é a revisão do texto de 1914 realizada por Freud em 1918, quando inseriu uma série de notas explicativas e descreveu a observação do coito entre os pais como “cena primária”, retomando uma antiga polêmica da teoria freudiana a respeito da teoria da sedução³⁰. A explicação do termo inserido em 1918 é derivada de uma aplicação psicanalítica aos indícios encontrados por Ginzburg ao revirar a biografia de Freud: “a existência de um núcleo traumático foi percebida claramente por Freud em 1897 – *na teoria da sedução* –, e sentida obscuramente em 1914” (GINZBURG, 1989 p. 214). Dito de outro modo, Freud explica que a visão de Sergei do coito de seus pais, com apenas um ano e meio, pode não ter acontecido, mas sim fantasiada retroativamente, quando aprende minimamente sobre a sexualidade, sobre as dúvidas sobre acerca da relação entre seus pais, e a possível observação de animais em cruzamento. Portanto, a lembrança é deslocada do presente em relação ao passado.

Neste ponto, Ginzburg acredita que este movimento de construção de uma lembrança não o conecta Sergei com elementos filogenéticos da espécie humana, como sugere Freud, mas sim na tradição das crenças populares russas nas quais pessoas podem se transformar em lobisomens, remontando a tradições muito antigas, cujo resquício poderia ser encontrado em certos sujeitos naquele momento, como no caso de Nânia, a ama de Sergei. Esta hipótese leva o micro-historiador a afirmar que é a cultura preenche lacunas nos traumas vivenciados, lhe dá formas e permite uma criação simbólica, no caso atuando especificamente no plano psíquico individual do paciente submetido à análise.

Enfim, Ginzburg é um autor que traz a psicanálise tanto para o uso teórico, como descrevi sobre sua elaboração micro-histórica, como também tematiza

³⁰ Inicialmente, Freud descrevia o surgimento das neuroses como um processo atrelado a sedução de uma criança realizada por um adulto, numa idade na qual ela era incapaz de compreender as reais intensões a qual foi submetida. Mais tarde, quando adquire conhecimentos sobre a sexualidade, alguma vivência se reconecta com a lembrança da sedução, desencadeando a neurose. No entanto, Freud recusa esta interpretação, e no lugar da sedução descreve que, na verdade, a criança tivera fantasias de cunho sexual com a figura paterna, ou materna, o que aparece na clássica carta de Freud a Fliess em 1897.

alguns escritos de Freud como objeto de pesquisa. Sua inventividade deve ser reconhecida uma vez que se tornou um autor muito influente entre os historiadores em diferentes contextos. Desse modo, elucidar seu contato com a psicanálise permite enriquecer minha discussão interdisciplinar, na medida em que encontro muitos elementos provocativos, pois Ginzburg também critica muitos postulados de Freud nos trabalhos que citei³¹.

1.10. A psico-história anglo-saxônica

A psico-história é a *dimensão* historiográfica surgida no século XX que mais se aprofunda no estudo dos aspectos psicológicos dos sujeitos do passado por meio de um diálogo intenso com a psicanálise, seu desenvolvimento ocorre com maior intensidade nos países anglo-saxônicos a partir da década de 1950, em especial nos Estados Unidos, onde encontra-se, inclusive, seu principal representante institucional, a International Psychohistorical Association³² (IPA).

Jose Pinillos, por sua vez, divide a psico-história em momentos distintos, antecipando o marco formal e institucional encontrado no contexto estadunidense, segundo ele questões históricas similares aos debates levantados pelos psico-historiadores já estavam presentes na própria constituição das chamadas ciências humanas, que levaram a um aprofundamento também das dimensões psicológicas ao buscar a compreensão do homem. Este percurso segundo o autor ganha novos contornos depois de Freud, ao colocar em destaque a dinâmica do inconsciente e sua influência sob o indivíduo. Desse modo, a partir da psicanálise e seus desdobramentos os contornos da psico-história orbitam na teoria psicanalítica e dela tiram ferramentas de leitura e interpretação (PINILLOS, 1987).

Nesta perspectiva, *avant a lettre*, autores como Jules Michelet podem ser destacados como intelectuais preocupados em observar os fatos para além das

³¹ Inclusive, sobre este caso em especial, a publicação da biografia de Freud elaborada recentemente por Elizabeth Roudinesco acrescenta alguns pontos sobre o homem dos lobos. Ao problematizar as interpretações de Freud, ela questiona sua validade enquanto dado de realidade, a cena primária poderia nunca ter sido observada de fato pelo paciente, mas ao afirmar isso, Freud fornece uma narrativa que explica e dá sentido à angústia de Sergei, de modo que lhe permite assimilar e elaborar este capítulo de sua vida. Assim, a autora sugere que a psicanálise não só lida com a verdade, mas cria mecanismos de complementação e representação que tem efeitos de verdade e, consequentemente, respostas terapêuticas positivas (ROUDINESCO, 2016).

³² CF. <https://www.psychohistory.us/>

evidências, ressaltando o pertencimento do “espírito humano” como uma instância vinculada a um tempo histórico, que particulariza o sujeito. Assim, temos um nível coletivo, no qual cada indivíduo partilha semelhanças históricas e culturais com seus semelhantes, e individualmente, que torna cada indivíduo também um universo singular. Esta afirmação está ligada a discussões ocorridas especialmente na Alemanha, dentro da perspectiva hermenêutica, como Johann Gustav Droysen e Wilhelm Dilthey, que resultam em importantes considerações epistemológicas para as ciências humanas, em especial para a história e para a teoria da história.

Considera-se a partir destes autores a necessidade de explicar o mundo para além das hipóteses e das causas, considerando-se também a dimensão intelectual de um mundo interior. No primeiro dos casos o homem trabalha com o mundo exterior, a natureza, que acumula experiências e explica o mundo, no segundo, corresponde a uma natureza psicológica, compreensiva, da chamada experiência vital. Estas duas vertentes distanciam as ciências do homem das ciências da natureza.

Nesse sentido, a história, incluída aqui como uma das ciências do espírito, não pode ser reduzida ao modelo das ciências naturais, ainda que tenha havido um esforço no sentido de aproximá-la de outros saberes e de copiar seus métodos para afirmar-se como um campo de saber no século XIX. A psico-história vem justamente no sentido de dar corpo ao aspecto de entrelaçamento subjetivo que permeia a eleição temática e condução de uma pesquisa historiográfica.

Ainda de acordo com Pinillos, a psico-história começa a tomar forma com a própria obra freudiana, que defende visão de uma história humana como um processo pelo qual aprendemos a reprimir os instintos primitivos e a canalizar as pulsões psíquicas, elaborando o que se convencionou chamar de cultura ou civilização. Este pressuposto será a essência de *Totem e tabu* (1912), mas já aparece aplicado no trabalho sobre Leonardo da Vinci, em 1910, “A lembrança infantil de Leonardo da Vinci”, partindo de uma problemática tanto histórica quanto psicológica, Freud se perguntava por que o mestre renascentista se dispersava tanto em seus trabalhos, a ponto de ter grandes dificuldades para concluí-los, tanto que em sua grande maioria ficaram inacabados.

A hermenêutica freudiana se baseia na tentativa de analisar as tentativas humanas de confinar a dinâmica pulsional, tanto no âmbito coletivo por meio da cultura e das regras sociais, quanto individualmente por meio de instâncias psíquicas específicas. No entanto, estes processos nunca alcançam totalmente seu intento, e as ambivalências são sempre revisitadas pelo famoso movimento de retorno do recaiado. As pulsões primitivas, segundo Freud, nunca são definitivamente abandonadas, mas sim substituídas por outras, mediado sempre por fatores socioculturais. Nesse contexto, a psico-história: “representaría un intento de ensanchar metodológicamente la psicología científica, con el fin de dar cabida en ella a un modelo de comportamiento humano no amputado de su condición histórica” (PINILLOS, 1987 p.247).

Em 1923, Pierce L. Clark, publica um artigo sobre o narcisismo de Alexandre, o Grande, seguido de um artigo sobre o monoteísmo de Akhenaton, antecipando alguns elementos do trabalho de Freud sobre Moisés, com o título de “Psychohistorical Study of Akhenaton, First Idealist And Originator of a Monotheistic Religion” de 1927. Em resumo, a psico-história está atrelada neste momento a descrição analítica sobre a vida de “grandes homens”, posteriormente, os já citados teóricos do Freud-marxismo de Frankfurt, se distanciam, levando a psicanálise para uma leitura hermenêutica de aspectos sociais e culturais, assim como o mundo anglo-saxão a utilizará também com originalidade em relação a tais influências (PINILLOS, 1987).

É neste percurso no qual desenvolvem seus trabalhos autores como Erich Fromm e Norbert Elias, por exemplo, conforme explorei inicialmente. Noutro momento, a partir da década de 1950, historiadores assumem o universo psicológico como um campo de estudos fundamental para a compreensão do passado, como por exemplo, o historiador estadunidense Harvard W. L. Langer, que inspirado no trabalho de Adorno, incorpora a psicanálise em seus trabalhos. Em 1957 Langer faz um discurso no qual sistematiza sua posição:

Existen posibilidades, no utilizadas, de enriquecer y ampliar nuestra comprensión del pasado. Y tampoco me negarán que es responsabilidad nuestra el no dejar inexplorada ninguna de esas posibilidades. Por todo ello, no dudo que la psicología moderna, el psicoanálisis, desempeñará un cometido cada vez más importante en la interpretación de los fenómenos históricos... tanto más, cuanto más se vaya reconociendo el alcance de los

factores irracionales en la historia de la humanidad (PINILLOS, 1987 p. 251).

O discurso de Langer mobilizou diversas reações entre os historiadores, alguns insistindo para o exagero que tal tendência poderia acarretar para sua profissão, ou alertavam para os riscos de empregar uma “pseudociência” como instrumental teórico poderia romper com o rigor do método e com a objetividade da interpretação das fontes do passado. Ainda que algumas destas críticas se mostrassem contundentes, em sua grande maioria, eram de reproduções de um senso comum a respeito da obra freudiana, sem um conhecimento aprofundado em seus principais argumentos, de modo que a psico-história pode dar seguimento, ainda que eclipsada.

Trabalhos como *A psycho-historical Theory of Culture Based on Relations Betwéen Arts* (1957), de Walter Abell, descrevendo a obra de arte como resultado de um “sonho coletivo” ou, *Young man Luther*, de Erik Erikson, que parte de conceitos freudianos para elaborar um perfil de Martinho Lutero, realizando assim uma psicobiografia do fundador da Reforma Protestante, demonstram que a psico-história havia feito seguidores. Erikson inclusive se esforça para sistematizar alguns postos-chaves desta *abordagem*, de modo a refletir sobre quais tipos de fontes podem melhor ser elencadas para dar visibilidade ao inconsciente e a irracionalidade no passado.

Surge na década de 1970 uma série de produções institucionalizadas no contexto estadunidense que propõem a dar visibilidade à psico-história. Por exemplo, o trabalho coletivo, *Varieties of Psychohistory* de 1975, e a revista *The Journal of Psychohistory*, em 1976, até ganhar espaço entre os cursos universitários. Em 1977 é fundada a International Psychohistorical Association³³ (IPA) – sigla homônima à associação internacional de psicanálise criada por Freud no início do século XX. Esta última corresponde a um grande esforço interdisciplinar, que mantém desde sua fundação, encontros anuais para discutir os caminhos e atualizações de seus pesquisadores, que resumidamente buscam: “Aplicar a psicanálise e conhecimentos relacionados para compreender o papel das motivações inconscientes na história, as origens dessas motivações na história da infância, os efeitos psicológicos de genocídios, escravidão,

³³ CF. <https://www.psychohistory.us/>

guerras e outros traumas em grande escala em indivíduos e grupos (em tradução livre)³⁴”

Os trabalhos de psico-história se aproximam de outras modalidades historiográficas na medida em que tematizam imaginação coletiva, mentalidades, imaginário e a consciência, mas tem como diferencial a aproximação com a psicanálise levando também em consideração os desdobramentos teóricos surgidos após a morte de Freud. Em sua os psico-historiadores deslocam sua observação para as motivações pessoais, sobrepondo e dialogando com aspectos coletivos e individuais, resgatando a velha dissolução que o próprio Freud alertava em suas obras (FREUD, 2015 [1921]).

Por outro lado, o historiador estadunidense, Thomas Kohut (1986) faz uma avaliação crítica sobre o método psico-histórico. Partindo do trabalho já mencionado de Erik Erikson, Kohut observa como a psico-história utiliza uma abordagem que não começa com seu objeto histórico, mas com um modelo teórico contemporâneo que fornece compreensão histórica e explicação. Tal método considera que existem algumas experiências fundamentais que são indispensáveis para o historiador e seu esforço para compreender o passado. Até aí nada novo, pois tais regularidades sempre foram alvo da história, seja qual for a tendência teórica. No entanto, a psicanálise dá um passo adiante neste aspecto, ao aplicar os padrões do presente no passado sem atentar-se a levar em conta as diferenças e circunstâncias históricas.

Por exemplo, em *Young Luther*, Erikson constrói a tese segundo a qual Lutero passou por uma crise de identidade, e a reencontrou ao adotar um tipo pessoal de sentido religioso, cujo dilema se inicia em sua adolescência e o persegue na vida adulta, demonstrando reminiscências de sua infância. Erikson defende ainda que a evidência não é suficiente para realizar interpretações sobre Lutero, mas um treinamento clínico permite, e de fato força, a reconhecer as principais tendências até onde os fatos não puderam ser totalmente avaliados. Para ter certeza de seu trabalho, nem todo *Young Luther* é baseado no método

³⁴ “Bring psychoanalysis and related knowledge to bear in understanding the role of unconscious motivations in history, the sources of these motivations in the history of childrearing, and the psychological effects of genocides, slavery, wars, and other large scale traumas on individuals and groups”. In: What is psychohistory? Disponível em: <https://psychohistory.us/what-is-psychohistory/> acessado em 25 de junho de 2023.

psico-histórico, mas também há uma investigação sobre as dimensões teológicas da reforma proposta por Lutero (KOHUT, 1986).

Pressupõe-se que tais instâncias como “adolescência” ou “crise de identidade” possuem também uma universalidade perceptível em outras épocas históricas, de modo que o livro de Erikson aparece também como um veículo para o autor expor, e popularizar, sua visão sobre identidade, crise de identidade que acompanham a transição da adolescência para a vida adulta. Portanto, Kohut enfatiza que a principal crítica à psico-história está na sua dependência de um método impositivo, que demanda um refinamento intelectual por parte daquele historiador que intencione enveredar pela psico-história, evitando assim a elaboração do que chamou de “patografia”.

A *patografia* é uma forma de assassinar o caráter, como uma figura histórica pública é descreditada ao expor sua fraqueza psicológica ou sintomatologia. Ou melhor, a *patografia* é uma forma de fofoca histórica e sem sentido que revela detalhes da intimidade de figuras públicas. Do ponto de vista histórico, informações sobre a vida pessoal de uma pessoa histórica pode apenas ser apresentada se a informação direta ou indiretamente for relevante para a compreensão do seu significado histórico. O resultado desta psico-história selvagem é o risco de realizar interpretações reducionistas e simplistas (KOHUT, 1986 p. 341).

Peter Gay corrobora com Kohut ao criticar a psico-história, da qual recebeu uma grande influência. Sua obra, *Freud para historiadores* (1989), foi redigida como uma forma de formalizar suas posturas em relação à *abordagem* psico-histórica, e marcar sua própria forma de aplicar a psicanálise na pesquisa historiográfica. Segundo Gay, o desenvolvimento da psico-história acarretou numa teoria da história “ingênua, reducionista e monocausal”, cuja produção se resume a “reduções injustificadas e a especulações extravagantes”, acrescentando ainda que seus praticantes, “se limitam à psicobiografia ou a irrupções de psicoses coletivas” (GAY, 1989A p.14). Outros autores foram menos lisonjeiros, como Laurence Stone que a qualificou como “calamidade pública” ou David Stannard, ao apontar que a psico-histórica era uma moda datada cujo fim era inevitável (GAY, 1989A). Expostas tais críticas é preciso observar mais de perto o aspecto teórico no qual se baseia a psico-história, a fim de minimizar o risco de referendar críticas que podem não ter, de fato, tanta validade.

O método psico-histórico pode ser dividido por duas características principais. O primeiro deles é a predominância da teoria psicanalítica como fundamento elementar, é a partir dela que os eventos históricos são explicados. Em segundo lugar, e derivado do primeiro aspecto, o diálogo entre passado e presente que se faz mais evidente em suas análises. O tempo do inconsciente deixa suas marcas no presente, e a medida em que aspectos não *elaborados* podem ser inscritos na ordem da compulsão à repetição, observa-se na história, também estes movimentos inconscientes de retorno do recalcado.

Portanto, também neste ponto deve atuar o psico-historiador. Os registros históricos fornecem transferências para o pesquisador estudar, aqueles que o sujeito histórico estabeleceu para pessoas importantes em sua vida. E ainda mais importante, a expressão do curso individual de sua vida expressa sua essência psicológica – suas necessidades e desejos, seus objetivos e ideais, amores e ódios, seus conflitos, suas transferências básicas (que em sentido original significam transferências através das barreiras de repressão), seu padrão básico (KOHUT, 1986 p. 342).

O acesso a tais impressões inconscientes não é realizado, necessariamente, por um estudo a partir de fontes que remetem a infância do indivíduo estudado, mas pelo conjunto de experiências que as fontes permitem acessar. Em todo caso, as experiências formativas do sujeito se manifestam, as repetições e comportamentos falam mais de nossa essência do que os fatos brutos da vida infantil. O exemplo de Erikson já mencionado poderia ter sido mais:

Historically significant and psychologically revealing portrait of Martin Luther had he focused less on the few facts that are known or suspected about Luther's early life and more on Luther's adult theological writings, writings that express directly and tellingly Luther's religious and personal concerns, the theological and psychological essence of his personality³⁵ (KOHUT, 1986 p. 342).

Na sequência também é importante destacar o foco hermenêutico da psicanálise que tem uma relevância para o historiador. Nenhum analista expõe para seus pacientes suas interpretações a partir de uma linguagem teórica, o

³⁵ É historicamente significativo e psicologicamente mais revelador se o retrato de Lutero tivesse sido construído preocupando-se menos com sua vida infantil, e mais em materiais que expressam diretamente suas preocupações pessoais e religiosas, que contem em essência sua personalidade (Tradução livre).

que faz um bom analista é atribuir sentido às expressões de seu paciente a partir de sua própria experiência como sujeito, é a partir de sua linguagem que avança em profundidade no conhecimento de si e de seus percursos e comportamentos.

O entendimento do objeto histórico, assim como o paciente no divã, é realizado por empatia com a experiência do outro. Termo este que perde seu sentido de exegese para o senso comum, ao translada-o e minimizá-lo como simpatia ou compaixão. A empatia dentro da psico-história aparece como um recurso heurístico, ao lado da transferência e da contratransferência pode ser definida, nas palavras de Kohut, como uma habilidade para aprofundamento na experiência subjetiva do outro, colocando-se em seu lugar, contextualizando-se em seu tempo, espaço, circunstâncias, aspectos individuais, que dão sentido ao que pensou agiu naquele momento. A interpretação nesta perspectiva, tanto em história quanto na psicanálise, depende da habilidade de validar sua explicação. No caso da psicanálise, ela deve ser aceita, *elaborada*, e na história, pelo uso narrativo de seu texto.

Em resumo, estas considerações metodológicas apresentam aspectos que singularizam a abordagem *psico-histórica*, o que está longe de minimizar as controvérsias as quais está exposta, e mostra a necessidade da reflexão teórica e domínio da psicanálise do qual a psico-história demanda. A dimensão psicológica do passado é de extrema relevância, e desbravá-la dentro dos termos corretos de uma precisão teórica pode auxiliar na compreensão de aspectos que atuam sempre fora do nosso controle consciente, e que estão envolvidos em todo fato ou material histórico.

Finalizando este tópico, retornamos a Pinillos, que nos dá um panorama da psico-história no da década de 1980. Em resumo destaca alguns postulados essenciais que poderiam ser encontrados nos trabalhos. Em primeiro lugar, a psico-história visa superar o naturalismo psicológico, inscrevendo o psiquismo dentro do tempo histórico, considerando-o equiparável ao conceito de tempo de Dilthey, ou de Mentalidade, ou ainda de consciência histórica. Em segundo lugar, o protagonismo da psicanálise nos métodos de interpretação e análise histórica, uma hermenêutica freudiana que tem suas características essenciais. Está centrada no Complexo de Édipo e na constatação de que as pulsões são mediadas pela cultura, esta modulação cultural das instâncias psíquicas são elementos centrais para a análise psico-histórica, chamando atenção para

fatores sociais, tais como, o medo, a liberdade, a personalidade, o autoritarismo, entre outros.

Na sequência destaca manifestações grupais, como a dinâmica familiar, e as fantasias coletivas, que também direcionam para a perspectiva que aproxima a psico-história das mentalidades, como as sensibilidades coletivas que historicizam a consciência humana, que por sua vez também pode ser tomada como objeto de estudo, o grau de autoconsciência, ou a percepção de si num dado tempo histórico, que pode ser trabalhada com psicobiografias, por exemplo. Por último, todos os exemplos destacados por Pinillos podem ser cruzados com problemáticas como patriotismo, personalidades públicas, religião, superstição e preconceitos (PINILLOS, 1987).

Atualmente a Internacional Psychohistorical Association (IPA) descreve três frentes de atuação da psico-história, a história da infância, as psicobiografias e a psicologia de grupo. Após apresentada a principal *dimensão* historiográfica que parte da psicanálise, é importante ressaltar que dentro deste contexto, o já citado historiador Peter Gay se distancia desta perspectiva, e toma um caminho próprio e original, ou melhor, uma “história informada pela psicanálise”. Este será o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

Peter Gay um historiador psicanalista

2.1. Introdução

Procurarei desenvolver este capítulo a partir de três eixos centrais. Apresentar o historiador Peter Gay, descrevendo sua biografia, demonstrando que existiu em sua trajetória uma série de influências que o levaram a trazer a psicanálise freudiana para a pesquisa histórica, tomada então como uma disciplina auxiliar. Em segundo lugar, posicionar sua produção historiográfica, após apresentar o contexto estadunidense entre as décadas de 1950 e 1980, que resultou no seu estudo sobre a Era Vitoriana. Por último, discutir como ele articula uma teoria da história psicanalítica original. Gay defende a articulação entre estilo e método na escrita da história, ambos são indissociáveis, a apresentação do texto e sua capacidade de comunicação são tão necessárias quanto a habilidade de analisar fontes de modo qualitativo, e é justamente em defesa desta dupla articulação que ele marca sua presença no debate teórico. A psicanálise marca seu estilo de escrita e sua forma de interpretar o passado.

Conforme apresentei anteriormente no primeiro capítulo, uma teoria é uma visão de mundo que organiza um certo saber e o modo como se articula com a realidade (BARROS, 2010). Desse modo, a partir de Peter Gay temos dois caminhos abertos pela introdução da psicanálise freudiana como disciplina auxiliar da história. O primeiro deles está presente no modo pelo qual Gay lidou teoricamente com problemas ligados ao conhecimento histórico, como causas, noção de verdade, subjetividades, a experiência humana no tempo, em suma conceitos que podem ser diretamente articulados a objetos e fontes. Tal discussão permite orientar uma interpretação de discursos e fenômenos conduzidos pela psicanálise. Esta temática aparecerá neste capítulo, por meio da leitura e da forma pela qual eu concebi a *apropriação* que este autor realizou da psicanálise freudiana, por meio das reflexões que veio publicadas, que engendraram narrativas originais sobre o passado.

O segundo caminho é encontrado no conjunto das obras de Freud, de onde deriva uma concepção de filosofia da história e de natureza humana incorporadas por Gay, que aparecem de modo sutil quando observamos, por

exemplo, o conjunto da coleção *Experiência burguesa*. Portanto, uma reflexão sobre um tipo específico de história, concebida como um processo guiado por etapas do desenvolvimento psíquico, que organizam a realidade de diferentes modos com o passar do tempo, o que tornou o século XIX, o século das neuroses, por exemplo. Este ponto será explorado no próximo capítulo. Portanto temos um caminho que leva a uma psicologia da experiência histórica, e outra uma metanarrativa composta por uma filosofia da história psicanalítica.

Ao elaborar o percurso de escrita deste capítulo me deparei com algumas questões. A que Freud e a qual psicanálise ele se refere ao se *apropriar* suas ferramentas e incorporá-las na pesquisa histórica? Como estruturou seu programa teórico? Que tipos de fontes permitem este diálogo metodológico? Responde-las é dar luz ao que o autor chamou de “história social das ideias guiada por conceitos psicanalíticos” e, ao mesmo tempo, compreender sua afirmação de que a história é tanto ciência quanto arte (GAY, 1985). Minha tese aqui percorre os dois caminhos que o debate entre história e psicanálise supracitados se desdobram nas obras de Peter Gay. Ele incorpora a psicanálise acima de tudo como uma visão de mundo que contém uma filosofia da história embasada, e uma concepção específica de natureza humana, que funcionam como uma metanarrativa na qual os eventos históricos se inscrevem³⁶. A ação individual pode ser interpretada segundo leis gerais, e a articulação entre singular e coletivo são diferenças de escalas, que visam demonstrar o quanto a presença de fatores inconscientes e irracionais estão presentes no comportamento humano.

Em suma, quero dar seguimento ao capítulo orientado pela divisão que apresentei inicialmente, com isso, no próximo tópico apresento o autor e sua trajetória individual.

2.2. Biografia

Peter Gay nasceu em Berlim em 20 de junho de 1923, seu nome de nascimento, Peter Joachim Fröhlich, evidenciava sua ascendência judaica, motivo pelo qual sua família se viu obrigada a fugir da perseguição nazista em

³⁶ Relembrando que esta será a principal diferença entre Peter Gay e os psico-historiadores.

1939, diante da situação insustentável para os judeus que se estabeleceu por toda Europa naquele período. Dois anos depois da partida chegam aos Estados Unidos, passando primeiro por Cuba³⁷, executando o plano elaborado em conjunto com um tio cuja esposa era estadunidense. Este novo país se tornou seu lar permanente, os Fröhlich alteraram seu sobrenome e obtiveram cidadania estadunidense definitiva em 1947, Peter Joachim tornou-se então Peter Jack Gay³⁸. Embora tenha frequentado o Goethe-Gymnasium, na Alemanha, sua formação acadêmica ocorreu totalmente nos Estados Unidos, inicialmente na Universidade de Denver onde se graduou em 1946, defendeu seu doutoramento em história pela Universidade de Columbia em 1947, onde também se tornou professor de ciências políticas e história, permanecendo no cargo até o ano de 1969, quando finalmente foi para Yale, atuando concomitantemente como docente e historiador até sua aposentadoria em 1993.

Embora sua vida na Europa tenha sido interrompida, sabe-se que sua família tinha uma longa trajetória transgeracional dedicada ao comércio, seu pai, especificamente, vendia porcelanas e vidros, e era um apoiador declarado do Partido Social-Democrata Alemão, visto como uma alternativa mais progressista diante do crescente antissemitismo na Alemanha. Filho único, Gay foi diversas vezes vítima da alarmante hostilidade que os judeus sofreram com a ascensão nazista em 1933, chegando a ser expulso do colégio que frequentou nos anos iniciais de sua educação formal. Após este evento, Gay ficou afastado da vida escolar, indo trabalhar como assistente em num consultório de um dentista também judeu. Este período foi descrito em suas memórias autobiográficas, *My German Question: Growing up in Nazi Berlin* (1998). Sua migração, embora

³⁷ Neste interim Gay procurou aprender inglês conversando com comerciantes estadunidenses em Havana e lendo jornais que circulavam pela cidade.

³⁸ A alteração do sobrenome Fröhlich, segundo afirmou Peter Gay em algumas entrevistas, ocorreu em decorrência da dificuldade que os estadunidenses apresentavam para pronunciar corretamente seu nome alemão. É muito possível que tal decisão também tenha relação com a péssima associação com a Alemanha Nazista e sua política devastadora contra os judeus na Europa. Sua família então decidiu traduzir a palavra para o inglês, cujos equivalentes próximos eram happy, jolly ou gay. Este último foi a opção adotada. Anos mais tarde Gay afirmou que também passou a receber e-mails e cartas com tons homofóbicos, na época em que o movimento de liberação homossexual cresceu nos EUA, pois muitos acreditavam, equivocadamente, que seu nome era uma afirmação política sobre sua identidade de gênero. CF. "Peter Gay obituary, Historian who focused on the Enlightenment and the world of ideas in modern Europe" Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/may/24/peter-gay> acessado em agosto de 2022.

tenha sido bem-sucedida, foi difícil e traumática³⁹, cujas marcas se lembraria pelo resto de sua vida, mas que, ao mesmo tempo, pode ser elaborada em diversos trabalhos sobre seu país de origem e os percursos históricos do velho mundo.

Seu reconhecimento como historiador pode ser atestado pela sua extensa produção, e por diversos prêmios que recebeu por suas obras, como National Book Award de 1967 por sua obra, *O Iluminismo, uma interpretação* (1966), a Medalha de Ouro da Academia Americana de Artes e Letras, em 1996, além da premiação de instituições europeias. Além disso, após sua aposentadoria de Yale, Gay se tornou fundador e diretor do New York Public Library's Center for Scholars and Writers⁴⁰, cargo que ocupou até 2003 (WILLIAMSON, 2016).

Como professor, costumava manter uma relação de proximidade e amizade com seus alunos. Muitas vezes os recebia em sua casa para conversas informais e livres. Seus orientandos de pesquisa também eram deixados para trabalhar livremente, pois prezava pela autonomia e pelo gesto espontâneo de cada um, o que não significa, por outro lado, que sua leitura atenta não distribuisse comentários longos e detalhados sobre sua percepção pessoal das trilhas escolhidas pelos alunos.

Gay faleceu em 2015 de causas naturais aos 91 anos de idade. Antes de lançar um olhar mais atento a sua produção quero contextualizar a escrita da história nos Estados Unidos após 1950.

2.3. A historiografia estadunidense pós-1950

O historiador Kerwin Klein (2011) descreve o percurso historiográfico dos Estados Unidos na segunda metade do século XX, especificamente entre as décadas de 1940 e 1960 – período em que Peter Gay realizou sua formação acadêmica – chamando a atenção para dois grandes movimentos que influenciaram muito a escrita da história e suas discussões teóricas, que se

³⁹ Gay comenta classifica este período como uma grande catástrofe: “catastrophe that deepened my rancor against Germany and Germans, already powerful enough, into an indiscriminate hatred that survived long stretches of time quite unabated”. Em tradução livre: “Uma catástrofe que instalou um profundo rancor contra a Alemanha e contra os alemães, um ódio profundamente poderoso, indiscriminado que sobreviveu um longo período de tempo de forma inabalável” (WILLIAMSON, 2016 p.5).

⁴⁰ Tradução livre: “Centro para Acadêmicos da Biblioteca Pública de Nova York e Escritoras”.

somam a influência marcante do mundo bipolarizado pela Guerra Fria e do temor diante da possibilidade de um conflito com armamentos nucleares.

O primeiro deles foi o processo de formalização do campo, que exigiu uma série de debates para angariar um status científico para a história, ou seja, o que faziam os historiadores e para quê⁴¹? Do outro lado, os processos de descolonização africana e asiática colocaram em primeiro plano o aspecto cultural – devemos lembrar também como os movimentos culturais de contestação hegemônica do “sonho americano” proliferaram nesse período, o movimento negro, feminista e a contracultura, por exemplo, surgiam e aos poucos e ganharam cada vez mais destaque no contexto mundial, influenciando movimentos concomitantes em diversos países (KLEIN, 2011).

Este conjunto de movimentos permitiu que a tradição historiográfica que predominava até então – e que mantinha concepções absolutas sobre objetividade e imparcialidade – pudesse ser alterada. Foi neste momento que alguns historiadores, especialmente ligados à esquerda trouxeram diversos questionamentos, dentre os quais podemos destacar a presença da subjetividade vinculada à pesquisa e à escrita.

Consonante com este percurso podemos citar a presença do questionamento sobre a cientificidade da história, a história vista como arte, como discurso, e toda reflexão derivada destas afirmações. Por exemplo, o debate iniciado com Hayden White, com seu clássico *The burden of history* (1966), no qual reconhece e descreve o esforço realizado para definir o conhecimento histórico, a partir da observação de que sua escrita é arte e ciência ao mesmo tempo, em que cria uma retórica que não responde a essa relação, também a destituindo das interferências do tempo presente no trabalho do historiador. Segundo ele, esta premissa serviu bem no fim do século XIX e início do século XX, mas demandava neste momento um novo posicionamento diante do fazer do historiador. Logo em seguida, White lança outro livro, que se tornou

⁴¹ Inclusive, Klein recupera uma discussão sobre os usos dos termos historiografia e teoria da história no ambiente acadêmico estadunidense. O primeiro termo caiu em desuso dada a forma pela qual era compreendido, que teve como consequência um esvaziamento da palavra e dos cursos de historiografia que eram oferecidos nas universidades. Já o termo filosofia da história aparecia relacionado ao contexto político, no qual o discurso teleológico encarava a luta entre capitalismo e socialismo como a própria luta de liberdade que faz parte do discurso estadunidense do período, e dava legitimidade ao trabalho do historiador. Aos poucos este termo foi substituído pela expressão Teoria da História, como descrevo no texto.

sua obra mais conhecida, *Meta-história – a imaginação histórica do século XIX* (1973), que investiga justamente a presença da narrativa como forma essencial de apresentação dos resultados das pesquisas encabeçadas por historiadores, a linguagem e a retórica se tornam objetos de reflexão, e como as estratégias de construção de um texto fazem parte tanto do estilo quanto da própria constituição do saber historiográfico.

Com isso alcanço os desdobramentos da chamada “virada linguística” que se tornou intensa e presente nos centros acadêmicos estadunidenses nos anos 1970 e 1980. Basicamente se refere a um conjunto de debates que colocou o estudo sobre a linguagem no centro das discussões e trouxe como consequência uma crítica sobre a real possibilidade de alcançar alguma verdade científica nas ciências humanas. No que tange à história o debate se intensificou e tomou novas formas, o termo *filosofia da história* foi substituído pelo uso do termo “teoria da história”, apontando justamente para o fato de que o primeiro termo remetia demais às metanarrativas que agora eram duramente questionadas, o tempo teleológico e linear se distanciava da perspectiva histórica na medida em que se focalizavam as realidades singulares e às múltiplas discursividades. O termo “teoria”, por sua vez, sugeria uma abordagem problematizadora voltada aos métodos e técnicas de escrita sobre o passado.

Para Klein esta discussão vai se concentrar especificamente no tema da cultura, aproveitando-se da grande tradição ligada a antropologia que já problematizava a questão cultural como um fenômeno de linguagem. Com a conjugação entre “cultura” e “linguagem”, deram-se, assim, as possibilidades semânticas para a emergência da antropologia geertziana⁴² no âmbito historiográfico. Crescem os trabalhos ligados a estes temas, associados aos múltiplos atores citados anteriormente que buscavam visibilidade (KLEIN, 2011).

Com isso Klein tira o protagonismo da influência europeia no desenvolvimento das ciências humanas – e da história em especial – e coloca o protagonismo estadunidense descrevendo que este panorama já tinha um caminho percorrido por seus acadêmicos, que tomaram nova forma e intensidade no final da década de 1960 e se ampliaram nas décadas seguintes.

⁴² Em referência a Clifford James Geertz (1926 – 2006), antropólogo estadunidense, conhecido por sua antropologia interpretativa sobre a experiência etnográfica, redesenhando o conceito de cultura. CF. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

A antropologia estadunidense já caminhava por estas trilhas, o que a história fez foi se aliar a ela para dar um passo adiante, ampliando cada vez mais a busca pelo indivíduo, e deixando de lado as grandes narrativas que deveriam explicar para onde ia a humanidade. Por outro lado, esta perspectiva entra em consonância com a história social praticada neste mesmo período.

Segundo Klein, a virada linguística vem de encontro com uma reconfiguração do hegelianismo. Enquanto sua filosofia destinava os povos para a formação do espírito do Estado, a história social via nesta perspectiva as formas que tomaram as colonizações forçadas – e que agora eram questionadas com intensidade. Desse modo, era uma vantagem para muitos que não tivessem uma história, pois esta só poderia lhes fornecer uma identidade, que nada mais era do que uma imposição do discurso colonizador imperialista, derivando todo um ensejo para escritas de narrativas locais, que a todo custo resistiam à História totalizante⁴³. A discussão sobre a cultura permitia e validava a existência de diversos discursos coexistentes, sem que fosse possível apontar para um que se pretendesse hegemônico.

A presença das minorias na ordem do dia exigiu uma reinterpretação do passado, e a tradição de objetividade e imparcialidade histórica era cada vez mais vista como uma estratégia WASP⁴⁴ para manter o status quo estadunidense, sem observar que se efetuava ao seu entorno uma mudança de paradigmas. A este processo também se soma ao grande contingente populacional judeu que migrou para os Estados Unidos no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial – e após seu fim – e que foram assimilados com êxito, visto que muitos passaram a ocupar altos cargos na sociedade estadunidense, demonstrando que havia um espaço assimilacionista para eles neste país. Muitos deles se tornaram intelectuais de renome

⁴³ Este processo foi acompanhado também pelo crescimento dos debates em torno da memória, que não só estiveram nos palcos acadêmicos como também aparecem presentificados em usos políticos que a extrema direita cristã procurou construir a partir do final da década de 1980. CF. ÁVILA, Arthur. *Os (des)caminhos de Clío em terras norte-americanas: episódios de uma história da história nos Estados Unidos* Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 325-331, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/TT5RRbm3TDLxD5KnDQMpd9s/?format=pdf&lang=pt> acessado 12 de maio de 2023.

⁴⁴ White, Anglo-Saxon and Protestant (branco, anglo-saxão e protestante), sigla que é associada a um setor mais conservador e extremista da sociedade estadunidense, que designa um grupo homogêneo formado por descendentes de britânicos, que teriam certos privilégios diante de grupos estrangeiros, ou mesmo religiosos distintos, como no caso de imigrantes, negros ou judeus.

mundialmente reconhecidos (Albert Einstein e Hannah Arendt, por exemplo). Enfim, uma necessidade integradora que passava dos movimentos de contestação para a sociedade penetrou na historiografia numa forte onda de revisão do passado – também é importante lembrar do esforço de muitos atores do movimento negro para acabar com o apartheid e integrar esta população em diferentes espaços até então proibidos, como universidades e escolas, assim como o movimento feminista para integrar a mulher em diferentes espaços de atuação e de poder. De modo geral podemos afirmar que a relação entre indivíduo e sociedade precisou ser reavaliada em grande escala.

Dada discussão interdisciplinar a qual visa esta tese, também preciso apontar que este mesmo período foi marcado por um novo impulso de difusão da psicanálise nos Estados Unidos, na década de 1930 e 1940 muitos analistas europeus migraram para os EUA fugindo da perseguição nazista, que impediu que a psicanálise continuasse a ser praticada em seu solo de origem, Áustria e Alemanha⁴⁵. Para além dos debates sobre o exercício terapêutico profissional da psicanálise, podemos afirmar que o solo dos EUA demonstrou ser muito fértil às discussões trazidas por Freud, desde sua primeira visita ao país em 1909⁴⁶. Para além dos círculos acadêmicos, também podemos citar a presença que psicanálise teve na cultura geral estadunidense, incorporando seus termos e conceitos na linguagem cotidiana. Neste período também encontramos sua aproximação com as ciências humanas (KURZWEIL, 2000).

No âmbito da história foi a psico-história que tomou a vanguarda desta discussão, ao menos no ponto de vista metodológico, pois desenvolveu um programa de pesquisa, que tem como marco fundador o manifesto lançado por Harvard W. L. Langer em 1957. Este autor faz uma alusão direta aos benefícios da psicologia e, mais especificamente, da psicanálise para o enriquecimento da pesquisa dos historiadores, na busca por elementos da irracionalidade nos eventos do passado (PINILLOS, 1987).

O desenvolvimento da psico-história se institucionalizou na década de 1970. O trabalho coletivo, *Varieties of Psychohistory* de 1975, e a revista *The*

⁴⁵ Os nazistas consideravam a psicanálise como um saber judaico, por conta da ênfase em seu criador, Sigmund Freud, de modo que onde houve ocupação alemã também houve proibição do exercício de suas atividades clínicas.

⁴⁶ Neste ano Freud apresentou as *Cinco Lições de Psicanálise* na Universidade de Clark, em uma viagem realizada ao lado de Carl Jung, Sandor Ferenczi e Ernst Jones (ROUDINESCO, 2016).

Journal of Psychohistory, em 1976, ganham espaço entre os cursos universitários. Em 1977 é fundada a International Psychohistorical Association⁴⁷ (IPA) – sigla homônima à associação internacional de psicanálise criada por Freud no início do século XX. Os psico-historiadores tematizam a imaginação coletiva, as mentalidades, o imaginário e a consciência, mas tem como diferencial a aproximação com a psicanálise e seus desdobramentos, pós e Neo-freudianos que visam desviar o foco de observação para as motivações pessoais, sobrepondo e dialogando com os aspectos coletivos com os aspectos individuais humanos, resgatando a velha dissolução que o próprio Freud alertava em suas obras (FREUD, 2015 [1921]).

De volta para a discussão sobre a história, as décadas de 1970 e 1980 também tiveram como marca o debate ao redor da ideia de memória. Nestas décadas toda uma “indústria da memória” se desenvolveu, e se colocou como uma reação à virada linguística nos Estados Unidos, e encarnou uma nova militância, no sentido de que se confundia com lutas identitárias e aparecia como resposta a grandes traumas históricos, com destaque para os trabalhos referentes ao holocausto. Um dos avessos deste movimento na ótica de Klein é que a memória passou a fundamentar grupos extremistas e conservadores tradicionais estadunidenses, uma sacralização da vida pública encabeçada por setores cristãos fundamentalistas, que o autor chama de “memory talk” (KLEIN, 2014).

Traçado este breve panorama quero me deter agora na descrição da trajetória intelectual de Peter Gay, trazendo à luz suas influências e como alcançou a psicanálise e a mobilizou na pesquisa e interpretação de fontes do passado.

2.4. A produção historiográfica de Peter Gay

Neste tópico quero apresentar de modo panorâmico as principais linhas de produção de Peter Gay, descrevendo como seus objetos de pesquisa foram se alterando, na medida em que teorizava e aplicava a psicanálise freudiana em seus trabalhos, passando pelo Modernismo, pelo Iluminismo até alcançar os

⁴⁷ CF. <https://www.psychohistory.us/>

estudos sobre as classes médias no século XIX. Seu percurso tem duas linhas de atuação principais que quero destacar.

A primeira delas se refere à sua relação diante do movimento observado na historiografia estadunidense, citada no tópico anterior, ou seja, o debate que colocou em xeque a objetividade e imparcialidade na pesquisa histórica, e a proliferação de novos objetos e linhas de pesquisa. A atenção dada à subjetividade neste ambiente coincide com o período em que o autor ingressou na pós-graduação, na década de 1950. Em segundo lugar, enfatizo que a busca por indícios que iam além das determinações racionais, que comumente se atribuía aos eventos históricos, sempre esteve presente de algum modo em seu horizonte pessoal, apenas foi se aprimorando na medida em que ia percorrendo espaços acadêmicos e trocas com outros autores e campos do saber. Ambos os aspectos serão abordados principalmente pela discussão, em ordem cronológica, das principais obras do autor.

Desde muito cedo Gay apresentou interesses pessoais que o ligavam a uma abordagem específica, que caminhava em direção à subjetividade humana, as obras de Freud apareceram em seu percurso a partir de diferentes influências, ao mesmo tempo, encontrou um ambiente rico para germinar suas obras, pois também dialogava com questões pautadas em seu tempo. Porém, seu pensamento difere de outros historiadores contemporâneos que trabalharam no mesmo plano, como observava-se na historiografia estadunidense da segunda metade do século XX. Por exemplo, ele estava comprometido a ver como a combinação entre arte e ciência nas construções históricas poderiam produzir uma estabilidade para o conhecimento, ele acreditava na objetividade científica como forma de apreensão da realidade, sem que seja necessário desconsiderar o universo subjetivo. Seu encontro com a psicanálise criou o amálgama necessário para uma metodologia específica, sem cair em reducionismos, nem contrariar as reivindicações da profissão histórica (ROTH, 2012).

Seu primeiro trabalho demonstra a presença do marxismo acadêmico, trata-se de uma monografia apresentada em 1952, *The Dilemma of Democratic Socialism: Eduard Bernstein's Challenge to Marx*⁴⁸, que se dedicava a obra de

⁴⁸ Em tradução livre: O dilema da democracia socialista – o desafio de Edward Bernstein para Marx. CF. GAY, Peter. *The Dilemma of Democratic Socialism: Eduard Bernstein's Challenge to Marx*. Nova York: Columbia University Press, 1952 pp.334 – 450.

Eduard Bernstein, conhecido revisionista do marxismo alemão, cuja posição política se alinhava à social-democracia, buscando também compreender a relação destes autores com o poder. Com esse trabalho, Gay rejeitava tanto teóricos da esquerda quanto da direita vigentes naquele momento, e defendia que as instituições estadunidenses eram ferramentas essenciais para garantir a liberdade e a democracia. Foi neste percurso, e interagindo com intelectuais desta mesma linha de pensamento que Gay passou a se aprofundar em teorias que, a seu ver, iam além da militância política, e permitam elaborar um olhar crítico voltado à sociedade em que viviam.

Neste momento de especialização Gay foi muito influenciado por Erich Fromm, que fazia *pontes disciplinares* entre as teorias de Sigmund Freud e Karl Marx, e com Herbert Marcuse que, com toda herança da escola de Frankfurt, também o influenciou a estudar mais a fundo as obras de Freud, destacando a ideia de natureza humana ali contida, referindo-se a ela como uma perspectiva pessimista naquele momento, “um revolucionário que vestia roupas de liberais” (WILLIAMSON, 2016 p.7). Importante salientar que esta perspectiva se altera no decorrer de seu aprofundamento na teoria psicanalítica, e engendrou um novo sentido para o conjunto da obra de Freud. A natureza humana passou, pouco a pouco, a ser observada no seu sentido filogenético e ontogenético, de modo a compor um percurso evolutivo, ou seja, o pessimismo inicial passa a ser dotado de uma perspectiva positiva, conforme demonstrarei adiante. Esta diferença difere da anterior justamente porque ao conceber a filosofia da história de Freud, Gay também incorpora seu sentido teleológico, ainda que de modo imperceptível “a olho nu⁴⁹”.

O ano de 1952 também foi importante porque Gay realizou uma mudança de departamento, indo para a Universidade de Columbia, onde se aproximou dos intelectuais, Henry Roberts e Richard Hofstadter, este último se tornou um amigo próximo, e caminhava por vias de pesquisa que transitavam entre sociologia e

⁴⁹ Aqui um pequeno *spoiler*, ao analisar a Experiência Burguesa, que tematizarei em meu último capítulo, pude perceber que os eventos históricos ali destacados demonstram como a classe média (tomada como exemplo e como objeto) alcança certa etapa de desenvolvimento do aparelho psíquico, que Freud definia historicamente como um percurso a ser seguido por toda humanidade rumo ao domínio de um pensamento científico, no qual a razão seria responsável por organizar e restringir as ameaças destruidoras da livre atuação das pulsões humanas. Em suma, a coleção demonstra que os eventos estão inscritos numa história que se desenvolve linearmente, ainda que em tempos distintos, seja pela distância das classes sociais, seja pelas distâncias culturais.

psicanálise, além de também se posicionar politicamente como um social-democrata. Neste período ele passou a estudar um tema sobre o qual se dedicaria por muitos anos, o Iluminismo. Em 1954 publica o ensaio, *The Enlightenment in the History of Political Theory*⁵⁰. Nesta época, alguns comentários depreciativos sobre o iluminismo eram vigentes, e Gay se esforçou em combatê-los. Por exemplo, a ideia de uma fé cega na razão, e na concepção uníssona de um sentido progressivo na história. Ambas as afirmações eram vistas como um novo tipo de conservadorismo acadêmico, que acima de tudo distorcia os fatos históricos. Os Filósofos iluministas eram tratados como intelectuais que reinseriram temas medievais apenas ocupando-se de lhes dar novas roupagens.

Com base neste contexto, o referido trabalho de Gay buscou afirmar que, para além da crença na razão, os Filósofos estavam conscientes do papel das emoções nos seres humanos, considerando suas variantes como ganância e o medo, por exemplo, para alcançar conclusões ou decisões importantes. Reconhece a complexidade destes pensadores em relação a seus predecessores, e mesmo a noção de progresso não trazia nada de otimismo, especialmente observando as considerações apontadas sobre a natureza humana⁵¹. Esta falta de otimismo teria permitido a busca de evidências como mecanismo para refutar qualquer afirmação por meio de um percurso empiricamente constituído. Com esta tese Gay abriu o ensejo para todos os seus estudos posteriores sobre o Iluminismo e a modernidade, buscando então compreender o pensamento de escritores, como Edward Gibbon, Gotthold Ephraim Lessing, Baron d'Holbach, Georg Christoph Lichtenberg, e Voltaire. A análise deste quadro deu corpo a *Voltaire's politics: the poet as realist*⁵² (1959), e os dois volumes de *O iluminismo, uma interpretação* (1966 e 1969).

O trabalho sobre Voltaire merece destaque, pois nesta obra Gay envereda por um caminho ousado e original, levando o diálogo com seus mentores a um nível metodológico de investigação, ao afirmar que os escritos de Voltaire são

⁵⁰ Em tradução livre "O iluminismo na história da teoria política" GAY, Peter. CF. "The Enlightenment in the History of Political Theory". *Political Science Quarterly*, Volume 69, Issue 3, September 1954, Pages 374–389. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2145276> acessado em 20 de agosto de 2023.

⁵¹ Nesta concepção, a Natureza Humana era colocada como um desafio a ser superado, visto que a natureza humana poderia ser interpretada como um aspecto primitivo e potencialmente destrutivo.

⁵² GAY, Peter. *Voltaire's politics: the poet as realist*. Vintage Books: University of California, 1965.

derivados de seus desejos. São eles que marcaram as discussões políticas elaboradas por Voltaire, e que foram metaforizados por conta da perseguição e prisão que veio a sofrer durante sua vida. Com esta perspectiva de pesquisa que intentava cruzar a realidade objetiva das fontes com a realidade subjetiva de seu autor, estava aberto o caminho para sua história social das ideias, que viria ser complementada com seus estudos psicanalíticos posteriores (WILLIAMSON, 2016 p.8).

Os dois volumes de *O iluminismo, uma interpretação* são publicados nos anos de 1966 e 1969, respectivamente. O iluminismo é interpretado como um movimento que reverberou em praticamente todos os aspectos da vida humana, desde os costumes, alimentação, política, literatura, alcançando com mais intensidade, na ótica do historiador, uma nova forma de percepção de si mesmo, que se acentuou no século XIX. Apesar de toda divergência existente entre seus autores-personagens, Gay defende que o iluminismo era marcado por uma homogeneidade em seu programa, ou seja, o secularismo, o cosmopolitismo, e sobretudo, a busca por liberdade. Segundo o historiador, o movimento iluminista pode ser dividido em dois momentos-chave, a recuperação da antiguidade clássica, seguido da formação da modernidade. Estes dois momentos marcam a divisão da obra e são importantes para observar a forma de construção da escrita do autor, me deterei em ambos por um momento.

O primeiro volume, *A ascensão do paganismo moderno* (1966) descreve o quanto estes pensadores eram hostis ao cristianismo e a religião organizada. De acordo com eles a religião era uma fonte de ódio contra si mesmo, germe da ignorância, da barbárie e da hipocrisia. Voltaire ficava ao centro e à frente deste movimento, exercendo uma luta entre os mitos e a razão que persistia desde o mundo antigo, a obra explora com grande erudição dois mil anos de história. Cronologicamente Gay demonstra como o pensamento greco-romano foi suplantado pelos mitos cristãos, até ser redescoberto por humanistas no século XVI. O paganismo do qual trata a obra é um resultado dialético entre a filosofia cristã e o racionalismo, que ainda precisa lidar com toda restrição política sob a qual viviam neste período. O absolutismo era uma força política aliada da religião que a sustentava, cassando freneticamente qualquer impulso de tomada de consciência que viesse de fora da teologia cristã. Toda essa pressão social

ajudou a dar os contornos de um modo de pensar que se rebelou a favor da liberdade.

Seu modo de escrita nesta obra chamou a atenção de muitos críticos que o acusaram de não se ater ao contexto político e social, voltando-se de modo exagerado para as ideias. Mas de fato, era justamente a intenção do autor, conforme nota de modo bastante sensível o filósofo Carlo Strenger numa homenagem póstuma após o falecimento de Peter Gay (2015). O *sex appeal* contido na força das ideias e da inventividade do sujeito atuava de modo independente do seu contexto, e isso é salutar na história do iluminismo, o pensamento estava vivo e pronto para dar novas formas à realidade, à objetividade e à razão demarcadas pelos Filósofos. O Iluminismo era mais do que uma nova medida para orientar a construção do conhecimento, era um mecanismo de pensamento que contrariava a própria lógica dos desejos, permitindo que fosse possível enxergar além das pressões internas trazidas dentro de cada um. Um ambiente livre dos sentimentos (recalcado), no qual a razão teria espaço de atuar. O projeto iluminista deve ser pensado assim como um novo esforço de autoconhecimento, logo, o contexto fica em segundo plano, destacando toda uma tradição que, de algum modo, influenciou as gerações posteriores, dando base para a modernidade e (de modo controverso) para o romantismo do século XIX.

O segundo volume, *The Science of freedom*, de 1969, chama a atenção acerca do uso da palavra ciência para qualificar o Iluminismo e evoca um problema, visto que ciência se tornaria um termo sinônimo de objetividade e de neutralidade por muito tempo – e que inclusive passou a se tornar ponto de discussão nas ciências humanas no período em que o autor elabora a obra. Enfim, a ciência da qual Gay trata neste volume se refere a uma negação dos mitos que organizavam o discurso da religião e que eram adotados pela sociedade, uma tentativa de se desprender destas amarras que poderia levar estes pensadores a outros lugares. Se refere ainda a proliferação do avanço de pesquisas, literatura e artes potencializadas pelo crescimento de leitores, mais ainda dos autores, que caminhavam rumo a algo de maior independência.

Ainda que todo mérito do autor possa ser reconhecido na forma pelo qual ele descreve o desenvolvimento do iluminismo e de suas consequências, uma das críticas possíveis é o limite eurocêntrico dos dois volumes. Gay se

concentrou em pensadores franceses, citando alguns ingleses e poucos alemães, sem considerar outros espaços de produção intelectual e trocas importantes. O próprio relativismo destes autores era limitado, visto que tinham receio por suas afirmações, muitos viveram no anonimato ou publicavam de modo a preservar sua identidade. Com efeito, a real dimensão do iluminismo sob o qual Gay relata é oriunda de sua interpretação dos autores supracitados, um conjunto escolhido por ele para classificar todo este movimento intelectual.

Peter Gay foi um escritor incansável, o grande volume de artigos e ensaios publicados durante sua vida atestam sua inventividade e curiosidade. Entre o primeiro e segundo volume sobre o iluminismo ele publica *A cultura de Weimer* (1968) – publicado no Brasil em 1978. Este pequeno livro o colocou em contato com o ambiente intelectual de sua infância, e foi um esforço para revisitar aqueles anos difíceis vividos em Berlim e revela, pela primeira vez, uma de suas teses mais importantes, que a meu ver percorre muito de sua obra, que é a produção intelectual daqueles sujeitos que passaram pelo trauma da emigração forçada e de sua identificação com a identidade judaica, compartilhada por estes mesmos sujeitos que se dedicavam às ciências em geral.

Gay nos lembra que o exilado ocupa “um lugar de honra na história” (GAY, 1978 p. 11) enumerando uma série de intelectuais cujo brilhantismo e irreverência flerta com a condição de desenraizamento do lugar de pertencimento ao qual o nascimento e a história dos antepassados se conectam. Incluindo-se indiretamente na mesma trilha, é assim que descreve o trabalho de Dante Alighieri, Jean Jacques Rousseau, Karl Marx, e Sigmund Freud – todos realizaram obras em residência forçada, em solo estrangeiro, olhando com ódio e saudade a vida roubada que fora abandonada. Hitler produziu um fluxo migratório judaico com sua ascensão em 1933, “a maior coleção de intelectuais, talentos e sábios transplantados que o mundo jamais viu”, Albert Einstein, Thomas Mann, Erwin Panofsky, Hannah Arendt, Sigmund Freud, entre outros (GAY, 1978 p.12).

Esta obra, de acordo com Williamson é escrita sobre a égide “da morte e do luto”, ou melhor, a meu ver, da tentativa de elaboração do luto (WILLIAMSON, 2016 p.10). Este duplo sentido deriva do fato de que a derrota de Weimar representou não apenas a morte de sua pátria, como também o assassinato da social-democracia, substituídos por um projeto de barbárie e ignorância

mobilizados pelo ódio e pela perícia matemática da destruição em massa (GAY, 1978). A criatividade e a experimentação do período deram espaço à ansiedade, à crescente sensação de desgraça eminente, que de fato vieram a se confirmar com a deflagração da guerra e do genocídio. Williamson vê a interpretação sobre Weimar como uma narrativa edipiana, na qual Gay se recusa a encarar as identificações com sua pátria, criando seu espaço de estrangeiro, onde constrói sua identidade, mas que não apaga sua história, que acaba voltando deste modo sublimado na referida obra.

A meu ver esta afirmação parece exagerada, pois escrever sobre Weimar foi uma ação consciente da necessidade de ressignificar aqueles anos, de estabelecer um novo olhar para este capítulo que tanto era parte da sua vida pessoal quanto de milhares de pessoas que se viram diante dos mesmos desafios e ameaças. Enfim, o fato é que a obra sobre Weimar também diz respeito à biografia do autor, um expatriado forçado obrigado a inventar uma nova existência. As instituições de Weimar aparecem neste mesmo trajeto, a Academia Alemã de Política, o Instituto Psicanalítico de Berlim, o Instituto de Warburg, a Escola de Frankfurt, em suma, todos só efetivaram seu espírito investigador no exílio da Alemanha. O espírito de Weimar concluiu sua missão fora no seu país de origem.

Em 1969 Gay deixa o departamento da Universidade de Columbia e vai para Yale, onde se vincula ao departamento de história. Ao mesmo tempo Gay inicia sua formação no Western New England Institute for Psychoanalysis em New Haven na década de 1970. Neste momento seus interesses de pesquisa se dirigem em dois caminhos distintos. De um lado buscou enveredar pela teoria da história, *Estilo na História* (1974), *Arte e ato – as causas na história – Manet, Gropius, Mondrian* (1976) – que, posteriormente, dá origem também à *Freud para historiadores* (1985). Por outro lado, também se dedicou à história alemã, *Freud, Jews and Other Germans: Masters and Victims in Modernist Culture* (1978), nestas obras os contornos de uma história psicanalítica são definidos com maior nitidez, especialmente ao afirmar que a experiência subjetiva pode ser uma ferramenta de interpretação de dados objetivos da realidade⁵³.

⁵³ Embora tenha sido um período de muita produtividade Gay admitiu que muitas vezes entrar nos assuntos relativos à Alemanha era muito difícil e doloroso, porém, ao mesmo tempo, lhe permitiu adentrar com mais profundidade no pensamento freudiano.

O aprofundamento em suas leituras sobre a psicanálise, juntamente com o caminho aberto pela formação analítica, auxiliou a germinar as sementes que se compuseram o profundo estudo biográfico de Freud. Este conjunto é composto pelo ensaio, “Sigmund Freud: A German and His Discontents,” (1978), *Um judeu sem Deus: Freud, Ateísmo, e o fazer da psicanálise* (1987), sua obra mais conhecida, publicada em diversos países, com o título em português *Freud: uma vida para nosso tempo* (1988), e *Reading Freud: Explorations and Entertainments* (1990).

O Freud de Peter Gay pode ser visto como o último dos Filósofos iluministas, um burguês estoico, liberal, criador de uma ciência empírica, a psicanálise, fundada em experimentações que realizou até o fim de sua vida. Sua defesa e dedicação constante no pensamento freudiano explica o porquê se recusou a trabalhar na história com outros teóricos da psicanálise. Primeiramente, não poderia recusar os trabalhos iniciais do psicanalista vienense que derivavam do diálogo com os saberes disponíveis no final do século XIX e início do século XX, principalmente com a biologia evolutiva, algo que foi tema de muitas controvérsias, e que recebeu diferentes tentativas de ocultamento por tradições pós-freudianas⁵⁴ (SIMANKE, 2014). Com isso, Gay assumiu declaradamente a concepção de natureza humana de Freud e a aplicou à sua teoria da história.

Estou de acordo com Williasom ao afirmar que a biografia de Freud escrita por Gay insiste num cientista empírico fundamentado nos moldes iluministas, contrariando muitos intelectuais de sua época que associavam a psicanálise como uma resposta direta – quase tautológica – ao contexto cultural e artístico vienense do final do século XIX. Fica claro que Freud é tomado como um burguês típico, cuja visão de mundo foi inventiva o suficiente para produzir um saber totalmente novo, mas que respondia aos anseios das classes médias, transformar a palavra em sujeito e objeto de conhecimento revelando aspectos desconhecidos dos próprios indivíduos. Freud foi muito mais um legista que dissecou o corpo vitoriano e trouxe à luz uma forma de percepção de si que

⁵⁴ De acordo com Richard Simanke, o apagamento da tradução do termo *Trieb* para pulsão, nos idiomas neolatinos, é um esforço para deslocar para segundo plano, ou mesmo apagar, a filiação que Freud tem na Biologia. CF. SIMANKE, Richard Theisen. “O trieb de Freud como instinto: sexualidade e reprodução”. IN. Scientiæ Studia, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 73-95, 2014.

tinham causas na organização humana, e efeitos no corpo (seja do indivíduo, seja no social).

Seu gosto burguês, suas leituras, seus contatos intelectuais com outros cientistas, contemporâneos ou não (como sua admiração por Da Vinci, por exemplo), fez com que criasse um contexto em seu interior, fazendo com que vivesse num mundo particular, afastado do universo vienense. Gay endossa esta afirmação em vários momentos, especialmente quando se vê diante dos momentos em que Freud se permite o exercício da especulação intelectual, livre das amarras clínicas ou acadêmicas, dando luz às suas paixões, seja ao elaborar sua tese sobre a dualidade pulsional, seja elaborando quadros com a psique de outros personagens históricos, como Leonardo da Vinci ou Moisés. Do mesmo modo, recusa categoricamente a percepção segundo a qual a criação da psicanálise estivesse relacionada com sua origem judaica.

A psicanálise que Freud construiu entre os anos de 1895 e 1939 é um legado direto do iluminismo, inserido na mesma linha de Voltaire, que coloca em evidência as ilusões em prol da razão. O resultado da herança iluminista em Freud é um espírito crítico que lança luz sobre aspectos latentes que o século XIX buscava responder, especialmente no que tange a influência da vida interior na vida exterior. Do mesmo modo que, a percepção de que a ciência e a razão fazem parte de um movimento progressivo, inserindo-o na mesma trajetória do liberalismo. O iluminismo freudiano não procura conquistar as paixões humanas em contraposição ao uso da razão, as paixões são percebidas, na verdade, como combustível da razão. O Freud de Peter Gay não é um conquistador, mas um conciliador, assimilando suas propostas sem mudar o estilo de vida das pessoas (ROTH, 2012).

Nem todos seus leitores aceitaram sua versão de Freud e da psicanálise. Roth questiona abertamente este Freud-personagem que aparece nos textos de Peter Gay, segundo ele, o psicanalista vienense é, acima de tudo, um pensador dialético o qual o reconhecimento do conflito abriu a possibilidade de uma mudança radical em vez de ser apenas um compromisso, não há nenhuma conciliação com o conflito, ele é assimilado por meio das relações psíquicas com a realidade, que ocasionam também os próprios sintomas clínicos, chamados

também de “formação de compromisso⁵⁵”. A psicanálise expõe o custo do compromisso. Reduzir Freud aos quadros do liberalismo burguês é perigoso e reducionista, e está atrelado a uma particularidade da psicanálise estadunidense.

Outro ponto seria a posição de Gay em relação ao tema, que não favorecia uma reconstituição histórica fidedigna. Este argumento aparece em decorrência de seu compromisso com a vida emocional de Freud, preocupando-se com suas relações, incluindo sua arrogância e seu desejo de sucesso, devolvendo a ele as próprias ferramentas da psicanálise, dando uma profundidade distinta a esta biografia. Este ponto Roth parece apontar uma identificação muito grande entre muitos aspectos da vida de Freud com a própria vida de Peter Gay, talvez pela consideração de ambos serem exilados, foragidos de um mesmo contexto, cuja produção acabou sendo marcada pelo exílio.

Recentemente, a publicação de *Sigmund Freud, na sua época e em seu tempo* (2016) da historiadora francesa, Elizabeth Roudinesco, permite somar a crítica de Michael Roth, e contrastar alguns pontos da versão de Peter Gay, que me parece sustentar alguns aspectos da hagiografia atribuída a este pensador. Embora Roudinesco tenha tido acesso a novos documentos, havia possibilidades de que Gay explorasse alguns temas polêmicos, como a versão dos pacientes de Freud diante dos casos explorados em suas obras, seus atendimentos psicanalíticos a crianças, e outros ainda mais controversos, como sua curiosidade sobre ocultismo e espiritismo, assim como sua opinião pessoal sobre alguns pacientes – especialmente os estadunidenses. Em suma, saliento este ponto justamente para reiterar que o Freud de Peter Gay é um personagem do autor, corresponde em algumas partes à realidade histórica, outras não, especialmente o Freud iluminista “descendente” de Voltaire. O estudo de Freud, é consonante com a publicação da *Freud para historiadores* (1985), e com o primeiro volume de um dos seus projetos mais ambiciosos, a coleção *A experiência burguesa* (1989 - 2001).

⁵⁵ Formação de compromisso é a substituição de um conflito recalcado por outro tipo de representação simbólica, que aparece na forma de sonhos, atos falhos, sintomas. Enfim, é a forma pela qual o conflito pode ser assumido pelo Consciente, e se apresenta e mantém um acordo entre o desejo e as imposições psíquicas pessoais do sujeito, e guarda em seu interior sempre a marca da ambivalência. LAPLANCHE & PONTALIS, 2001 p.118.

Os textos polêmicos de Freud contra a religião são chave de sua leitura Voitaireana no projeto psicanalítico. Em *O mal estar da civilização* (1929) descreve como a religião nada mais é do que a representação do retorno de desejos infantis, e são a verdadeira fonte de sofrimento da humanidade. As satisfações infantis frente a um oceano de sentimentos evocam o aviso de Voltaire no final de *Cândido* (1759), para cultivar um jardim. A vida é tão difícil e dolorosa que não podemos dispensar medidas paliativas. Na interpretação de Roth, este Freud lido e construído por Peter Gay, do qual toma as lições com fins de aplicá-las à história, caminha pelo iluminismo e o insere na trajetória do liberalismo (ROTH, 2012).

Com esta descrição de como Gay se apropriou de Freud, também preciso afirmar como ele dialogou com o contexto historiográfico estadunidense. Ele notou o crescimento da história social, especialmente voltada aos estudos sobre as classes trabalhadoras, e afirmava que as classes médias também mereciam a mesma dedicação, reconhecendo as limitações existentes na historiografia sobre o tema. Importante ressaltar que embora o trabalho de Gay mereça um destaque na bibliografia da época, não foi o único, Jürgen Kocka e Lothar Gall⁵⁶, por exemplo, também enveredam pela história social indo além dos estudos dos subalternos e das classes trabalhadoras. Existem muitos pontos nos quais seu trabalho se diferencia dos demais, um deles é o amplo espectro de cobertura das fontes que se utiliza, França, Alemanha, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos, auxiliam uma visão panorâmica da classe média. Além disso, Peter Gay inovou ao trabalhar com as classes médias a partir dos referenciais da psicanálise.

Ao contrário da metodologia dos psico-historiadores, que Gay considerava reducionista e enviesada, seu trabalho com a psicanálise partiu da visão de natureza humana presente na teoria de Freud, juntamente com a articulação da dinâmica pulsional que regula o aparelho psíquico, amor, agressão e conflito, direcionam cada um dos volumes da coleção. Além disso, do ponto de vista material, Gay obteve diversos materiais que lhe permitiram alcançar um amplo espectro da mentalidade das classes médias a começar com os arquivos da universidade de Yale, ampliando-se para diversos arquivos

⁵⁶ Jürgen Kocka é um historiador alemão importante representante da história social. E Lothar Gall, por sua vez, se dedicou a história do liberalismo na Alemanha.

públicos e particulares em outras regiões da Europa. O resultado foi a publicação de cinco volumes extensos e densos sobre a classe média, que elegi como objeto de análise para o final desta tese.

A coleção recebeu muitos elogios em suas resenhas, o número de fontes mobilizadas e os tópicos pelos quais o autor conseguiu passar ao longo das obras chamaram a atenção. A classe média recebeu a devida atenção, com destaque para as diferenças internas desta mesma categoria. No entanto, a crítica deixou de lado, na maioria das vezes o quanto a argumentação de Peter Gay era inovadora, especialmente do ponto de vista metodológico⁵⁷.

Uma das comparações que foram feitas foi com a obra de Michel Foucault, que estava em auge na academia naqueles anos, e tematizava a sexualidade, assim como Peter Gay. Porém, há uma diferença sutil, ao mesmo tempo ampla, entre os dois autores. A sexualidade é central em algumas obras de Foucault, como nos volumes da *História da sexualidade* (1976 e 1984), ao passo que a sexualidade para Gay aparece como temática derivada da dualidade pulsional elaborada por Freud, portanto, divide o protagonismo com outras instâncias, como a agressividade e os conflitos. Outro ponto é que a sexualidade analisada por Foucault foi aquela circunscrita aos discursos de poder, que lhe davam formas distintas do desejo inicial, e a sexualidade vitoriana analisada por Gay foi justamente aquela que encontrava brechas e espaços para serem vivenciados pelos sujeitos, seja na escrita de um diário íntimo, seja na privacidade de um quarto de casal. De modo geral, Gay recusou diversas tendências que se afirmavam em meio ao ambiente acadêmico intelectual dos Estados Unidos entre 1950 e 1980, em especial a psico-história, mas também a história social em geral que se tornou dominante no período.

Este último traço que citei ajuda a compreender como este historiador foi inventivo com seus objetos de pesquisa. Quero aproveitar este pequeno esboço biográfico e bibliográfico para traçar agora a especificidade de Peter Gay no que tange a sua reflexão sobre a teoria da história. Como disse anteriormente na introdução, uma das possibilidades trazidas pela ótica de Peter Gay no que tange à teoria da história se refere a problemática que discute conceitos históricos, tais como verdade, objetos, identidades, percepção individual, cultura, entre outros.

⁵⁷ Tratarei da análise desta coleção no último capítulo desta tese.

Ou seja, uma discussão que caminha para uma psicologia da experiência histórica. Para tal, me baseio em três obras fundamentais que compõe um conjunto “não planejado” de reflexões que alcançaram o autor no final da década de 1970 e 1980. São eles, *O estilo na história* de 1974, publicado no Brasil em 1990, e *Art and Act – on causes in history - manet, gropius, mondrian* de 1976, sem tradução para o português e, por último, *Freud para historiadores* (1985), que seria, em conjunto, uma tríade de seu programa de diálogo entre história e psicanálise (GAY, 1985).

Na obra *O estilo na história* (1974) Gay analisa Gibbon, Voltaire, Johan Huizinga e especialmente, Richard Hofstadter. Estes autores combinam erudição, argumentação, estilo e inteligência, aliando-se a eles para criticar muitas das tradições de escrita que vinham marcando território desde o século XIX, como o historicismo alemão, principalmente. Sua posição revela uma tendência política, uma vez que muitos intelectuais deste período seguiram uma linha conivente e apoiadora dos totalitarismos. Os intelectuais que reúne neste livro seriam exemplos, e uma tentativa de retomada, de um estilo de escrita, e de uma confrontação entre mitos e verdades, contra a destrutividade potencializada por discursos, ou tendenciosamente apropriados por certos grupos extremistas. Gay criticava o aspecto tendencioso que aparecia em algumas formas de escrita.

Com relação a *Art and Act – on causes in history - manet, gropius, Mondrian* (1976) Gay trata por meio destes personagens citados as noções de causa na história evocadas por meio de uma percepção cristã de história e de tempo. Sob os rótulos da cultura e da privacidade, existem pressões inconscientes que influenciam a escrita e seu estilo que não se reduzem completamente as imposições acadêmicas de uma época, o inconsciente do escritor é vivo o bastante para imprimir sua marca sob a escrita. Arte e ato seriam então partes de uma teoria sobre a experiência do sujeito, tomado neste caso como autores, que respondem a pressões de escrita, mas que ultrapassam estes limites.

O terceiro, *Freud para historiadores* (1985/1989), Gay reúne uma série de críticas de historiadores que se opunham ao diálogo com a psicanálise, responde e se posiciona diante dos psico-historiadores e, ao mesmo tempo, propõe um programa de interpretação de fontes históricas alicerçado em alguns

pressupostos básicos retirados das obras de Freud. Um dos debates mais beligerantes dos quais esteve presente na década de 1980, bem como seu engajamento para defender sua visão de Freud e da psicanálise, o que lhe deu embasamento para redigir sua própria visão de história conduzida pela psicanálise, e abordar o século XIX por meio desta perspectiva. Nesta pequena obra com pouco menos de duzentas páginas Gay sintetiza elementos fundamentais de questões amplas que estão presentes na sua obra.

Alguns elementos são universais na formação dos seres humanos, a presença de uma *natureza humana* extraída da psicanálise, a condução do desenvolvimento inicial humano realizado por outros seres, que devem cuidar e favorecer que cada indivíduo alcance estágios psicológicos superiores e se tornem um “eu” maduro, a passagem do Complexo de Édipo, que triangula o ser em crescimento às suas figuras de cuidado, ensaiando para uma vida em sociedade, em suma, uma série de postulados que permitem problematizar questões históricas. E é a universalidade atribuída à psicanálise que mantém seu alcance metodológico, pode ser aplicada em diferentes tempos históricos, independentemente do contexto social (GAY, 1985).

É importante ressaltar que a escrita destes três livros, em especial de *Freud para historiadores*, é concomitante a sua formação psicanalítica formal, e a construção da Biografia de Freud, publicada juntamente com o primeiro volume de *A experiência burguesa, da rainha Vitória a Freud*. Os conceitos psicanalíticos são apropriados de tal modo que muitas vezes não são citados diretamente, é possível apenas perceber seus efeitos no modo de escrita, o que torna necessário certo grau de conhecimento das obras de Freud para poder compreender a que nível estão sendo trabalhados. Isso ocorre por uma questão de estilo do autor, que presa muito pela qualidade narrativa ao apresentar uma análise. Exceto por esta última obra na qual surgem com maior clareza, e onde são destrinchados para defender sua aproximação interdisciplinar.

O aspecto supracitado demarca um último ponto a ser apresentado sobre este autor. Sua escrita mantinha resistência a certos dogmas acadêmicos. A ausência de notas de rodapé, segundo Gay, era mais fluída e contínua, além de ter tido pouca paciência com debates historiográficos de sua época. Com o passar dos anos foi deixando de lado as conferências e publicações de artigos, optando por se manter ativo com a publicação de críticas no “New York Reviews

of Books” e artigos para o “The New York Times”, tinha muitos escritores, jornalistas e professores como amigos próximos. Sabemos que lia constantemente novos autores e abordagens, mas raramente algum destes o afetava a ponto de rever alguma posição já tomada em relação à teoria da história. Sua posição intelectual se encontrava dentro e fora da academia⁵⁸(WILLIAMSON, 20116).

Antes de encerrar finalizo a apresentação bibliográfica citando um dos seus trabalhos mais emblemáticos, elaborados após sua aposentadoria em Yale, a autobiografia, *My german question: growing up in Nazi Berlin* de 1998 – como de se esperar, por sua grande produtividade, esta obra foi redigida em consonância com o volume final da *Experiência burguesa*, entre outros. Neste pequeno livro, Gay narrou suas memórias, contando o êxodo de sua família, destacando todas as pessoas que auxiliaram, arriscando suas vidas, para salvá-los em diversos momentos. Finalmente, após muitos anos carregando rancor deste período, ele pode finalmente relatar o ocorrido, e reconhecer também alguns alemães com os quais sua família pode confiar.

Com esta apresentação panorâmica quis demonstrar como a pesquisa voltada à subjetividade se apresentou muito cedo na formação de Peter Gay, que apenas se desenvolveu e se aprimorou de acordo com os movimentos acadêmicos e institucionais que realizou. Com isso a psicanálise foi um instrumento de aprimoração desta discussão, ao mesmo tempo em que também é observada de um modo muito específico, na medida em que o Freud do historiador é este sujeito com um dos pés no universo iluminista e outro na classe média vienense. Espero ter respondido uma das questões que fiz inicialmente “Qual sua percepção de Freud?” e abro agora para outra questão que tentarei responder no tópico seguinte, como então é seu diálogo com a psicanálise do ponto de vista metodológico?

2.5. Psicanálise e história – um diálogo elegante

⁵⁸ Although he was showered with academic distinctions throughout his career, Gay resisted several traditions of academe. One of these was the footnote, which appeared less and less frequently in his writings. Part of this was a matter of economy—the writing goes faster when one does not cite every relevant secondary source. But another factor may have been Gay’s impatience with the minutiae of historiographical debate (WILLIAMSON, 2016 P. 16).

Neste tópico quero demonstrar como Peter Gay teorizou sua prática como historiador baseado no diálogo íntimo com a psicanálise freudiana. Este movimento foi classificado por ele como a construção de uma “ciência elegante” focando tanto sua originalidade quanto seu estilo de escrita. Fica evidente que este percurso ocorreu muito cedo com indícios já no final da década de 1950, ainda que de modo incipiente. Com o passar do tempo sua teoria da história psicanalítica foi tomando corpo, na medida em que se tornou cada vez mais conduzido pelo pensamento de Freud. Gay enfatiza que a psicanálise auxilia os historiadores a terem uma visão mais sólida da experiência humana no tempo sob a ótica psicológica dos sujeitos, segundo ele, as duas disciplinas têm em comum a tentativa de compreender o passado, e trabalhar no sentido de “tornar legíveis as pistas ilegíveis e escavar sob as superfícies até atingir as camadas ocultas, obscurecidas e distorcidas pela passagem do tempo ou pela necessidade dos autores – ou do público – de negar verdades desagradáveis” (GAY, 2000 p. 108).

Conforme salientei, Gay dedicou algumas reflexões sobre a teoria da história, pelas quais pude sintetizar como tratou as disciplinas em conjunção, especialmente em *Freud para historiadores* (1985), publicado no Brasil em 1989, defendendo uma “trajetória interdisciplinar, lenta e orgânica” (p.15). Este exercício também é um posicionamento crítico à psico-história anglo-saxônica, especialmente daquilo que ele considera “reducionista demais” nesta *dimensão* (ibidem). Gay procura se afastar dos psico-historiadores, marcando a originalidade de seu trabalho, apresentando seu programa do seguinte modo:

Meu interesse nas recompensas ainda amplamente desconsideradas da psicanálise para o historiador simplesmente se volta para meu velho programa de apreender as ideias em todos seus contextos. Um imperativo moral, uma apreciação estética, uma descoberta científica, um estratagema político, uma decisão militar e todos os outros incontáveis disfarces que as ideias tomam estão, como tenho dito, embebidos tanto nas vizinhanças culturais particulares e imediatas como nas mais gerais. Mas também são respostas a pressões internas, sendo, no mínimo em parte, traduções de necessidades instintuais, manobras defensivas, antecipações ansiosas. Neste sentido a história psicanalítica das ideias é a contraparte da história social das ideias, uma complementando a outra e reciprocamente (GAY, 1985 p.16).

A psicanálise deve ser um modo de pensar, uma visão de mundo que orienta o historiador⁵⁹. Desse modo, quero apresentar os contornos que desenham o corpo desta teoria da história e discuti-los na sequência individualmente, formando uma metodologia de pesquisa histórica conduzida pela psicanálise. Importante destacar, que mesmo em obras como *Freud para historiadores*, Gay não se preocupa em apresentar quais obras do psicanalista vienense está articulando em cada tópico de discussão, é uma escolha segundo a qual há uma prevalência declarada do estilo e da narrativa em detrimento dos protocolos acadêmicos, de modo que é preciso certa apreensão e conhecimento sobre este campo do saber para poder perceber em qual parte da obra de Freud o historiador está citando indiretamente.

No entanto, como meu objetivo é explorar teoricamente o autor, eu recupero aqui estas menções indiretas para complementar o diálogo entre os dois campos. São elas, *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Totem e Tabu* (1912), *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924), *O futuro de uma ilusão* (1927), *Mal-estar na civilização* (1930), *Construções em análise* (1937), e *Moisés e o monoteísmo* (1934/1938). Em conjunto Gay articula estes trabalhos de Freud de modo a elaborar uma série de questões realizadas ao campo da história, conduzindo por uma leitura da realidade que caminha rumo a uma psicologia da experiência histórica. Com efeito, este ponto parte de alguns pressupostos.

Em primeiro lugar, e acima de tudo, Gay relaciona os dois campos tendo em mente a existência de uma *natureza humana*, que é extraída do conjunto da obra de Freud. Em seguida temos uma teoria geral sobre o desenvolvimento humano, e do indivíduo, juntamente com os grupos, a sociedade e a civilização, cujas regras escondem uma outra gramática pela qual se pode observar, nos fragmentos da realidade, atuações da vida inconsciente, seja no cotidiano da vida comum, seja na enunciação de discursos de um modo geral. Por último, apresento uma pequena discussão sobre quais fontes trabalhar a relação entre

⁵⁹ De acordo com Roudinesco, ao negar as principais correntes que competiam para amparar o ser humano ocidental em seu tempo, o *american way of life* capitalista, o comunismo, o cristianismo - Freud apontou para outra representação/visão de mundo, uma na qual a perda das ilusões e a coerção fundamentam a melhor forma de administrar as pulsões de vida e de morte, num combate eterno representado pela cultura de um modo geral. É na cultura repousa a única forma de proteger o ser humano de seus impulsos destrutivos, e com base nesta premissa é possível se apropriar de uma chave de leitura das múltiplas ações ocorridas no interior da civilização (ROUDINESCO, 2016 P.396).

história e psicanálise. Quero explanar a especificidade de Peter Gay no âmbito da interdisciplinaridade, sem que com isso sugerir restringir o debate, ou supor que este é o único método válido no diálogo entre as duas disciplinas.

O primeiro ponto, e talvez o principal, é observar a concepção de natureza humana que deriva da concepção segundo a qual o aparelho psíquico tem uma historicidade. O psicanalista vienense necessitou do passado para elaborar seu sistema de pensamento, a consciência, em sua ótica é, ao mesmo tempo, psicológica e histórica, fornecendo informações “sob que condições essa instituição peculiar se desenvolveu, e a que necessidades humanas deu expressão” (GAY, 1985 p. 18). Resultado de um processo historicamente conduzido, o aparelho psíquico pode ser rastreado por meio da análise da linha evolutiva da espécie humana. Há uma imbricação filogenética e ontogenética em todo indivíduo, que se reproduz em seu processo de constituição pessoal, em cada um de nós, na primeira infância. Com efeito, passamos e revivemos tudo aquilo que foi precedido pela espécie, como por exemplo, o Complexo de Édipo freudiano que nada mais é do que uma etapa do desenvolvimento universal cuja intensão é preparar o sujeito para a vida adulta, na sua relação com seus semelhantes e com o mundo.

Sobre a universalidade desta natureza humana, Gay comenta:

À semelhança dos historiadores filosóficos do iluminismo, seus inequívocos ancestrais intelectuais, Freud confiava em que certas forças universais, como o amor e o ódio, e certas reações universais, como o recalcamiento da angústia, não eram monopólio de sua época e sua classe, mas tinham sido dotes indispensáveis desde que o animal humano começou a se erguer sobre duas pernas. É intrigante, nesse contexto, assinalar que, embora não tenhamos um inventário completo dos pacientes de Freud – pelo menos nenhum que seja publicamente acessível – sabemos que ele analisou homens e mulheres norte-americanas, russas, inglesas e francesas, bem como homens e mulheres austríacos, cristãos e judeus. Além disso, fez incursões imaginativas pelos personagens de ficção, por artistas italianos mortos há mais de três séculos, e por outros ‘analisandos’ muito distantes do que se costuma supor que tenha sido sua clientela exclusiva (GAY, 2000 p. 110-1).

Portanto, Gay assume que nossa consciência e o modo como ela se organiza tem uma história, começa com o homem primitivo, que vislumbra os primeiros lampejos de uma percepção de si, e segue se aprimorando, até o século XIX quando Freud a analisa, apontando ainda que ela continuaria se

desenvolvendo, lembrando que sua formação universitária e grande parte de suas leituras derivaram da produção intelectual deste mesmo século⁶⁰. Esta é uma concepção de história que predominava e era difundida em seu tempo. A história poderia ser utilizada para explicar e justificar tudo, e neste momento a temporalidade racional e teleológica (progressiva e acumulativa) se impôs como dominante, de modo que tudo o que foi produzido nestes séculos XVIII e XIX tendo como premissa esta noção de tempo (KOSELECK, 2021).

Destarte, considerando a universalidade da natureza humana supracitada, chegamos a uma teoria geral do desenvolvimento humano, que forma psique e soma, relegando uma série de características comportamentais que variam de indivíduo para indivíduo, atuam dentro e fora da consciência, e respondem ao mesmo tempo a sua história pessoal e a seu contexto social. Tal contexto mantém uma série de imposições que nos obriga a ocultar ou impedir que certas satisfações sejam gratificadas, cedendo estes desejos a um bem maior, a civilização. O resultado é um ser humano movido por forças internas e desconhecendo “as necessidades secretas do coração” num eterno conflito entre o que deseja, e o que a civilização lhe permite alcançar. Existe em cada ser um número limitado de processos que permitem uma infinidade de combinações, dada a experiência e singularidade constitucional de cada um, que acarreta numa constelação enorme de variedades da chamada vida psíquica.

Este desenvolvimento, por sua vez, é realizado por meio de um sistema de aprendizagem que ensina o jovem humano a lidar com suas pulsões elementares, criando regras para alcançar satisfação de algumas e restrição de outras. Pode-se retirar daí uma série de leis gerais pelas quais cada indivíduo vivência enquanto cresce e se apropria da cultura a sua volta, e também enquanto constrói seu aparelho psíquico, e esta é uma realidade inescapável em qualquer período histórico. Entre estas pulsões temos a centralidade da pulsão de vida e de morte, ou a sexualidade e a agressividade, Gay as assume como fator de propulsão da ação humana “essas duas pulsões, amadurecidas, combinadas, disfarçadas, servem como combustível para a ação humana. Elas fazem a história” (GAY, 1985 p.73).

⁶⁰ Devido a amplitude deste tema discutirei este tema num capítulo específico, permitindo que possa ser discutido com a complexidade necessária.

Importante lembrar que a universalidade da psicanálise conforme Freud defendia deriva de sua ênfase e confiança no pensamento científico como descrição inequívoca da realidade natural. Para Freud, a psicanálise era, indiscutivelmente, uma ciência da natureza. O que permite visualizar nitidamente as diferenças entre a concepção de ciência que o criador da psicanálise possuía em relação àquelas que lhe eram contemporâneas. Ele acreditava que a realidade (consciente e inconsciente) pode ser analisada porque é determinada por leis. Freud acreditava e apostava na ciência como linguagem de compreensão e domínio do mundo⁶¹. Conforme Renato Mezan relembra a psicanálise começou como um ramo da medicina, “portanto objetivando não apenas *compreender* o mundo psíquico, mas ainda, e principalmente, *intervir* nele, desfazendo constelações nocivas e favorecendo rearranjos – não tenhamos medo das palavras – mais saudáveis” (MEZAN, 2007 p.335).

Na história da psicanálise, Freud postulou sua teoria pulsional em dois tempos, inicialmente seria dividida entre pulsões do eu e pulsões sexuais, posteriormente seriam a pulsão de morte e a sexualidade plenamente desenvolvida. A multiplicidade de relações que as pulsões podem vir a estabelecer tanto do sujeito consigo mesmo, quanto em relação a objetos externos/realidade são, em grande medida, alterações realizadas pelo trabalho da cultura, é ela quem traduz em representações mentais esta dinâmica pulsional e permite que elas tomem algum sentido. A condução psicológica da vida individual auxilia e orienta outras formações coletivas, como a sociedade burguesa no século XIX, por exemplo.

Mesmo quando ocorrem mecanismos de satisfação que extrapolam os limites da imposição da civilização foi porque a dinâmica pulsional conseguiu atravessar este emaranhado defensivo por meio de outros caminhos, sejam eles metaforizados, transformados, convertidos, projetados ou condensados pela criatividade do aparelho psíquico do sujeito. A atuação dos mecanismos de defesa, as formas pelas quais se disfarçam a agressividade e a sexualidade também aparecem como constantes na vida humana, inclusive, o sucesso ou

⁶¹ Inclusive, discuto no capítulo seguinte, NATUREZA HUMANA – FILOSOFIA DA HISTÓRIA FREUDIANA como este tema da natureza humana se desdobra numa concepção de história que pode ser apreendida da obra freudiana e de sua relação com a ciência biológica, em especial com as teorias evolutivas de sua época. CF. MONZANI, Luiz Roberto. “A ‘fantasia’ freudiana” IN. PRADO, JR (ORG). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

fracasso destes processos determinam o grau de satisfação e saúde mental ao longo da vida, e são fatores que estão presentes em toda ordem de conflito que podemos observar ao longo da história. São nestas entrelinhas que rompem as defesas que encontramos a marca dos desejos inconscientes, cuja gramática pode se inscrever em materiais que resistem a passagem do tempo. A vida pode ser observada pelo analista e pelo historiador como:

Uma tragicomédia de desejos insatisfeitos e realizações arriscadas, de advertências ansiosas e restrições defensivas problemáticas. A natureza humana em ação parece convidar, de fato impor, compromissos instáveis que estabelecem repetidamente e, quase com a mesma frequência, se evadem a acomodações frágeis entre as facções em luta na mente (GAY, 1985 p. 84-85).

A relação do sujeito com a realidade será sempre resultado do cálculo elaborado pelo aparelho psíquico, ou seja, as pressões da realidade e formatadas pelas necessidades internas – inconscientes – do sujeito. Com isso podemos adentrar noutra temática, como se forma a percepção do indivíduo. Mais uma vez devemos recorrer a instâncias universais do desenvolvimento. A forma pela qual o indivíduo ultrapassa a fase edipiana depende muito de fatores culturais aos quais está inserido, e sua variabilidade é muito antiga, o que também o torna muito familiar e, ao mesmo tempo, seu desenlace é totalmente imprevisível, as determinações pessoais que são formadas por meio da passagem edipiana dão forma aos valores e moldes pessoais que atuam em todos os aspectos da vida particular – visto que os pais se tornam os primeiros objetos da agressividade e da sexualidade em suas formas mais primitivas (GAY, 1985).

Como resultado do Complexo de Édipo, Freud descrevia a formação da última das estruturas que compõe o aparelho psíquico, o Superego. Esta estrutura formaliza a introjeção do sentimento de culpa, o ódio e as proibições (do pai?), e ainda lhe permite buscar objetos mais adequados às suas satisfações, ou seja, não incorrer ao incesto. Trata-se de uma fase do desenvolvimento que “serve não apenas para gerar neuroses, mas também para domesticar emoções a canalizá-las para formas legítimas” ao mesmo tempo em que expõe a criança a paixões e a ensina como lidar com elas. É o grande sistema da cultura que estabelece códigos e normas para satisfazer adequadamente os desejos individuais, sem colocar em risco o corpo social, daí

derivam injunções morais, ritos religiosos, costumes matrimoniais e forças policiais. Esta mesma segurança fornecida pelo aparato cultural também se torna a fonte de vergonha, auto reprovação, e ainda “ramifica-se pela vida mental desde os anos da infância, ao deixar trações de ambição e resignação, até os tabus mais energicamente protegidos pela cultura” (GAY, 1985 p. 87).

A teoria do desenvolvimento de Freud não apenas auxilia na compreensão da formação dos sujeitos, mas também no modo particular como cada um vê e interpreta o mundo a sua volta. Eu, você leitor, em suma, nós neuróticos, distorcemos a realidade com base nesta formação pela qual passamos no início da vida: “eles exageram, distorcem e selecionam tendenciosamente características que todo ser humano possui, de modo que através disso dramatizam de forma conveniente as suas operações” (GAY, 2000 p.77). Na clínica freudiana (especificamente aquela destinada a neuróticos) o paciente deve receber dados de realidade para corrigir seus comportamentos, olhando diretamente para sua neurose, seja pela via da comunicação direta, seja pela via interpretativa. Esta deve ser também a busca do historiador, observar que o discurso deriva destas distorções psíquicas e que existem outras nuances para fazer uma leitura analítica.

Na vida comum é constante o fato de que tais distorções são incorporadas ao discurso e às decisões que os indivíduos tomam, de alguma forma isso é registrado naquilo que é produzido e que resiste ao tempo, se tornando fonte histórica. Portanto, podemos perceber nesta documentação “os programas escondidos que quase imperceptivelmente dominam a infância, a família, e a cultura como um todo, e os fluxos libidinosos e agressivos que em segredo, mas irresistivelmente invadem a vida social e política” (GAY, 1985 p.151). Buscar observar como as ansiedades defensivas influenciam as decisões e ações de atores no passado e como podem aparecer na documentação leva a pensar em quais fontes documentais podemos realizar este exercício.

O fato é que, considerar a particularidade psíquica do sujeito permite ao historiador, de acordo com o relato pessoal de Gay:

Maneiras novas, mais instrutivas de ler diários e sonhos, certas pinturas, novelas e textos médicos. Aguçou minha sensibilidade para fantasias inconscientes compartilhadas que subjazem a estilos culturais, e para os fluxos poderosos e amplamente encobertos das pulsões sexuais e agressivas que dão energia à ação, invadem e distorcem a percepção objetiva, e fazem com

que as psicologias baseadas em interesses racionalistas apareçam como ingênuas, como totalmente desprovidas de recursos (GAY, 1985 p.16).

O contato da mente com a realidade é realizado por meio de um procedimento muito específico de acordo com Freud. É preciso considerar que o verdadeiro, para neuróticos, e para psicóticos, é aquele espaço que foi menos distorcido durante seu desenvolvimento psíquico. O desenvolvimento psíquico humano segue um vetor que sai da dependência absoluta para graus de maior autonomia, ao mesmo tempo, em que há também um percurso no qual o sujeito deve abandonar seu sentimento de onipotência para incluir em si limitações e sanções disciplinares, adentrando no solo da cultura e permitindo-se entrar em contato com o outro. Cada um tem que aprender a lidar com o princípio do prazer e com o princípio de realidade, deixando de lado a fantasia de onipotência presente na infância incorporando a desilusão imposta por seus limites. No entanto, não há um completo abandono das fantasias iniciais da vida, durante toda sua existência o sujeito deverá lidar com as pressões das realidades externas e internas, muitas vezes dando-lhes respostas de derivam de suas neuroses/psicoses/perversões.

Destarte as frustrações e imposições externas tem que ser trabalhadas no interior da psique, o que obviamente demanda o que é chamado de “tolerância a frustração”. Nossas respostas diante da realidade externa dependem do grau de maturidade emocional que alcançamos no desenvolvimento psíquico, o que varia muito, além de que somos mais ou sensíveis de acordo com o assunto em questão. Passado este processo, o sujeito passa a lidar com a realidade negociando com as ofertas que lhe são apresentadas, que longe de ser um processo linear e progressivo, é marcado pelo recalçamento e pela distorção da realidade, portanto, “não é de admirar que muitos adultos recorram à autoilusão” (GAY, 1985 p.111).

Na maior parte das vezes os homens e mulheres agem por trilhas familiares e se orientam por modelos que já existiam antes de sua chegada, conservando e preservando aquilo que encontraram, e mudar, mesmo que para melhor pode suscitar ansiedades e angústias, “o costume e a tradição, essas repetições organizadas, com a sua monotonia tranquilizante, sua recusa axiomática em examinar suas origens e questionar suas operações, amenizam

e modera as ansiedades⁶²” (GAY, 1985 p. 116). A cada ação, atitude, tomada de decisão, discurso, elaboração mental, entre outros, representam uma resposta que contém algum nível de atuação inconsciente e “é quando o historiador começa a se envolver com as intensões em si mesmas, entrando assim no terreno da *racionalidade com vistas a valores*, que a psicanálise adquire uma função mais visivelmente explicativa” (Ibidem, p. 115).

Concluindo este primeiro aspecto da teoria geral, quero destacar que ao aceitar a concepção de sujeito da psicanálise, Gay assume o conselho de Freud enunciado por ocasião do Encontro de Psicanálise de Viena em 1907, pedindo para que os candidatos a analistas não aceitassem os valores atribuídos pela aparência, pois estas são sempre representações, imagens falsas, compostas de fantasia e realidade (SCOTT, 2018). O homem é um ser social, sem estar totalmente socializado. O indivíduo passa por um processo de assimilar a cultura, mas também vive em luta contra ela: “a cultura é indispensável e sufocante ao mesmo tempo” (Ibidem, p. 142). É justamente nos conflitos que desenvolvemos com nossos desejos que repousa a possibilidade de surgir o novo, o indivíduo em sua singularidade.

Até o momento parece que a psicanálise permite observar a complexidade dos fenômenos no nível individual. Aceitar os argumentos acima corrobora para uma análise qualitativa das intenções conscientes e inconscientes em cada personagem do passado que esteja passível de ser alcançado pelas fontes históricas – seus diários, biografias entre outros. No entanto, como Peter Gay sugere que estas ferramentas também alcancem outras escalas de análise?

As diferenças no foco de observação do historiador, segundo Peter Gay, indivíduo e sociedade são diferenças de escala, a psicologia individual também é a mesma para observar fenômenos coletivos, tendo em vista que Freud também especulou sobre o comportamento das massas (FREUD, 1921). A finitude da individualidade é sempre confrontada pelo desejo de continuidade que existe no inconsciente. Diante desta finitude instituímos clãs, grupos familiares, partidos, escolas, que tem como função, sobretudo, de sobreviver ao

⁶² Este ponto vem de encontro com o fato de que Freud afirma que as pulsões são conservadoras, buscam sempre caminhos que demandem a menor energia possível, quanto mais esforço mais acentuada é a sensação de angústia, seja sua mobilização decorrente de motivações reais ou neuróticas.

fim do indivíduo e transcendê-lo para a posteridade. Demarcando assim, formas de “imortalidade” para aqueles que participam de tais agrupamentos. Crenças compartilhadas são, no mínimo, fantasias compartilhadas (GAY, 1985 p.143).

As crenças compartilhadas por grupos – sejam elas de cunho, político, religioso ou cultural – e movimentos de massa seguem algumas regras fundamentais observadas por Freud, e podem ser traduzidas por meio do tato analítico do historiador ou do analista. O ódio e a violência podem ser tomados como temas coletivos, e observados por meio de registros que atestam as diferentes formas pelas quais os dois mecanismos aparecem na sociedade como aglutinadores de pessoas e da condução de seu comportamento, enfim, os “ódios apaixonados, seguidamente escondidos, deixam seus traços nos jogos e nos festivais e que vão desde a hostilidade grosseira dos charivaris⁶³ até as mensagens oblíquas dos ritos de iniciação” (GAY, 1985 p.151). A cultura sempre se encarrega de inserir a violência na ordem do dia sem que haja uma destruição literal dos polos de enfrentamento.

Passando do divã para a sociedade, Gay recorda que Freud especulou se suas contribuições sobre a psique individual também poderiam auxiliar na compreensão das experiências coletivas, partido da hipótese que as aquisições psicológicas de indivíduos e grupos são as mesmas. O individualismo humano se confronta com sua necessidade de generalizar, clãs, profissões, classes, que pesam continuamente sobre o indivíduo. A consciência é para Freud um legado que se torna internalizado, um tipo de “ego ideal”, cuja referência inicial se dá pelos pais, e posteriormente passa a ser composta por tutores, professores e outras figuras. Noutro momento, em *Mal-estar na civilização*, desenvolveu a ideia de um superego coletivo. As ciências sociais são parasitárias da psicologia para Freud (GAY, 1985 p. 122). Novamente, com base na concepção de natureza humana e incorporando a filosofia da história freudiana, Gay constrói a possibilidade de analisar a propagação e assimilação de discursos e comportamentos no nível social. Freud se baseou no:

Reconhecimento, cada vez maior, de que os eventos da história humana, as interações entre natureza humana, o desenvolvimento cultural e os precipitados das experiências primevas – a partir de cujos representantes a própria religião é impulsionada para frente – são apenas o espelho de conflitos

⁶³ Costume popular que encena algum tema de uma comunidade em forma de desfile.

dinâmicos entre o ego, o id e o superego que a psicanálise estuda no indivíduo, os mesmos eventos repetidos em uma escala mais ampla (GAY, 1985 p. 145).

Novamente o que guia a ordenação das ações humanas é a dualidade pulsional presente na psique individual, amor e ódio. As pulsões são manejadas de modo a transformar um indivíduo dentro de um grupo em autômatos submissos, ativos e intolerantes. Freud além de encontrar um novo vocabulário para cenas familiares, também as explicou: “na massa, desaparecem todas as inibições individuais, e os instintos cruéis, brutais e destrutivos, adormecidos em cada um como relíquias de uma era mais primitiva, são despertados para procurar uma livre satisfação pulsional” (GAY, 1985 p. 126).

Os membros do grupo se identificam entre si e com seu líder, além de agir segundo a ideia e a norma moral que é imperativa para os valores do grupo, o que leva Freud a afirmar: “permanece certamente verdadeiro que as maiores realizações intelectuais, as descobertas importantes e as soluções de problemas são possíveis apenas para o indivíduo, que trabalha solitariamente” (Ibidem p. 126-127).

A psicologia de grupos tematizada por Freud auxilia o historiador na compreensão de momentos em que a mobilização coletiva se tornou o grande mote da ação transformadora, que tanto pode ser utilizada de modo construtivo, quanto destrutivo, como podemos observar em inúmeras ocasiões históricas. Em todos estes casos a circulação de discursos era realizada no sentido de alcançar as ansiedades defensivas dos indivíduos, potencializando-os para um uso político (no sentido de atuação de interesse entre diferentes grupos). E mais, como tentarei apresentar adiante, este movimento também será encampado pela classe média de modo a difundir e exportar sua visão de mundo para toda a sociedade, fazendo com que todos compartilhem – de certo modo e em certo grau – seus valores e se posicionem diante de ameaças externas – sejam elas fantasiosas ou reais.

Com isso alcanço o ponto central deste tópico, como é realizada a elaboração de interpretações partindo da psicanálise como ciência auxiliar da história. A escuta psicanalítica e seu método de interpretação podem ser aplicados ao historiador com suas fontes, o analista em sua *escuta flutuante* aguarda no discurso do paciente conteúdos que, *a priori*, não tem significado

nenhum para ele. Seu trabalho neste momento é denotar sentido e inclui-lo numa narrativa que faça sentido para o paciente, promovendo uma tomada de consciência de um conteúdo que ao mesmo tempo fazia parte da sua paisagem e estava oculto de sua linha de observação. O historiador também lida do mesmo modo com os fragmentos do passado, indícios, que podem revelar significados latentes, um conhecimento indiciário, para remeter ao vocabulário de Ginzburg – que não por acaso se embasa também em Freud – detalhes sem valor, que podem falar sobre aspectos do passado que não tinham a importância necessária até então.

Quero dividir a análise de fontes também por meio da mesma divisão apresentada acima, ou seja, do ponto de vista individual e dos grupos. Esta divisão se justifica pelo tipo de fontes que serão mobilizadas em cada um dos trabalhos, assim como os conceitos que são mais operacionais em cada uma dessas situações. Analisar o interesse privado implica considerar sempre relações de necessidade e controle presentes na formação psíquica, ou seja, a adequação da realidade mobilizada pela estrutura emocional daquele personagem que será observado na análise. Os grupos, por sua vez, seguem a mesma lógica, com a diferença que a consciência coletiva é observada por meio dos vínculos libidinais estabelecidos entre os membros da coletividade, e destes com sua liderança⁶⁴, tendo em vista que o amálgama das duas relações passa pelo quanto a discursividade fala sobre as identificações defensivas de cada unidade mobilidade neste movimento (FREUD, 2014 [1921]).

Tal como numa neurose, o interesse privado também é uma formação de compromisso, e juntamente com o Ego, tal interesse também deve enfrentar as três situações hostis, cujo resultado deve ser um acordo que mantenha o sujeito mais ou menos em funcionamento, o mundo externo, o isso, e o Super-Eu. Por exemplo, grandes empresas aparentemente regidas pela racionalidade do mercado, podem ser influenciadas pelos interesses particulares e interpretar informações de modo incorreto, sabotar funcionários, entrar em pânico, ou mesmo atingir o colapso (GAY, 1985 p. 97). O historiador observa bem ao afirmar que as defesas erguidas nestes casos são manobras individuais e que, também são a causa da maior parte dos sofrimentos mentais, que, às vezes se tornam

⁶⁴ Este líder não precisa ser uma pessoa, pode ser uma ideia, além disso, os grupos podem viver de acordo com padrões morais mais elevados do que aqueles que atingiram individualmente (GAY, 1985 p.126).

prisões que confinam fobias, gestos obsessivos ou inibições paralisantes (GAY, 1985 p.135).

Do mesmo modo, as defesas problemáticas se desenvolvem na cultura, que busca sempre desenvolver compromissos sustentáveis, tréguas temporárias, mas renováveis, entre desejos ininterruptos e os temores gerados por esses desejos, em si mesmo e nos outros. Estas defesas constroem códigos legais, injunções morais, ritos religiosos, costumes matrimoniais e forças policiais. Quando um homem, ou grupo de homens, no século XIX, demonstra seu receio diante da entrada das mulheres no mercado de trabalho como uma ameaça à ordem familiar, ou aos seus postos de trabalho, pode ser visto como uma manifestação de ansiedade neurótica, pois este argumento pode ser minado facilmente, basta acessarmos dados de realidade que divergem das afirmações que estes sujeitos estão encampando. Estatisticamente, este movimento não deveria representar uma ameaça real naquele momento, de modo que não passa de um medo masculino interno diante de qualquer movimento feminino rumo a autonomia⁶⁵. O historiador guiado pela psicanálise deve buscar compreender os mecanismos conscientes e inconscientes que se manifestam numa ação:

Em poucas palavras, deveria olhar para o trabalho analítico, integrativo e sintético do ego, para essas capacidades que são pressionadas no máximo pelas exigências que o interesse privado puro impõe sobre elas. São pressionadas em larga medida porque os interesses não se expandem ou se contraem simplesmente. Frequentemente e de forma decisiva conflitam entre si (GAY, 1985 p. 98-99).

Além dos malabarismos que a mente faz para lidar com a realidade, também é preciso considerar os estímulos externos recebidos pela psique. Sejam eles problemas pontuais do cotidiano, em que pessoas próximas causam conflitos ou ofensas, ou questões históricas da sociedade se apresentam a todo instante e devem estar sujeitos a compromissos, adaptados ou negados. Tais estímulos entram em contato com as pulsões internas, agressivas ou eróticas,

⁶⁵ Este ponto em especial demonstra a importância de que, em algumas circunstâncias, haja a realização do cruzamento de fontes. Os discursos em primeira pessoa podem ser cruzados com dados estatísticos, acervos fotográficos, documentos oficiais, entre outros, de modo que possamos apreender a distância entre aquilo que é dito e o que revela outros elementos e dados de realidade. A medida desta subtração é nada menos do que uma distorção neurótica da experiência histórica humana, que retomarei no último capítulo.

em suma, a dialética entre a realidade externa e psíquica sempre resulta numa percepção singular da realidade, formando sintomas “a partir de histórias ouvidas, incidentes vistos, ansiedades sentidas, todas expressas através de um vocabulário pictórico e verbal que partilham com seus contemporâneos mais afortunados” (GAY, 1985 p.110).

Algumas vezes é possível aplicar conceitos psicanalíticos diretamente em alguns materiais, como em diários, cartas, anotações pessoais, autobiografias, em suma, onde quer que seja possível identificar experiências pessoais, confissões inconscientes que o escritor não tinha intensão de revelar. Em suma documentos escritos em primeira pessoa, ou textos de um modo geral são propícios para investigações. A linguagem é por excelência o lugar por onde o inconsciente pode emergir e comunicar algo, em suas múltiplas manifestações “é possível estar atentos a certas nuances que provavelmente passariam despercebidas a seus colegas não analíticos” (GAY, 2000 p. 113-114). Em suma, todas as formas não racionais que os indivíduos utilizam de forma involuntária em diferentes ocasiões que deixam alguma marca podem ser trabalhadas como fontes. Aqui recorro a algumas explicações detalhadas por Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) para apresentar algumas pontuações que Gay apropria.

A escrita é um recurso da linguagem, e muitas vezes, por mais que o autor seja rigoroso quanto a sua métrica, gramática, estilo e coesão, pode acabar dando margem para *atos falhos*, que é um tipo de manifestação não intencional que ocorre em todos nós⁶⁶. Com efeito, estava presente em muitas cartas e diários encontrados por Gay do século XIX, um recurso bastante curioso, o autor do documento se utilizava de um termo/palavra em língua estrangeira no decorrer do texto, retornando em seguida ao seu idioma materno. Este mecanismo age na mesma instância dos *atos falhos*, e remetem diretamente a questões que passaram despercebidas da vida consciente. De acordo com o historiador psicanalista, tal analogia permite que estes homens e mulheres criem

⁶⁶ Na obra citada, Freud também inclui lapsos, esquecimentos, negações e enganos. e se utilizam dos mesmos mecanismos descritos para a interpretação dos sonhos, *condensação*, *deslocamento*, *substituição* e *troca pelo contrário*. Estes termos serão mais bem abordados no próximo capítulo no qual farei uma apresentação panorâmica da psicanálise freudiana.

um afastamento do tema que orbita a palavra, de modo a poder tratá-lo numa distância segura, longe da necessidade de censura superegoicas.

Da mesma forma os *chistes*, que são atuações que demonstram o espaço inconsciente que domina a palavra e a linguagem, assim duplos sentidos, pensamentos substituídos por sentido seu contrário, piadas que tornam atos agressivos em caricaturas cômicas. Em suma, um mecanismo que busca obter prazer em situações que normalmente seriam impedidas em decorrência de imposições morais e outras normas vigentes. Ou então, como a criação de um discurso amplamente moralizante tem como sentido a ocultação de conteúdos agressivos.

Por exemplo, numa sociedade pronta para ter compaixão, o caso do estudo sobre a proibição da prostituição no século XIX, revela um desejo difundido de salvar mulheres decaídas, logrando assim uma vida respeitável, tendo em vista fantasias inconsciente que seus autores tinham em relação a salvar suas mães, que eram submetidas à arbitrariedade dos pais no quarto. Neste caso, o discurso moral esconde uma fantasia de reparação em um tipo de condução política.

Mencionei em certa passagem a dependência de dados de realidade no trato com as neuroses que é encontrada na clínica freudiana. Pois bem, este mesmo confronto pode ser útil para a interpretação histórica que proponho aqui. Isso porque muitos trabalhos objetivamente conduzidos podem auxiliar o contraste necessário entre o quanto os discursos estão em diálogo com a vida íntima daquele que o enuncia. Um exemplo que posso tomar emprestado é a discussão que girou ao redor do uso do clorofórmio no século XIX, que poderia ser utilizado para amenizar as dores do parto. Muitos médicos criticaram abertamente seu uso, naturalizando a dor e a condição feminina natural na concepção de uma nova vida, com argumentos bastante questionáveis, “uma afronta às leis fundamentais da adaptação”, se a dor existia na hora do parto era um desejo do Criador, e a criança nascida de um parto indolor teria maior fragilidade “uma criança em cada oito morreria antes de completar seu primeiro ano de vida” (GAY, 1989 p.172).

Tal argumento é facilmente implodido por uma verificação na queda na taxa de mortalidade infantil que progressivamente se impôs após a década de 1850. A variação de mortalidade variava, na verdade, conforme a classe social.

Esposas e crianças eram “recursos renováveis” em muitos ambientes, e o discurso acima referido na verdade eram racionalizações dos homens que secretamente tinham grande prazer diante do sofrimento agonizante das mulheres que involuntariamente se submetiam a seus cuidados.

A história psicanalítica de Peter Gay é devedora deste cruzamento de fontes, não é possível realizar muitas de suas afirmações sem que algum outro parâmetro de comparação não permita, para tal o autor recorre a dados demográficos, censos, balanços econômicos, registros imagéticos, entre outros. Não por acaso, a coleção *A experiência burguesa* também traz em cada volume, além do quadro de fontes e notas, um ensaio bibliográfico contendo não apenas autores contemporâneos de seu objeto de pesquisa, como também outras referências que discutem os mesmos temas sob outras óticas metodológicas. Isso ajuda a dar mais sustentação a sua visão do passado.

Com isso posso sintetizar que, seu trabalho posterior, destinado ao século XIX se constrói a partir desta base teórica. Considera a natureza humana e os movimentos inconscientes que estão presentes nos documentos que pode analisar, a base psicanalítica fundamenta sua visão sobre o esforço de moldar a Civilização, como organização universal, que dá espaço para a criação artística, pesquisa científica, cultivo das paixões, ganho de dinheiro, e é uma organização coletiva contra o assassinato e o incesto, onde cada cultura realiza sua forma própria de defesa e adapta seu estilo a condições mutáveis.

O sujeito da psicanálise é sempre um emaranhado complexo, e ninguém, independentemente de sua posição ou classe social está livre das pressões internas. Tanto aqueles que contestam os valores impostos quanto aqueles que os assumem inteiramente estão em sofrimento, “o conflito é a norma, e não a anomalia, como dizia a sociologia de sua época” (GAY, 1985 p.140). O indivíduo passa por um processo de assimilar a cultura, mas também vive em luta contra ela: “a cultura é indispensável e sufocante ao mesmo tempo” (GAY, 1985 p. 142). Não por acaso também se apresenta de modo tão hostil a todos aqueles que são encontrados fora dela – asiáticos, ameríndios, africanos, polinésios, entre outros – que mobilizam justamente as ansiedades persecutórias, ao constatar apresentar lugares e pessoas com outras formas de manejar seus desejos, eles são vistos como inaceitáveis para a cultura moldada no recalque pulsional, eurocêntrica.

Antes de observar uma análise prática de Peter Gay quero discutir alguns pontos relativos à psicanálise freudiana e sobre a concepção de filosofia da história que pode ser observada no conjunto de sua obra. Este é o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

Psicanálise – a natureza humana e a filosofia da história freudiana

3.1. A especificidade da psicanálise freudiana

Neste capítulo quero dar ênfase à psicanálise freudiana⁶⁷, particularmente naqueles aspectos da teoria que contém elementos importantes para refletir sua inserção no campo historiográfico. De modo resumido meus objetivos se dividem em dois pontos centrais. O primeiro é de ordem objetiva, quero especificar a particularidade científica do pensamento de Sigmund Freud, me oriento por meio da contextualização de seu pensamento, suas heranças intelectuais, e seu modo singular de se apropriar arbitrariamente de conhecimentos ao seu alcance que deram luz a uma teoria geral do psiquismo e da natureza humana, conduzida por diversos trabalhos publicados entre os anos de 1895 e 1939. O segundo ponto, central neste capítulo, é observar a existência de uma concepção de história na obra freudiana, uma filosofia da história teleológica que dialoga com a noção de temporalidade predominante no século XIX⁶⁸, que observa um sentido progressivo e acumulativo de tempo, neste caso, marcado pela observação do desenvolvimento na organização da sociedade e da cultura, na medida em que o aparelho psíquico se desenvolve e se torna mais complexo.

O principal motivo que me levou a elaboração desta discussão incisiva dentro da psicanálise são as afirmações de Peter Gay realizadas em *Freud para historiadores* (1989). Segundo ele, a obra de freudiana pode ser lida sob a ótica de um conjunto que é, ao mesmo tempo, histórico e psicológico, o que justifica a divisão que apresentei acima. Existe um traçado universal sob o qual os eventos e os indivíduos podem ser observados, traçado este que segue determinações da natureza humana⁶⁹. Tal concepção não é estranha ao

⁶⁷ Recupero aqui a mesma expressão que utilizei ao abrir a tese, na introdução, ou seja, considerando que a restringi neste trabalho

⁶⁸ Para Koselleck, teria ocorrido na modernidade, e alicerçado pelo iluminismo, uma forma de pensamento cuja temporalidade racional e teleológica teria se imposto como dominante, de modo que tudo o que foi produzido nestes séculos XVIII e XIX teria como premissa esta noção de tempo linear e progressiva (KOSELLECK 2021).

⁶⁹ Koselleck afirma a mesma coisa, ao argumentar que, embora os eventos históricos sejam irrepetíveis, os padrões nos quais se inscrevem são os mesmos, todo acontecimento está intimamente ligado às estruturas de repetição e singularidade, o que que chama de antropologia histórica, Gay chama de Natureza Humana. Ou seja, o que é comum em todos os homens, o que é particular apenas em alguns homens (KOSELLECK 2021 p. 58).

historiador, pois, segundo Gay, ele se apoia em teorias que propõem regras nas quais estão inscritas as ações individuais e coletivas dos atores sociais aos quais se dedicam estudar (GAY, 1989 p. 18). O mesmo ocorre dentro da teoria freudiana, o funcionamento psíquico revela algumas formações específicas, que servem como indícios de fenômenos passados, tanto no que tange à sua história pessoal quanto aquilo que é compartilhado como sociedade e cultura. O que a psicanálise descreve não é senão um sentido histórico que pode ser encontrado na vida social. O ponto nodal que encarcera o desejo e modela as pulsões⁷⁰ é o mesmo que faz a história, toda a cultura é produzida com o objetivo de modular as pulsões, portanto, nossas ações estão carregadas com estas marcas.

Freud pensou e defendeu a existência de uma trajetória histórica que culminou no aparelho psíquico em seu modelo atual (GAY, 1989 p.82). Resultado este de uma história particular, que pode ser redescoberta pelas estruturas elementares pelas quais funciona a psique, especialmente as neuroses e as psicoses. As psicopatologias são como fontes que revelam dados do passado e contém narrativas daquilo que fomos um dia, pistas de um passado remoto, que nos ajuda a compreender o que e como nos tornamos o que somos. Sua metapsicologia dialoga intensamente com o passado como uma instância dotada de grande importância para a compreensão do psiquismo humano⁷¹.

Há uma história que se inicia com o homem primitivo, se desenvolve por meio do paulatino controle da dinâmica pulsional, a fim de restringir as ações de Eros e Tânatos, que permitem que haja um ordenamento social que oferece segurança aos indivíduos, preservando tanto a unidade quanto a coletividade. Este processo é o que funda a civilização em termos freudianos, um pacto social, no estilo hobbesiano⁷², que tem uma consequência psicológica muito intensa.

⁷⁰ Termo que se refere a uma força/necessidade que visa ser satisfeita. Ela tem uma fonte, uma finalidade/objetivo e um objeto. Esta descrita desde seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e em *Os instintos e seus destinos* (1915).

⁷¹ Esta premissa fica evidente quando observamos, por exemplo a seguinte citação de Totem e Tabu (2012 [1912]): “Se esta premissa for correta, uma comparação entre a “psicologia dos povos da natureza” (primitivos), tal como é ensinada pela etnografia, e a psicologia dos neuróticos, tal como foi revelada pela psicanálise, mostrará numerosas coincidências e nos permitirá ver sob nova luz fatos já conhecidos das duas disciplinas”. Ou seja, o funcionamento neurótico guarda semelhanças com o que fomos em eras primitivas. CF. FREUD, S. *Totem e tabu* (1912). In: Obras completas, volume 11 (1912-1914). São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

⁷² Na obra de Thomas Hobbes, chamada de contratualista, Leviatã seria o monstro necessário, para quem os cidadãos ou súditos cedem sua liberdade em troca de segurança, protegendo-se da condição natural humana, na qual todos estão em constante luta contra seus semelhantes, o que implica na destruição

Transforma as pulsões em seu estado bruto, para formas mais refinadas de atuação. As instituições políticas, a lei, a interdição da sexualidade, as normas cotidianas, os rituais, as religiões, em suma, tudo tem um objetivo coletivo de proteção, especificando quando e como as pulsões podem ser satisfeitas sem que haja danos no pacto social da cultura. Da mesma forma, as instâncias psíquicas agem no plano da singularidade e atuam na divisão que Freud apresentou. Inicialmente apenas como Inconsciente, pré-consciente e consciente, e depois acrescentou, Eu, Isso e Super Eu. Dito de outro modo, há um percurso filogenético acumulado pela experiência histórica humana que se reproduz no desenvolvimento ontogenético do indivíduo, esta dialética encerra nossa natureza humana.

Esta natureza humana se refere a uma dupla realidade, de um lado biológica e inescapável, pois o homem começa a vida como o mais incompleto dos animais, necessita de alimentação e proteção por parte de outros, nasce com poucas pulsões instintuais, moldáveis e, que com toda sua tenacidade, é educável para o bem ou para o mal, o que o torna, por outro lado, essencialmente cultural. Sua dependência e tutela não muda, o que muda são as formas tradicionalmente construídas para lidar com o desenvolvimento, os rituais de aprendizagem, de crescimento, de modulação da sexualidade, dos interditos morais e éticos, entre muitos outros métodos de domesticar o universo interno dos homens e mulheres em sua experiência de vida. Enfim, o homem tem uma dimensão biológica que dialoga e acarreta diferentes consequências psicológicas, que são extremamente variadas, mas previsíveis⁷³ (GAY, 1989 p.82).

Esta particularidade biológica humana, como veremos adiante, é muito utilizada por Freud, ela fundamenta sua concepção de natureza humana e dá a base de sua psicanálise, para o tipo de ciência que ele acreditava desenvolver, ou seja, uma ciência da natureza. No entanto, é importante salientar também o quanto a polêmica em torno desta perspectiva influenciou os continuadores da

eminente da vida. Este monstro recebe da multidão o poder para controlá-la, e a partir das leis, os indivíduos são obrigados a controlar a si mesmos. CF. HOBBS, Thomas. O Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁷³ Variadas porque a singularidade do indivíduo não se repete, o que se repete são as estruturas psíquicas que moldam seus mecanismos constitucionais, assim como o percurso de desenvolvimento psicosssexual, que segue fases predeterminadas, oral, anal, fálica e, finalmente, genital, após a passagem pelo Complexo de Édipo, por exemplo.

psicanálise. A tradução do termo *Trieb* (em alemão) para pulsão, nos idiomas neolatinos, é um esforço para deslocar para segundo plano, ou mesmo apagar, a filiação que Freud tem na Biologia de acordo com o que afirma Richard Simanke⁷⁴ (2014).

O fato é que, incontestavelmente, há uma correlação profunda entre a vida orgânica e a vida psíquica na teoria freudiana, que é retomada em sua segunda tópica, que pode ser observada na reformulação do sentido das duas grandes vias instintuais/pulsionais, de vida e morte. Além disso, a observação evolutiva, no sentido darwiniano, do aparelho psíquico é que dá corpo aquilo que chamei inicialmente de filosofia da história freudiana. É preciso considerar que Freud faz uma *apropriação* inventiva da palavra, visto que mantém a relação de proximidade que os seres humanos têm com sua herança biológica, ao mesmo tempo a toma num sentido próprio, elucidando outras influências que teve em sua vida, como o Iluminismo e o romantismo, por exemplo. O que me permite dizer que as pulsões não se referem apenas a dimensão biológica a qual inicialmente se pode pensar, assim como a sexualidade não remete apenas à reprodução para a psicanálise. É esta articulação entre diferentes saberes que permite a Freud dar luz a sua teoria das pulsões.

As pulsões, ou instintos, se quisermos preservar a conexão com a biologia de sua época, tem outras funções para além da preservação e continuidade da espécie humana, são elas que se articulam – ou ao menos intencionam articular – com a realidade, pois são as responsáveis diretas pela conexão do indivíduo com o mundo. O instinto de morte, por sua vez, teria como função fazer com que o sujeito retorne ao estado inorgânico o qual pertencia antes de constituir-se como ser vivo. Para o autor isso pode ser observado na medida em que os textos pós 1920 de Freud retomam suas teorias filogenéticas e aparecem em suas especulações a respeito da civilização e seus fundamentos. Estas heranças filogenéticas que permanecem no psiquismo humano são também históricas.

Enfim, com esta apresentação dou continuidade ao capítulo discutindo agora a particularidade de Freud e de sua concepção particular de ciência e, por consequência, a especificidade da psicanálise dentro do conhecimento científico

⁷⁴ Simanke aponta que a tradução de Paulo César Souza, para a Companhia das Letras, que republicou as obras completas de Freud a década de 2010, aparece como contraponto à estas influências, utilizando-se do termo instinto para devidamente traduzir a palavra “trieb” (2014).

no final do século XIX e início do XX. Em seguida, quero observar a forma pela qual Freud discute a influência do passado nos processos psíquicos, a nível individual e coletivo. Por último, alcanço a filosofia da história freudiana discutida a partir de alguns trabalhos centrais do psicanalista.

3.2 – Contextualizando o pensamento freudiano

Neste tópico apresento de modo panorâmico o pensamento de Freud, partindo do pressuposto de que o criador da psicanálise incorpora diversos elementos presentes no campo científico de sua época, chegando a considerar sua incursão nos processos inconscientes como uma ciência natural, ou seja, racional e objetiva⁷⁵. Freud se apropria de teorias e conceitos que deram corpo à sua psicanálise⁷⁶. A partir da segunda metade do século XIX, a medicina, a biologia e a física passaram a compor análises dirigidas à sociedade de um modo geral. Com efeito, parto de uma apresentação do psicanalista vienense em seu contexto histórico e geográfico, apontando suas filiações intelectuais, ao mesmo tempo em que apresento alguns conceitos centrais da sua obra (MEZAN, 2007). Espero com isso dar embasamento para a discussão posterior, na qual observo a leitura da história realizada por Freud a partir de sua própria teoria, tomada então como uma visão de mundo.

A história da mente moderna deve muito a singularidade e originalidade de Sigmund Freud, as quatro primeiras décadas de desenvolvimento da psicanálise correspondem, em grande parte, a sua história pessoal (GAY, 1989A p. 64). Suas heranças intelectuais, influências teóricas, autores que admirava, ajudaram a compor a constelação conceitos e a definir sua posição dentro da história da ciência que caracterizou a psicanálise entre os anos de 1895 e 1939.

⁷⁵ Atualmente, por outro lado, ela acabou se tornando indiscutivelmente uma ciência humana. E este deslocamento é explicado por dois movimentos. O primeiro se refere a delimitação entre os diversos saberes que se formaram no século XIX e se especializaram no século XX (MEZAN, 2007). O segundo se refere ao esforço dos psicanalistas em “apagar” as heranças das ciências naturais de Freud (SIMANKE, 2014).

⁷⁶ Ao lado da biologia evolucionista, Mezan também cita a presença da física newtoniana no contexto intelectual europeu do século XIX, ambos modelos auxiliam a nomear os conceitos e teses freudianas: “é daí que deriva a ideia de forças psíquicas, assim como o constante emprego do termo *mecanismo* e as inúmeras metáforas mecânicas, hidráulicas e elétricas que pontilham suas descrições do ‘acontecer psíquico’” (MEZAN, 2007 p. 340).

Durante todos esses anos, o percurso de Freud no desenvolvimento da psicanálise partiu de três referenciais elementares, que se mantiveram sempre presente em suas teorizações, e nas constantes reformulações que se viu obrigado a fazer diante de novas descobertas. São elas: os discursos dos pacientes, sua própria autoanálise, e seu interesse pela cultura (MEZAN, 2006).

Freud cresceu e desenvolveu suas pesquisas em Viena, cidade cosmopolita, poliglota e o segundo maior centro de refúgio da população judaica europeia – atrás apenas de Varsóvia, na Polônia (que enfrentava ondas de antissemitismo e perseguição no final do século XIX). Além da diversidade étnica, Viena também contava com uma grande efervescência iluminista, que determinou a vocação investigativa de Freud – Centrado em métodos de interpretação racionalistas, valorizando o empirismo, a classificação e ordenação dos conteúdos apreendidos, sempre buscando encontrar leis gerais. Neokantistas, positivistas e românticos compõem o pano de fundo dos pensadores que difundiam suas ideias neste período e acarretavam consequências para diversos campos científicos, um deles, em especial no caso aqui apresentado, a psiquiatria e a nascente psicologia.

Diversas nomenclaturas adentraram no vocabulário especializado sobre o estudo da mente, demonstrando novas concepções teórico-científicas que cresciam na segunda metade do século XIX. Neurose, obsessão, histeria, anormal, cura, degeneração, são alguns dos conceitos que passaram a compor com regularidade as pesquisas científicas, juntamente com a proliferação de hospitais psiquiátricos onde se desenvolviam pesquisas a respeito das enfermidades psíquicas, tais como Salpêtrière, em Paris, ou Burgholzli, em Zurique, por exemplo. Soma-se a este contexto, a publicação d'*A origem das espécies*, em 1859, que não apenas aumentou a crença nos chamados fatores hereditários, como também inscreveu as atividades mentais, pensamento, emoção, moral, no plano dos processos evolutivos alcançados pelo homem (ZARETSKY, 2006 p. 29).

O trabalho de Freud vem de encontro com este contexto, mas não se detém nele, ao contrário, marca um momento de ruptura com o pensamento moderno, especialmente a partir da exploração do inconsciente, propondo um método que afirma poder “visualizá-lo” a partir de alguns de seus efeitos práticos, de modo a corresponder às expectativas dos preceitos científicos de observação

e dedução⁷⁷. A medicina, a psiquiatria e a psicologia já haviam começado a dar luz a este aspecto, a partir do referencial darwinista, o termo *subconsciente* era então considerado por cientistas um resquício de áreas inferiores presentes no cérebro que seguiam determinando aspectos do caráter⁷⁸. Tais explicações evolutivas também acarretavam toda uma teoria de escalonamento evolutivo da sociedade, crime, alcoolismo, prostituição, sexualidade, entre outros, tornavam-se objetos deste tipo de ciência, e não apenas casos de polícia e repressão.

Freud, por outro lado, foi responsável não pelo fim da visão iluminista do sujeito, mas por sua readequação, a partir de bases epistemológicas científicas ao seu alcance revisou a noção de inconsciente, dando-lhe um lugar de destaque na vida humana, não como um traço inferior, ao contrário, um espaço psíquico carregado de vida e de atuação constante, desde seu desenvolvimento infantil até suas manifestações na vida adulta (GAY, 1989). O inconsciente para Freud seria um espaço psíquico (tópico e dinâmico) regido por uma série de regras distintas daquelas operadas em outras partes da mente, ou seja, há uma determinação que regula seu funcionamento⁷⁹. Portanto, o homem iluminista se vale da razão para mediar a dinâmica inconsciente, ela se torna propulsora do refinamento das atividades pulsionais. O que me leva a afirmar o quanto Freud acreditava no uso da razão como pressuposto da conservação da civilização. O que é preciso, portanto, é aprender a compreender a linguagem inconsciente e, por meio da razão, identificar os momentos em que ela se apresenta. Esta máxima é o que marca a principal tese desenvolvida no famoso capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), desembocando numa divisão do aparelho psíquico, distribuindo as funções e objetivos de cada uma (GARCIA-ROSA, 2009).

⁷⁷ Segundo Meza (2007), o modelo de ciências naturais de Freud é derivado da física: “é daí que deriva a ideia de forças psíquicas, assim como o constante emprego do termo *mecanismo* e as inúmeras metáforas mecânicas, hidráulicas e elétricas que pontilham suas descrições do ‘acontecer psíquico’” (p.340).

⁷⁸ É importante destacar, e marcar a originalidade do pensamento de Freud, é que até então nenhuma das especulações a respeito do inconsciente tentou levar em consideração seu papel para a compreensão da subjetividade (GARCIA-ROSA, 2009 p. 170).

⁷⁹ Interessante notar que na definição de inconsciente apresentada por Freud em 1915 que a percepção do inconsciente, quando apreendida, é semelhante a qualquer um dos órgãos dos sentidos humanos, demonstrando sua herança biológica, a diferença está na particularidade de que o inconsciente precisa de uma representação para ascender à consciência. Este mecanismo visa burlar a censura e a repressão. CF. FREUD, S. *Ensaio sobre a metapsicologia - O inconsciente* (1915). In. FREUD, S. *Obras Completas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

O aparelho psíquico foi dividido inicialmente em três diferentes instâncias, inconsciente, pré-consciente e consciente, nas quais o diálogo entre cada uma é relativo e parcial, ações circunstanciais que demonstram a distância entre o que sabemos realmente de nós mesmos do que realmente “somos”, um movimento inalcançável na prática. Posteriormente, esta noção é ampliada e atravessada por novas divisões, *Eu*, *Isso* e *Supereu*, que são espaços nos quais se encontram, respectivamente, a consciência, nossos desejos, e a interiorização das regras de convívio social (FREUD, 2018 [1938]).

Portanto, ao contrário do sujeito iluminista que pode se tornar completo por meio do uso da razão e do conhecimento, o sujeito da psicanálise não tem acesso ao mundo exterior por completo, o *Eu* está imerso na escuridão, e suas representações, manifestações e desejos apenas circunstancialmente alcançam a superfície, há uma constante luta para equilibrar, quando consegue, as relações com o *Isso* e com o *Supereu* (FREUD, 2018 [1938]). Além disso, a nascente discussão entre normal e patológico, que orientava com tanta profundidade os conhecimentos psicológicos e psiquiátricos é posta de lado por Freud. O funcionamento psíquico patológico também está presente nos indivíduos ditos normais, todos nós apresentamos os mesmos mecanismos de operação simbólica que atuam na formação das psicose neuroses.

Sonhos, atos falhos, e chistes, todos apresentam formas de transformação de conteúdos inconscientes cuja função é vencer as resistências internas e emergir no plano da consciência, um diálogo do sujeito para com o sujeito, ou melhor, um diálogo entre diferentes instâncias psíquicas presentes em cada um de nós. A universalidade do ser humano passa a ser contestada a partir da ideia de um inconsciente pessoal, ou seja, pela singularidade do indivíduo, “uma espécie de sistema classificatório ou arquivo infinito”, seu entendimento e compreensão só pode ser alcançado a partir de suas próprias referências individuais (ZARETSKY, 2006 p.39).

A ênfase nesta singularidade está articulada a uma universalidade, as possibilidades de existência do sujeito e de sua identidade psíquica derivam da concepção de ser humano da qual Freud partia. Imbuído das teorias evolucionistas ao seu alcance naquele momento, Freud se baseou numa noção biológica e universal da humanidade. Acima de tudo, a psicanálise era para Freud uma ciência da natureza (MEZAN, 2007). A realidade é compreensível

porque a natureza apresenta regularidades observáveis, que são enunciáveis na forma de leis⁸⁰. Este ponto é central, Freud deposita na ciência a possibilidade de progresso da humanidade. Comparando o trabalho do analista com o cientista, Freud afirma que:

O progresso do trabalho científico se dá de modo muito semelhante ao da análise. Iniciamos o trabalho com certas expectativas, mas devemos afastá-las. Com a observação, aprendemos ora aqui ora ali algo novo, mas as partes não formam de início um conjunto coerente. Criamos então suposições, construímos hipóteses auxiliares, que abandonamos quando não se confirmam. É necessário ter paciência e disposição para avaliar todas as possibilidades, renunciando às nossas primeiras convicções; pois, dominados por elas, deixaríamos de perceber fatores novos e inesperados. E no final, todo o nosso esforço se vê recompensado: as descobertas isoladas se organizam num conjunto bem ajustado, e tem-se a visão de uma parte do acontecer psíquico; a tarefa está concluída, e estamos prontos para a seguinte (FREUD apud MEZAN, 2007 p.332).

A investigação de Freud é orientada pelo princípio do determinismo, do mesmo modo que as ciências da natureza o fazem. Na psicanálise o que existe para ser observado é a fala do paciente em sessão. Ao ouvir o paciente, e munido de teoria, o analista reflete sobre o que ouve e pode levantar hipóteses sobre os conflitos inconscientes que sobrepõe pulsões, desejos e fantasias, podendo levar a intervenções do analista para o paciente. Ou seja, temos aqui uma teoria geral que descreve o ser humano como movido por forças que desconhece, um eterno conflito entre o que o homem deseja, e o que a civilização lhe permite alcançar. Em suma, existe um número limitado de processos que permitem uma infinidade de combinações, dada a experiência e singularidade constitucional de cada um, que acarreta numa constelação enorme de variedades da chamada “vida psíquica” (MEZAN, 2007 p. 335).

Seu objeto de interpretação, seja a psique individual ou cultura coletiva, é compreendido como tudo aquilo que o homem produz para viver em sociedade, e pode ser investigado à luz de sua metodologia científica. E este é o mesmo procedimento que Freud realiza ao adentrar em elementos das ciências humanas, tais como religião, arte, antropologia entre outros:

⁸⁰ Freud transporta para sua ciência o estudo de “atividades humanas”, conhecidas como civilização ou cultura, que neste período eram estudadas pelas humanidades (*Geisteswissenschaften*), ainda que houvesse uma nítida divisão entre as ciências humanas e as ciências da natureza (MEZAN, 2007).

Cada “objeto” desses é considerado como produto de causas discerníveis – a religião como resposta ao desamparo infantil, as normas morais como consequência do assassinato do pai primitivo, as obras de arte como fruto da sublimação e das particularidades psíquicas dos seus criadores, etc. Todos esses produtos da “atividade espiritual” derivam das “funções intelectuais e afetivas” próprias aos humanos, existindo, portanto, continuidade entre a psicologia individual e a psicologia social (MEZAN, 2007 p. 337).

Ao afirmar isso Mezan conclui, e eu concordo, que os casos clínicos analisados por Freud, assim como seus trabalhos ditos sociológicos, se esforçam para fornecer uma teoria geral do homem. A terapêutica psicanalítica deve auxiliar o homem a aprimorar seu controle sobre a dinâmica pulsional, favorecendo o fortalecimento de seu Eu, não por acaso ele comenta em suas *Novas conferências introdutórias* (2014 [1933]) que o processo de análise deve conduzir uma ampliação do conhecimento e domínio de si, afirmando que partes do Isso devem se tornar partes do Eu, demonstrando o primado da razão sobre as pulsões, ou seja, a continuidade do homem iluminista de quem fala Peter Gay em diversos momentos de sua obra.

Nascemos incompletos e carregados de pulsões, uma espécie de força energética que necessita ser administrada pelo sistema psíquico, ela tem como objetivo alcançar a satisfação (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Estas pulsões que constituem o aparelho psíquico foram definidas em dois momentos distintos. Inicialmente, haveria dois tipos de pulsão, sexuais e egóicas, uma ligada a perpetuação da espécie, e outra autorreferente, ligada ao próprio sujeito. O desenvolvimento individual seria a evolução desta dinâmica, na qual o sujeito pode deixar de ser o centro de sua própria fonte de satisfações, e alcançar um momento no qual poderia também encontrar no outro um novo tipo de satisfação para seus desejos⁸¹. Na sequência, especificamente a partir de 1920, Freud identificou uma nova dualidade pulsional, a pulsão de vida e a pulsão de morte⁸².

⁸¹ Estas seriam as pulsões do Eu (ou de autoconservação) e sexuais. A dinâmica destas pulsões variam de acordo com a sua fonte, objeto e sua meta. Neste momento, na chamada Primeira Tópica freudiana, as pulsões deveriam ser administradas de acordo com o princípio de constância, ou seja, devem buscar o prazer e evitar o desprazer, mantendo buscando sempre manter o nível energético (de libido) constante. Importante também destacar que a relação das pulsões com seus objetos deriva de uma variedade contingente, ou seja, depende exclusivamente das vicissitudes da história individual do sujeito (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001 p.395)

⁸² A partir de 1920 Freud estabelece um novo dualismo pulsional, introduzido pela obra *Além do princípio do prazer*, que estabelece um novo de tipo de relação pulsional, tomadas como “seres míticos” – não por

Os mecanismos psíquicos precisam dar conta de lidar com as necessidades das pulsões, umas lutam por satisfação, outras para o fim do sujeito, elas estão no limite entre o mental e o somático, e se diferenciam de acordo com seu “lugar” de origem, pressão, objetivo e, principalmente, seus objetos, que “são o que há de mais variado nas pulsões”, manifestam e evidenciam o que há de mais singular no sujeito, sua história pessoal (GAY, 1989 A p. 84). Do mesmo modo que a relação com as pulsões demandam contenção, o indivíduo também aprende, às vezes a duras penas, a lidar com seus mecanismos internos. O recurso de limitação dos desejos pulsionais é encampado por mecanismos de defesa e repressão que, de acordo com Freud, criaram a civilização.

A civilização é resultado de um processo histórico e evolutivo que demonstra o refinamento progressivo de dispositivos que regulamentam a vida psíquica, impedindo que nossas necessidades alcancem seus objetivos de forma anárquica, ou então, elaborar métodos aceitáveis para que ganhem expressão, sem prejudicar a malha social. Ou seja, é necessário adequar a plasticidade destas pulsões para que haja coesão na sociedade. São estas “pulsões amadurecidas, combinadas, disfarçadas, que servem como combustível para a ação humana. São elas que fazem a história” (GAY, 1989 A p.83). É o percurso que fazemos em nossa história individual.

O objeto destino das pulsões não está ligado a ela em sua origem, mas realiza esta relação na medida em que busca satisfazer-se, o que também pode ser alterado, o que há de mais singular neste processo é a formação de objetos substitutivos, cujos processos essenciais para Freud são a condensação, conversão e o deslocamento⁸³. Os sentimentos que tomamos como nossos, que se referem a objetos eróticos variados são alterados por meio do trabalho da cultura, ela traduz nossos desejos em representações mentais, é a modulação

acaso Eros e Tânatos, acentua o aspecto conservador das pulsões, que no final não visam necessariamente a satisfação, mas o retorno da vida à matéria inorgânica. Mais uma vez suas origens, manifestações e seus representantes na vida psíquicas também são altamente individualizadas, ou seja, estão de acordo com a história pessoal do sujeito.

⁸³ De acordo com La Planché e Pontalis (2001), *condensação* é um processo inconsciente na qual uma representação ganha uma série de significados distribuídos por uma rede associativa. *Conversão*, por sua vez, é a transposição de um conteúdo inconsciente para outra representação (bastante evidente nas histerias, nas quais o conteúdo se transforma em um sintoma físico a ele associado). Finalmente, o deslocamento refere-se à capacidade e um afeto se desconectar de sua representação e se conectar a outra, é particularmente um processo encontrado na chamada neurose obsessiva.

na natureza humana em costumes, religiões, moral, ideologias. Em suma, é um trabalho que demanda uma constituição histórica (GAY, 1989A).

Ao lado da dinâmica pulsional também está o mecanismo de defesa, que também apresenta uma enorme variedade de manifestações, lidam com as pulsões, mas por outro viés, notam e dão visibilidade aos possíveis malefícios da realização total de suas intenções. De um modo engenhoso, escondem do sistema psíquico a percepção de contradições, medos, exigências, necessidades insatisfeitas, realizações arriscadas, que poderiam parecer demasiadamente destrutivas da própria imagem e, por conseguinte, do próprio sujeito.

Esta variedade de possibilidades que demonstram, ao mesmo tempo, a dinâmica pulsional e os mecanismos defensivos, nos permite ver que há uma concepção de natureza humana inescapável para Freud. Um núcleo de regras generalizantes das quais derivam uma infinidade de possibilidades, compromissos com o desenvolvimento, que estabelecem repetições de padrões pelos quais todos nós passamos. São os resultados decorrentes destas trajetórias onde se inscreve a singularidade de indivíduos, de onde partem suas ações e os modos pelos quais vivenciam sua própria experiência individual e histórica.

De acordo com Peter Gay, a instância mais relevadora a respeito da natureza humana é também aquela mais problemática, o Complexo de Édipo (GAY, 1989). Esta foi uma descoberta de Freud que concatena, ao mesmo tempo, o desenvolvimento e as vicissitudes das pulsões e a atividade defensiva. Resumidamente, o Complexo refere-se ao primeiro investimento libidinal fora de si, que é realizado em direção a figura materna, juntamente com o nascimento de uma rivalidade com a figura paterna. Finalizada esta passagem, o jovem ser humano agora recebe de herança o chamado *Supereu*, responsável por administrar os sentimentos de culpa, e pelo afastamento da consciência de seus desejos incestuosos. Desse modo, pode finalmente deslocar suas pulsões para novos objetos, que de fato representem uma possibilidade real de satisfação. Sua universalidade reside no fato de que demonstra, de modo muito claro, a ambivalência inerente à condição humana (GAY, 1989 p. 86).

O Complexo de Édipo “parece ser o destino do homem em todos os lugares, e deixa suas marcas tanto nos locais esperados como nos exóticos: na

política, na religião, na educação e na literatura, mesmo no mercado” (GAY 1989A p.89). Nossas paixões infantis, embora enterradas seguem atuantes na vida posterior, no mundo em geral, suas metáforas podem ser facilmente encontradas em diversos ambientes, e demonstram com muita clareza o funcionamento de um aspecto universal da natureza humana. Esta última também possui uma historicidade, Freud não deixou de teorizar os caminhos pelos quais se constituiu uma natureza humana e, baseado em concepções evolucionistas procurou definir os modos e os caminhos que foram traçados até a culminar no modelo de estrutura psíquica que encontrou no final do século XIX.

Como disse anteriormente, a psicanálise foi uma consequência direta do homem iluminista, que parecia demonstrar seu fim, afinal “o sujeito não é senhor em sua própria casa”, uma constatação que à primeira vista parece causar vertigem ao nos tirar do controle de nossa própria vida, mas que permite, por outro lado, uma nova forma de experiência individual. A disjunção que a ideia do inconsciente aparenta veio acompanhada de toda uma teoria geral da cultura, da moral e da história. Freud, por meio da psicanálise, demonstrou a existência de padrões universais que moldam os indivíduos, ao mesmo tempo em que estes encontram na singularidade de seu universo interior, a possibilidade de se tornar mais consciente sobre si, ou seja, expandindo o domínio de sua consciência, aspecto que trata nada menos do que sua individualidade histórica (ZARETSKY, 2006).

A partir desta apresentação alcanço o cerne da discussão deste capítulo, a temporalidade dentro da psicanálise, ou melhor, das formas de temporalidade presentes na psicanálise e que implicações podemos realizar a partir delas com a teoria da história. A primeira delas se refere a busca de Freud por compreender a formação histórica da natureza humana como ele a encontrou no final do século XIX. Ela está relacionada a um desenvolvimento teleológico evolutivo, um diálogo entre as modificações biológicas e as estruturas psicológicas possíveis a partir desta, um percurso que podemos classificar como uma filosofia da história. A segunda está relacionada à temporalidade do inconsciente, uma relação entre passado e presente diretamente ligada aos mecanismos defensivos, que ao presentificar conteúdos mnêmicos demonstra que a consciência é, ao mesmo tempo, a vivência e retorno de conteúdos do passado,

compulsão à repetição, que auxiliam na organização do presente (CERTEAU, 2012). Desse modo, traçamos um percurso de desenvolvimento.

Primeiramente, minha intenção é demonstrar como Freud tematizou e explorou a formação civilizacional, demarcado por teorias e autores que estavam ao seu alcance, aplicou os fundamentos psicanalíticos para compreender a humanidade. O passado assume no pensamento freudiano uma dimensão central para analisar o desenvolvimento histórico da civilização e do homem moderno. O encadeamento linear e progressivo no qual se inscreve a humanidade aponta para um sentido teleológico, sem deixar de observar que a herança evolutiva mantém um ponto de contato entre passado e presente por meio de movimentos psíquicos, que vão desde elaborações culturais até as psicopatologias. Como faz em *Totem e tabu* (1912), Freud não menciona os povos primitivos por sua inferioridade, mas sim por sua semelhança com neuróticos, psicóticos e crianças ocidentais (MEZAN, 2007). Esta semelhança também tem um viés histórico, na medida em que considera estes povos análogos aos povos primitivos da pré-história

A filosofia da história freudiana está presente com especial vigor em seus textos metapsicológicos, e em elaborações especulativas e *mitológicas* a respeito da origem do homem moderno ocidental. Este *corpus* teórico está presente quando realiza análises históricas, ou melhor, seus “romances históricos”, para utilizar uma expressão de Michel de Certeau (2012). A teleologia, a evolução e a concatenação dos mecanismos psíquicos conforme Freud os apresentou até os anos 1920 estão presentes em análises como, por exemplo, *Uma recordação da infância de Leonardo da Vinci* (1910), *Totem e tabu* (1912) e *História de uma neurose infantil, o homem dos lobos* (1915). Em cada uma delas encontramos aspectos filogenéticos da humanidade, seja por meio do assassinato do pai primevo, que se repete no Complexo de Édipo (FREUD, 2012 [1912]), seja na conexão das visões de Sergei Pankejeff com elementos da cultura russa, e com a contravenção provocada pela cena primária (FREUD, 1917 [2010]).

Outro aspecto a considerar é a instauração da dualidade pulsional e da chamada segunda tópica, a partir de 1920, que propõe uma reformulação do aparelho psíquico e da concepção de tempo, marcado pelo *retorno do recalçado* como um processo de interação inconsciente entre passado e presente. Este

mecanismo de relação ente passado e presente permite lançar alguns pontos de reflexões historiográficas, pois demonstram o quanto estão vivos elementos de outros tempos na organização do presente (FREUD, 2013 [1920]). De acordo com Certeau, Freud apresenta duas operações contraditórias, o esquecimento é uma ação contra o passado, e seu retorno é sua atuação viva, forçando passagem para o presente, mas agora disfarçado. De acordo com Certeau:

Em suma, esta diferenciação apresentada pelo viés psicanalítico também pode dar novo valor explicativo ao passado, tornando o presente capaz de explicar o passado, reconduzir as representações de outrora ou atuais a suas condições de produção, elaborar (de onde? De que modo?) as maneiras de pensar e, portanto, de superar a violência (os conflitos e os acasos da história), incluindo a violência que se articula no próprio pensamento, definir e construir a narrativa que é, nas duas disciplinas, a forma privilegiada conferida ao discurso de elucidação.

Apresentadas estas questões quero agora explorar as possibilidades destacadas pelo pensamento de Freud, especialmente numa concepção particular de história que pode ser extraída do conjunto de sua obra. Este é o tema do próximo tópico.

3.3. O passado e a metapsicologia

Ao abrir sua obra, *Eros e civilização*, Herbert Marcuse (1975) recorda que Freud considerava a história do homem uma repetição da história do processo de repressão. Ou seja, o desenvolvimento da vida coletiva, e das diferentes manifestações culturais elaboradas ao longo do tempo são construções que coagem a existência (social e biologicamente) ao rigor de leis e interdições, cuja finalidade é regular nossos mecanismos pulsionais. E mais, sem estes mecanismos repressivos, possivelmente, regressaríamos a um estado primitivo e autodestrutivo. Por outro lado, este também é o corolário do progresso e do refinamento de nossa existência como civilização, que permite concluir que foi preciso, portanto, reprimir para preservar e desenvolver a espécie (MARCUSE, 1975).

Esta afirmação de Marcuse aparece na obra freudiana de diversos modos em diferentes momentos. Por exemplo, sua constante busca para explicar a

ontogênese do sujeito, foi feita a partir do estudo da filogênese da espécie⁸⁴. Freud compôs alguns ensaios antropológicos inscritos numa perspectiva temporal histórica, ou seja, em seu esforço para compreender a constituição do que veio a ser o homem ocidental, o psicanalista elaborou teses a respeito da formação das primeiras sociedades humanas, que convenientemente chamou de *mitos psicanalíticos*. Importante salientar que as teorias evolutivas, especialmente Charles Darwin, deram a Freud o embasamento científico principal de suas formulações, além do positivismo que também se alinhava a esta perspectiva progressista da espécie humana.

Este percurso também foi responsável pela formação da consciência e do aparelho psíquico e suas subdivisões, permitindo a humanidade se distinguir de outras espécies, se afastando do mundo selvagem e se inserindo na cultura. O passado, como uma categoria de análise, foi tomado como uma base essencial de compreensão da humanidade, sua relevância não apenas está ligada a uma perspectiva genealógica, mas também ao processo pelo qual nossa estrutura psíquica mantém viva toda a trajetória percorrida pela espécie durante sua história. Sua dinâmica torna presente seu conteúdo, seja pelo viés constitucional intrínseco ao desenvolvimento psíquico, seja pela possibilidade de formação das psicopatologias. Este postulado fica evidente quando resume sua teoria do aparelho psíquico em sua obra final, *Compêndio de psicanálise*, de 1938.

Neste grande resumo de sua teoria psicanalítica, Freud apresenta as estruturas psíquicas, e nelas encontramos um ponto de inflexão com a dinâmica entre o passado e o presente. O *Isso* seria a estrutura mais antiga, que contém todas nossas heranças, além de ser a origem das pulsões psíquicas, basicamente, corresponde à origem dos nossos desejos, mas resulta de estímulos, de uma relação física com o mundo. O *Eu*, por sua vez, fica responsável por administrar nossa relação com o mundo externo, adequando-se a ele, ou adaptando-o até onde é possível. O *Supereu* seria uma instância que

⁸⁴ A ontogênese se refere ao desenvolvimento de um organismo, na biologia, por exemplo, busca-se estudar o desenvolvimento ontogenético a partir do momento da fecundação, seguido das etapas que levam a sua maturação. Em suma, compreende a vida de um organismo. A filogênese, por sua vez, se refere às semelhanças partilhadas por uma espécie que podem ser observadas durante o processo de desenvolvimento evolutivo. Em ambos os casos Freud se apropria de preceitos de teorias evolutivas, como Charles Darwin e Ernst Haeckel, tornando ambos os termos como fundamentos de suas observações clínicas e sociológicas (ROUDINESCO, 1998).

marca a continuidade da influência parental, assim como das tradições, da raça, enfim, do meio social e histórico ao qual pertence o indivíduo.

O *Isso* e o *Supereu* demarcam a influência do passado, aquele herdado pela espécie e aquele determinado pelo contexto social. Freud descreve:

A humanidade nunca vive inteiramente no presente; o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Super-eu, apenas muito lentamente cede às influências do presente, às novas mudanças, e, na medida em que atua através do Super-eu, desempenha um grande papel na vida humana, independentemente das condições econômicas (FREUD, 2011 [1933] p.206).

Com isso Freud conclui que existem dimensões do inconsciente que remetem a momentos formativos de nossa história de vida particular, e que estas carregam toda carga histórica e evolutiva de nossa espécie acumuladas. O processo de acesso a estes conteúdos, que é o objetivo principal da psicanálise, revela uma preocupação específica com o passado, uma verdade alcançável, “escondida” por mecanismos psíquicos que as distorcem e transformam em elementos culturais. As tradições são vistas como uma série de analogias de um passado real, uma verdade positiva e transformadora (SCOTT, 2018). Nesse sentido, é possível afirmar que ao elaborar sua metapsicologia, Freud descreve também uma filosofia da história pela qual foi constituído o aparelho psíquico, por meio de uma trajetória teleológica (filogenética) alcançamos o estado atual da mente humana (ontogenética), ao mesmo tempo, mantemos vivas conexões com este passado. Passaremos agora a metapsicologia de Freud.

Conforme definiu Freud, a metapsicologia é uma forma específica de observação dos fatos psicológicos, do mesmo modo que o mundo físico é observado, discutido e interpretado pela metafísica. Pode ser discutida de acordo com sua presença na obra psicanalítica, e de acordo com a evolução do seu pensamento (QUINODOZ, 2007). O primeiro seria conjunto conceitual analítico, sem um correspondente real positivo, estas ferramentas se baseiam nos efeitos clinicamente observáveis, que também permitem uma leitura específica de elementos da cultura – tais como superstições, crenças religiosas, delírios paranoicos, entre outros – entendidos como projeções do inconsciente na realidade. Toda cultura e seus aspectos irracionais são formados a partir

deste mecanismo, que transforma o inconsciente em “uma psicologia projetada no mundo exterior” (LAPLANCHE, 2001 p.284).

A segunda consideração a seu respeito, refere-se aos fenômenos psíquicos em sua *dinâmica, tópica e economia*, o que abrangeria uma parte considerável de sua obra. Por outro lado, esta concepção foi trabalhada especificamente na elaboração de doze artigos de Freud sobre a metapsicologia, dos quais apenas cinco vieram a público, são eles “As pulsões e suas vicissitudes”, “Recalque”, “O inconsciente”, “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos” e “Luto e melancolia”, publicados entre 1915 e 1917. Os sete artigos restantes foram, possivelmente, destruídos pelo próprio autor.

No entanto, em 1983, Ilse Grubrich-Simitis encontrou o último artigo perdido junto a documentos pertencentes à Sándor Ferenczi, enviado por Freud durante a concepção do trabalho, o qual era discutido entre os dois psicanalistas em conjunto. É justamente na segunda parte deste trabalho que podemos reunir argumentos para recompor um quadro no qual Freud definiu uma forma de filosofia da história, pois trabalhou a construção filogenética humana a partir de concepções evolutivas, sua “aventura filogenética”. Neste trabalho a hereditariedade, a transmissão e a teoria de recapitulação derivam dos trabalhos de Ernst Haeckel. Estas referências aparecem em outros momentos da obra de Freud, e lhe permitiram embasar seus mitos psicanalíticos com a ciência de sua época, a partir deste trabalho podemos compreender elaborações realizadas em trabalhos como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Totem e tabu* (1912), entre outros.

Portanto, a psicanálise apresenta uma filosofia da história específica, existe um sentido teleológico que refinou os mecanismos de administrar psiquicamente nossas pulsões. O aparelho psíquico é historicamente constituído, o que significa que é resultado de um processo evolutivo que tem uma história própria. Primeiramente, A formação do aparelho psíquico, de acordo com a teoria freudiana, ocorre em consonância com o desenvolvimento individual, há uma trajetória linear progressiva na constituição psíquica e sexual humana, que nos leva do nascimento às nossas primeiras manifestações libidinais, caminhando em direção ao Complexo de Édipo. Após este estágio, finalmente, pode-se destinar a libido ao funcionamento esperado, ou seja, constituir nossos primeiros e mais duradouros objetos de desejo, juntamente

com a capacidade de satisfação genital. Acabado este processo, também estão formadas nossas estruturas psíquicas dinâmicas, Eu, Super Eu e Isso, que atravessam e complementam o Consciente (Cs), Pré-consciente (Pcs) e o Inconsciente (Ics).

Em segundo lugar, a visão do desenvolvimento progressivo do indivíduo, sua ontogênese, não foi suficiente para Freud. Em um profundo diálogo com as teorias evolutivas presentes em sua época, também inseriu uma proposta de constituição do desenvolvimento filogenético da humanidade, a qual torna possível observar as influências de resquícios herdados desde os tempos primitivos que aparecem tanto no desenvolvimento individual, quanto em aspectos constituintes da cultura humana. Ao se deparar com estas heranças Freud chegou a afirmar que a ontogênese é uma repetição da filogênese. Apoiado em autores contemporâneos, Freud definiu uma teoria do aparelho psíquico, com suas dinâmicas internas e externas, a partir de concepções evolutivas, assim como sustenta a existência de um permanente refinamento da humanidade que a levaria sempre a uma direção progressiva e acumulativa das nossas experiências como civilização. Este postulado aparece em toda obra freudiana, ora mais evidente, ora de modo mais implícito.

O contato de Freud com teorias evolucionistas é um tema delicado, pois muitos dos pós-freudianos veem tal herança na psicanálise como algo incômodo e ultrapassado. No entanto, é possível perceber que a partir de 1910, Freud evidência suas teses evolutivas em diversos trabalhos. Ao teorizar as psicopatologias e sua etiologia, estabelece uma relação paralela entre o funcionamento psíquico de crianças, loucos e selvagens, partindo do pressuposto de que nestas categorias estariam presentes, de modo mais evidente, elementos pertencentes ao passado mais remoto da humanidade (FERRETTI, 2014). Com base nestas afirmações podemos reconhecer a presença deste evolucionismo com maior intensidade em alguns trabalhos voltados à metapsicologia, e às construções especulativas como, por exemplo, o mito do parricídio primitivo descrito em *Totem e tabu* (1912).

Por outro lado, Freud também se baseou em suas próprias formulações teóricas para elaborar suas análises sociais – e históricas – nas quais a temporalidade é o fator central, mas é essencial. É possível afirmar que, embora não teorize diretamente, Freud possuía uma visão particular historicamente

direcionada, e o passado, por sua vez, pôde ocupar uma dimensão muito importante na psicanálise. Em diversas passagens o psicanalista vienense dedica comentários sobre os determinismos do passado, visto que as dimensões que compõem o psiquismo humano estão repletas de resquícios de nossa experiência coletiva no tempo. Não por acaso a principal analogia para descrever a relação da mente com o passado é justamente a pesquisa arqueológica:

A mente humana é um paralelo de escavações arqueológicas, nas quais elementos de outrora estão soterrados na paisagem e, embora invisíveis, são parte constituinte do presente, exigindo sensibilidade e astúcia do arqueólogo para trazer à tona cada um destes elementos, diferenciando as sobreposições temporais, ligando cada achado a uma sociedade específica, costurando as partes de modo a devolver seu significado original (FREUD, 2010 [1915-17]).

Freud defende que os mecanismos de formação da psique humana têm um ponto inicial de constituição e são transmitidos historicamente, acumulando experiências cujos efeitos aparecem tanto na vida individual quanto coletiva⁸⁵ (MEZAN, 1985). Portanto, o tempo e a história foram campos essenciais da constituição humana, é no passado que se encontram os elementos explicativos para tensões inconscientes que agem em nossa vida cotidiana.

A produção teórica de Freud está em diálogo com seu momento histórico e científico, no qual o progresso da razão e o refinamento de seus usos dialogam com as teses de Charles Darwin. Com esse ânimo são realizadas as conquistas da ciência newtoniana (em seu contexto eurocêntrico). A *belle époque* contextualizava e demonstrava que a evolução descreve um percurso que leva o homem a encontrar mecanismos cada vez mais eficientes de domínio das paixões, solidificar o controle, harmonizando-o com a vida coletiva. Por outro lado, foi após o declínio deste período que Freud pôde dar destaque aos espaços de atuação das pulsões nos momentos que a experiência coletiva da humanidade a leva a criar respostas regredidas frente os impasses de seu presente (MEZAN, 2006).

⁸⁵ A transmissão de traços mnésicos é recorrente em toda obra freudiana, segundo a qual todos os traços traumáticos ocorridos ao longo da história estão presentes em cada indivíduo, e podem contribuir em maior ou menor grau na formação da estrutura da personalidade individual. Haveria para Freud uma transmissão biológica e genética de tais traços. Esta é a hipótese central de *Totem e tabu* (1913). CF. FREUD, S. *Totem e tabu*. IN. Obras completas, volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Vivenciando a Grande Guerra (1914 a 1918), Freud viu com espanto do que era capaz a “civilização mais evoluída”. A agressividade, os comportamentos de grupo, as necessidades eróticas e suas análises relativas aos conflitos contemporâneos solidificaram a dualidade do pensamento freudiano e de sua estrutura conceitual. Após 1920, a cultura identificada com a civilização – e suas contradições – torna-se seu principal alvo de reflexões. Como afirma Renato Mezan, “quem diz cultura diz história”, é neste momento que os conflitos sociais, ideologias, dominação econômica e social, juntamente com as instituições políticas transferem os conceitos da psicologia individual para uma análise da vida coletiva. Seus textos após esta data passam a identificar o movimento histórico a partir da dualidade pulsional entre Eros e Thanatos – amor e ódio (MEZAN, 1985 p. 335).

Há, portanto, uma filosofia da história em sua obra que descreve o pacto fundador na sociedade humana, e segue aperfeiçoando os mecanismos de repressão, tirando o homem de sua condição animal em direção à civilização. Nesse sentido, percebemos uma comparação implícita entre a relação estabelecida no ato analítico e o ofício do historiador. Por exemplo, do mesmo modo que a história busca nos vestígios do passado explicações para questões levantadas pelo presente, entender as continuidades e permanências de estruturas mentais, econômicas ou sociais, a psicanálise busca no passado individual, na história de vida do paciente a origem dos mecanismos defensivos que se tornaram a causa de conflitos entre as diferentes instâncias psíquicas e atuaram na formação dos sintomas. Ambas atuam no passado, ao passo que o ato de cura psicanalítica deve vencer as resistências e compreender a origem da chamada *compulsão a repetição*⁸⁶. História e psicanálise estão de acordo que as marcas do passado podem emergir a qualquer momento sem que haja um mecanismo consciente para ativá-las.

Marc Bloch alertava para o perigo da ignorância sobre a realidade presente como resultado das lacunas do conhecimento histórico, e descrevia a

⁸⁶ O Renato Mezan se esforça para demonstrar como o pensamento freudiano enfatiza como a cultura é coagida pelas pulsões. Para o filósofo, desde *O nervosismo moderno e a moral sexual civilizada*, de 1908 demonstra esta opinião, que será revista e ampliada em *Além do princípio do prazer* (1920), na qual Freud assume que as influências tanto Eros quanto de Thanatos refletem nos fenômenos sociais. CF. MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. Brasília: Brasiliense, 2006.

limitação da compreensão do passado histórico como uma abertura para nossos demônios. Embora o homem tenha se transformado com o passar do tempo, se mantém uma dinâmica de fundo permanente, “sem o que os próprios nomes de homem e de sociedade nada iriam querer dizer” (BLOCH, 2001 p.65). Este mesmo aspecto acarreta marcas no indivíduo partilhadas com seus semelhantes, o que levou Bloch também a afirmar que ao nos descuidarmos do passado “muitas virtualidades pouco aparentes, mas que, a cada instante, podem despertar muitos motores, mais ou menos inconscientes, das atitudes individuais ou coletivas” (ibidem p.65). No entanto, para Bloch estas instâncias seriam impossíveis de serem compreendidas em sua totalidade, permanecendo sempre na sombra, e sempre surgindo como um incômodo sempre à espreita. Neste ponto atua a psicanálise e o pacto analítico.

3.4. Filosofia da história freudiana

Neste tópico alcanço o ponto central do capítulo abordar a filosofia da história presente na obra freudiana. Em sentido amplo pode-se chamar “filosofia da história” muitas teorias que colocam questões sobre técnicas de escrever e entender a história, sobre o sentido ou não sentido do tempo, o rumo ou “não-rumo” da história (KLÜNERS, 2014). Como descrevi no tópico anterior, o passado tem uma importância fundamental na obra de Freud, atua como uma dimensão dinâmica na vida presente. Ao refletir sobre esta dinâmica construiu um modelo *mítico* do desenvolvimento teleológico que acarretou numa concepção particular de história, observando como nossa relação com o mundo se mudou juntamente com as transformações ocorridas no aparelho psíquico. Para Freud, moldamos a realidade a partir de nossa mente, de como ela molda de um modo seguro as pulsões de vida e de morte.

Logo, cada época construiu sua cultura com base nos recursos mentais disponíveis em seu interior. E esta mudança vai se potencializando na medida em que a razão conduz a humanidade a modos mais refinados de interagir com Eros e Tânatos⁸⁷. O aparelho psíquico tem sua história própria, que se mescla com o traçado evolutivo da espécie, caminha num sentido teleológico que

⁸⁷ Não se trata de mecanismos que irão suprimir completamente as pulsões, mas tornar cada vez mais seguro para a sociedade os espaços em que elas atuam.

aprimora tanto a vida em sociedade como nossa relação individual com nossas expectativas diante da realidade. Ao mesmo tempo, nossas heranças se mantêm vivas na natureza humana na medida em que a ontogênese repete a filogênese da espécie. Portanto, “racionalização” não é apenas um termo que descreve o alcance de um objetivo e de seu crescente predomínio na história, mas também tem um aspecto psicopatológico essencial, a racionalização descreve, como um saber generalizado, a ambição de encontrar coerência, razão “racional” para motivos de ações, sentimentos, pensamentos etc. que são suportados por ideologias, moralidade, religiões, convicções políticas (KLÜNERS, 2014).

Desde o século XVIII a história foi vinculada a uma concepção de tempo que sempre caminha em direção ao progresso, ela “tornou-se uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda a ação social a assumir horizontes de expectativa futura que a inscrevem como um desdobramento consoante a um processo temporal” (KOSELECK, 2006 p.11). Esta noção de tempo acumulativo aparece não apenas na história, mas também em outros campos de saber, levando a uma crença comum a respeito do desenvolvimento linear. Do mesmo modo, tal lógica racional aplicada à temporalidade foi objeto de reflexão e elaborações intelectuais que visavam explicar o funcionamento da civilização. A filosofia hegeliana, a teoria darwiniana, o marxismo, entre outros, buscaram compreender as regras presentes na passagem do tempo.

Por sua vez, o termo filosofia da história aqui é tomado como um modelo de visão sobre o sentido do tempo e da história, elaborado por Voltaire no século XVIII para dar luz à percepção da passagem do tempo, determinando a existência de possíveis leis gerais nas quais todo acontecimento está necessariamente inscrito, além disso, define certas expectativas em relação ao futuro, seja de modo racional, idealizado ou mítico. Assim, não apenas existiria uma racionalidade na história, mas uma dimensão inconsciente que sustentaria este movimento, uma base inerente e universal que está no cerne da mudança. É justamente neste ponto que podemos incluir Freud e a base biológica que fundamentou a psicanálise.

Como bem exemplifica Peter Gay, “se é a mudança, portanto, que torna a história possível, é a persistência que fundamenta a compreensão histórica” (GAY, 1989 p.81). Esta persistência é uma consequência daquilo que o historiador estadunidense, embasado pela psicanálise, chamou de natureza

humana e possibilita que a história se mova “ao longo de trilhas familiares, ocorrendo em momentos mais ou menos antecipáveis” e justifica, “é por isso que a história – como a psicanálise – é parcialmente previsível e ainda assim invariavelmente fascinante” (ibidem p. 82). Portanto, daremos prosseguimento a temática explorando a relação de Freud com o passado e o escalonamento evolutivo que acreditava percorrer a humanidade.

Durante as décadas de 1880 e 1890 Freud dedicou-se ao estudo e tratamento clínico das histerias. Em colaboração com Joseph Breuer, chegaram à conclusão de que a origem dos casos histéricos não era orgânica, mas de outra ordem, psicológica. Partindo da hipnose e, posteriormente, do método catártico, os pesquisadores constataram a existência de mecanismos psíquicos capazes de alterar o funcionamento normal/esperado de funções orgânicas. Estes mecanismos regulam o contato entre nosso psiquismo e realidade, no entanto, muitas vezes ocorrem conflitos internos, dos quais não temos consciência, que alteram algumas variáveis desta equação, formando novas cadeias associativas que transformam o trato do sujeito com o mundo que o cerca. Deste processo é possível apenas sentir suas consequências diretas. Estava aberta a trilha para o desenvolvimento da psicanálise.

Ao elaborar seu primeiro modelo etiológico a respeito das histerias, Freud apresenta sua tese, o “histérico sofre sobretudo de reminiscências”, ou seja, o sintoma é formado a partir de conteúdos vividos e reprimidos que retornam à vida presente de modo a fazer com que o sujeito repita o momento formativo desencadeador, mas agora com novo formato (FREUD, 2016 [1893] p.20). A solução? Buscar nas *representações* os elementos-chave que remetem a vivências cujo significado e conteúdo afetivo estavam relacionados intimamente – e de modo conflituoso – com a individualidade formativa do sujeito. Ou seja, é preciso redescobrir e reinterpretar sua história pessoal (FREUD, 2018 [1937]). Assim Freud incorporou a dimensão sócio-histórica na psicanálise, e mais, não parou no estudo do indivíduo, mas buscou a totalidade, a compreensão da civilização a partir de sua própria teoria.

Conforme destaca Renato Mezan: “o social histórico compõe, com o domínio da fantasia especificado na literatura, no mito e na arte, o horizonte cultural que Freud integrará sem cessar na elaboração da teoria psicanalítica” (MEZAN, 2005 p.118). O aprofundamento de sua prática clínica, e a constatação

de que os conflitos entre o sujeito e as imposições da realidade estão sempre presentes nas neuroses ampliam o interesse de Freud de como os mecanismos psíquicos também refletem na elaboração de valores morais, religiões, ideologias, entre outros. Com os olhos na clínica e da civilização que o psicanalista vienense encontra “recurso [no patrimônio cultural] para assegurar a passagem do singular ao universal” (ibidem p. 120).

Para além das determinações biológicas, que possuem uma grande relevância e peso na teoria freudiana, a cultura passa também a ocupar um destaque em suas reflexões. Muito cedo Freud percebe e destaca como as influências da moral, da educação e das tradições têm um lugar significativo na produção das neuroses. A repressão sexual como um fator essencial na produção das conversões histéricas, por exemplo, tem uma relação direta com o peso da cultura vigente na regulação da sexualidade. Esta última merece destaque na teoria freudiana, pois, por um lado, as manifestações sexuais aparecem como ameaças para os padrões da sociedade vitoriana do final do século XIX, por outro lado, é nela que repousará a base da teoria das psiconeuroses⁸⁸.

Nesta passagem que aproxima Freud da cultura, mobilizando todo material científico ao seu alcance, antropologia, etnologia, biografias, tratados históricos e literatura, em suma, tudo que abarcasse a cultura humana em suas múltiplas manifestações. Tudo isso sem deixar de lado as influências da biologia evolutiva, tão presente em sua metapsicologia. E, justamente neste ponto, encontramos uma inflexão na qual Freud precisa levar em consideração aspectos do passado, nossas heranças, que compõem a principal matéria prima da constituição psíquica são uma conjunção entre fatores hereditários e culturais.

Este é um tema delicado dentro da psicanálise, muitos autores consideram problemáticas as hipóteses que levaram o psicanalista a relacionar a ciência biológica com a cultura. Contemporâneo e biógrafo de Freud, Ernst Jones lamenta tais posicionamentos, segundo ele, estas considerações pareciam mais uma forma de fuga irracional a qual recorria diante da impossibilidade de lidar com os dados encontrados em diversos de seus estudos

⁸⁸ Motivo também da separação entre a colaboração mútua entre Freud e Breuer.

clínicos. Jacques Lacan, por sua vez, expurgou o evolucionismo de Freud ao buscar na linguística e na topologia a segurança necessária para fundamentar sua vertente de psicanálise (FERRETTI, 2014).

Embora tais críticas tenham variado entre a recusa e a tentativa de apagamento, as especulações filogenéticas de Freud têm uma relevância para a história da psicanálise, e assumem uma importância fundamental para a tese a respeito de uma visão progressista de filosofia da história. Especificamente pelo fato de que elas assentam no embasamento científico que era disponível e estava ao alcance do teórico, inclusive algumas destas teorias encontram-se atualmente em desuso, pois em última análise sustentavam uma visão racial etnocêntrica. No entanto, é necessário observar a psicanálise pelo contato que Freud fez com a ciência de sua época. Este capítulo da obra de Freud tem ainda algo a dizer.

A biologia e a hipótese da transmissão hereditária e filogenética de heranças primitivas é um importante elo que liga a teoria psicanalítica a um diálogo com o passado, é um espaço onde história e psicanálise convergem, e buscam criar quadros explicativos generalizantes, uma busca por uma visão totalizante, que marca a epistemologia científica do século XIX. Freud a abraçou e não mediu esforços para explorar seus limites e possibilidades.

Por outro lado, este passado, em maior proporção, se manifesta no interior dos mecanismos psíquicos, encontra-se inconsciente de modo que sua influência na vida presente ocorre por vias indiretas, e quase sempre despercebidas por aqueles que o experimentam. É preciso um movimento de análise e interpretação retroativa para que estas experiências, estes conteúdos, ganhem um sentido e possam ser incorporados na experiência individual e coletiva.

Estes traços de compreensão do passado à luz da biologia evolutiva aparecem muito cedo em sua obra, por exemplo, em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), ao refletir sobre os mecanismos de memória e esquecimento, o mesmo encontrado nas neuroses, Freud destaca o papel seletivo e coletivo da elaboração de narrativas a respeito do passado:

É universalmente reconhecido que, no tocante à origem das tradições e da história legendaria de um povo, é preciso levar em conta esse tipo de motivo, cuja meta é apagar da memória tudo o que seja penoso para o sentimento nacional. Uma

investigação mais detalhada talvez revelasse uma completa analogia entre os modos de formação das tradições de um povo e das lembranças da infância do indivíduo. - O grande Darwin estabeleceu uma “regra de ouro” para o trabalhador científico, baseada em seu discernimento do papel desempenhado pelo desprazer como motivo para o esquecimento (FREUD, 1964 [1901] p.99).

Com base neste excerto, Freud destaca que lendas e tradições correspondem a mecanismos que mantêm vivos traços de momentos do passado, muitas vezes transfigurados em representações simbólicas, mas cujo conteúdo revela aspectos ancestrais do psiquismo. E, nesta alçada, a historiadora Joan Scott também insere o desenvolvimento da história, que teve menos a intenção de converter em narrativa uma curiosidade objetiva, mas sim um desejo de influenciar contemporâneos a se observarem diante de um espelho, rompendo a dinâmica de esquecimento do psiquismo, embora também selecione aquelas descrições que visam justificar a manutenção das estruturas pelas quais nos tornamos sujeitos. Por trás de todo este conteúdo é possível alcançar conteúdo de um passado primitivo e reprimido (SCOTT, 2018).

Há uma defesa aberta de que o homem tem um passado primitivo, no qual a luta por sobrevivência atuou na formação de uma consciência individual da singularidade que ocupa cada sujeito vivente. Ou seja, o aparelho psíquico é resultado da evolução da espécie, ao mesmo tempo, é também um grande banco de dados nos quais toda esta experiência vivida pela humanidade está guardada, e que se manifesta ainda na atualidade. E a psicanálise seria uma ferramenta para pensar os mecanismos psíquicos e para ajudar com que superássemos certos complexos trazidos por nosso inconsciente, tanto a nível individual quanto para as coletividades.

A teleologia freudiana está presente em sua obra especialmente por sua teoria de desenvolvimento ontogenético e filogenético, que aparece ora de modo explícito, ora de modo menos evidente. Assim como as tradições, as neuroses também podem ser compreendidas a partir da observação filogenética de nossa espécie, ambas representam evolutivos pelos quais passamos um dia, e que são revividos durante a infância e que podem deixar marcas, fixações e complexos, cicatrizes no desenvolvimento cujo efeito pode se apresentar sob a forma de um costume ou uma psicopatologia. Para além do indivíduo, acontecimentos de

nossa história também incidem sob o aparelho psíquico, e atuam como heranças involuntárias, marcas do processo de constituição da civilização.

Este caminho foi aberto justamente quando Freud percebeu a insuficiência dos limites explicativos da medicina de sua época para lidar com as neuroses. O pensamento freudiano introduziu uma nova ordem de sentido àquilo que antes tinha apenas uma dimensão orgânica, uma dimensão temporal – tanto pela observação da etiologia das neuroses, que tem um dilema individual circunscrito num dado momento da vida do sujeito, quanto pela consideração de que cada psicopatologia correspondia a momentos diferentes do passado da espécie humana. De acordo com Ferretti, a “*démarche* freudiana consistiu não apenas em fazer a psicologia advir lá onde antes havia apenas neurologia, mas também em fazer a história do indivíduo e da espécie advirem lá onde antes havia somente a instantaneidade de um distúrbio orgânico” (FERRETTI, 2014 p. 14).

Com base neste movimento, Freud livra-se da determinação que teriam os traumas físicos em relação à formação de sintomas e envereda na trilha de definir o funcionamento dos traumas psíquicos, a terapia com os neuróticos, o principal corolário da teoria psicanalítica neste momento, é uma proposta de retorno ao passado do indivíduo em sofrimento, em vez de buscar uma lesão física, evidente, seu método de tratamento investiga a história, uma busca em eventos cronológicos da vida individual (ibidem, p.40).

Neste ponto destacam ecos da teoria da repetição atávica de certas características, formulada teoricamente por Charles Darwin, e da recapitulação de Ernst Haeckel. Isso significa que elementos adquiridos por um indivíduo poderiam reaparecer após a sucessão de algumas gerações. Assim, Freud propõe que a ocorrência de determinados fatores casuais pode “despertar” algumas características que fizeram parte da humanidade em outros momentos passados. E este é justamente o ponto de inflexão no qual Freud pode estabelecer relação entre o indivíduo e seu coletivo, ou seja, a psicologia individual é também psicologia social num sentido ampliado (FREUD, 2011 [1921]).

Com estas afirmações em mente Freud passa a considerar a ontogênese uma repetição individual da filogênese da espécie, nas quais as psiconeuroses aparecem inseridas em duas formas de atuação que atuam em conjunto de

modo complementar, a pré-disposição hereditária, juntamente com a vivência casual de experiências fundantes, ou seja, ambos os fatores se tornam pré-requisito, o “elemento constitucional de fixação não se afasta o adquirido: retroage para um passado ainda mais remoto, já que se pode justamente afirmar que disposições herdadas são restos das aquisições dos antepassados” (FREUD, 1985 [1915] p.71), e complementa afirmando que “as neuroses têm de prestar seu testemunho sobre a história do desenvolvimento da alma humana”. (ibidem, p.72). Com isso deixamos evidente que o passado ganha uma dimensão essencial da leitura freudiana sobre o aparelho psíquico, e que existe um sentido teleológico, na medida em que elabora uma concepção evolutiva da história humana.

De acordo com Freud (1915 [1987]), a relação entre história evolutiva da espécie e a constituição da civilização pode ser observada por seus resquícios presentes na ontogênese individual, especificamente no processo de desenvolvimento da libido. Ou seja, o indivíduo repete parte da história vivida por toda humanidade, revivendo desde etapas anteriores à consciência, de tempos primitivos, até aquelas experiências que nos levam a experimentar o desamparo infantil, a fusão mãe-bebê, a agressividade em relação aos pais e, finalmente, a introjeção de valores e a possibilidade de se satisfazer, encontrando objetos de prazer cujas interdições sociais nos permitam vivenciá-los, respeitando as imposições destinadas à manutenção do grupo. Em suma, o homem descreve um traçado de desenvolvimento que pode ser recuperado historicamente, vejamos.

Cada uma das diferentes psicopatologias teria um correspondente na história primitiva, desde a mais arcaica para mais atual: histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva, demência precoce, paranoia, melancolia e mania (ibidem, p.73). Quanto mais tardia a produção da neurose, mais regressiva em termos de temporalidade é sua etapa correspondente. Não há um determinismo inescapável para Freud, apenas pondera que nossas heranças remetem à história de nossa luta contra as adversidades naturais e podem ou não serem acionadas e atualizadas por experiências e exigências contemporâneas. Esta é a principal tese desenvolvida em *Neuroses de transferência – uma síntese* (1915), o décimo segundo texto dos *Artigos de metapsicologia*, que não foi publicado. Este trabalho completa o conjunto e nos

ajuda a observar como Freud descreveu o movimento histórico da espécie humana.

Freud começa enfatizando as consequências negativas que sobrepujaram o homem na Era Glacial. De modo geral, as condições naturais foram levadas ao extremo, a capacidade de sobrevivência humana foi posta à prova, a humanidade se tornou predominantemente angustiada, seu mundo era um lugar ainda hostil, com inúmeros perigos eminentes e ameaças constantes, acima de tudo, a manutenção da vida era a necessidade primordial. Do ponto de vista libidinal, foi necessária renúncia dos investimentos objetais, não havia muito espaço para satisfação e prazer, e é justamente esta libido não utilizada em seus objetos de desejo que se converteu em angústia. Esta necessidade de autopreservação que impede o prazer de procriar será encontrada, posteriormente, noutro momento histórico, na base de todos os conflitos da histeria.

Ao mesmo tempo, também havia o imperativo de controle populacional, sem recursos suficientes era preciso que os grupos se mantivessem numericamente estáveis. As relações sexuais colocavam em risco a manutenção dos grupos, e tiveram que ser restringidas, dando espaço para outros tipos de experiências. Satisfações *perversas*, que não visavam procriação eram utilizadas como vasão parcial da libido, o que levava a regressão a estágios anteriores ao surgimento do interesse genital (oral e anal). Freud se refere aqui à expressão homossexual da libido, tal como definiu em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ou seja, a libido do eu é projetada naquele sujeito semelhante, neste caso pelo viés de gênero, levando a uma satisfação narcísica e parcial desta libido. Este mecanismo incidiu de modo mais intenso nos indivíduos machos.

Por outro lado, as fêmeas humanas também se afetaram pelo controle da sexualidade, de um modo distinto e ainda mais intenso, pois precisavam se preocupar com as consequências do ato sexual. Os mecanismos de defesa mobilizados para superar tais contradições levaram ao desenvolvendo do sentimento narcisista feminino, neste caso direcionado à sua prole, culminando em valores afetivos com os recém-nascidos e, conseqüentemente, nas particularidades das relações mãe-bebê. Estas características permitem Freud determinar nesta etapa a formação histórica das condições presentes na histeria

de conversão, pois desligam a função genital da libido de seu objetivo original e se ligam – convertem – a outros. Por outro lado, elas também sofriam um estímulo muito precoce que pressionava para algum tipo de uso dos genitais, resultando num funcionamento libidinal sem nenhuma relação com um ato sexual (ou os desejos a ele relacionados) levando a uma formação substitutiva, que será chamada de sintoma, posteriormente, pela psicanálise.

Nesta etapa não havia uma divisão no aparelho psíquico entre inconsciente e pré-consciente, tampouco o homem apresentava capacidade de fala, no entanto, sua sobrevivência foi facilitada pela inteligência que é anatomicamente potencializada em nossa espécie. A partir da observação da realidade, o homem pode se aproveitar de suas invenções e apropriar-se da natureza em benefício próprio. Entre estas invenções está a linguagem, que representa uma forma de domínio mágico, dando início a concepção anímica de mundo, ou seja, o homem pode apreender e dominar a realidade por meio da relação linguística estabelecida por ele, prevalece nesta etapa um sentimento de onipotência. Este sentimento somado à crença em poderes mágicos e divinos leva a uma organização de valores mitológicos – fenômenos naturais se tornam super-homens, deuses, e por fim, as religiões, que projetam fantasias sob o mundo a fim de explicá-lo e apacar o sentimento de angústia.

Tal concepção anímica é amplamente trabalhada em *Totem e tabu* (1912). Freud concebe com este trabalho uma de suas principais “mitologias” – termo entendido aqui como uma tentativa de elaboração a respeito das conjecturas antropológicas e históricas pelas quais viveu um dia a humanidade, sem que possa ser confirmada empiricamente (FREUD, 2012 [1912]). Partindo de trabalhos etnológicos, Freud busca descrições de alguns povos “selvagens”, especificamente os aborígenes australianos, defendendo a tese de que seu isolamento geográfico teria preservado não apenas manifestações culturais do homem primitivo, mas também seu aparelho psíquico seria o mais próximo daquele encontrado no passado filogenético da humanidade: “Os que são chamados de selvagens e semisselvagens, cuja vida psíquica tem especial interesse para nós, se nela pudermos reconhecer um estágio anterior e bem conservado de nossa própria evolução” (ibidem, p. 18).

Com o fim da glaciação e a paulatina melhora das condições ambientais, a humanidade passou a viver em grupos isolados, hordas chefiadas por um líder

autoritário e onipotente, que também era o pai de todo o grupo. Este pai impedia que os irmãos pudessem desposar qualquer fêmea e satisfazer suas necessidades sexuais, *castrando* com violência quaisquer manifestações contrárias à sua liderança. Esta situação se estende até que um levante organizado pelos irmãos assassina o pai primevo, e seu corpo é repartido e devorado entre o grupo. Tal ato de rebeldia nada teria alterado a organização social se o pai tivesse sido ocupado por algum dos filhos, porém, o que ocorreu é que seu lugar deixou de existir, e cada irmão, agora desposado de uma fêmea, se tornou pai e senhor em sua própria família.

Por outro lado, há uma consequência inesperada, após o parricídio o pai foi incorporado no interior dos filhos. Devorado, os filhos passam a se identificar com o pai, se apropriam de sua força, e são tomados por sentimentos ambivalentes decorrentes do crime cometido, ou seja, a liberdade pelo fim do controle, e a culpa pelo assassinato. É a partir deste ato que tem início a civilização conforme a conhecemos, uma organização social cujo procedimento de constituição psíquica primordial é a repressão inconsciente das pulsões, e a projeção desta repressão funda as organizações sociais, as restrições morais, a religião e os costumes em geral (FREUD, 2012 [1912]).

Estes valores coletivos, que são derivados de um conflito primitivo entre irmãos e seu progenitor, também estão presentes no princípio constituinte das neuroses, nas quais o conflito edípico tem uma centralidade etiológica. De acordo com a teoria psicanalítica, quando criança, o menino tem uma relação de amor e ódio com seu pai, visto que este é responsável por sua castração e pelo impedimento da realização de sua primeira escolha libidinal de objeto, a mãe. Enfim, Freud demonstra o surgimento dos dois tabus essenciais que acompanham desde então a humanidade, o horror ao incesto e o impedimento do assassinato, este último marcado pela sacralidade do animal totêmico. Como resultado desta etapa, se corporificam as religiões de cunho monoteísta, abrindo espaço para a fase neurótica da humanidade.

A religião é a manifestação mais evidente deste estágio e a neurose obsessiva o tipo de psicopatologia presente com maior intensidade – Freud chega a tratá-la como um fator universal – pois além do desejo de amparo demonstra as reminiscências históricas relacionadas à morte do pai primevo, um resquício de um tempo arcaico, da infância da humanidade (FREUD, [1926]). Na

neurose obsessiva a repressão atua de modo a afastar desejos incompatíveis com os preceitos culturais e morais no qual está inserido o indivíduo. Estes conteúdos reprimidos retornam pelo contato com experiências cotidianas que despertam este afeto contido, por meio de *deslocamentos*, gerando formações reativas. Os mecanismos defensivos tornam-se formações de compromisso, nas quais o sujeito neurótico precisa realizar ritualmente, são ferramentas que o auxiliam a manter afastados de seus impulsos incompatíveis com seu princípio de realidade, que surgem como pensamentos obsessivos, dúvidas, ordens, proibições, entre outras (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Conforme Mezan (2006) aponta, o laço biológico que dá corpo às relações sociais, que decorrem do motim realizado pelo grupo, é fundamentado pelo contato com a teoria Darwiniana, especificamente pelas reformulações empreendidas por Atkinson. Ou seja, características extintas que estavam presentes nos indivíduos de gerações passadas podem ressurgir em novas gerações. Este estágio pelo qual a humanidade teria passado converteu o pensamento animista/totêmico, marcado pela onipotência dos pensamentos e da autoridade, para outra etapa, guiada agora pelo pensamento religioso do mundo. Ou seja, uma tentativa de acalmar os sentimentos formadores da neurose, uma obediência *a posteriori*, da qual decorrem todas as demais religiões construídas pela humanidade, cada uma mostra-se “como tentativas de solução do mesmo problema, que variam conforme o estágio cultural em que são empreendidas e os caminhos que tomam, mas são todas reações, partilhando uma só meta, ao mesmo grande evento, com que teve início a cultura e que, desde então, não permitiu que a humanidade sossegasse” (FREUD, 2012 [1912] p. 221).

Por outro lado, os sentimentos de fraternidade derivados da religião auxiliam o desenvolvimento da humanidade, pois se assegura que nenhum indivíduo será tratado como o pai primevo foi. Com isso se evita que o mesmo se repita. Freud então conclui que a sociedade repousa na culpa por um crime cometido em comum, e a religião pela consciência desta culpa e em seu arrependimento, permitindo que possam surgir novas exigências desta sociedade que segue o percurso evolutivo. Serão justamente as religiões

monoteístas as mais exploradas por Freud, especialmente o judaísmo e o cristianismo⁸⁹.

Há um encadeamento linear e progressivo, a paranoia quando predomina o pensamento onipotente e anímico, que segue até a destruição do pai primitivo, dando espaço para a melancolia-mania decorrente do sentimento de culpa, fazendo com que haja um movimento entre depressão e euforia pela encenação deste episódio, rituais e festividades religiosas que demonstram “luto pela morte de deus e alegria por sua ressurreição” (FREUD, 1987 [1915] p.80). Há uma sublimação coletiva da culpa que se manifesta pelos rituais elaborados em conjunto entre os fiéis. Mas será seu retorno individual que compõe as narrativas das neuroses analisadas durante sua experiência clínica, esta pode ser descrita como uma aquisição cultural decorrente deste estágio, em suma:

Se as disposições para as neuroses de transferência foram adquiridas na luta contra as necessidades dos tempos glaciais, então as fixações, nas quais se baseiam as neuroses narcisistas, originam-se da opressão do pai, o qual, após o término da era glacial assume, continua, por assim dizer, tal papel contra a segunda geração. Da mesma forma como a primeira luta leva para a fase cultural patriarcal, a segunda leva à social. Ambas, contudo, produzem as fixações, as quais, em seu retorno, após milênios, transformaram-se nas disposições dos dois grupos de neurose. Portanto, nesse sentido, a neurose também é uma aquisição cultural. Se o paralelo aqui esboçado não é mais que uma comparação lúdica na medida em que não consegue iluminar o enigma das neuroses, deve ceder o esclarecimento às futuras pesquisas e novas experiências (ibidem, p. 80).

Estas heranças adquiridas na história evolutiva da humanidade podem ser revividas e reinseridas na vida individual. Em tese, segundo Freud, todos temos “arquivados” este percurso traçado pela espécie, que podem se manifestar sob forma das psiconeuroses, psicoses ou perversões e, embora considere as predisposições genéticas hereditárias, estes mecanismos e formas específicas de funcionamento psíquico são despertados a partir de vivências ocasionais, acidentes de percurso no desenvolvimento individual: “O que hoje são neuroses eram fases do estado da humanidade” (ibidem, p. 89).

⁸⁹ Por exemplo, ao comentar como as religiões monoteístas impostas desde tenra idade inibem as crianças e favorece a formação de quadros neuróticos Cf. FREUD, S. “O futuro de uma ilusão” (1927). IN: FREUD, S. Obras Completas, vol.17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Na mesma esteira, podemos ver aplicadas tais análises filogenéticas no seu principal trabalho sobre o judaísmo. Cf. FREUD, S. “Moisés e o monoteísmo” (1938). IN: FREUD, S. Obras completas, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

No período em que Freud problematiza sua “fantasia filogenética”, a qual associamos a um sistema de pensamento teleológico, tal qual as filosofias da história, a humanidade estaria vivendo ainda na fase religiosa, angustiada pela exigência exagerada do pecado, última ramificação da melancolia, conforme apresentamos acima. No entanto, também existe um movimento que é identificado como uma das ocorrências do desenvolvimento evolutivo, o pensamento científico. A humanidade poderia se livrar do pensamento religioso e de suas imposições por meio do contato com a ciência, e não apenas por suas inovações técnicas e a respeito da natureza, mas também por meio da psicanálise. Esta nova ciência é concebida por Freud também com um viés libertador, do cunho religioso, da autoridade e das revoltas contra ela. O conhecimento analítico faria com que o homem se tornasse mais próximo de ser o senhor de si mesmo, o início de uma fase objetiva e científica (GRUBRICH-SIMITHS, 1987).

Se a religião cumpre o papel de elaborar uma crença ilusória numa forma de vida após a morte, na existência de uma Providência na qual todos estamos submetidos, tal sentimento é apenas uma forma de contornar o desamparo infantil que foi desencadeado com o assassinato do pai primitivo. A religião é uma forma de neurose obsessiva universal culturalmente elaborada, reminiscências históricas de um tempo arcaico, a infância da humanidade. O que leva a conclusão: tal como a infância supera sua onipotência e, na sequência, o desenlace do Complexo de Édipo, a humanidade também deveria elaborar tais fantasias por meio do desenvolvimento do pensamento científico.

A ciência e a crença libertadora da razão deveriam retirar o homem de sua infância. Tal resultado teleológico é apresentado por Freud em 1927, com a publicação da obra *O futuro de uma ilusão*, texto em que complementa a passagem/superação da etapa religiosa. Ao discorrer sobre a inserção da ciência na vida cotidiana, Freud propõe que ela seja incorporada nos sistemas educacionais, operando como um instrumento difusor da ciência e um poderoso instrumento de mudança histórica e de evolução. Baseado nestas considerações Freud faz algumas reflexões a respeito do ensino (FREUD, 2014 [1927]).

O ensino religioso precoce retarda o desenvolvimento sexual, e incide de modo muito mais intenso nas mulheres. Assim, uma educação não religiosa permitiria superar as inibições mentais, e permitir que a humanidade saia de sua

infância, abraçando a ciência e as possibilidades de descoberta que esta permite frente a hostilidade do universo desconhecido, uma “educação para a realidade”. Em suma, a ciência é para Freud sinônimo de progresso, uma lei de desenvolvimento social que deveria ser universalmente aceita e incentivada, pois se o aparelho psíquico é resultado de nossa insistência em dominar a realidade devemos nos aproveitar dela, descobrir cada vez mais como ela funciona – nos mais diferentes aspectos – que provavelmente auxiliarão novas etapas evolutivas ao homem (ibidem).

Assim como o evolucionismo, a crença no progresso científico era um dado inquestionável para Freud, mesmo vivendo em épocas nas quais todo o contexto lhe pareceu desfavorável e mesmo contradizer tal afirmação, sua fé na ciência não se abalou. Por outro lado, é justamente o corolário contraditório existente na civilização que permitiria momentos de barbárie, de modo que por vezes o sentimento de brutalidade e violência que a cultura tenta adormecer e controlar é cooptado para potencializar as necessidades destrutivas da humanidade. E mesmo estes processos são, em grande medida, a mobilização destes traços arcaicos que todos carregamos. A compreensão de tais mecanismos seria sempre um modo de contornar os impulsos destrutivos internos.

Em resumo podemos descrever a intervenção de Freud na busca por entendimento do passado repousa em algumas características específicas que lhe permitem admitir a existência de um mecanismo estrutural no psiquismo humano que atua no sentido de favorecer a dinâmica evolutiva e progressiva, logo, teleológica.

Em primeiro lugar, ao efetivar a transposição entre o indivíduo e seu coletivo, a psicologia individual passa também a incorporar a psicologia social (FREUD, 2011 [1921]). Em segundo lugar, aquilo que é tratado como patológico é visto por Freud como um ponto de encontro com estruturas elaboradas historicamente durante a experiência humana no passado, o psiquismo, suas divisões e suas manifestações possuem uma historicidade que pode ser recuperada ao elucidar tais fenômenos. Estes acontecimentos referem-se a um terceiro elemento, a vida adulta é formada a partir de experiências elementares, que estão vinculadas à origem histórica da civilização, e que repousam na possibilidade de recalçamento, e na projeção de conteúdos inconscientes. É este

movimento do psiquismo com a realidade que forma toda e qualquer cultura (CERTEAU, 2012 p. 74-75). Por último, institui a psicanálise, como um método científico que pode lançar luz a tais processos e dar possibilidade de contato e elaboração de conteúdos reprimidos.

O sentido para o qual aponta a filosofia da história freudiana, conforme a apresentamos, é fundamentalmente embasada por teorias evolutivas contemporâneas a Freud, no entanto, não se reduzem a elas. Ao contrário, Freud soube se apropriar delas sem considerar apenas seu sentido original, no qual parte da hereditariedade para recuar temporalmente para além do indivíduo, encontrando elementos universais. O uso que a psicanálise freudiana faz da biologia é uma *fantasia*, para utilizar a perspectiva de Roberto Monzani, que conecta os seres humanos a uma ancestralidade histórica, que é incorporada no patrimônio filogenético da humanidade (MONZANI, 1990).

Embora este seja um dos únicos textos no qual Freud abertamente discorre sobre seu pensamento sobre as influências da filogênese, esta pode ser encontrada em diversos momentos de sua obra. A título de exemplo, podemos citar o trabalho “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910), no qual a análise do renascentista é conectada com diversos elementos culturais que explicariam suas peculiaridades. A memória de infância utilizada para análise serve para provar a existência do elo entre aspectos da vida psíquica infantil de qualquer indivíduo e sua relação direta com características universais, tais como as influências das figuras maternas e paternas, que se encontram trespassadas por dilemas edipianos que enraízam este enredo no inconsciente humano. Leonardo neste caso não seria uma exceção, mas exímio exemplo de acordo com o psicanalista (FREUD, 2013 [1910]).

Por sua vez, ao analisar o “Homem dos lobos”, o russo Sergei Pankejeff, Freud busca decifrar a neurose formada na vida infantil do paciente, por meio de um sonho. Neste famoso sonho Sergei acordava durante a madrugada com sua cama virada para a janela, e do lado de fora, uma matilha de lobos o observava de modo ameaçador. Neste relato clínico Freud volta a reafirmar que muitas experiências infantis estão ligadas à vivências filogenéticas, vivências que são reatualizadas pelo contexto atual, mas que mantêm fortemente as influências do passado arcaico. O termo “cena primária”, inserido neste caso remete justamente a este tipo de “arquivo” histórico presente na humanidade, assim

como as conexões entre a neurose do paciente com elementos presente em sua cultura, que auxiliam Freud no trato com Sergei (FREUD, [1918]).

Ainda neste caso, há uma observação bastante emblemática realizada por Freud, foi para além das determinações da realidade na qual se insere o paciente, o psicanalista também cogita que seu psiquismo também possa buscar na filogênese elementos que completem sua narrativa pessoal, mesclando sua individualidade com o passado coletivo humano:

O que vemos na história primitiva da neurose é que a criança recorre a essa vivência filogenética, quando sua própria vivência não basta. Ela preenche as lacunas da verdade individual com verdade pré-histórica, põe a experiência dos ancestrais no lugar da própria experiência (FREUD, 2010 [1918] p.86).

Ou seja, em determinadas condições é possível que as heranças filogenéticas ressurgam no indivíduo, consistem em materiais de análise, e a experiência clínica de Freud o autorizaram a afirmar que algumas das memórias e simbolizações do seu paciente eram um amálgama entre aquisições individuais e heranças históricas. Neste caso, o psicanalista recorre novamente a tese elaborada em 1915, sem comentar diretamente sobre ela, mas os dados estão todos no texto, a neurose infantil analisada recai em conexões com o passado humano, e seus sintomas são indícios de outros tempos vividos e não totalmente esquecidos.

Eu poderia ainda, por outro lado, cogitar que o otimismo científico de Freud foi abalado no fim de sua vida, como se pode deduzir da leitura de *Mal estar na civilização* (1930). Realmente as perspectivas ali apresentadas não são muito promissoras, pois o psicanalista apresenta o corolário da civilização, os mecanismos repressivos. Observados agora à luz da dualidade pulsional, Eros e Thanatos, Freud discorre sobre os problemas psicológicos decorrentes da contenção pulsional realizada pela cultura.

No entanto, seu esforço recai justamente no alerta sobre como a humanidade impede sua própria evolução, o *sentimento oceânico* decorrente da crença religiosa analisado, que faz com que o sujeito se sinta pertencente a algo superior, universal. De acordo com Freud esta seria apenas uma manifestação das experiências infantis, especificamente dos bebês, que ao nascer não sentem ainda a diferença entre seu ego e o mundo externo. É apenas um resquício desta sensação de união experimentada pelo bebê e sua mãe, em outras palavras, a

necessidade que o indivíduo adulto tem de negar as ameaças do mundo e encontrar um consolo na religião (FREUD, 2010 [1930]).

Freud não abandona sua proposta teleológica, ao contrário, ele a reafirma. A religião seria a manutenção desta etapa infantil a qual entrou a humanidade após a experiência histórica formativa das neuroses. É justamente ao falhar na missão de comportar as satisfações sexuais e a possibilidade de encontrar um modo de existência completo que a civilização mantém seus objetivos. Esta falta, típica da estrutura neurótica é, na grande maioria dos casos, completada pela religião, um típico funcionamento da psicologia de grupos que une os indivíduos, e não os deixa sair. Tudo isso, é claro, porque nossa essência mantém também um traço primitivo muito intenso e destrutivo, a agressividade.

Ao contrário do que defendem as religiões, o amor não é algo universal ao ser humano, mas sim o impulso de agressão. É neste momento que Freud demonstra uma das principais funções do Superego, um recurso evolutivo que é formado para impedir que os impulsos destrutivos cresçam demais a ponto de eliminar a civilização, e como apresentamos sua formação é um resultado evolutivo, uma instância psíquica superior que converte a agressividade em sentimento de culpa, necessidade de punição, inclusive, contra si mesmo (FREUD, 2010 [1930]). Mais uma vez, Freud recupera aqui o fator filogenético, ou seja, a manutenção de resquícios primitivos experimentados pelos homens quando ainda viviam sob a ameaça do pai primevo.

No atual estágio da humanidade este seria um mecanismo que poderia ser utilizado de forma racional, desligado do uso religioso ao qual é associado muitas vezes. Afinal, as religiões surgem para aplacar o homem do medo do desamparo, logo, a racionalização deste processo levaria a formação de instituições humanas, cujo objetivo é garantir a sobrevivência da civilização. Muito além de uma estrutura que levaria a constituição do Estado, Freud pensa aqui algo global, uma conexão entre indivíduos, realizada por meio de sua crença, de tradições vinculadas a uma religião comum. Não por acaso, o psicanalista vienense coloca sua em prova sua tese a respeito do movimento histórico da humanidade ao elaborar um de seus últimos trabalhos, *Moisés e o monoteísmo* (1938).

Seu esforço na elaboração deste texto é evidente e está marcado fortemente pelo contexto de publicação, interrompido pela ascensão no nazismo

e, posteriormente, pela urgência do seu exílio. Criador e obra se mesclam num amalgame, pois Freud afirma que Moisés criou o judeu, do mesmo modo que o antissemitismo o reconectou com sua identidade judaica (GAY, 1989). Certeau classifica o *Moisés* de Freud como algo “meio romance meio história”, uma articulação entre ciência e ficção (CERTEAU, 1982 p.302). Além destas características que destacam esta obra, também podemos afirmar que sua escrita é o exemplo mais evidente de que Freud nunca abandonou sua teoria filogenética. Ao mesmo tempo em que apresenta a história da fundação do judaísmo, também é um prolongamento de *Totem e tabu*, assim como ilustra *O futuro de uma ilusão*, afinal, as religiões monoteístas teriam sido o ponto de entrada numa fase específica da história.

Sua tese principal, de que Moisés, fundador do judaísmo, teria sido na verdade um egípcio, um nobre pertencente ao grupo defensor do faraó Akhenaton, reformador do panteão teológico afirmando sua crença num deus único. No entanto, após auxiliar a fuga dos hebreus do domínio egípcio é assassinado por seus seguidores. Neste ponto a análise se intensifica, em paralelo com as neuroses traumáticas, que necessitam de um período de latência para manifestar seus sintomas, houve um período após a morte de Moisés que não se ouviu falar em monoteísmo, o judaísmo volta posteriormente. São os netos e pessoas que conheceram e conviveram com Moisés, e se reconheciam como egípcios, que decidiram reescrever sua história. Podem-se encontrar ao menos duas diferentes descrições sobre o fim de Moisés, aquelas mais distantes da “versão oficial” considerada pelos judeus provavelmente são as que mais se aproximam da verdade, elas tiveram que esperar para se tornar fortes o suficiente para se tornar parte dos escritos oficiais (CERTEAU, 1982).

Nesta altura de sua vida, Freud descreve Moisés com um grau de maturidade e lucidez a respeito de suas teorias de modo que renuncia a qualquer tipo de dúvida a respeito de suas afirmações, e confessa: “há muito agimos como se não houvesse dúvida quanto à hereditariedade dos traços mnêmicos das vivências dos ancestrais, independentemente da comunicação direta e da influência da educação pelo exemplo” (FREUD, 2018 [1938] p.76). Novamente Freud derruba a suposta divisão entre individualidade e coletivo, sua análise do judaísmo é realizada do mesmo modo que atua como qualquer sujeito neurótico que tenha se deitado em seu divã. Assim como o reprimido infantil retorna na

vida adulta, a humanidade também passou por experiências traumáticas que retornam, “os fenômenos religiosos podem ser entendidos apenas segundo o modelo dos sintomas neuróticos do indivíduo que nos são conhecidos, como retorno de eventos importantes e há muito esquecidos da pré-história da família humana” (ibidem p.45).

De acordo com a lógica apresentada anteriormente, os sintomas neuróticos contêm em sua essência as relações necessárias para que o analista alcance sua verdade interior, do mesmo modo, as religiões, expressão máxima da fase neurótica da humanidade, também contêm em seus ritos e mitos conteúdos de verdade. Tal verdade seria justamente o evento traumático de sua fundação, o assassinato de Moisés, o assassinato do Pai.

Por sua vez, do judaísmo para o cristianismo teria ocorrido uma mudança evolutiva, marcada pela fantasia de redenção. Em outras palavras o deus assassinado pelos filhos é transposto para uma imagem humana, habita junto a seus irmãos, e se coloca na posição de oferecer-se para o sacrifício, Jesus Cristo encena tal mudança paradigmática, mas não altera sua essência. É novamente o banquete totêmico que marca o centro da atuação, mas agora também investido na figura de herói, juntamente com a presença da mãe, e toda uma série de elementos mágicos que podem ser encontrados em práticas cristãs. Na medida em que o cristianismo se impõe com certas vantagens evolutivas, o judaísmo se torna uma crença obsoleta, ou seja, encara desde então o antissemitismo (FREUD, 2018 [1938]).

Em suma, *Moisés* é também uma oportunidade de Freud apresentar, já sem nenhum receio de desaprovação, sua teoria filogenética. O percurso evolutivo e linear percorrido pelo homem inscreve a temporalidade e a vivência histórica da humanidade em todos, cada indivíduo contém uma marca que o conecta com um passado comum, ainda que as circunstâncias permitam uma variedade infinita de sujeitos. Enfim, Freud buscou cientificamente – ainda que possamos questionar atualmente suas afirmações – analisar e compreender a cultura humana a partir de uma perspectiva evolucionista, e sempre creditando à ciência como uma verdadeira fonte de luz para guiar a humanidade e amenizar nossas necessidades destrutivas e primitivas. No contexto histórico em que escreveu (1932 - 1934) e terminou *Moisés* (1938) havia muitos motivos para preocupar-se com nossos impulsos agressivos.

Com este tópico encerro a discussão sobre a teoria da história psicanalítica, ou seja, aquela aberta por Peter Gay, e seus questionamentos sobre o conhecimento histórico, e sobre a concepção de história que está presente nas obras de Freud. Ambas são ensejo para o próximo e final capítulo, no qual buscarei analisar a coleção *A experiência burguesa*, considerando-a como uma aplicação teórica da psicologia da experiência histórica de Gay, ao mesmo tempo em que tem como pano de fundo, a presença desta metanarrativa.

Capítulo 4

Coleção “a experiência burguesa” – uma análise entre história e psicanálise

4.1. Introdução

Neste capítulo final farei uma leitura analítica da coleção *A experiência burguesa, da rainha Vitória à Freud*, de autoria de Peter Gay, que foi publicada no Brasil entre os anos 1989 e 2001 pela editora Companhia das Letras. Em conjunto, a obra se divide em cinco volumes: *A educação dos sentidos* (1989), *A paixão terna* (1990), *O cultivo do ódio* (1995), *O coração desvelado* (1999), e *Guerras do prazer* (2001). O primeiro ponto que considerei é que a proposta deste trabalho faz parte de uma evolução no plano teórico adotado pelo autor, especialmente em decorrência de seu diálogo com a psicanálise (GAY, FREUD 1989a). Em segundo lugar, representa também uma alteração em seus objetos de pesquisa, que mudam a partir do contato com novas fontes, deslocando seu olhar para a vida íntima no século XIX (GAY, 2001). Partindo deste panorama descreverei inicialmente o percurso que culminou na referida coleção. Posteriormente, abordarei minhas escolhas metodológicas para análise. Por último, apresento como dividi a abordagem dos temas extraídos para apresentação do contato entre história e psicanálise.

Entre os anos 1950 e 1970, uma série de fatores mudaram o foco dos estudos de Peter Gay. Até então sua produção se dedicava ao estudo do iluminismo e do modernismo, analisando seus principais expoentes intelectuais. Neste percurso, o autor passou a refletir como as obras literárias do século XIX poderiam demonstrar as consequências da difusão iluminista pela Europa, e acabou percebendo que o material apontava para um universo muito mais amplo, mais especificamente o público que se *apropriava* deste material. Gay percebeu que havia toda uma categoria social que consumia tais leituras e produzia fontes importantes, que eram especialmente reveladoras de mudanças subjetivas. No entanto, esta categoria havia sido “insuficientemente mapeada e tendenciosamente tratada” pela historiografia (estadunidense) daqueles anos, Gay se refere a classe média (GAY, 2001 p.260).

Os autores literários poderiam ser vistos como porta-vozes de uma cultura muito específica que se desenvolveu neste período, e refletia também em novos padrões de sensibilidade que poderiam ser apreendidos com mais precisão se pudesse alargar seu espectro de análise. Enveredando pelos estudos sobre o

período vitoriano⁹⁰ percebeu que as definições encontradas sobre a classe média eram, no mínimo, reducionistas, e não captavam a essência de sua complexidade. No contexto estadunidense do pós-guerra, a história social se destacou, e buscou valorizar a história dos oprimidos e dos subalternos, que foi responsável por uma ampliação inegável na historiografia e na teoria da história, mas teve também como consequência um afastamento da classe média dos temas e pesquisas históricas, colaborando para que o senso comum sobre estes grupos se mantivesse intacto.

Esta lacuna é aproveitada por Gay. Num levantamento inicial o autor encontrou três fases distintas sobre os comentários relativos à classe média europeia e norte-americana. Primeiramente era marcado por um silenciamento por parte das ciências humanas, apenas tratados médicos, e considerações sobre a hipocrisia destes grupos apareciam quando a classe média europeia e estadunidense eram mencionadas. Em segundo lugar, após a Segunda Guerra, este silenciamento deu lugar a uma análise materialista, focando seu papel econômico na história. Por último, uma série de comentários que satirizavam as classes médias por suas contradições, que tendiam mais para especulações trajadas de erudição do que estudos seriamente conduzidos, eram voltados para grupos que liam uns aos outros sem que houvesse preocupação para uma revisão crítica de sua postura. Destarte, Gay percebe que era preciso considerar a classe média como uma classe distinta numa era específica, “com ênfase particular nas suas paixões e preconceitos, nas suas investigações de si mesma e em seus gostos embutidos no seu mundo econômico, político e social” (GAY, 2001 p.259).

Colocada esta problemática, e já percebendo a influência da psicanálise freudiana aparecendo em suas interpretações, pela qual já se interessava desde a década de 1950⁹¹, dá início à sua próxima tarefa, encontrar que tipo de material poderia ser utilizado para analisar a vida íntima das classes médias. Foi quando sua esposa – arquivista da Universidade de Yale – encontrou o diário pessoal de Mabel Loomis Todd (1856 - 1932), uma típica intelectual da classe média estadunidense que passou a registrar sua vida antes e depois de seu casamento,

⁹⁰ CF. Adiante a definição de Vitoriano será devidamente apresentada.

⁹¹ Questão tratada no capítulo em que discuto especificamente a teoria da história em Peter Gay, PETER GAY, HISTORIADOR E PSICANALISTA.

assim como dilemas com a maternidade inesperada, suas traições, expectativas e fantasias pessoais que só revelava neste espaço de sua vida privada⁹². Nesse diário, Gay encontrou um enredo familiar que apontava para uma constelação de arquivos, iniciados com Mabel, passando por seu marido, David Todd (astrônomo), seu amante, Austin Dickinson, amigo íntimo da família Todd, chegando até sua filha, Millicent. Este material foi ilustrativo suficiente para perceber que outros arquivos com conteúdo da vida íntima das classes médias existiam e aguardavam a apreciação dos historiadores. A riqueza erótica destes arquivos juntamente com o convite de uma colega para que iniciasse uma formação em psicanálise no Instituto de *New England Institute for Psychoanalysis* (Instituto de Psicanálise do Oeste da Nova Inglaterra) completaram a combinação que tornou possível a escrita da *Experiência Burguesa*, cujo título só ganhou forma no final dos anos 1970. Portanto, a pesquisa e a escrita do primeiro volume, “A educação dos sentidos” é concomitante com a dupla atividade, de historiador e psicanalista⁹³.

Por meio do estudo da obra freudiana Peter Gay encontrou algumas teses que se desdobraram nos cinco volumes aqui analisados. Existe na psicanálise freudiana um sistema “meio oculto, uma teoria da política, uma teoria da arte e, ainda mais intimidadora, uma teoria da cultura” (GAY, 2001 p. 265). Gay afirma que construiu sua análise dividindo a experiência histórica a partir de três elementos básicos da *natureza humana*: amor, agressão e conflito. No entanto, a meu ver, conflito não marca uma terceira divisão, mas sim um aspecto presente nos dois principais, amor e agressividade, tal qual a dualidade pulsional apresentada por Freud. O conflito seria da ordem de qualquer uma delas, visto que sentimentos ambíguos existem no interior de cada sujeito e é inevitável que os interesses de cada um entrem em choque em algum momento, pois, como afirma o próprio autor, “o inconsciente dominado por conflitos” (GAY, 2001 p.266). O resultado deste estudo foi um conjunto original e autêntico, que apresenta não

⁹² CF. GAY, Peter *A experiência Burguesa, da rainha Vitória a Freud*. Volume 1, A educação dos Sentidos. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

⁹³ Importante lembrar que partem deste ponto as críticas que Peter Gay recebeu dos historiadores tradicionais, e dos psico-historiadores, como comentei no capítulo que trata especificamente da teoria da história de Peter Gay. Além disso, neste mesmo período que remonta a década de 1980, Gay também se concentrou na redação de sua defesa teórica da psicanálise como ferramenta de análise para historiadores (1985), e nas pesquisas que levaram a publicação da biografia de Freud (1988).

apenas estudos inéditos em seu contexto⁹⁴, ao mesmo tempo em que o rigor teórico não impede que o material utilizado pudesse falar por si, ou orientar seus caminhos de pesquisa.

Ao sistematizar seus objetivos, que curiosamente só aparecem condensados em um pequeno anexo que ocupa o fim do quinto volume, Gay explica:

Meu objetivo em toda essa pesquisa tem sido alargar o nosso espectro da experiência burguesa vitoriana, redesenhar a caricatura monocromática distorcida predominante para pôr em seu lugar um retrato cheio de gente, colorido e reconhecível. Como um pontilista, dei atenção às variedades locais que, com um pequeno recuo do espectador, devem se tornar coesas numa totalidade (GAY, 2001 p.266).

E, adiante, complementa, salientando sua perspectiva psicanalítica como referencial teórico de pesquisa:

Ambiguidade e ambivalência são o quinhão de todos, e eles (as classes médias) tinham seu inconsciente dominado por conflitos como o resto do mundo. Seguindo este princípio – que, como o leitor pode ver, deve algo a Freud – diagnostiquei como ataques histéricos os editoriais e sermões de jornalistas e pregadores que em 1848 alertavam que as demandas feministas formuladas (...) estavam colaborando para o fim da civilização. Descobri que os críticos rígidos dominados pelo hábito que difamavam os impressionistas (...) estavam atormentados pela ansiedade diante do novo (GAY, 2001 p.266-7).

Como podemos observar, as fontes selecionadas para análise são lidas e interpretadas a partir do referencial freudiano, ou seja, na *apropriação* que o autor faz dessa teoria e que configura sua visão de mundo, na qual todo material produzido pelos atores sociais pode ser enquadrado. Destaco ainda que todos os temas apresentados colocam em cena indivíduos pertencentes a classes médias, mas sem nunca perder foco, que é testar estas fontes como marcadores de um contexto maior. Todos os casos abordados constroem em conjunto uma série de narrativas mais amplas de panoramas específicos do século XIX, fotografias que demonstram as particularidades de um quadro mais amplo, geograficamente composto pela Europa ocidental e América do Norte, e temporalmente circunscrita entre os anos de 1820 e 1914. Assim, os diários são

⁹⁴ Esta afirmação se refere ao contexto historiográfico estadunidense dos anos 1950 e 1970 que, como em outras partes do mundo, descobriam novas possibilidades de escrita e pesquisa pela diversificação das fontes de pesquisa (KLEIN, 2011).

lidos como uma forma documental que demonstra a percepção individual frente as angústias vivenciadas⁹⁵. Os tratados médicos apontam para mudanças em relação a paradigmas estruturados em tradições que não eram questionadas. A literatura romântica descreve uma diferença em relação à percepção individual que cada um faz de si. A música, a arte e a poesia revelam a importância da introspecção como uma nova forma de lidar com nosso mundo interno.

Bom, preciso descrever o caminho que escolhi para a presente análise. Não seria plausível abordar cada volume individualmente, a extensão deste trabalho foge ao objetivo da minha tese. Frente a isso eu optei por um percurso que acredito ser mais didático e preciso. Inicialmente, apresento os conceitos que norteiam toda coleção e que lhe dá título, são eles, *experiência histórica*, *classe média* e *vitoriano*. Cada um deles ajudará a formar a fundação que sustenta toda ordem argumentativa de interpretação de fontes, em especial o primeiro, pois demarca uma relação explícita com a psicanálise.

Dou início à discussão das obras por meio de um tópico específico para discutir o contexto histórico, “O século XIX e suas mudanças irresistíveis”, salientando a ênfase que o autor dá às mudanças operadas neste período como catalizadoras dos processos subjetivos que identifica nos volumes que escreveu. Destarte parto para a “A redefinição na percepção do Eu”, no qual a cultura promovida pela classe média desenvolve uma noção mais refinada de privacidade como forma de explorar na arquitetura do ambiente os desejos eróticos que traziam consigo, assim como a hipocrisia assume um lócus de segurança para a vida psíquica das classes médias. Por último, “Ódio e violência na cultura das classes médias vitorianas” tomam a cena, com a tese de que o processo civilizatório nos moldes freudianos foi encampado pelas classes médias, que desenvolveram métodos menos destrutivos para exercer os

⁹⁵ Este termo será discutido de forma mais detalhada adiante, porém, adianto aqui que na teoria freudiana angústia é definida em dois momentos. Na primeira tópica, pelo viés econômico, segundo o qual a angústia seria aquela energia liberada e não descarregada em função de algum conflito de ordem psíquica, agindo física e psicologicamente como sintomas no sujeito, assim a angústia tem sua origem libidinal e inconsciente inibida pelo pré-consciente. Na segunda tópica, estará ligada diretamente ao conceito de pulsão (um conceito situado entre o mental e o somático, que busca representantes simbólicos). Este sentimento deriva então do processo de engajamento libidinal em representantes localizados na realidade para onde esta pulsão pode ser direcionada, podendo ser de fato derivada de uma ameaça real, ou de uma ameaça neurótica, ou seja, resultado de uma realidade interna. Nesse sentido, a angústia tem uma função utilitária no primeiro caso (autopreservação), e uma função de manutenção da estrutura neurótica, (retirada de libido do Ego e direcionada aos objetos que a representam) (ANGELIS, & OLIVEIRA, 2017).

imperativos de Tânatos. Tentei trazer à tona temas gerais, narrativas mais amplas que foram discutidas por meio de exemplos individuais, destacando os materiais históricos utilizados, e pontos em que a psicanálise forneceu material teórico para sua leitura.

Gay aplica a concepção de *natureza humana* que encontra em Freud, a utiliza para observar os movimentos ocorridos quando a realidade histórica, social, econômica e política incide sobre a mente. Que tipos de resultados podem ser apreendidos, e qual documentação pode auxiliar a uma leitura que apreenda o diálogo entre realidade e mente. Enfim preferi mostrar como cada um articula micro, e macro-histórias, apresentadas por meio destes temas supracitados, esperando com isso finalizar este trabalho.

4.2. A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud

Apresento aqui de forma sucinta os cinco volumes da coleção “A experiência burguesa – da Rainha Vitória a Freud” entendendo que sua descrição é importante para contextualizar as análises que seguem adiante.

No primeiro volume, “A educação dos sentidos” Gay examina a vida íntima e erótica da classe média, suas formas de amar, as maneiras de exprimir e ou dissimular o erotismo. Por meio de diários e cartas o autor adentra na vida íntima de personagens da classe média comum que podem ser tomados como amostras de um conjunto maior. Assim procura desmitificar a definição de uma classe média frígida, alheia a sexualidade, marcada por traições e amantes por parte dos homens. Havia amor, sexualidade e permissividade entre os casais, ou seja, havia espaço para o desejo e suas manifestações.

O segundo volume, “A paixão terna” prossegue na mesma temática, porém, dando luz “as teorias do amor, fantasias culturais veneradas na literatura da época, os disfarces com que se mascaravam os desejos eróticos” (GAY, 1989 p.15) assim como as ações reativas a tais sentimentos, derivadas da religião e do pensamento científico da época. Os conflitos entre os mecanismos defensivos e as manifestações permissivas que exploravam desejos marcam este volume. As transformações tecnológicas e culturais caminharam mais rápido do que a formação de novos padrões morais, permitindo a

experimentação da sexualidade. Portanto, os dois primeiros volumes são dedicados a Eros.

O terceiro volume, “O cultivo do ódio” é inteiramente dedicado às múltiplas faces da agressividade. Gay busca demonstrar que esta pulsão adquiriu formas singulares para a classe média vitoriana. Parte do senso comum do século XIX considera que a “natureza humana” é má e agressiva, com tendências destrutivas. No entanto, nem toda agressividade toma a forma destrutiva comumente associada à violência, ela varia num amplo espectro de expressão verbal e física, da confiante autopublicidade às lesões permissíveis, da malícia astuta à tortura sádica. Surgem como palavras e gestos – menos fatais, sem dúvida, do que a violência física, mas pouco menos inequívocos. “Exibir posses ou vencer um rival no amor é um ato de agressão tanto quanto provocar um duelo ou invadir um país vizinho” (GAY, 1995 p. 12). Comparações sociais, mexericos, esportes, política, comércio, prêmios de arte e literatura, em suma, todos estão imersos no plano da violência. Mais uma vez, a construção civilizatória dependeu do controle e da utilização racional da agressividade, apresentando em resposta sanções morais ou legais contra estes atos, enfim, possibilidades de manifestação da pulsão de morte. Ou seja, este volume é dedicado a Tânatos.

O quarto volume, “O coração desvelado” parte para um aspecto característico da cultura vitoriana, a introspecção. Há um incentivo à produção de materiais que falam de si, escrita biográfica, cartas, diários e os romances – que muitas vezes falam em primeira pessoa – demonstram que este autoconhecimento propunha a existência de um lugar privado no qual as emoções conflitantes poderiam ser ouvidas. Assim como a cultura letrada, também a música e a poesia entraram no mesmo ambiente formando espaços que eram executados como marcadores para a percepção do mundo subjetivo de si mesmo (GAY, 1999). Podemos notar nestas auto-observações registradas como eram os conflitos internos das classes médias, como lidavam com as angústias cotidianas, seus medos, seus desejos e suas fantasias. Nesse sentido, Gay aponta como o romantismo atuou como o movimento que mais ilustrou este processo, demonstrando sinais de mudança no interior, nas subjetividades.

No quinto e último volume, “Guerras do prazer”, as ambivalências e ansiedades das classes médias em relação as transformações de seu tempo são

problematizadas. As classes médias cresceram rapidamente no período de reinado da Rainha Vitória, assim como os dilemas que cercavam esta categoria social. Os desejos e prazeres advindos do conhecimento de si, promovido por leituras e por uma cultura que valorizava a introspecção e a contemplação levou muitos destes indivíduos a questionar sua relação com o prazer, ao mesmo tempo em que, internamente, mantinham um forte senso de hierarquias e distinções. São estes conflitos internos, verdadeiras guerras travadas no âmbito inconsciente que são cartografadas e tematizadas por meio de indivíduos exemplares, cuja *experiência histórica* foi documentada.

Colocados os pontos centrais de cada volume, preciso mencionar que o personagem vitoriano de Sigmund Freud é tomado como um tipo ideal da classe média descrito por Peter Gay. Durante toda sua vida Freud criticou as bases repressivas da sociedade burguesa, mas também as reproduziu e vivenciou, e mais, escreveu sobre sua experiência pessoal, ao mesmo tempo em que fundamentou a psicanálise e ouviu diversos sujeitos, que eram seus contemporâneos. Tais pacientes muitas vezes vinham de contextos distantes do universo de Viena – com destaque para pacientes estadunidenses – o que permite afirmar que sua amostragem é ampla o suficiente para percebermos também aspectos que se repetem nestes personagens que são marcas de um tempo específico (ROUDINESCO, 2016).

Freud foi um profundo conhecedor da ciência e da literatura produzida em sua época, não por acaso ele está ao lado da Rainha Vitória quando Gay delimita sua pesquisa. A expressão “da Rainha Vitória a Freud” pode ser interpretada não apenas como um recorte cronológico, mas também como marco da passagem de uma cultura aristocrática para uma cultura de classe média, que será dominante após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), não por acaso, fim de uma Europa e nascimento de outra, um processo de ruína e transição, que afetou homens e mulheres do mundo todo, extrapolando o universo das classes médias no século XX (HOBBSAWM, 1988).

A coleção tem como periodização a década de 1820 (17 anos antes de a Rainha Vitória vir a ocupar seu trono) até o ano de 1914. Neste período, a cultura ocidental experimentou mudanças profundas, irreversíveis e traumáticas (GAY, 1989 p.13). Dentro deste recorte há uma subdivisão encontrada pelo autor, circunscrita entre os anos de 1850 e 1890 período em que diversos traços da

cultura mudaram de modo imperceptível: “formas de namoro e ideais pedagógicos, temores relativos à masturbação e preceitos relativos a castigos corporais, perfis femininos e tendências arquitetônicas, e muitos outros traços culturais sofreram transformações” (GAY, 1989 p. 13). Segundo Gay, estas mudanças formam um padrão que auxilia o historiador a estabelecer uma generalização sobre tal período, cujas características proporcionaram uma nova forma de auto apreciação de si e do universo interior subjetivo dos sujeitos. O desenvolvimento da literatura e das artes cumpriu um papel importante, uma cultura letrada que buscou auxiliar os indivíduos a se expressarem, cartas, diários, canções, poemas e biografias complementam este quadro, e correspondem a uma importante fonte para o historiador psicanalista.

Além disso, a perspectiva teleológica de filosofia da história psicanalítica aparece como pano de fundo, por exemplo, quando percebemos que a cultura de classe média nasce, cresce e se desenvolve neste período, até se tornar dominante (após o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918). Desse modo, os modos pelos quais estes sujeitos se articulam para modular os desejos e transformá-los para que seja possível a vida em sociedade torna a neurose como um imperativo da era vitoriana. Ou seja, o conflito entre o desejo e as interdições produzidas para circunscrevê-los é o que organiza a sociedade, ao mesmo tempo em que a violência também segue o mesmo caminho até ser potencializada com tal maestria por ditames culturais, leia-se política e nacionalismo, que se tornou impossível mantê-la dentro do quadro da sublimação, tomando a proporção que vimos entre 1914 e 1918. Enfim, a era vitoriana marca o período evolutivo descrito por Freud em “neuroses de transferência-uma síntese” (1987 [1915]).

Desta apresentação sobre o quadro geral da coleção partirei para a descrição do método de análise e das escolhas que fiz para circunscrever quais temas traria para discussão.

4.3 Método de análise

O método de análise que adotei foi pautado na leitura destas obras, devidamente embasado pelos capítulos que construí até o momento, ou seja, o Capítulo II, PETER GAY, HISTORIADOR E PSICANALISTA, e o capítulo III, A NATUREZA HUMANA – UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA FREUDIANA. Defini

então um mapa que descreverei nos próximos tópicos, e que resume a análise deste último capítulo em duas linhas: os conceitos que balizam a coleção e um conjunto de temas que extraí de minha leitura pessoal.

Os primeiros são uma necessidade teórica fundamental, pois são a fundação de todo trabalho de Peter Gay e compreendem também uma visão conduzida pela psicanálise. Já os temas são escolhas minhas, dentro de um quadro amplo que pode ser encontrado no conjunto de volumes, no entanto, procurei contemplar temas que dessem um sentido de começo, meio e fim, corroborando com o sentido teleológico da filosofia da história freudiana, partindo da afirmação que aparece hora ou outra nos volumes, que o século XIX foi “a era das neuroses”⁹⁶. Saliento que este sentido pode ser apreendido na obra em conjunto, mas a construção dos volumes não se preocupou em explaná-lo de modo claro. Por exemplo, nesta ótica o Volume 3, *O cultivo do ódio* (1995) deveria encerrar a coleção, pois alcançam o ponto central da discussão sobre os modos pelos quais se assentaram a pulsão de morte na cultura da classe média, termina no ano de 1914, fim do recorte cronológico escolhido. Já o volume 5, *Guerras do prazer* (2001), por sua vez, finaliza a discussão conceitual sobre a classe média e sobre o termo “vitoriano” que deveriam abrir o conjunto. Enfim, a partir da visão completa do trabalho do historiador explorei a meu modo uma discussão que pudesse servir de amostra sobre o diálogo entre história e psicanálise, e didática, em relação ao recorte cronológico e à própria visão de história do autor.

Localizei três conceitos fundamentais cuja definição é derivada de uma articulação teórica oriunda tanto do arsenal do historiador quanto do psicanalista, e que, não por coincidência, aparecem já no título da obra: *Experiência histórica*, que marca o diálogo entre a realidade objetiva e a percepção subjetiva do sujeito em seu tempo. O segundo, se refere ao termo *Classe Média/Burguesia*⁹⁷, que

⁹⁶ Esta afirmação tem dois sentidos, o primeiro é que a organização interna das classes médias se valeu de mecanismos psíquicos nos quais imperavam os conflitos entre a norma e os desejos, e também no sentido que discuti no capítulo III, no qual a Neurose aparece como uma ferramenta do aparelho psíquico formada num período histórico cujas características demonstram a passagem da etapa psicótica (dos povos primitivos) para outra fase, neurótica, pós ascensão e domínio do cristianismo, que se consolida nos séculos XVIII e XIX.

⁹⁷ Os dois termos apareçam na obra como sinônimos, para além das particularidades regionais – que são apontadas quando necessário – os termos têm uma mesma definição conceitual, ou seja, a posição intermediária entre a aristocracia e as classes trabalhadoras. Para facilitar minha escrita optei por utilizar

aparece como uma definição que se distancia da posição econômica desta categoria social, e coloca em primeiro plano a percepção de si construída no século XIX, moldada especialmente pelo sentimento de angústia. Finalmente, o termo *Vitoriano* que aparece como adjetivo, classificando um modo de existir ideal destes sujeitos, não apenas um recorte cronológico – da Era Vitoriana – baseado no reinado de Vitória, mas também com características específicas que são apreendidas pelos dois primeiros conceitos citados, relacionando valores, ideais, comedimento, subjugamento dos instintos, distinção social que aparecem como corolários cultivados pela classe média.

Cada um destes conceitos, ao mesmo tempo em que iniciam a análise, me permitiu adentrar nos volumes em que se divide a coleção, orientar minha leitura. Conclui que há um modo de interpretação que pode ser notado na composição dos volumes como um todo, a dualidade pulsional que marca a segunda tópica freudiana divide os temas de cada volume. Eros e Tânatos orientaram o autor a separar cada um dos ângulos da vida subjetiva: amor, ódio, violência, autocontrole e sexualidade. Eles estão presentes no manejo da vida privada, na dita cultura da classe média, na percepção de si, na intimidade, na construção da privacidade, na política, ou seja, atuam diretamente nos mais diferentes aspectos da vida destes sujeitos.

Dentro das temáticas abordadas pelos cinco volumes da coleção analisada há uma definição de cultura implícita que guia a interpretação do historiador. Logo no início Gay nos apresenta, que cultura seria o modo de reconhecer a existência de traços dominantes e interdependentes que estão à disposição dos indivíduos historicamente constituídos e que lhes fornece sentido, percepção de continuidade e permanência no mundo. Organiza “as instituições sociais, as doutrinas morais e religiosas, o desenvolvimento econômico, a estrutura das emoções, ou mesmo a política” (GAY, 1989 p.13-14).

Ao mesmo tempo, há uma definição de base freudiana segundo a qual cultura (*kultur*) seriam articulações construídas historicamente pela humanidade para regulamentar a dinâmica pulsional em seu encontro com a realidade. Ou seja, o indivíduo deve mantê-las seguras, e manifestá-las apenas por meios socialmente aceitos, o que acarretaria numa dupla consequência para Freud, a

apenas o termo “classe média” no decorrer da análise, e nos momentos em que isso ocorre de modo distinto faço a devida justificativa.

primeira seria a possibilidade de organização da sociedade, sem que os homens se autodestruíssem, um pacto social. A segunda, seria um eterno mal-estar diante da impossibilidade de satisfação imediata das necessidades pulsionais internas, da sexualidade e da agressividade (FREUD, 2010 [1930]). É também esta ótica que permeiam as mudanças citadas por Peter Gay entre 1850 e 1890.

Por exemplo, quando fala sobre Viena no século XIX o historiador não apenas está se referindo a uma delimitação geográfica, mas também a uma variedade vida literária, artística, científica e filosófica que coexistia naquele espaço. Ou seja, um termo em que cabem distintas coisas ao mesmo tempo, mas que também aceita inferências quando enunciado. Porém, Gay dá um passo adiante ao trabalhar com a cultura do século XIX, cujo aspecto é o foco de minha tese, a dimensão inconsciente que atravessa a cultura.

Tal dimensão inconsciente e humana significa que a cultura também passa pelos elementos básicos da experiência humana, amor, agressão e conflito como já dito acima. Cada uma delas é utilizada como ferramenta para moldar ou se defender da realidade, seja num manifesto que argumenta contra o uso de contraceptivos, seja pela criação de manuais e regras para impedir a masturbação feminina, ou controlar a sexualidade de modo geral, que, por exemplo, escondem no fundo mecanismos defensivos contra a ameaça de castração. Nossos conteúdos inconscientes são poderosas matérias-primas da ação humana. Os aspectos culturais tematizados por Peter Gay caminham, portanto, pelo balizamento fornecido pela ótica individual, ou seja, por sua *experiência histórica*, por seu pertencimento a um grupo cujos moldes psíquicos os tornaram amostras do desenvolvimento dos mecanismos defensivos, e das psicopatologias descritas no século XIX.

Com isso fiz uma escolha de apresentação, em vez de apresentar cada volume individualmente, elegi temas que estão presentes em diversos momentos nos volumes da coleção, e busquei discuti-los para demonstrar como a psicanálise orientou uma interpretação histórica que coloca os exemplos individuais trazidos pelas fontes em paralelo a um movimento maior, que atravessa os sujeitos históricos. Os casos individuais descritos pelo autor estão sempre orientados a uma discussão mais ampla, e surgem como exemplos de movimentos que ocorreram independentemente dos sujeitos, mas também por suas ações. Por exemplo, quando trabalha com diários o autor tem em mente os

movimentos relativos à vida erótica da classe média e da construção da noção de privacidade, ou seja, a psicologia individual e coletiva aparece como diferenças de escala de observação. Em suma, tomo os exemplos apresentados como partes de uma discussão ampla, que as vezes estão discutidas de modo descontínuo. Por exemplo, a “percepção de si” é muito discutida no volume 4, *O coração desvelado* (1999), mas também está presente nos demais volumes. O que fiz então foi tomar a discussão e apresentá-la, conectando o tema à psicanálise, destacando as fontes das quais as interpretações derivam e comentar a construção realizada pelo autor com minha visão pessoal de sua escrita.

Destarte apresentarei sequencialmente os temas: “O século XIX e suas mudanças irresistíveis”, “A redefinição da percepção do Eu” e, por último, “Ódio e violência na cultura das classes médias vitorianas”. Por optar apresentar os temas em vez dos volumes a narrativa pode causar uma aparência de continuidade nos textos, mas as citações, por sua vez, demonstram como também estão espalhados e as vezes desconectados, ou seja, sua apreensão dependeu do conhecimento integral de todos os volumes para ser destacada. Com isso dou sequência ao desenvolvimento do capítulo nos próximos tópicos.

4.4. Conceitos centrais

4.4.1. A experiência histórica

O tema da *experiência histórica* é uma questão da teoria da história cuja discussão reúne poucos adeptos como afirma Frank Ankersmit. Sua pertinência se dá na medida em que ela é parte fundamental do conhecimento histórico, é sobre a experiência que se constroem as narrativas do passado. Walter Benjamin já destacava este trabalho artesanal de trabalhar com a experiência como forma de dar vida à narrativa, e consolidar uma relação com o passado e com a história que alcance de fato seus objetos (BENJAMIN, 1994). Para além de toda discussão epistemológica que embasa este tema, busco discutir aqui a possibilidade aberta por Peter Gay de construir um panorama de pesquisa sobre o século XIX alicerçado na busca da percepção individual das classes médias que orbita a noção de *experiência*.

Este trabalho é construído por um estilo de análise documental, ou seja, se assenta em uma positividade material, e pela inscrição do real que se encontra neles. Porém, na medida em que também são resultados da ação humana acabam marcados pelo plano da subjetividade. Somos conduzidos então por Peter Gay à uma “psicologia da experiência histórica”, no mesmo molde preconizado por Ankersmit⁹⁸, sem desconsiderar a *operação historiográfica* que conduz os modos de produção da história, mas colocando em destaque alguns preceitos que visam alcançar esta dimensão subjetiva da história por meio da introdução teórica de elementos da psicanálise. Gay não se esforçou por elaborar uma definição desse conceito na obra, pude encontrar alguns detalhes mais precisos no primeiro e no quinto volume, o que fiz então foi cobrir esta lacuna com elementos que apresentei nos capítulos anteriores.

A *experiência histórica* é “o encontro da mente com o mundo, no qual nem este nem aquela são jamais simples ou totalmente transparentes” (GAY, 1989 p.19). Dito de outra forma, é uma dimensão psicológica que imprime a relação entre a realidade e a singularidade do indivíduo que está por trás da cena observada cuja investigação, portanto, conduz até os domínios do inconsciente. É preciso seguir com cautela e de modo metodologicamente conduzido por uma abordagem psicanalítica para perceber o que há por trás da cena experienciada, pois ela permite tanto observar quanto alterar a realidade: “a experiência participa na criação dos objetos do interesse e da paixão, dá forma aos anseios ainda incipientes e levanta barreiras contra as ansiedades ameaçadoras” (GAY, 1989 p.19).

A experiência como matriz conceitual é uma definição que Gay elabora a partir de sua leitura de Freud, e consiste em observar nas fontes históricas como uma visão particular de mundo conduziu os discursos dos sujeitos no passado. Gay parte sobretudo da ideia de que a percepção da realidade é filtrada e moldada pela forma como está estruturado o aparelho psíquico, ou seja, a relação com o mundo é resultado de nossa própria história subjetiva. O aparelho psíquico tenta dar conta de uma realidade muito mais abrangente do que suas limitações permitem, de modo que nossas impressões estão comprometidas pelos filtros que desenvolvemos para gerenciar nossa experiência com o mundo

⁹⁸ CF. MENEZES, Jonathan. *Frank Ankersmit: a metamorfose do historicismo*. Assis - SP: UNESP, 2018

externo, tornando-a suportável o suficiente para manter, no mínimo, uma coesão psicológica.

A dimensão inconsciente atribuída à experiência por Peter Gay afirma que há uma articulação das estruturas psíquicas, no sentido de promover uma negociação com a realidade que cerca o indivíduo, construindo um resultado lhe garanta sensação de estabilidade, continuidade e permanência. Diante da mudança sofremos pela sensação de desequilíbrio, que se manifesta acima de tudo pela angústia⁹⁹, para lidar com este sofrimento é preciso mobilizar rapidamente defesas que reorganizam os dados de realidade apresentados, não importa quais e quantas distorções este mecanismo acarretará, ele atua sempre em prol da proteção do indivíduo, do seu Eu frágil. Nossa experiência cotidiana é marcada pela dinâmica do *princípio do prazer* e de *realidade* que negociam as possibilidades de manifestar e organizar nossos desejos, adequando suas raízes, sejam nas pulsões de vida ou nas pulsões de morte. A mente humana anseia por realidade, mas cada estrutura do aparelho psíquico atua de um modo distinto, o *Isso* retém os impulsos brutos e de diversos materiais reprimidos, o *Super eu* e o *Eu*, por sua vez, se baseiam na cultura em que subsistem para conduzir suas ações, em suma: “o mundo dá à mente a sua gramática, aos desejos seu vocabulário, às ansiedades seu objeto” (GAY, 1989 p.21).

Este conceito de experiência histórica é pouco tematizado dentro da teoria da história, e especificamente tratando-se de uma observação da vida subjetiva dos atores sociais está muito próximo da elaboração teórica de Frank Ankersmit para afirmar a possibilidade de alcançar uma dimensão da realidade pelo modo

⁹⁹ Em sua obra Freud não se preocupa em realizar um trabalho totalmente dedicado à angústia, seu tema é desenvolvido em diferentes momentos. O principal está localizado nos textos, *Além do princípio do prazer* de 1920, em que a angústia aparece em relação a separação, como uma derivação desta, também em *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, no qual a angústia deriva do manejo (ou na incapacidade de manejar) dos impulsos masoquistas contra o Eu, e, principalmente no trabalho *Inibição, sintoma e angústia* de 1926, no qual aparece com maior contorno. Basicamente a angústia deve ser pensada dentro do trabalho psíquico exercido pela repressão durante a relação do eu com a realidade. Para passar da realidade para o mundo psíquico, os dados recolhidos no mundo externo são trabalhados pelos impulsos do Isso e avaliados pelo Super-Eu, que pode ou não recusar tal apreciação se julgar potencialmente perigoso para o Eu. A angústia é o sentimento despertado por este conflito. Por sua vez, o conflito pode ter origem numa ameaça real, um perigo destrutivo real, e causar uma resposta defensiva que visa salvar o sujeito. Por outro lado, se esta ameaça é causada por uma percepção neurótica, está relacionada a constituição psíquica do sujeito, e é uma resposta singular deste àquilo que está absorvendo segundo sua própria ótica. Neste último caso, pode haver como resposta uma formação substitutiva, ou mesmo um sintoma neurótico. Este procedimento aparecerá mais adiante com maiores exemplos quando me aprofundar na descrição da experiência histórica. CF. FREUD, S. *Inibição, sintoma e angústia*. In FREUD, S Obras completas. Vol. 17 (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

como ela foi observada, sentida e vivida pelos sujeitos no passado (MENEZES, 2018).

A discussão sobre a experiência histórica que busco trazer exprime algumas considerações essenciais no plano da teoria da história. Em primeiro lugar, há uma negação da máxima segundo a qual o historiador seria meramente um produtor de interpretações e significados, percepção esta derivada dos estudos descritos pelas hermenêutica e pela historiografia narrativista. Ou seja, há um deslocamento do sujeito para seu contexto. Gay, por sua vez, quer alcançar um ponto no passado que exprima a experiência individual, cuja singularidade não possa ser reduzida simplesmente como respostas a um contexto histórico determinante. Há uma inventividade criativa (e parcial) que, também de modo inconsciente, produz respostas diversas as contradições que se apresentam. Ou seja, esta busca pela *experiência histórica* permite afirmar que o indivíduo também produz realidades.

Em segundo lugar, voltar-se para o sujeito e colocá-lo em primeiro plano visa dar luz também a aspecto do trabalho do historiador, que não visa exatamente uma verdade objetiva, mas sim a relação com a realidade empírica, que passa pelo contato subjetivo que ocorre no interior da singularidade de um sujeito. Ankersmit, que demarca pontos de intersecção com Peter Gay, leva em consideração alguns elementos como sensação, percepção, contato, transformando o conceito de experiência histórica num fenômeno que é, ao mesmo tempo, físico e psíquico (ANKERSMIT, 1998).

O sujeito experimenta a si mesmo no objeto da experiência, lida com a realidade e consigo mesmo simultaneamente: “as histórias de vida retêm a sua capacidade para gerar o novo e o estranho. Mas elas se movem ao longo de trilhas familiares, ocorrendo em momentos mais ou menos antecipáveis” (GAY, 1985 p. 82). A psicanálise, nesse sentido, é o fundo condutor que permite observar que estas trilhas antecipáveis estão relacionadas ao funcionamento psíquico, que embora sejam infinitos enquanto possibilidades em seus efeitos, são limitados quando entendemos que existem regras nas quais se desenvolve e pelas quais se expressa¹⁰⁰. No entanto, quando pensamos em articular esta definição dentro dos preceitos teóricos e metodológicos da escrita da história

¹⁰⁰ Este aspecto está diretamente ligado à psicanálise como teoria do desenvolvimento humano, e que foi abordado de modo panorâmico no capítulo, NATUREZA HUMANA – FILOSOFIA DA HISTÓRIA FREDIANA.

notamos uma lacuna, afinal, o historiador não lida diretamente com os sujeitos falando sobre suas percepções da realidade. Existe um silêncio de seu objeto, o conhecimento histórico é resultado de uma operação historiográfica, citando o referencial de Michel de Certeau (CERTEAU, 1982).

No caso da teoria de Ankersmit é a filosofia de Emmanuel Kant e de Aristóteles que fornecem elementos do amálgama que compõe a *Experiência histórica*. O *Sublime*¹⁰¹ de Kant lhe permite considerar aspectos da experiência que vão além da codificação linguística, ou seja, considera elementos que estão fora do alcance do entendimento racional, dando espaço para uma apreensão subjetiva da experiência. E, baseando-se em Aristóteles, destaca o aspecto sensorial da experiência, da qual resulta também a produção do conhecimento, que decorre da utilização dos cinco sentidos com o mundo cerca o sujeito, que transforma os objetos numa extensão de si. Destes, o tato é o sentido que alcança com maior exatidão a experiência sobre a qual o historiador quer alcançar, ou melhor, a qual quer tocar (ANKERSMIT, 1998). O sublime pode ser tomado como sucedâneo para o inconsciente na experiência histórica, visto que representa um importante corolário entre psique e soma¹⁰².

Retomando a teoria da constituição psíquica de Freud, Gay faz alusões à Segunda Tópica Freudiana (Que instaura a divisão pulsional, e apresenta uma nova divisão do aparelho psíquico). Pela leitura do “mapa” que Gay apresenta no primeiro volume da coleção, pude perceber que há um diálogo muito importante com textos de Freud que embasam a definição de *experiência*. Tais

¹⁰¹ Sublime para Kant é uma mistura de prazer e dor, espanto e admiração, que sentimos quando estamos em face de algo de grande magnitude, de modo que não se pode alcançar uma dimensão desta magnitude de imediato, pois o que é sublime ultrapassa o sensorial. CF. BRASIL, J. “Concepções kantianas sobre o belo, o sublime e a arte”. Revista Estética e Semiótica. UNB, Volume 10, n°2 pp.93-101. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/download/35938/28651/93020> acessado em fevereiro de 2023.

¹⁰² Inclusive, a relação entre Freud e Kant, ainda não totalmente explorada, sugere e reitera a reivindicação do psicanalista de seu pertencimento entre as ciências naturais, em sua tentativa de elaborar uma psicologia científica, e mais uma vez permite observar o quanto a presença dos marcadores biológicos são pertinentes em sua teoria. CF. FULGENCIO, L. “Comentários críticos das referências textuais de Freud a Kant”. Psicologia USP, v. 12, n. 1, p. 49–87, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/LnX9j6ZjK7k99pRCHxQnzXg/#ModalHowcite> acessado em outubro de 2023.

textos são: “A psicopatologia da vida cotidiana” (1901)¹⁰³, “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924), e “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926)¹⁰⁴.

Por exemplo, quando afirma que as experiências são “um tráfego entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula”, está considerando que existem afetos internalizados dentro do aparelho psíquico, que são hora ou outra projetados em vivências experimentadas pelo sujeito diante da realidade. Ou seja, existe em cada um de nós um sentimento que dá a sensação de que, a qualquer momento, pode haver um acontecimento que vai nos separar de objetos nos quais mantemos relações libidinais, vivemos na eminência deste perigo, e o ego busca se prevenir de tais manifestações. No entanto, se este perigo tem origem real ou fantasiosa, não altera a forma como responderemos a esta sensação interna. Freud percebeu com grande habilidade que tal mecanismo se relaciona diretamente com os sintomas e com as inibições (FREUD, 2014 [1926])

Gay toma esta definição para afirmar que existe um processo natural no qual o adulto aprende a reconhecer e a tolerar tais sentimentos ambivalentes, seja qual for sua origem, mas esta percepção é penosa, e o indivíduo tende a regredir na primeira oportunidade (GAY, 1989 p.33). Tais regressões são facilitadas pela existência no sujeito de tendências à inibição, quando se encontra diante de limitações funcionais do *Ego*, que podem ser de dois tipos, aquela que ocorre para evitar o conflito com o *Isso*, cujas ações buscam uma representação que simboliza algo encarregado de uma função sexualizada (Escrita, marca, pintura, instrumentos musicais). O segundo tipo ocorre quando uma inibição pode se tornar uma manifestação autopunitiva, neste caso, o conflito a ser evitado é contra o *Superego* (não se permitindo certas coisas, ou renunciando a certas atividades, redigindo justificativas para interdições, teorizando sobre valores, argumentando contra o surgimento de novas práticas

¹⁰³ Este livro que antecede a segunda tópica nos ajuda a entender como alguns mecanismos psíquicos da vida cotidiana estão presentes em fontes materiais, como diários e cartas, por exemplo. Gay afirma que, ao utilizar um segundo idioma para se referir a palavras e termos proibidos, ou com conotação sexual, os autores destes materiais estão se utilizando dos mesmos mecanismos presentes nos atos falhos ou nos chistes, e trazem, por isso mesmo, questões singulares e inconscientes que podem ser inferidas pelo contexto deste material. Esta afirmação aparece de diferentes modos, mas com maior clareza nos volumes 1 e 2 da coleção.

¹⁰⁴ Poderia afirmar que a *experiência histórica* se baseia fundamentalmente na teoria do aparelho psíquico da psicanálise freudiana, os textos aos quais me refiro são que delineiam melhor as articulações entre mente e realidade, por isso, os cito com maior destaque.

etc.). Estes mecanismos são reconhecidos por Peter Gay em muitas das manifestações burguesas do século XIX.

A inibição age como o sintoma, retirando a libido do objeto, que neste caso é sentido como perigo eminente, tal movimento acarreta certo tipo de desprazer, ou seja, sobretudo angústia. O diferencial que Freud marca nesta teoria da angústia é que, primeiramente ela é quem causa a repressão e, em segundo lugar, ela reproduz imagens mnemônicas de outros momentos traumáticos. A função do Ego, movido pela “angústia da castração”, ou da perda do objeto, é impedir o sujeito de se colocar em situações que despertarão novas angústias, inclusive regredindo se necessário a estágios mais primitivos, como nas fases oral (angústia de ser mordido, como no caso do pequeno Hans¹⁰⁵), ou anal – neste caso o afeto agressivo ao qual o ego procura se distanciar se manifesta e assume como forma de sentimento de culpa, respondendo a um Superego mais severo e imperativo em relação ao Ego – (como no caso das obsessões do homem dos ratos, por exemplo¹⁰⁶).

O que concluímos é que esta teoria da angústia nos apresenta um *Ego* que vive sob constante ameaça, e que ao menor sinal desta procura defender-se e formar *defesas* contra estes possíveis ataques. Neste ponto temos que inferir um novo aspecto que delinea parte do contorno da experiência, isto é, ênfase que muitas dessas defesas vêm contra formas de angústia derivadas de nossas neuroses. É claro que existem perigos reais sobre os quais a mente precisa agir e preparar o sujeito para um confronto, porém quando estas ameaças têm sua origem na dinâmica pulsional, o sujeito responderá de modos confusos, às vezes, autorreferentes – cuja relação tem a ver com sua própria história individual, e elas são um elemento constituinte da forma pela qual percebemos e encaramos a realidade, ou seja, de nossa experiência histórica¹⁰⁷.

O que nos leva outro ponto da experiência histórica apontada por Peter Gay, o modo pelo qual distorcemos a realidade a fim de adequá-las as nossas

¹⁰⁵ FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos, “o pequeno Hans”. In. IN. Obras completas Volume 8 (1906-1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹⁰⁶ FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva “o homem dos ratos” (1910). In. Obras completas Volume 9 (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹⁰⁷ Para além da angústia, Freud também distingue as sensações de dor e luto, sendo que a dor é o processo que deriva da perda real do objeto, e o segundo, por sua vez, deriva do sentimento no qual há perda de uma parte do objeto que está fusionada no sujeito. Ou seja, no luto uma parte do objeto que vive no sujeito acaba por ter que ser removida (FREUD, 2014 [1926]).

necessidades de diminuir ao máximo possível nossa angústia diante do cotidiano vivenciado pelos neuróticos. Tal mecanismo é amplamente utilizado a todo momento, e em especial cumpriu uma função de autopreservação na sociedade vitoriana do século XIX.

Existem mecanismos específicos que alteram nossa percepção da realidade, as mais comuns são a negação, na qual recusamos o contato com o desejo, e a desmentida, na qual recusamos uma realidade traumatizante. Seja na neurose, seja na psicose, existe uma aceitação parcial da realidade, o que torna a diferença entre ambas, uma diferença de proporção do quanto a realidade é de fato incorporada (QUINODOZ, 2007 p. 266). Além disso, também se diferenciam pelos efeitos causados no psiquismo que acarretam modos particulares de se relacionar com a realidade. De forma mais explicativa, na neurose, o ego é forçado a conter impulsos do *Isso*, criando formas específicas e individuais para tal mecanismo, inclusive desenvolvendo sintomas, que nada mais são do que formações de compromissos que visam substituir sob nova roupagem o conflito evidenciado inicialmente, devo salientar aqui algo já dito, que os conteúdos recalçados neste processo sempre retornam cedo ou tarde. Na psicose, o ego é dominado pelo *Isso*, separando-se da realidade e descrevendo sua própria versão de mundo. Este mundo é edificado de acordo com as exigências do *Isso*, e a realidade se torna insuportável para o sujeito (FREUD, 2011 [1924]).

Para Freud o que torna as duas estruturas possíveis são as frustrações, ou seja, exigências da realidade que muitas vezes estão em desacordo com os desejos e necessidades do *Isso*. Com base em sua experiência clínica afirma: “toda neurose perturba de algum modo a relação do doente com a realidade, que é um meio para retirar-se desta, e, em suas formas graves, significa diretamente uma fuga da vida real” (FREUD, 2014 [1926] p. 215). Com isso, o sujeito consegue manter-se diante do mundo sem que sinta o sofrimento direto das situações que lhe seriam percebidas na forma de angústia, e Freud neste ponto faz uma diferenciação bastante didática: “a neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela, a psicose a nega, e busca substituí-la” (FREUD, 2014 [1926] p. 215).

Os neuróticos se contentam em deixar de enxergar a parte da realidade que não lhes convém, esforçando-se para que sua vivência adeque o mundo

externo as suas exigências internas, ainda que vez ou outra, possivelmente tenha que lidar com os traços mnêmicos que retornam a superfície. Os psicóticos têm outros procedimentos, o mais radical deles é a forma alucinatória de remodelar sua percepção, adequando aspectos do mundo externo às expectativas de sua realidade interna, criando um mundo de fantasias.

Interessante notar que Freud destaca aspectos muito próximos das duas estruturas, e dá à neurose um papel considerável no modelamento da realidade, também guiada pelo desejo, um mundo de fantasias que lhe serve de fonte de materiais que serão transpostos para sua relação com o mundo, geralmente caminhando por meio da regressão a um passado mais satisfatório/idealizado. Enfim, tanto na neurose como na psicose “há de se considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também de uma substituição da realidade” (FREUD, 2014 [1926] p. 221).

Observar como a mente lida com a realidade, posso reiterar o que Gay afirma ao delinear que nossa experiência histórica é impregnada de movimentos inconscientes que passam por conflitos ambíguos e não resolvidos, são remodelados ou reorganizados segundo o pano de fundo da estrutura – neurótica ou psicótica – assim como “o apetite do homem por novas experiências tem suas origens nas primeiras investigações da criança em busca do conhecimento sexual e no prazer que esse conhecimento lhe proporciona, amplamente reprimido na infância e posteriormente sublimado em atividades culturais menos primitivas” (GAY, 1989 p.19). A experiência é mais que desejo, é a organização de exigências apaixonadas e atitudes persistentes no modo de encarar as coisas, e de realidades objetivas jamais refutadas (GAY, 1989 p.19).

Justamente pensando nos mecanismos distorcivos do aparelho psíquico é que a *experiência histórica* busca auxiliar o historiador a desvendar autoilusões, corrigir interpretações errôneas e analisar o significado inconsciente de ações conscientes que de algum modo foram documentadas, visto que “muita coisa no passado ocorreu de modo oculto, silencioso e eloquente” (GAY, 1989 p.20). Assim como Ankersmit propõe um retorno ao sujeito em detrimento do contexto, a fim de encontrar aspectos reais do passado, a *experiência histórica* metodologicamente alicerçada no conhecimento psicanalítico nos apresenta uma realidade que é vista sob a ótica da subjetividade, que como vimos

anteriormente, se trata do ponto central de diferenciação do autor com os historiadores da psico-história.

A repressão se constitui como fundamento da cultura como mencionei acima, mas o retorno dos conteúdos evitados por este mecanismo é também um dado a ser evidenciado – o retorno do recalçado, como diz Freud. De modo que o sucesso da repressão dependia da consistência dos valores e ideais que sustentavam a sociedade vitoriana do século XIX, mas, ao apontar as décadas de 1850 e 1890 como uma fase de intensas mudanças nos costumes Peter Gay está chamando a atenção para uma face específica da *experiência* burguesa. Tal aceleração não permitia que novos mecanismos defensivos suplantassem os anteriores, de modo que a realização dos desejos pode ser mais rápida do que a repressão poderia agir: “O que ocorreu no século XIX, é que a própria natureza das mudanças se modificou, elas tornaram-se muito mais rápidas e irresistíveis do que haviam sido no passado” (GAY, 1989 p.43).

Não por acaso vemos neste momento histórico o surgimento de diversos estudos sobre psicopatologias, dentre elas a mais emblemática talvez seja a histeria, inicialmente voltada apenas ao corpo feminino. Obviamente, sabemos que no universo patriarcal europeu e ocidental, o corpo da mulher foi um alvo muito mais incisivo dos discursos da época, e não por acaso também foram estes corpos indóceis que demonstraram a insatisfação diante dos recursos repressivos de sua época, seus corpos começaram a falar outras línguas, a linguagem dos sintomas, e foram a porta de entrada para a exploração do universo inconsciente. No entanto, o universo feminino não foi o único a ser mobilizado pelas transformações e pelo espaço aberto por elas para que o inconsciente se manifestasse.

À medida que o paternalismo desmoronava e a ansiedade ia impondo suas marcas, desenvolveu-se entre os burgueses o apego à privacidade e possibilidades variadas de satisfazer os desejos (GAY, 1990). Neste espaço privado a *experiência histórica* se torna um fato perceptível às lentes do historiador, valendo-se das metáforas de Ankersmit, tornaram-se palpáveis. A privacidade reúne condições para que a livre expressão dos sujeitos permita a ocorrência de lapsos por onde fala o inconsciente. Desligado de todo pudor moral que lhes eram cobrados, jovens podiam escrever cartas e diários contornando o temor de que pudessem ser lidos por outros bisbilhoteiros, aberto este espaço

também tinham que lidar com as pressões superegoicas. De modo que o letramento lhes ajudava, utilizar o latim, outros idiomas, eram recursos por onde conteúdos inconscientes podiam ser registrados sem que houvesse a interdição desta parte do psiquismo, já que sua transgressão poderia ser protegida pela distância linguística de outro idioma.

Uma nova forma de experienciar a violência também é perceptível neste ambiente do século XIX, não apenas os conflitos de ordem física se remodelaram para que, de alguma forma, a vida fosse protegida, mas também ganharam novos contornos, como as práticas esportivas que se consolidam neste período. Elas permitem sobretudo a destruição do inimigo simbolicamente, cumprindo o papel de sublimar as pulsões de Tânatos. Do mesmo modo a política atuará como outro ponto de manifestação da violência, não por acaso também o período de ascensão das classes médias como figuras protagonistas das revoluções liberais e da universalização do capitalismo como modo de produção. Em suma, a violência também pode ser adequada a outro modo de ser exercida.

A experiência histórica pode então ser documentada, após explorar este conceito afirmo que algumas fontes são privilegiadas por representar um espaço no qual o sujeito se permite refletir sobre si, são as cartas, diários e as autobiografias. São materiais que foram produzidos com algum grau de espontaneidade que permitem explorar estes aspectos subjetivos que correspondem à experiência para uma análise histórica de cunho psicanalítico, os anseios e expectativas que eram as respostas neuróticas que estavam ao alcance destes atores. Ademais, outras fontes também trazem a mesma marca, porém ocupam lugares que tornam a subjetividade mais implícita. São os tratados médicos, editoriais, os manuais de etiqueta e bons modos, os manifestos pedagógicos, artigos de revistas, entre outros. Eles também têm esta carga emocional, mas o *lugar de produção* os torna menos óbvios, mas podem ser alcançados quando cruzados com outros dados, sejam estatísticos, biográficos entre outros¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Por exemplo, quando um autor afirma que a participação da mulher no mercado de trabalho acarretará a destruição da família ou na perda completa do lugar do homem na sociedade, ele está falando de receios internos seus, de seu medo em relação à emancipação feminina, seu medo da figura da mulher – que a tradição psicanalítica explorou muito nos últimos anos. Podemos afirmar isso nos baseando em dados estatísticos. Por exemplo, qual era o número de mulheres atuando profissionalmente, quantas delas recusavam o casamento ou a constituir família, são exceções. Portanto, não há dados de realidade que sustentam os argumentos apresentados, eles são reveladores de outras questões que fazem parte da

Com isso quero afirmar também que as mudanças incidiram com maior intensidade na vida subjetiva da classe média. E mais a experiência histórica destes grupos pode ser documentada. Há uma forma de percepção de si que lhes caracteriza e diferencia de outros estratos, e é justamente esta definição que buscaremos neste momento.

4.4.2. A classe média

Buscarei definir o termo classe média num primeiro momento, em seguida, a adjetivação *vitoriana* que acompanha o título da coleção neste tópico¹⁰⁹. Tomando a tese de Peter Gay em relação a este grupo, parto do pressuposto de que esta categoria se define a partir de sua relação com a angústia. São causas e efeitos das mudanças nos padrões de sensibilidade observados pelo autor no período analisado. Diante da indeterminação de seu lugar na sociedade, a classe média desenvolveu uma cultura própria e original diante da qual pode se apoiar, lidar com os conflitos, fugir deles, ou ainda, transformá-los em algo completamente distinto, mas suportável. Mais do que um lugar economicamente determinado, o conceito de classe média deste autor é resultado de uma articulação psicanalítica, no qual estes sujeitos aparecem como protagonistas da construção – muitas vezes inconsciente – de uma relação muito específica da mente com o mundo. Os materiais que eles produziram neste período são respostas, defensivas ou construtivas diante do constante sentimento de impermanência a que estavam sujeitos (GAY, 2001).

experiência histórica deste autor, de sua percepção neurótica da realidade, que deve ser investigado pelo historiador por meio de outras fontes ao seu alcance.

¹⁰⁹ Optei por utilizar o termo Classe Média em vez de burguesia na tese. Esta escolha se justifica pelo seguinte fato, Gay descreve o quanto existiam diferenças nos termos e nas formas de tratamento que aparecem em torno da palavra Burguês (Bourgeois, Burger, por exemplo). Classe média, por sua vez, é um termo que se coloca num entrelugar, ou seja, todos aqueles que podem estar alocados entre os outros dois grupos fundamentais que aparecem anteriormente, os aristocratas e as classes trabalhadoras. Poderiam ser industriais de sucesso, funcionários públicos, professores, editores de revista, vendedores de pequeno ou grande porte, ou seja, não eram necessariamente detentores de um forte poder econômico, mas se diferenciam dos demais por alguns aspectos centrais. Por esta abrangência decidi utilizar este termo em todo o texto. Mesmo nos momentos em que Gay busca descrever características destes grupos, Burgueses e Classe Média aparecem como sinônimos, especialmente no Volume 5, “As Guerras do Prazer”, quando o autor dá melhores contornos ao grupo social que vinha se debruçando desde a década de 1980. CF. Peter. *A experiência burguesa, da rainha vitória a Freud. As guerras do Prazer.* volume 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Peter Gay escreve a história das classes médias vitorianas por meio de pessoas comuns, “pessoas que liam biografias, livros de história e romances, mais do que os autores dessas obras, de cartas e diários de pessoas obscuras mais do que personalidades conhecidas” (GAY, 1999 p.11-12). Um grupo que ocupava um lugar não definido, não eram aristocratas, tampouco pertenciam às classes trabalhadoras, e que representava uma parcela muito pequena da sociedade, no final do século XIX eram cerca de 12% a 15% da população das cidades europeias (GAY, 1999 p.16). Com isso o autor visa buscar as ideias e sentimentos dos homens e mulheres da classe média europeia, considerando dois aspectos essenciais. A imagem que tinham de si, aquela que acreditavam e afirmam ser, e aquelas vivências mais profundas que foram exploradas no espaço da vida privada. Com esta dupla articulação podiam desfrutar da sexualidade mais livremente, amar e ser amados, ter dúvidas sobre seus passos, sobre suas certezas. Enfim, refletiam sobre si.

Como disse, uma das funções do aparelho psíquico é aliviar o sujeito das tensões derivadas de situações de conflito e angústia. A psicanálise defende que algumas instâncias culturais atuam na manutenção desta estrutura ao fornecer ferramentas para o manejo das pulsões¹¹⁰. Elas definem uma série de preceitos que auxiliam na condução da vida cotidiana, têm como premissa serem estáticos e sempre presentes para auxílio do sujeito. Família, valores, princípios, costumes, rituais de passagem, dogmas religiosos, enfim, uma série de elementos que devem ser permanentes para que a mente possa se apoiar. Assim, é possível passar por um evento gerador de tensão recorrendo a estes portos seguros, partindo do pressuposto que eles também têm correspondentes na realidade. No entanto, no século XIX, como demonstrarei adiante, a natureza das mudanças se alterou, as tensões e a angústia se acentuaram, e não houve tempo de redefinir aquilo que estava sendo alterado. Este movimento coincide com o surgimento da classe média, ao mesmo em que lhe é constituinte, pois

¹¹⁰ Não quero afirmar que a angústia é a única fonte de desprazer que mobiliza o aparelho psíquico na modulação da dinâmica pulsional, apenas estou enfatizando este aspecto como uma das causas deste movimento, e destacando-o como grande responsável pela constituição da ideia de classe média definida por Peter Gay. Obviamente, na teoria psicanalítica desenvolvida por Freud podemos observar que as pulsões podem ter diferentes formas de se manifestar, para além de seus objetivos iniciais. Sobre este tema sugiro o trabalho: FREUD, S. “Os instintos e seus destinos” (1915) IN: Freud, S. *Obras Completas*. Vol. 12 (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

foram as respostas dadas aos conflitos psicológicos deste período que os auxiliou a criar uma identidade de classe.

Quem somos nós? Como nos definirmos? São perguntas que poderiam ser feitas por um sujeito da classe média, mas raramente eram feitas de modo consciente. O que vemos é um esforço de definir a si e sua cultura por meio de diferentes métodos, a escrita de si em diários, as biografias, a literatura romântica, a produção e consumo de obras artes, a contemplação e a introspecção diante de um poema ou execução de uma música, em suma, foram produzidas diferentes ferramentas para modular as angústias geradas no mundo íntimo interior das classes médias. Ou seja, as neuroses falam também da identidade da classe média, como podemos observar neste trecho descrito por Gay:

Por isso, todo o progresso do século XIX foi atormentado pela ansiedade, às vezes reprimida e apenas relutantemente reconhecida – parte dela, claro, sob a forma de preocupações com o custo social da urbanização, perfeitamente justificadas. E essa ansiedade invadia as questões de gosto, pois autoproclamados especialistas enviavam sinais contraditórios. A tensão entre o desejo moderno da originalidade e o medo por ela provocado dava à mente da classe média vitoriana boas razões para inquietação (GAY, 2001 p. 19).

No século XVIII a Europa viveu uma série de crises que colocaram em xeque velhos regimes, instituindo um novo modelo econômico, o capitalismo, que pouco a pouco se tornou o modo de produção dominante. Tal processo foi acompanhado por agitações políticas, revoltas, guerras e ações violentas, não apenas na Europa, cujo exemplo clássico da Revolução Francesa (1789) se tornou corolário do Iluminismo e da luta inescapável por mudanças, mas também no mundo colonial latino e anglo-saxão onde o domínio colonial cada vez mais passou a se opor com o desenvolvimento interno destas sociedades (HOBBSAWM, 1996). Em todos estes processos históricos que agiram no mundo ocidental a partir do século XVIII a presença de novos atores sociais se fez notar, e sua luta por espaço foi essencial para acarretar numa transformação radical, sejam nos valores morais, seja na política, mas acima de tudo (pouco notado) por meio de novos padrões de sensibilidade.

Os nobres e aristocratas se tornaram obsoletos na medida em que não conseguiam, e não queriam, bancar as contas das crises econômicas que se

acentuaram a partir da década de 1780. Assim, mesmo em locais onde possíveis revoluções tomaram forma de reformas moderadas, este espaço até então ocupado por aristocratas foi sendo tomado por novos agentes que, no entanto, não era um grupo unificado com características semelhantes, ao contrário, correspondiam a diferentes estratos, que ia desde pequenos proprietários de terras, comerciantes, até os altos e bem-sucedidos industriais. Até mesmo quando cito as revoluções burguesas deste período corroboro com o professor Hobsbawm que foram poucos aqueles indivíduos pertencentes a classe média que abraçaram os ideais da revolução (HOBBSAWM, 1996).

O grupo classificado como classe média foi um conjunto que se esforçou por definir a si mesma cuja demarcação dificilmente escapa de uma idealização (GAY, 1989 p. 23). *Bürger, Bürgertum, Bourgeoisie, middle class, mittlestand* são algumas designações que circulavam entre Europa e América do Norte no século XIX para se referir aqueles que não faziam parte das aristocracias, nem dos trabalhadores braçais da cidade ou do campo. Neste período, grande parte da identificação da classe média era negativa, não havia um único autorretrato com que pudessem se identificar, esta variedade de termos exhibe a diversidade de sujeitos que se enquadravam neles, inclusive, porque também designam percepções oriundas de diferentes regiões¹¹¹ (GAY, 1989).

Gay apresenta um argumento psicanaliticamente conduzido que é essencial para compreender sua definição de classe média do século XIX, que reside nos modos pelos quais percebiam a si mesmos diante a sua realidade/contexto histórico, é uma definição que passa pela *experiência histórica* de tais sujeitos: “eu considero essas classes como uma família de anseios e de ansiedades” juntamente com aspectos que compõem uma semelhança e uma unidade, “interesses convergentes, pressões políticas, classificações legais, percepções e sensações compartilhadas” (GAY, 1989 p. 23).

¹¹¹ Importante ressaltar que os exemplos e fontes utilizados por Peter Gay correspondem a alguns países da Europa, principalmente Alemanha, França e Inglaterra, e à América do Norte. Algumas vezes também cita Áustria e Rússia, porém podemos afirmar que são exceções dentro da documentação citada pelo autor nos ensaios bibliográficos que compõe a parte final nos cinco volumes da *Experiência burguesa*.

Um recurso essencial para lidar com as pressões internas foi a especialização do espaço privado¹¹², lugares que, tal como as instâncias tópicas da mente, deram a segurança necessária para tornar possível não apenas vivências inovadoras que acarretaram mudanças nos costumes (criando permissões para a realização de certos desejos), como também na difusão de discursos que questionavam as próprias bases da sociedade, desde os privilégios que sustentavam o Antigo Regime, passando o autoritarismo do lar autocrático, até a misoginia do mundo masculino. Do mesmo modo que estas percepções revelam o surgimento de novos padrões de sensibilidade, também houve aqueles que encararam tais movimentos como uma constante ameaça ao seu mundo interno, o que também levou a uma produção de discursos defensivos. Tanto num caso como no outro as classes médias foram protagonistas de vanguarda.

Quem eram os indivíduos que compunham a classe média é uma questão que não pode ser respondida simplesmente pela circunscrição de um agrupamento do qual participam industriais, donas de casa instruídas, professores ou médicos, mas sim a “qualidade negativa de não serem aristocratas nem operários, e de se sentirem mal em suas próprias peles” compartilhavam uma angústia, a sensação de incompletude que é incorporada por todo sujeito neurótico. A ampliação das neuroses – lembrando que se trata de uma estrutura psíquica na qual predominam conflitos entre os desejos do *Isso* e o *Superego* – em suas múltiplas manifestações, é que funda as classes médias. Ela colocou estes sujeitos em movimento, impondo o conflito interior como a marca central do diálogo com a realidade¹¹³.

¹¹² Como veremos adiante a construção da privacidade não é apenas um aparato arquitetônico, mas também as cartas, diários e obras literárias, foram construções que davam vazão e segurança necessária para explorar o mundo interno das classes médias.

¹¹³ Este argumento pode sugerir que apenas a classe média poderia ter uma percepção mais refinada de si, porém, esta afirmação não é verdadeira. O que Peter Gay sugere, e que eu endosso, é que a classe média compartilhava um modo de lidar com a angústia, socialmente ocupando um *não lugar* entre os grupos existentes até então. Mas os sentimentos que derivam de sua *experiência histórica* não eram exclusivos destes sujeitos, mas foram atingidos num lugar específico de sua vida subjetiva, e tiveram maiores condições de produzir uma vasta documentação testemunhando seus conflitos. A exploração de outras fontes de grupos subalternos foi muito explorada pela historiografia como, por exemplo, Edward Thompson e seus trabalhos sobre a classe operária inglesa, ou os trabalhos realizados por historiadores da micro-história italiana. CF. LINO, Raphael Cesar. Apropriações da micro-história na historiografia brasileira nas décadas de 1980 e 1990. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, 2017.

Para Gay esta capacidade de lidar em algum grau com a ambivalência explica, por exemplo, porque a classe média se apropriou tão rapidamente do pensamento liberal. Na visão do historiador, esta é uma das correntes de pensamento que auxiliaram o ser humano a conviver com a incerteza e com a ambiguidade, de modo que esta seria a grande conquista da cultura do século XIX. Ao mesmo tempo, esta mesma cultura era muito frágil diante de visões fanáticas, dogmáticas e totalitárias, justamente porque elas falavam sempre às partes primitivas da psique (GAY, 1989 p.33-34). Ao mesmo tempo que exprimiam complexidade dos sujeitos, poderiam optar por caminhos que visavam minimizá-lo, como as opções mais dogmáticas ou autoritárias. A classe média tem em seu componente estrutura uma mistura de realidades sociais e necessidades inconscientes.

Dar luz a complexidade da classe média é também reelaborar a visão tácita que tal classe foi meramente o resultado de um percurso do desenvolvimento econômico, que levou este grupo a uma escalada pelo poder político. Tal explicação é bastante vaga e resume alguns séculos de história, mas cumpre seu papel para narrar o nascimento do mundo capitalista. E, especificamente no século XIX, a classe média é explicada pelos movimentos que têm origem nos acontecimentos de 1789. Uma história de triunfo que teria colocado a classe média no topo da sociedade já por volta da década de 1830.

No entanto, tais “mitos” não condizem com a verdade dos documentos, “a burguesia nunca manteve sozinha o poder” – na Inglaterra – a vitória de 1832 manteve a aristocracia com quase todos os cargos governamentais de peso. Nunca houve uma classe média unificada neste período que possa ser efetivamente circunscrita numa definição monolítica, no entanto, pode-se pensar numa definição a partir dos discursos produzidos por este grupo, especialmente sobre o amor e sobre a agressividade, resultados de mecanismos elaborados com o intuito de administrar as pressões externas e as angústias internas. São estes aspectos que os aproximam e os definem.

De modo geral estes indivíduos eram incentivados a dominar impulsos cegos e brutos, ter autodomínio, alcançar virtudes dependiam de esforço e trabalho, o “ócio ou a lassitude eram perigos para a felicidade pessoal” e mais, as ansiedades não domadas ocupavam “o palco central do teatro burguês da

ansiedade” (GAY, 2001 p. 28-9). Para tal, podemos finalizar a definição de classe média apontando para o que Gay afirma:

A psicanálise, como descreve Freud, estabelece uma relação íntima entre as realizações psíquicas dos indivíduos e das sociedades, postulando para umas e outras as mesmas fontes dinâmicas. Parte da ideia primordial de que a função mais importante dos mecanismos mentais é aliviar a pessoa das tensões nela criadas por suas necessidades. Parte dessa tarefa pode ser realizada extraíndo-se satisfação do mundo exterior, e para tanto torna-se essencial que se tenha domínio sobre o mundo real. Acrescenta, porém que a realidade habitualmente frustra a satisfação de outra parte dessas necessidades, entre as quais se incluem, significativamente, determinados impulsos afetivos. O que impõe uma segunda tarefa: a de encontrar outro meio de acomodar os impulsos insatisfeitos (GAY, 1989 P.21).

E adiante complementa:

Freud conclui que toda história da cultura demonstra apenas quais métodos o homem adotou para subjugar seus desejos insatisfeitos sob condições mutáveis, adicionalmente modificadas por progressos tecnológicos, desejos esses às vezes satisfeitos e às vezes frustrados pela realidade (GAY, 1989 P.21).

A resposta dada à angústia tem como resultado uma *formação de compromisso*¹¹⁴ (FREUD, 2014 [1923]), que deixou registrado sua forma essencial de lidar com as pressões inconscientes e da realidade, que manteve a ambivalência na ordem do dia, que produziu tratados sobre a sexualidade feminina por temer a liberdade das mulheres, que descreveu “povos inferiores” diante da própria sensação de impotência, mas que também que não puderam elaborar respostas em tempo hábil para acompanhar as mudanças do século XIX, que temiam e se angustiavam diante de um mundo sempre em transformação, sempre se alterando e se debatendo a cada nova descoberta.

¹¹⁴ A *formação de compromisso* é descrita por Freud como a forma pelo qual se manifestam os sintomas neuróticos, ou seja, que tipo de organização vai ocupar o lugar do conflito entre as exigências do Id e o poder de censura do Supereu, cumprindo estas duas funções: evitar o contato com o conteúdo inconsciente, ao mesmo tempo em que gratifica esta pulsão por meio do relacionamento estabelecido com seu substituto. Este sintoma se manifesta por infinitas formas. No caso tratado por Peter Gay, a própria cultura de classe média é uma formação de compromisso, por exemplo, quando um sujeito redige um diário seus conflitos são transportados para o papel, auxiliando com que ele possa lidar com as ambiguidades inconscientes presentes em seu mundo interno, enquanto também se aproximam de seus desejos de modo seguro. Obviamente nesta descrição não entramos na questão do sofrimento que este mecanismo pode causar, o que nos levaria de volta à teoria geral sobre as psicopatologias. CF. FREUD, S. “Neurose e psicose” (1924) IN. FREUD, S. Obras completas vol.16 (1923 - 1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Estes motivos me fazem pensar na importância que certos valores que serão atribuídos às classes médias tenham um status tão monolítico, família, casamento, religião, ideais de progresso e satisfação, autodesenvolvimento, em suma, um conjunto de aparatos psicológicos que dão uma sensação de continuidade e permanência na vida cotidiana, e por isso mesmo se tornam um lugar de conforto, na qual a repetição se torna um ambiente seguro, que afasta as ansiedades, amparando nossas neuroses. Mas é claro que o recalco sempre retorna, e a cultura precisa criar mecanismos de tornar possível que estes momentos não levem a ruptura da ordem social criada para a manutenção psicológica dos sujeitos humanos. Ainda que muitas vezes seguir tais ideais significasse alcançar uma miragem no deserto (GAY, 2001).

4.4.3. Vitorianos

No plano dos ideais, o termo *Vitoriano* vem a compor o adjetivo que se alia ao conceito de classe média. Em linhas gerais abrange uma série de significados relacionados à era da Rainha Vitória (1837-1901), e tem uma definição específica dentro desta coleção, se refere ao indivíduo que, dentro de um estrato específico da sociedade pode alcançar distinções sociais por seus meios próprios, desde que imbuído dos valores e posturas corretas, ou seja, consumir uma cultura específica, ao mesmo tempo em que acredita ser exemplo em termos morais e éticos, alocando no campo da privacidade e do segredo suas contradições e ambivalências. O diferencial na obra de Peter Gay é buscar como este conjunto de contradições atua no plano inconsciente, ou seja, não percebiam diferença entre o que de fato faziam na intimidade era contraditório com seus discursos.

A expressão “vitoriano”, para além do autor aqui analisado, se refere a múltiplos aspectos, políticos, com o auge do imperialismo inglês, sociais, desde o crescimento da urbanização quando da industrialização, crescimento dos setores médios da sociedade, científico, lembrando o intenso desenvolvimento de teorias e questões sobre o mundo natural, que levou ao extremo aspectos do Iluminismo, além de princípios morais e éticos presente na cultura da época. Embora esta definição seja bastante abrangente, o termo “vitoriano” tem uma conotação singular para Gay.

O primeiro motivo desta afirmação é que este termo só ganha contornos nítidos após finalizada a leitura dos cinco volumes em conjunto, apenas em “Guerras do Prazer” o autor retoma a discussão sobre as características que permitem circunscrever os vitorianos. Remete àqueles sujeitos do século XIX (Europeu e estadunidense) que dão ênfase em valores aristocráticos – posição social, distinção, literatura, artes, entre outros – mas que, ao mesmo tempo, acreditam na autorrealização do sujeito no mundo capitalista, defendendo a ideia do “*self made man*” (homem que faz a si mesmo) tão difundido em algumas culturas influenciadas pelo liberalismo moderno¹¹⁵.

O termo está intrincado nos conflitos apresentados pela alta cultura, na medida em que esta passa a dividir espaço e importância políticos com as classes médias em ascensão crescente, juntamente com o capitalismo. Tal como a definição da classe média, os valores reunidos ao redor do termo vitoriano também têm uma variação regional, como Gertrude Himmelfarb apontou, “sociologia das virtudes” para os ingleses, “ideologia da razão” na França, “política da liberdade” no contexto estadunidense, com a diferença que o caso inglês teria sido mais pautado pela ordem das ações do que pela reflexão intelectual (PONDE, 2015).

Gay está em consonância com o pensamento de Himmelfarb, pois esta historiadora também faz questão de salientar, como apontado acima, as múltiplas diferenças no interior deste conceito, não há nenhuma unidade mental ou moral que permita apresentar os vitorianos como um simples adjetivo que deveria acompanhar uma figura histórica europeia ou da América do Norte no século XIX. Ao contrário, reunindo diferentes autores que, segundo ela, carregavam o “espírito da época” ela pode perceber o quanto cada um deles carregavam ambiguidades internas, dilemas impostos por seu contexto histórico e que não tinham nenhuma resposta definitiva. Este é o sentido do termo vitoriano para a historiadora, a capacidade de realizar um enfrentamento intelectual diante das questões impostas, que tiveram como realizações a formação de se aproximarem de preceitos éticos e morais que teriam a

¹¹⁵ Este termo exprimia o otimismo vitoriano, caracterizava o mito daquele que ascende do nada, conquista o mundo sem nenhuma herança, nem educação de qualidade, sem antepassados ilustres, unicamente vencendo por seu talento e ambição competitiva. É significativo que tal termo tenha rapidamente se imposto no continente europeu como um estrangeirismo bem-vindo” (GAY, 2001 P. 25).

capacidade de resistir diante da mudança, ao mesmo tempo em que esta apropriação passava a representar sucesso diante da sociedade, em suma, ser vitoriano para Himmelfarb era revestir de uma armadura para enfrentar um século no qual a crença e a descrença tinham o mesmo valor e importância em termos sociais e culturais. A desordem das novidades do século XIX poderiam ser vencidas pela moral vitoriana, que aliada ao liberalismo foca no exercício individual da autodisciplina e do comedimento¹¹⁶ (BUENO, 2015).

Embora o tom conservador de Himmelfarb seja contrário à minha própria posição como sujeito e historiador, não há como recusar suas afirmações sobre a multiplicidade de sentidos presente também no termo vitoriano tem grande utilidade para minha proposta de definição. Apropriar-se da condição vitoriana era também apropriar-se de elementos culturais tradicionalmente reproduzidos pelas aristocracias, como óperas, literatura, artes visuais, entre outros. Padrões estéticos e culturais que eram acompanhados por valores morais e disciplinares que os conduziam, na medida em que a classe média passou a se constituir também como vitoriana estes conflitos passam a ficar mais evidentes, mas também demarcaram um processo histórico irreversível, pois este grupo impôs suas expectativas e ansiedades dentro da alta cultura, que se transformou juntamente com a pirâmide social europeia.

Não por acaso Gay aponta para alguns termos que confusamente apareceram no universo capitalista, “príncipes mercadores”, “capitães da indústria”, “aristocracia financeira” que admitiam a existência de grupos que se encaixavam em tais definições, e revelam que algo estava mudando a ordem das coisas. Somando-se a este panorama temos o fato do temor inerente a própria mobilidade social, pauta permanente entre as ansiedades vitorianas, pois, após alcançado o patamar social que se buscava, ninguém mais poderia fazê-lo, fazendo da sua posição um lugar de sucesso, mas também de alarme,

¹¹⁶ Importante salientar que esta afirmação também está em consonância com o período histórico em que vive Gertrude Himmelfarb, ou seja, os Estados Unidos dos anos 1960, no qual a contracultura e as diferentes manifestações da época colocam em xeque o modo de vida estadunidense e anglo-saxão em geral, e que vem a dar maior vazão aos desejos (especialmente o sexual) e de negação do autocontrole das tradições calvinista e protestante que fundaram ambas as nações, demonstrando o aspecto conservador do pensamento de Himmelfarb. CF. PONDÉ, Luiz Felipe. Prefácio: uma história da moral. IN. BUENO, José Luiz. *Gertrude Himmelfarb – modernidade, iluminismo e as virtudes sociais*. São Paulo: Editora Realizações, 2015.

perseguidos pela possibilidade de declínio ou contestação de massas enfurecidas pela desigualdade (GAY, 2001).

O termo vitoriano aparece no ano de 1839, dois anos após a coroação da rainha Vitória. Já no ano de 1870 este mesmo termo passou a classificar a era presidida por esta monarca, que reunia valores como melancólica, benigna, com uma reputação respeitável, e acometida pela tristeza da perda de seu príncipe Albert. Adiante, no início do século XX, este mesmo termo ganhou um tom pejorativo, sinônimo de hipocrisia, pudicícia, mal gosto, entre outros jargões depreciativos:

O que os burgueses valorizavam como o seu bom senso foi tomado por uma apática falta de imaginação; o seu caráter prático, por uma vulgar presunção; a sua propensão às lágrimas, por sentimentalidade em vez de sentimentos autênticos; sua vida regular e conscienciosa, por uma escravidão de horários – o racionalismo levado à loucura (GAY, 2001 p.30).

Estas releituras transformaram os vitorianos em uma caricatura, em parte responsável pelo retrato estático de apresentá-los como um conjunto composto por “maridos lascivos, esposas frígidas, frequentadores de igrejas insinceros e capitalistas inescrupulosos” todo um século vitoriano foi transformado em “um tempo de ganância, mentiras e kitsch” (GAY, 2001 p. 30). O vitoriano repousa, portanto, entre o elogio e a condenação, uma mistura das duas coisas, o ideal moral sustentado por teorias e tecnologias que se desenvolviam e começavam a fazer parte da vida cotidiana nas classes médias. Toda inventividade era posta à prova para melhorar a espiritualidade¹¹⁷.

Ao mesmo tempo, no plano imaginário, as classes médias vitorianas compartilhavam também a memória da Revolução Francesa, e Americana também. Evento traumático que moldou o pensamento político europeu, e encorajava outras partes do mundo a adotarem medidas jurídicas e políticas reformistas. Ideais que eram transportados na mesma velocidade que as ferrovias se instalavam e interligaram a Europa: “os poetas e os filósofos

¹¹⁷ Para além de toda literatura inventiva que tendiam a reflexão, Charles Dickens, Stuart Mill, Emily Bronte, Oscar Wilde, entre outros, muitos autores dedicavam sua escrita com a plena consciência de que seus leitores buscavam nos livros métodos e formas para guiar suas próprias vidas. Autores e personagens eram modelos para a vida carregada pela angústia e da incerteza. Como, por exemplo, no trecho citado por Flávia Moraes em sua Dissertação de mestrado sobre os vitorianos: “Os arroubos de puritanismo eram marcantes especialmente na prosa vitoriana, notadamente nas “novels”, geralmente publicadas em fascículos, uma vez que eram lidas em voz alta para toda a família” (MORAIS, 1999 p. 26).

românticos franceses e ingleses tomavam empréstimos de seus colegas alemães; as óperas viajavam com facilidade pela Europa” para certos grupos que acumulavam poder econômico e cultural o acesso ao conhecimento era internacional, como pode-se observar na literatura naturalista francesa, “que deixou sua marca em romancistas e dramaturgos da Escandinávia à Itália” (GAY, 2001 p. 32).

Enfim, os valores vitorianos serão difundidos entre a classe média. A literatura da época atesta esta percepção, enquanto muitos autores eram conclamados a incorporar valores aceitáveis e esperados, outro eram censurados e acabavam por serem perseguidos, como o exemplar caso de Oscar Wilde, e seu famoso, *O retrato de Dorian Grey* (1890) serviu de modelo para o tipo de “amor desviante”, assim como toda uma literatura que abordava a homossexualidade, divergindo quanto a origem, moralidade e objetivos deste tipo de relação. Não por acaso os envolvimento homossexuais reais do autor acabaram o levando para a prisão (GAY, 1990).

A cultura vitoriana da qual Gay nos aponta é responsável por favorecer a sublimação de questões subjetivas pela classe média. A sublimação é a dessexualização das energias eróticas para outras finalidades, seu emprego sob outras formas. Muitas vezes é acompanhada da projeção, ao atribuir a objetos externos qualidades sexuais que na realidade eles não possuem: A música, a poesia, a literatura, os modos de comportamento, os rituais, a conduta, em suma, o modo de existir da classe média, que chamamos, portanto, de *vitorianos* encerram os limites e possibilidades da administração pulsional na vida social destes sujeitos.

Por outro lado, não quer dizer que o fato destes valores serem cultivados e estimulados os torne exclusivos. Existiram muitos interstícios nos quais estes valores eram questionados e subvertidos, especialmente no plano da privacidade, um espaço no qual os corpos delimitados pelo contexto vitoriano podiam adquirir novas formas, transcender expectativas e produzir uma outra relação com o desejo. Freud percebeu com muita clareza que a repressão não é totalitária, a confissão do inconsciente transpira por todos os poros, as classes médias também tiveram seus recursos para ultrapassar seus limites, por este motivo a riqueza de manifestações impede de circunscrevê-los em uma única definição monolítica.

O “ser vitoriano” cumpriu seu papel histórico, e por este mesmo motivo não escapou a transformação, a transgressão. Este diálogo será abordado nos próximos tópicos em que descrevo alguns temas apresentados na coleção de Peter Gay.

4.5. Articulando história e psicanálise

4.5.1 O século XIX e suas mudanças irresistíveis

Mudanças dão trabalho, são fonte de instabilidade emocional e ansiedades. É preciso maturidade psíquica para enfrentá-las, mobilizando recursos que permitam manter a coesão diante da transformação e elaborá-las. Nossos impulsos tendem sempre a querer conservar tudo aquilo que nos ajuda a dar coesão à existência, não importando o quão doloroso também pode ser manter tais exigências. Este cálculo também exige do corpo, o desgasta e opera de modo doloroso, mas este é o custo de manter as exigências internas, estas sim soberanas na grande maioria das vezes. Com base nesta premissa apresentarei o contexto do século XIX como fonte de transformação vivida pelas classes médias, tanto no que tange as consequências psíquicas dela decorrentes, quanto como podem ser interpretadas à luz da psicanálise.

Sigo o autor em sua apresentação do contexto global do século XIX, com destaque para a industrialização, observando como era sentida por seus contemporâneos, inserindo novos padrões à organização da vida cotidiana até então desconhecidas pela sociedade. Esta mudança no mundo material acarreta diversos conflitos, que por sua vez, mobilizam defesas e recursos que visam a manutenção da estabilidade psíquica dos sujeitos diante da tentativa de administrar o real. Não importa que tipo de resposta foram criadas neste contexto, negacionistas ou conservadoras, adaptativas ou progressistas, todos precisaram, de alguma forma, aderir a algo para administrar seu mundo interno.

A industrialização e suas consequências foram sobretudo agressivas. Não apenas pelo modo que abruptamente tiveram que inserir toda uma massa de trabalhadores no funil da produção padronizada, acabando com toda uma cultura baseada na relação pessoal com o produto, e em outra relação com o tempo, mas sobretudo porque esta aceleração não dava muitas chances para que

houvesse uma reestruturação psíquica capaz de lidar de modo eficaz com a mudança. Muitos sofreram em silêncio diante deste processo, porém outros puderam transpirar tais conflitos por diversas formas/sintomas, que representavam, tanto uma reorganização interna, quanto uma resposta ao que ocorria em seu entorno.

A mudança ocorrida a partir do século XVIII e intensificada no século XIX. Segundo Hobsbawm (1988), até 1848 apenas a economia inglesa estava totalmente industrializada e, por este motivo, dominava o mundo e impunha seu modelo a todos os países que buscavam se desenvolver, não era mais possível competir com a industrialização utilizando outros métodos, a eficácia deste processo veio para ficar. Este é notadamente um dado essencial que permanecesse como pano de fundo de toda coleção¹¹⁸, *Experiência burguesa*.

O fato é que as transformações ocorridas neste período foram mais rápidas e intensas que em outras épocas, e para sorte de nós, historiadores, foram ricamente registradas. Me refiro especificamente, além do modo de produção, a mudança em relação à autoridade, costumes, desenvolvimento tecnológico, intensificação das comunicações, estradas e fluxos migratórios, que inflaram algumas cidades¹¹⁹. Do campo para a cidade, das plantações para as fábricas, escritórios ou oficinas, a industrialização intensificou a vida de todos, e criou o grupo social das classes médias.

Este período acelerado é representado sobretudo pelas locomotivas, este aparato tecnológico se espalha por toda Europa, levando materiais e pessoas para longe de seus lugares de origem. Também cumpre um papel importante ao materializar a crença no progresso e no futuro, que percorria não apenas pelos trilhos, mas também a ideia que seria transposta e apropriada pela classe média, “que o esforço pessoal permite o crescimento do indivíduo, *selfmade man*” (GAY,

¹¹⁸ Além disso, Hobsbawm aponta para outro fato significativo, a explosão demográfica que ocorre em todo mundo industrial, uma “explosão sem precedentes, que tem multiplicado seu número no curso dos últimos 150 anos” (HOBBSAWM, 1988 p. 173).

¹¹⁹ Em relação a autoridade, Gay discute em sua obra *The Enlightenment: An Interpretation* (O Iluminismo: Uma Interpretação), como o iluminismo vem de encontro com o pensamento liberal, ao defender a liberdade individual, e criticando as autoridades tradicionais, do absolutismo e da Igreja, na medida em que trazem na baila uma nova teoria política calcada na possibilidade de autogoverno dos indivíduos por formas representativas de governo (GAY apud CARVALHO,). CF. CARVALHO, Flávio Rey de. Revisitando o iluminismo: contribuições para o estudo do caso português. Disponível em: <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC5/FLAVIOREY.pdf> Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

1989). Paisagens centenárias do campo se transformaram, no tempo de uma vida, em cidades, com suas construções e fábricas, a irracionalidade das florestas deram lugar à racionalidade estratificada do espaço urbano. É neste ponto que entra a leitura psicanalítica do autor.

Como afirma Peter Gay, mesmo as mudanças em prol de melhoras podem acarretar sofrimento, fato que foi devidamente problematizado por mais de um autor do período vitoriano, tais como, por exemplo, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Émile Durkheim (1858 – 1917) e o próprio Sigmund Freud (1856 – 1939).

Para Nietzsche três coisas predominam no interior primitivo do homem, e lhe causam medo: “o aleatório, o incerto e o súbito”. Interpretada como a ansiedade para Freud, “constitui um sinal de alarme disparado pelo aparecimento de perigos, reais ou imaginados, o que dá ao homem a oportunidade de colocar em campo suas defesas: luta, fuga, negação e outras mais”. Durkheim, por sua vez, identificou o conceito de anomia, que ocorre pela inexistência de limitações nítidas e de regras reconhecíveis de comportamento, “uma desorientação social angustiante que tanto pode emergir após um surto de prosperidade como após um súbito desastre, e com a mesma intensidade terrível” (GAY, 1989 p.50).

O ponto central de citar este procedimento é reiterar o posicionamento teórico da psicanálise, pois Freud afirma que nossas pulsões são conservadoras, o ser humano não suporta mudanças, mas não tem consciência desta afirmação. Por mais que possam ser esperadas, e mesmo desejadas, as mudanças são muito difíceis de serem suportadas, e afetaram diretamente as dimensões inconscientes da experiência histórica, “geram e exacerbam outros pela remoção de marcos orientadores de conduta, que são os hábitos sociais” (GAY, 1989 p.50).

As rejeições da satisfação, suas expressões e de suas manifestações públicas se iniciaram na renascença, rebaixando cada vez mais os patamares da vergonha e do nojo, até alcançar os patamares da moralidade das classes médias, especialmente em relação à sexualidade, talvez a mais enfatizada de todas elas, pois fazia duras exigências e impunha tensões sem precedentes históricos, buscando cada vez mais criar formas de reprimir desejos inadmissíveis e ilícitos. Contemporâneos relatam (ao mesmo tempo em que falam de si) a presença de um mal-estar generalizado, a sensação de estar à

deriva e sem rumo, confuso, atropelado por impulsos novos, que ainda não tinham nem mesmo uma forma determinada pela qual poderiam ser satisfeitos.

A tese psicanalítica sobre o aspecto conservador das pulsões é defendida por Peter Gay na medida em que encontra diversos casos em que tal tese pode ser observada nos registros que encontra¹²⁰. Por exemplo, muitos autores da época defendiam que a mudança estava sendo guiada no sentido do progresso, a ciência positivista, a literatura, as biografias, afirmavam isso em suas narrativas. Por outro lado, não é isso que se percebe quando o autor observa de perto alguns movimentos defensivos. Na medida em que a ciência e as transformações sociais ocorriam nota-se que houve uma intensificação das crenças religiosas, como forma de recuperar alguns referenciais seguros (GAY, 1989 p.53).

Este movimento é exemplarmente definido pela contraposição que o romantismo faz ao iluminismo (GAY, 1999). O iluminismo e, por consequência, a ciência favoreceram o processo de “desencantamento do mundo”, numa busca incansável de encontrar leis que regiam a natureza, transformando a realidade em equações que precisavam ser descobertas para que o controle da natureza fosse alcançado¹²¹. Nada mais precisava ser sagrado. Uma sensação de onipotência parecia surgir junto aos cientistas que se julgavam capazes de dominar o mundo e a natureza, e se intercalava com o sentimento de impotência daqueles que dependiam de visões de mundo que lhes dessem sentido, junto com o sentimento de continuidade e permanência. Neste percurso os românticos tiveram como objetivo reencantar o mundo.

Para Gay, a cultura das classes médias do século XIX precisavam destas formas de fé, seja na religião, seja na ciência, pois foi a propósito da natureza que os ‘desencantadores’ e os ‘reencantadores’ do mundo travaram uma batalha implacável” (GAY, 1999 p. 95). Nesse sentido, o Romantismo pode ser interpretado como uma das respostas às consequências do Iluminismo, uma

¹²⁰ Um dos exemplos mais emblemáticos citados por Peter Gay é o caso de John Start Mill (1806 - 1873), que de uma forma muito próxima do sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, afirma que a sociedade estava mudando tão rapidamente que não havia tempo para substituir elementos sociais que dessem segurança aos sujeitos, causando uma sensação compartilhada de mal-estar.

¹²¹ Um desses expoentes é Charles Darwin (1809 - 1882) com a publicação de *A origem das espécies* em 1859, que causou amplos debates na sociedade, provocando reações de diversos setores da sociedade, incomodando o inconsciente de muitos indivíduos por questionar especialmente as bases de crenças religiosas.

formação defensiva aos dados de realidade que, insuportáveis de algum modo para muitos, mobilizando a criatividade para produzir algo que devolvesse o sentido roubado pela razão.

A religião inaugurada pelos românticos era uma querela de formas particulares de interpretação sobre a vida e sobre a natureza, unindo suas pesquisas aos seus sentimentos pessoais, como forma de alcançar outros níveis de conhecimento, caminhando completamente na direção oposta do que a própria ciência preconizava, ou seja, a impessoalidade. Como podemos observar este tipo de afirmação deriva de pressupostos básicos da psicanálise, tais como “o desejo pode gerar uma ideia, assim como os preconceitos pessoais e o estilo cultural”. No fim: “o romantismo era um amplo exercício na solidão compartilhada através do amor”, uma forma de sublimação de angústias e ainda sustentavam uma nova modulação da sexualidade e do amor (GAY, 1999 p.103).

Na série de transformações que seguiram curso no século XIX e que tiveram amplas consequências nos corações e mentes das classes médias burguesas podemos destacar a cultura letrada como um todo. Não somente os livros se tornaram mais baratos ao longo do século XIX como também a proliferação de bibliotecas públicas favoreceu o contato das pessoas com obras impressas. Ainda que os textos religiosos se destacassem em vendas, outros gêneros literários começaram a se difundir, biografias, trabalhos de histórias, romances, tratados científicos, revistas, em suma, uma ampla rede de produção que difundia materiais que de alguma forma auxiliou as classes médias a refletirem sobre si e a lidar com suas ansiedades e angústias diante do mundo. Elas traziam discursos que permitiam diferentes mobilizações psíquicas, seus leitores podiam reafirmar certezas em xeque, projetar sentimentos, agredir setores da sociedade, experimentar fantasias, entre outras ferramentas orientadas pelo exercício da leitura.

Na continuidade apresentarei a forma pela qual o autor descreve uma nova percepção do Eu desenvolvida no século XIX que é absorvida pelas classes médias utilizando as ferramentas apresentadas por estas mudanças que acabo de comentar.

4.5.2. A REDEFINIÇÃO NA PERCEPÇÃO DO EU

Peter Gay afirma que a cultura da classe média cumpriu um importante papel ao dar embasamento para que indivíduos pudessem estabelecer uma relação mais profunda consigo mesmos. O contexto histórico e sua posição social permitiam que tivessem tempo para consumir livros e poemas, materiais que não só se tornaram mais baratos ao longo do século XIX como também ganharam mais espaço na sociedade pela proliferação de bibliotecas públicas, o contato das pessoas com obras impressas cresceu, e cada vez mais podiam cultivar seu “eu” interior. Além disso, os valores associados a uma educação cultura e erudita potencializavam a produção destes materiais. Uma das teses presentes na coleção é justamente esta, ao falar e pensar sobre si, a classe média criou um objeto de observação particular, eles mesmos (GAY, VOL.4 1999). Este percurso é analisado pelo autor observando na materialidade documental, como os efeitos do iluminismo influenciaram no surgimento do romantismo, um conjunto de práticas que apareciam de diferentes formas, mas que tinham como objetivo comum potencializar a vida subjetiva, reencantar o mundo descolorido pela razão iluminista, por meio de uma “religião do coração” (GAY, 1999).

Seja para a história ou para psicanálise, esta noção de Eu é resultado de um processo histórico¹²². Conforme afirma Nikolas Rose, por exemplo, a partir de sua ideia de *genealogia da subjetivação*, que a percepção pessoal de cada um como sujeito e que pode ser encontrada em determinado momento histórico – que, de alguma forma, também está presente na atualidade – tem sua história desenvolvida a partir de um processo de esclarecimento, que auxilia os seres humanos a pensar sobre si, ou seja, uma história de nossa relação com nós mesmos, afirma usando uma expressão de cunho Foucaultiano (ROSE, 2001). No entanto, sua perspectiva busca uma trajetória na qual o sujeito é atravessado por uma série de redes discursivas que lhe dá forma, como os ideais de masculinidade e feminilidade, por exemplo, que se introjetam e moldam os corpos e refletem na cultura. Mas não é este o caminho que segue Gay.

¹²² Pela psicanálise freudiana vimos no Capítulo II como a concepção de filosofia da história de Freud elabora uma explicação no desenvolvimento da noção de sujeito como um constructo histórico. Nas ciências humanas, em geral, a noção de indivíduo também é resultado de diversos processos históricos ligados à modernidade.

Ao consumir obras literárias, filosóficas, ou mesmo no processo pedagógico estes sujeitos se permitiam falar, refletir e tomar uma consciência do si. Sim, a classe média consome discursos e se apropria deles, mas há uma inventividade neste mecanismo, pois promove tanto uma remodelação na cultura, quanto numa infinidade de formas de existir e pensar, ao mesmo tempo que dialoga com todo um grupo que compartilha aspectos psíquicos semelhantes. Este movimento é o mesmo que permitiu a classe média a definir a si mesma, e é o que vai transformar seus nomes em indivíduos únicos, com uma história particular, com dúvidas, anseios, desejos e angústias. Para lidar consigo era preciso de aparatos que dessem sustentação a esse exercício, a reflexão demanda que encontram em diversos materiais, “as pessoas que liam biografias, livros de história e romances, mais do que dos autores dessas obras, de cartas e diários de pessoas obscuras mais do que personalidades conhecidas” (GAY, 1999 p. 11-12)

A constante preocupação com o “eu”, sob a forma de dedicação à introspecção se tornou um exercício fundamental. Exercício que pode ser observado na produção de autorretratos, autobiografias, biografias, romances em primeira pessoa além do incrível crescimento na troca de correspondências íntimas, e diários pessoais entre indivíduos das classes médias. O que chamamos e classificamos como “eu” é, portanto, um amálgama de elementos instáveis e estáveis que podem ser reconhecidos pelo historiador. Um dos argumentos que dão base a sua tese é a construção do romantismo como um mecanismo defensivo contra o iluminismo.

O iluminismo com sua ciência e pretensão de explicar o mundo em sua totalidade acabava por minar muitos elementos que eram tidos como sólidos e cumpriam como uma de suas funções dar sentido e estabilidade para a vida. Como no exemplo já citado de Charles Darwin, que “roubou” a divindade humana ao inserir esta espécie junto com seus ancestrais comuns. Enfim, o romantismo buscava reencantar o mundo com a experiência subjetiva, combatendo o desencantamento da razão. O romantismo como resposta defensiva foi uma verdadeira obsessão com a profundidade dos sentimentos, que só poderiam ser alcançados no interior de cada um, no interior do Eu (GAY, 1999 p. 52).

Não houve um “único movimento romântico”, porém, todos se rebelaram contra o iluminismo, sua independência intelectual, por outro lado, gerou um

vácuo que ocupava o lugar da fé religiosa e, sem este pai divino, “os românticos se apoiavam em figuras paternas sacrossantas, recorrendo a velhas verdades, desesperadamente necessitados de um abrigo espiritual, elaborando doutrinas autoritárias” (GAY, 1999 p.55). Defendiam o retorno da religião e o afastamento da “praga dos hereges incrédulos”, o idealismo era digno de sua atenção, o racionalismo, não. Alguns autores inclusive apontavam que a imaginação estava presente de forma mais livre em alguns grupos, crianças, loucos, povos “primitivos”, o que significava que ela não poderia ser simplesmente abandonada pelos ditos normais, pois a civilização precisa de poetas, compositores e pintores. A imaginação dos românticos era o que libertava o Eu da insegurança gerada pela idade da razão.

A paixão narcísica dos românticos pelo “eu” era um afrodisíaco mental, de tal modo que o reencantamento do mundo começava com um auto encantamento diante do espelho (GAY, 1999 p.85). Gay analisa diversos autores românticos no quarto volume da *Experiência Burguesa*, e afirma que mesmo que tenham existido diversos romantismos, havia um estilo de pensamento, uma religião do mundo interno que se estendeu em diversos países, cada um com suas variações específicas, França, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos etc. Apesar desta complexidade das diferenças Peter Gay reúne os românticos sob a égide da religião do coração, retomando aqui seu estudo sobre o estilo romântico:

O culto romântico da Natureza era a religião do coração projetada para o mundo externo, um egoísmo humilde. A sensação de onipotência se intercalava com o sentimento de impotência. Difundido entre os românticos esse culto teve diversas manifestações locais, sempre de modo previsível: os alemães fizeram dele uma filosofia, os franceses o usaram para contar histórias sobre selvagens eloquentes e de sensibilidade implausível, os ingleses o utilizaram na poesia. Para o historiador da cultura burguesa do século XIX todas essas formas de fé são importantes, pois foi a propósito da natureza que os ‘desencantadores’ e os ‘reencantadores’ do mundo travaram uma batalha implacável (GAY, 1999 p. 95).

Tomar o romantismo como uma espécie de religião permite ao autor considerar este estilo como uma expressão que permitia a seus adeptos explorar o universo interior, sentimentos pessoais, como forma de alcançar outros níveis de conhecimento, caminhando completamente na direção oposta do que a própria ciência preconizava, ou seja, a impessoalidade. O exercício proposto

pelos românticos também teve como legado uma potencialização daquilo que chamamos de Eu, fornecendo conteúdos e reflexões para que os leitores do século XIX também fizessem o mesmo exercício. O legado dos românticos foi justamente o individualismo emocional, de modo que seu egotismo também foi o egotismo da burguesia.

Outro ponto que o romantismo auxilia na percepção do eu das classes médias é em relação ao amor e ao erotismo. Este processo tem dois momentos, o primeiro é o desconforto das classes médias diante da liberdade segundo a qual os românticos lidavam com o amor, ao contrário dos valores de santidade, e trabalho e da fidelidade monogâmica, o amor romântico aparecia como uma ameaça, uma forma de manifestação que poderia corromper a família. Alguns exemplos famosos ilustram este temor, como Oscar Wilde, por exemplo¹²³.

Os burgueses só passaram a aceitar a doutrina do amor romântico depois de cobrir a experiência erótica com silêncio ou com eufemismos, e depois abandonar a rejeição da ideia de que o casamento era uma prática despótica, favorecendo, ao contrário, que esta instituição se fortalecesse.

Para além da literatura romântica, os gêneros biográfico e autobiográfico cresceram muito no século XIX, ambos marcado pela centralidade do indivíduo na história. O leitor de classe média até a primeira metade do século XIX se interessava por obras religiosas, o que foi se transformando, aumentando paulatinamente a quantidade de romances e, posteriormente, das autobiografias, que também foi motivado por editores que buscavam aumentar seus lucros estimulando este tipo de leitura. “Os vitorianos tinham um excepcional interesse pelas autorrevelações” (GAY, 1999 p.120).

Este tipo de prática, aliada a uma recepção nítida revelam aspectos de uma mudança na sensibilidade interior dos vitorianos, um tipo de prazer narcisista em escrever sobre si mesmo, de se expor diante de um público leitor. Peter Gay consegue analisar um discurso de forma muito emblemática neste trecho:

Até cem anos atrás não havia o conceito de biografia. Trata-se de uma realização moderna, Goethe e Rousseau abriram para ela duas portas. Esses dois autobiógrafos foram necessários

¹²³ Em 1895, o autor foi condenado a dois anos de prisão e trabalhos forçados por ser homossexual após ter um caso exposto a público, com Lorde Alfred Douglas, após um processo jurídico movido contra o Marquês de Queensberry, pai de Alfred.

para que as pessoas pudessem aprender a olhar umas para as outras (GAY, 1999 p.120).

E adiante complementa: “uma afirmativa extravagante que não levava em conta exemplos de épocas anteriores, mas isso era precisamente o que a tornava uma autoavaliação representativa” (Ibidem). Ou seja, as classes médias ao se colocarem como vanguarda do estilo autobiográfico estão afirmando o quanto a introspecção sobre a identidade do Eu lhes era importante. o fato de que o autor da frase revela muito mais sobre sua opinião pessoal sobre o tema, do que um real conhecimento sobre o assunto, demonstra que está falando de outras coisas, que vão para além do contexto em que comenta a proliferação de obras autobiográficas, mas também como uma forma de exercício narcísico diante de si e do outro.

A autobiografia aparece como uma fonte histórica particularmente rica para Gay, e justamente porque se trata de uma escrita na qual o sujeito fala de si, em primeira pessoa, e mesmo que tente ao máximo controlar o processo de escrita, seu inconsciente apresenta suas marcas. São espaços de escrita que contém uma “verdade interior”, para além das possíveis evidências de um fato descrito pelo autor, a fala daquele que se põe a contar sua própria história contém indícios de sua realidade interior, nesse sentido o autor enfatiza:

Não tem importância se uma autobiografia publicada reproduz uma experiência passada ou se inventa, nega ou adorna os fatos. Muitas vezes não há como verificar os relatos, seus narradores são as únicas testemunhas do que contam. No entanto, mesmo quando a evidência interna ou depoimentos contemporâneos identificam discrepâncias, essas inconsistências são mais instrutivas do que as confissões impassíveis. As fantasias também são realidades que devem ser interpretadas, e o mesmo se pode dizer dos silêncios, esses testemunhos mudos, mas expressivos, por vezes mais significativos do que as afirmativas mais veementes. Basta ler estes testemunhos na sua intimidade, cética, mas não cinicamente (GAY, 1999 p.122).

O mais interessante é que estes autores/personagens tinham em alta conta sua própria história, considerando-se dignos de serem lidos e tomados como referências importantes, este é um valor vitoriano, fazer de si uma imagem que devesse ser imitada por sua grande relevância. Seus progenitores são sempre modelares, as mães, padrões de virtude, os pais quase sempre mais admirados do que amados, são fortes e autoritários, e os desafios da vida

apenas etapas para um modelo em construção. Todos estes trabalhos têm uma verdade em si, ao mesmo tempo em que também responde a uma relação entre o contexto social e o exemplo individual singular.

O século XIX foi um período fértil para este tipo de literatura, havia público que estava apto a receber com agrado as biografias – as classes médias – que buscavam nestes trabalhos um Eu Ideal¹²⁴, se recusavam a esconder as falhas pretéritas, permitindo observar como era composta as divisões internas da classe média, e a autoconfiança de muitos de seus membros. Houve um notável crescimento nas publicações de biografias e autobiografias no século XIX. Além disso, também houve a proliferação de publicações mais baratas que favoreceu tal apetite por obras biográficas, “grandes homens”, estadistas, poetas, artistas, algumas mulheres, compunham tais textos. Um dos aspectos das biografias vitorianas eram os conselhos dados por meio do exemplo, cumprindo um preceito pedagógico “os biógrafos se juntavam aos conselheiros, avaliando as ansiedades provocadas por uma época de rápidas mudanças para enfrentá-las, e quem sabe dar-lhes remédio” (GAY, 1999 p. 179).

Dando um passo adiante na percepção sutil de como os padrões de sensibilidade internos se alteraram, Gay observa como as confissões trazidas pelas autobiografias começaram a trazer consigo detalhes que poderiam arruinar a visão hagiográfica de certas personalidades. Blasfêmias, obscenidades, desrespeito por convenções passaram a ser encontradas nessas páginas, ou seja, as ansiedades frente aos pudores e as normas oscilavam inconscientemente. O que não altera o processo de identificação, ao contrário, se reforçam, pois ao mesmo tempo em que há uma identificação com o Super-Eu no que tange a vivência de valores, também há uma identificação com as pulsões do Id, na medida em que as classes médias podiam ver em seus mestres as mesmas movimentações obscuras que viam em si mesmos, e que o silêncio

¹²⁴ Esta expressão significa na teoria freudiana um modelo de referência do eu, ao mesmo tempo que cumpre a função de substituir aquele narcisismo infantil e a identificação associada às figuras parentais. Em outras palavras, na infância, o próprio sujeito recebe os investimentos da libido, momento de onipotência infantil, que posteriormente é substituído pelas figuras paterna e/ou materna, que após a fase edípica ganha novos contornos. Em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), o termo ganha uma nova dimensão, que está mais próxima ao uso que Peter Gay faz em sua análise. Este Ideal do Eu então se refere a uma figura capaz de reunir valores, consciência moral e censuras, por meio de um tipo de fascinação, que tem por objetivo ligar o sujeito a este objeto ideal. Portanto, há uma identificação direta do Ideal do Eu com as características do Supereu do sujeito. CF. FREUD, S. “Psicologia das massas e análise do eu”. IN. FREUD, S. Obras completas vol.15 (1920-1923). São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

deveria ocultar. Não por acaso esta literatura cresceu, ela dava vazão a sentimentos vividos no plano inconsciente, e permitiam que por meio destas projeções pudessem se sentir contemplados.

Da biografia para a vida individual das classes médias, vejo que citar a relação entre privacidade de hipocrisia também é um tema importante que circunda a redefinição do Eu. A leitura é um ato privado, assim como a arquitetura das casas das classes médias favorece que haja, literalmente, espaço para a construção do eu. Embora muitos ainda dividissem quartos, este espaço estava destinado a guardar a privacidade do Eu, um ambiente em que as paredes e a porta dão segurança suficiente para que se permita extravasar alguns desejos, realizando fantasias, que podem significar a leitura de um livro erótico longe dos olhos de outras pessoas, como realizar uma fantasia sexual, sem que de fato ela fosse sentida como uma violação de um valor moral e ético.

A privacidade é essencial para o desenvolvimento do “Eu”. É preciso que haja uma conquista do mundo interior, é preciso acreditar que temos uma muralha intransponível para conquistar o mundo subjetivo, para termos alguma liberdade de sermos nós mesmos. Podemos observar este processo no desenvolvimento infantil, quando uma criança aprende a mentir, que é um ato que pode ser social e moralmente repreendido, ela está também dizendo que alcançou certo nível de individualidade, pois mantém uma verdade oculta dentro de si, acreditando na certeza de que este espaço interno é inalcançável para qualquer um. E de fato esta verdade não pode ser revelada sem certo esforço. Este é um momento em que identificamos uma maior maturidade psíquica. Portanto, apesar das interdições óbvias deste procedimento ele é revelador do quando nós, humanos, temos uma relação ambivalente do mundo interno com o mundo externo.

No século XIX das classes médias, por outro lado, a privacidade e as formas de liberdade esta que podiam ser alcançadas dentro dela, podem ser compartilhadas dentro das próprias instituições desta classe, como o casamento, por exemplo:

As cartas dos casais de classe média mostram repetidamente que, dentro de seu refúgio, eles podiam ser muito francos, resolvendo seus sentimentos, inclusive seu desejo sexual” e complementa adiante “administrada de forma razoável, a privacidade era uma realização da qual a burguesia podia se orgulhar (GAY, 1999 p. 191).

A escrita foi incentivada, falar de si não era mais um exercício exclusivo dos biógrafos, foi um exercício de educação dos sentidos que explorava, ao mesmo tempo, os corações desvelados das classes médias. Desenvolveu-se o gosto por trocas mais livres e sem fórmulas, e por toda Europa o estilo formal foi substituído pela linguagem baseada na fala. A troca de correspondência passou a ser prioritária na economia emocional dos vitorianos, um valor a ser cultivado. A privacidade era um espaço em construção, espaço que também era reservado às cartas trocadas entre os burgueses. A isso se soma a reivindicação dos adolescentes de ter sentimentos próprios, desafiando a antiga autoridade paterna. É nesse contexto que a inviolabilidade da carta se torna um valor a ser defendido, o que ao as deixava completamente livres da espionagem familiar, a privacidade é um valor vitoriano amplamente fagocitado pelas classes médias, não por acaso sua proximidade com a ideia de privacidade também se torna um valor político trazido pelo pensamento liberal moderno.

As cartas traduziam a tensão entre desejo e ansiedade, sendo vistas como um sintoma, um conflito entre a vontade de se expressar e a necessidade de autocontrole, que cresceu devido a expansão dos mecanismos de tradução da vida interior. Um exercício que trazia consigo a imagem do outro como um observador atento da escrita, que tinha como função corresponder a um interlocutor imaginário que aparecia na hora da escrita, e de algum modo, conduzia as mãos do autor, que esperava agradar seu destinatário, antes de ter uma carta de resposta o exercício de escrita ajudava a realizar uma autodefinição. Isso valia para os diários, ainda que estes não tivessem um destinatário, eram acima de tudo um exercício de autodefinição por excelência. tais atitudes em relação a vida interior variava entre uma discrição defensiva, ou uma exploração corajosa, e que, na maioria das vezes, resultava em uma opção que mesclava estas duas opções (GAY, 1999).

Aqui volto ao Volume I em que Gay apresenta um exemplo muito ilustrativo dessa discussão que se aprofunda apenas no Volume IV. Partindo da análise dos diários da estadunidense Mabel Loomis, Peter Gay elabora um profundo estudo particular dos diferentes modos pelos quais se expressava a sexualidade, o que torna a autora dos diários um caso exemplar, pois, segundo nos mostra o historiador, “tinha tempo e desinibição suficientes para manter atualizado um registro de sua vida erótica e deixá-lo para a posteridade” (GAY,

1989 p.61). Além disso, a personagem é peculiar, pois reflete em seus diários sobre seus conflitos pessoais, manifestos, velados e inconscientes:

Certo odor de transferência, de assuntos edipianos inacabados, paira sobre seus amores adultos: Mabel viu-se na contingência de agir conforme suas emoções reprimidas, impróprias tanto em intensidade quanto com referência a seus objetos – emoções que haviam sobrevivido desde a infância e agora intervinham na escolha de seus relacionamentos (p.61).

Mabel teve um casamento de sucesso por alguns anos, ela e seu marido exploraram profundamente a sexualidade, no entanto, também teve um amante, amigo de seu esposo, com que se relacionou por dez anos.

Este caso, Peter Gay traduz como uma realização de fantasias insistentes. Sente dependência de doses de devoção masculina. E, ao que parece, seu marido aprovava seus flertes esporádicos com outros homens, ele sabia de seu caso e se mostrava totalmente compreensivo, o que fica evidente, por exemplo, quando ela comenta seus diários que os três poderiam tranquilamente viver juntos na mesma casa sem que isso modificasse as relações e afetos que tinham entre si. Mabel acreditava sinceramente na natureza de suas paixões, e as viam como naturais, dando ênfase nos direitos que possuía em satisfazê-los.

A cultura normativa da época defendia que deveria haver certa idade entre a esposa e o marido, esta cultura favorecia e encorajava que as filhas deveriam idealizar seus pais, e que a afeição dos pais pelas filhas tinha rédea solta. Millicent Todd, por sua vez, viu-se culpada da situação na qual via seus pais, o que lhe conferiu diversos incômodos com seu passado familiar. Sentia-se culpada pela situação no qual eles se encontravam (será também por sua insatisfação frente a maternidade?). Comparando-se documentalmente, nota-se que as memórias narradas por Millicent eram exageradas e tendenciosas, e enquadra-se no quadro que se pintava da sociedade da classe média no século XIX: “secretamente lasciva, publicamente pudica e hipócrita” (GAY, 1989 p.83).

Na verdade, este caso ilustra que a sociedade na qual viviam não era tão rígida em seus costumes como se espera, “possuíam independência, forneciam válvulas de escape para o prazer que muitas pessoas respeitáveis à procura de satisfação sexual podiam utilizar com segurança”. (GAY, 1989) O segredo e a obediência às convenções, juntos formavam o que chamamos de hipocrisia, que

nada mais é do que o nome que se deu para o caminho que se abria para a realização das paixões – dentro dos limites da razão.

De uma maneira muito específica a hipocrisia era uma educadora dos sentidos para o autor, do mesmo modo que o desenvolvimento humano está alicerçado numa tentativa mais ou menos funcional de esconder as pulsões de modo a alocá-las dentro de mecanismos socialmente aceitáveis, a hipocrisia fazia o mesmo. Permitia que o indivíduo pudesse vivenciar certos desejos, sem com isso quebrar sua percepção de si, como alguém que pratica e respeita os contornos da sociedade. Escondendo dos outros sua própria fuga dos limites impostos moral e socialmente, também escondiam de si, permitindo a manutenção das convenções sociais. Desde que ninguém, ou quase ninguém, soubesse o que se passava em seus quartos e diários, que os amantes não fossem descobertos, haveria a manutenção psíquica de uma continuidade de si como uma entidade respeitável dentro da sociedade, cujos valores são irretocáveis e o comportamento louvável.

Toda civilização exige como sacrifício os impulsos sexuais, atenuando, adiando ou abandonando certas gratificações. A hipocrisia marca o ponto pelo qual o desejo escapa das sanções normativas. O que coloca outras questões em cena. Se a hipocrisia é componente de qualquer civilização, e se ela pode ser inconsciente, o termo perde sua carga moral. Ou seja, não faz sentido chamá-los de hipócritas. A dimensão inconsciente da hipocrisia permite observar nada menos do que simplesmente um homem dentro da civilização, e sua luta por regular suas pulsões de um modo que não se autodestrua, e estes movimentos sim são os objetos e objetivos do historiador: descobrir seus componentes conscientes e inconscientes, juntamente com suas funções defensivas (GAY, 1989 p.300).

As instituições, dizia Freud, são responsáveis pelo controle das paixões e por sua satisfação: “o homem não consegue viver sem tais instituições, mas tampouco é capaz de conviver com elas mantendo uma total serenidade” (ibidem p.329). As falhas deixadas pela cultura burguesa que tentaram encobrir seus deslises, mas, como sabemos por meio da psicanálise, “quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir vai se convencer de que nenhum mortal é capaz de guardar segredo. Se os lábios estiverem em silêncio, ele vai tagarelar com a ponta dos dedos; traição exsuda por todos os poros” (FREUD, 1996 p.72).

O excesso de espaço interior tinha como contrapartida o risco excessivo e repressão. A ocultação de certos desejos imperiosos não leva a sua atrofia, mas sim a manifestações, na superfície, sob a forma de sintoma, pesadelos, neuroses ou doenças psicossomáticas. Nesse ponto Peter Gay caminha em paralelo ao contexto de criação da psicanálise.

4.5.3. Ódio e violência na cultura das classes médias vitorianas

Quero descrever neste último tópico como Peter Gay teorizou sobre a agressividade e como ela apareceu em suas análises sobre o século XIX. Diferentemente dos outros temas, este pode ser exemplarmente analisado no volume III da coleção, *O cultivo do ódio* (1995). Sua tese é que a cultura da classe média elaborou novas formas de administrar a dinâmica pulsional de Tânetos, transformando a destruição física em formas mais sutis e simbólicas de serem exercidas, sem alterar economicamente o significado psíquico das agressões. Em *Totem e Tabu* (2011 [1912]) Freud explora justamente como os homens passaram a utilizar da hostilidade verbal como uma das ferramentas de manifestação da agressividade, e este teria sido um dos marcos de fundação da civilização. No início da obra Gay nos apresenta:

Nem todos os atos agressivos são pugilismo primitivo, crueldade brutal, ou assassinato comum. Eles variam num amplo espectro de expressão verbal e física, da confiante autopublicidade às lesões permissíveis, da malícia astuta à tortura sádica. Surgem como palavras e gestos – menos fatais, sem dúvida, do que a violência física, mas pouco menos inequívocos. Pavonear-se de suas posses ou vencer um rival no amor é um ato de agressão tanto quanto provocar um duelo ou invadir um país vizinho” (GAY, 1995 p.12).

Com este panorama Gay pode transpor para a ótica da psicanálise diversos tipos de conduta que foram, de algum modo, documentadas pelas classes médias do século XIX. Comparações sociais, mexericos, esportes, política, comércio, prêmios de arte e literatura, em suma, todos estão imersos no plano da violência. Tratar tais elementos como formas de agressão tem certo teor de inovação, pois muitos atos que serão considerados como agressivos não tinham esta conotação. É sua leitura freudiana que conduz sua interpretação.

Nesse sentido, Gay descreve o que chamou de “álibi para a agressão”, ou seja, algo que se encontra noutro lugar quando o ato infracional aconteceu, um depositário secundário que esconde uma verdade. Neste caso são: crenças, princípios, platitudes retóricas que legitimavam a militância verbal ou física em terrenos religiosos, políticos, ou, melhor que tudo, científicos (GAY, 1995 p.13-14). Serão os valores vitorianos que auxiliaram as classes médias a sublimar seus ímpetos agressivos: a necessidade e alta produtividade industrial, a compulsão estética que moldava os corpos femininos em suas vestimentas, e o horror aos próprios impulsos assassinos que se tornaram disfarces para a benevolência e caridade. Sua análise sobre a violência é calcada numa discussão teórica psicanalítica sobre a violência, porém é colocada como apêndice da obra, o que me fez apresentá-la antes de prosseguir a análise para que possa contextualizar minha leitura.

Como sabemos, Freud se apropriou também da descrição antropológica do homem, pensado como um animal social, ainda que tenha se mantido fiel à sua concepção biológica de ser humano. Para ele, a luta contra a violência natural dos seres humanos era fundamental para a sobrevivência da civilização, que só poderia ser alcançada por meio de mecanismos de transformação das pulsões destrutivas, além da configuração de dispositivos que limitem a atuação individual e coletiva da humanidade. Ainda assim, Freud sabia que amor e ódio eram indissociáveis, e tinham um fundamento primitivo (filogenético), que se reproduzia na infância (ontogenético) que era cerceado pela incorporação de leis humanas, e interdições psíquicas individuais (superegoicas).

Por outro lado, é preciso dar luz às manifestações positivas da agressividade. Digo positivo tomando emprestada a conotação criativa da palavra, pois por meio desta necessidade de domínio pode haver uma interferência na realidade para a realização de determinados trabalhos. Seja em suas funções civilizatórias, seja em função de seus objetivos destrutivos, a cultura da classe média cultivou o ódio, cada um desenvolveu em si maneiras de mobilizar seu Tânatos interior para operar em seu mundo segundo seu alcance. Cultivaram o ódio porque ele também é uma fonte de prazer. Quero tomar alguns exemplos presentes na obra para acompanhar como Peter Gay utilizou suas fontes para dar corpo a sua tese sobre os usos positivos da violência das classes médias (GAY, 1995).

Peter Gay elenca três justificativas utilizadas no século XIX como álibis da violência. São eles: a concorrência (originada na biologia, especificamente a darwinista), a construção do 'outro' reunindo concepções científicas, e o culto à masculinidade, que era uma adaptação dos ideais aristocráticos. Todos estes mecanismos se desenvolveram entre as classes médias e passaram a ocupar canais de aceitação geral, prevalecendo em cada indivíduo aquela mais adequada as suas identificações, sejam elas religiosas, raciais, regionais, econômicas ou culturais, ou seja, cada um “escolhia”, segundo seus critérios, quais mecanismos de exploração da violência deveriam ser utilizados, e como (GAY, 1995 p. 44).

Os conflitos apareciam na literatura científica da época como pressupostos de uma visão darwinista da humanidade, a estratificação das raças segundo a ótica da evolução permitiu que sociedades europeias se impusessem em outros continentes, sempre justificando o uso da violência como consequência de sua superioridade. Ou mesmo a leitura sociológica, também a violência aparecia de modo disfarçado, ou por meio do uso de palavras recorrentes da cultura vitoriana, a história, para Marx, era nada menos do que a “luta” de classes. Adam Smith era tomado para justificar a livre concorrência, uma destilação de sua filosofia humanista para um estado de luta de todos contra todos sem nenhuma regulação da relação entre os mercados. Valores aristocráticos tomam forma de ideais de masculinidade, demonstrações de valor e heroísmo passaram a ser travadas na época vitoriana no comércio, na indústria e na vida política. Todas estas teses apropriadas de modo inventivo, pois podemos questionar suas afirmações voltando aos próprios autores.

A partir destas afirmações algumas citações relativas ao século XIX presentes na coleção de Peter gay ilustram bem os usos do conhecimento corrente para justificar, naturalizar e colocar em prática atos de violência, seja qual for a forma que ela poderia tomar. A supressão do mais fraco como algo natural, e esperado, tendo em vista as afirmações de Darwin: “mesmo a competição que acaba com sangue é benéfica para a humanidade, pois a guerra é a mais alta e mais majestosa forma de luta pela existência, e é indispensável” (GAY, 1995). Mais adiante, cita Nietzsche, outro ardoroso defensor da presença da violência no ser humano:

Renunciar a agressão é abraçar uma visão mesquinha que desiste da vida e endossa sua decadência e dissolução. A própria vida é essencialmente apropriação, dano, esmagamento do outro, e dos mais fracos, opressão, dureza, imposição das próprias formas de cada um, incorporação e, no mínimo, em sua forma mais suave, exploração (ibidem, p. 60).

O cultivo do ódio também é corolário das identidades às quais se apegavam as classes médias. O nacionalismo do século XIX tomou certas proporções revestidas pelo discurso científico, cujo maior exemplo talvez seja a alemã em seu arianismo, uma versão mitológica de um povo predestinado a ser superior a todas as demais raças do mundo, baseados em hipóteses e teorias racistas conjuraram teorias da excelência da raça ariana ou céltica. O narcisismo coletivo que cultivava o ódio contra álibis encontrou justificativas na ciência, e “o que acabou por dominar tais explicações para a agressividade foi o argumento da raça” (GAY, 1995 p. 77).

Com este apelo identitário, o “outro” poderia ser menosprezado, odiado, inimigos construídos para expulsar de si o ódio contra suas próprias limitações, diga-se de passagem, um sentimento profundo e recalcado de inferioridade. Conforme explicado por Freud, a religião de amor também é a religião do ódio, a criação de inimigos e uma manobra psicológica definida como projeção, que nada mais é do que um mecanismo defensivo pelo qual pensamentos ou desejos inaceitáveis são expelidos de nossa mente para o mundo externo, sobre o conveniente outro. Desse modo, pode-se conviver com seus próprios defeitos, redescobrimos em seus adversários, um estratagema que foi amplamente utilizado para mobilizar grupos humanos a se hostilizarem uns contra os outros.

Por afastar de si a vergonha e por ser totalmente inconsciente torna a projeção um mecanismo extremamente eficiente, ao mesmo tempo, torna a agressão extremamente potente, a angústia diante do que fazer com o sentimento advindo da mera possibilidade de descobrir-se parecido com aquele que odiamos faz com que o afastamento do outro seja realizado de modo ainda mais impetuoso e destrutivo. Este sentimento deve ser afastado a todo custo da mente, é altamente autodestrutivo, como consequência temos a fórmula: “eu sou ruim/ eu não sou ruim/ você é ruim” e “eu sou inferior/ eu não sou inferior/ você é inferior” (GAY, 1995 p. 79).

No século XIX foi a questão da raça utilizada como ferramenta de separação e cultivo da violência, antes, nos séculos XVI e XVII era a pureza do sangue, como na Espanha, também dirigida aos judeus, e no século XIX o racismo ganha o estatuto científico. Cultivavam o ódio em nome da idealização racial, religiosa ou classista, muitos defendiam a superioridade da linhagem ariana, mas quem a provou, de fato, cientificamente? O pensamento racista era prazeroso, e as pessoas são extremamente relutantes em renunciar ao que lhes dá prazer. Enfim, este é um panorama geral no qual se inserem as fontes e os acontecimentos analisados por Peter Gay, quero tomar alguns exemplos trazidos pelo autor que dialogam com esta ideia de ódio/violência como fator produtivo e destrutivo.

Um destes aspectos foi refletir sobre a transformação dos modos de punição engendrados pelo século XIX, que inicialmente é marcado pela punição capital e pelos açoites como ferramentas de correção, mas que passa a ser questionado. As prisões passam a ocupar um lugar de destaque, que esconde a punição, ao mesmo tempo em que a incorpora, demonstrando o lugar do superego corretivo, fornecendo uma espécie de consciência causadora de culpa socialmente adaptativa. Com essa nova perspectiva “muitos burgueses trocaram a selvagem emoção de exprimir seus impulsos de vingança por prazeres menos intensos, porém mais refinados” (GAY, 1995 p. 167).

Desde o movimento abolicionista, que já era uma voz ativa no início do reinado da Rainha Vitória em 1837, até os defensores do fim da pena de morte como forma de punição. Esta última em especial passou a ser abandonada em diversos países da Europa, e mesmo em regiões onde ela ainda existia como lei escrita passou a ser cada vez menos praticada. O fato era que nos países onde era abolida havia sempre uma nítida consequência de que o número de crimes, antes condenáveis à morte, como homicídio, decaíram muito.

A tese psicanalítica aparece nitidamente aqui. As execuções públicas tinham uma consequência prazerosa para aqueles que a assistiam, os expectadores poderiam, de modo catártico, sentir prazer pelo uso da violência contra um condenado, dando ao Estado o poder de potencializar ao máximo o sofrimento deste indivíduo. Algumas execuções públicas degeneravam em carnavais cheios de alegria, às vezes em tumultos, esquecidos seus propósitos originais. Misturavam impulsos eróticos e comportamentos agressivos. Portanto,

as execuções produziam um efeito de aumentar o número de condenações, com isso relegar a condenação a reclusão de um pátio de prisão eliminaria seus aspectos orgiásticos deixando inata a pena de morte. A agressão do Estado contra os malfeitores se tornaria invisível, mas continuaria a operar (GAY, 1995p. 180).

Havia crescimento de um superego cultural, que imbuía o Estado de proteger as vidas, ao mesmo tempo em que se defendia com afincos a propriedade privada (lembramos de que ela era fundamental para a construção de uma nova noção de indivíduo). A consciência da classe média alterou os ditames punitivos, e potencializada a eficiência do Estado no que tange ao controle social. Esta afirmação também pode ser reconhecida por meio das discussões ao redor dos castigos físicos, sejam aqueles que atuavam como pena do Estado, seja aqueles destinados à correção pedagógica infantil.

As surras passaram a ser executadas com menos frequência e cada vez mais escondidas, destinadas a um ambiente, que tal como nas execuções, também estivesse livre dos olhares, uma nova sensibilidade em relação à violência passava a surgir e se impor como valor moral.

Gay lembra a propósito que a agressão e a sexualidade caminham juntas. Recorrendo ao clássico *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que naturaliza a exploração da sexualidade por meio da violência, como sendo mais uma das inúmeras formas de manifestação que ela pode ser revestida, são simplesmente manifestações que trazemos em nosso inconsciente. Este ponto a meu ver é muito importante, pois é com base nele que algumas atuações que podemos inserir entre a postura “hipócrita” das classes médias é interpretada por Gay na medida em que certas práticas que ocorrem no ambiente privado contradizem suas posturas discursivas públicas.

Especificamente no que tange ao matrimônio, a ausência completa de instruções pedagógicas relativas à sexualidade tornava a noite de núpcias um ato de violência, e por vezes o sadismo masculino levava o ato sexual a ser uma mera exposição de raiva e poder sobre o outro (mulheres). Dados estatísticos levam a concluir que a incidência de crimes sexuais era maior entre as classes alfabetizadas do que entre os analfabetos. Interpretações da época culpavam os próprios mecanismos de instrução como métodos de desenvolver a sexualidade e os desejos de satisfação, de modo que tranquilizava as classes médias.

Por último quero citar como a política se tornou palco das agressões no século XIX. Visto que desde a Revolução Francesa, a discussão política e seus desdobramentos se tornaram parte integrante do cotidiano popular entre as classes médias. Gay a descreve como uma forma de ficção moderna. A sociedade liberal defendida por setores progressistas da população se opunha veementemente às formas autoritárias e aristocráticas do exercício político, uma forma de política liberal que pressupõe: oposição legítima aos detentores do poder, liberdade efetiva de imprensa e de associação, amplo direito de participação em eleições livres. A classe média passa, cada vez mais, a reivindicar lugares de participação política nas decisões relativas as condutas da sociedade.

Este cenário estaria pronto para uma reviravolta democrática, porém, a liberdade política foi silenciada pela ascensão de novos Césares, que acabavam por impor condutas desportistas, em nome de liberdade, numa mistura de esperança, horrores e ansiedades. Estes césares fazem parte de uma forma de culto à personalidade que Gay classifica como cesarismo político: “um fenômeno político visível demais, demasiadamente envolvido com as mudanças sísmicas na autoridade política, para ser tratado como uma mera doença do corpo político”, e adiante complementa: “se apresenta como um amálgama incongruente, porém viável, de agressões com subtons eróticos” (GAY, 1995 p. 241).

Peter Gay fala numa sensibilidade cultivada entre as classes médias em relação à violência, ou seja, o estabelecimento de ferramentas que promoveram, cada vez mais, distanciamento das condutas espontâneas – que na maioria das vezes agia de modo a tornar o uso da violência como recurso privilegiado – erguendo defesas contra as traduções diretas dos desejos instintivos em ações. Tal afirmação me parece muito mais válida no caso da violência do que no campo da sexualidade, pois como vimos, as classes médias criaram diversos mecanismos de exploração erótica sem que isso os levassem a conflitos com a própria moral pessoal, como o recurso à hipocrisia, por exemplo.

De fato, a violência física foi um dos focos da cultura das classes médias, o que também significou compreender que viver sob a égide da razão tem seu custo. O mecanismo de recalçamento leva ao ocultamento do desejo para o plano inconsciente, mas como observou Freud, este conteúdo tem grandes

chances de retornar sob novas formas, não por acaso, Gay afirma que o período vitoriano no qual se desenvolveram as classes médias foi também a Era das neuroses.

A palavra “caráter” englobava todos esses acalentados ideais suas e ansiedades, significando realismo, autocontrole, temperança, parcimônia, trabalho duro, energia bem dirigida, e tudo mais, “em suma, agressão sublimada e disciplinada” (GAY, 1995 p. 504). Colocando um novo rival contra racionalidade, o caráter era mais importante do que a inteligência, a alma um dom mais elevado do que a mente. O caráter, nada mais foi do que um amálgama evolutivo de herança e ambiente, e por mais paradoxal que possa parecer, “o caráter era a liberdade conquistada através da submissão à regra” (GAY, 1995 p. 506).

A “escolha” da neurose era em grande parte uma determinação cultural. Freud foi muito perspicaz ao analisar seu contexto histórico e perceber a relação intrínseca que incidia nos modos de sofrimento psíquico e os conflitos impostos pela cultura da classe média, a neurose, por definição, exemplificava este conflito entre a norma e o desejo: “A histeria desafiava o autocontrole, e a neurose obsessiva imitava-o” (GAY, 1995 p. 511).

O ideal da agressão construtiva e a realidade da agressão destrutiva estavam muitas vezes a grandes distâncias um do outro. E na maior parte das vezes os burgueses conquistavam a sublimação da agressão no nível mais baixo, sem, contudo, sofrer os custos do sentimento de culpa e dos conflitos psicológicos. Já em outras ocasiões estes conflitos extravasavam, eram investigados à luz da ciência de sua época que confusamente não estabelecia a relação necessária para uma etiologia que desse conta da relação entre contexto e sofrimento. Foi Freud que, tecendo costuras inventivas com os saberes à sua disposição, elaborou toda uma teoria capaz de explicar com grande sucesso os mecanismos pelos quais as neuroses se tornaram exemplos tão correlatos da cultura das classes médias.

Com este exercício de analisar a transformação da violência na cultura das classes médias vitorianas, o autor alcança o ponto no qual tentei me debruçar no capítulo anterior, NATUREZA HUMANA – FILOSOFIA DA HISTÓRIA FREUDIANA. Ao transformar a neurose – conflito entre desejos e norma – como mecanismo essencial da cultura no século XIX, a humanidade estaria passando

pelo caminho traçado por Freud em sua análise descrita pelo trabalho “Neuroses de transferência – uma síntese”, ou seja, este mecanismo nada mais é do que um dado historicamente pontuado, que inaugura uma das diferentes etapas nas quais o ser humano passa para se desenvolver. O controle da violência e das pulsões destrutivas foi essencial para o desenvolvimento da civilização, e seus sintomas, nada menos do que os sinais de evidência deste novo capítulo da história. Enfim, a teleologia freudiana se apresenta de forma muito nítida como pano de fundo deste terceiro volume da coleção, e não por acaso, o deixei como exemplo para finalizar este capítulo e minha tese.

E quero fazer uma breve conclusão partindo exatamente do fim desta obra, que termina justamente no ano de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, em 4 de agosto¹²⁵. Os álibis das agressões cultivadas por trás da ideia de nacionalismo encontraram um campo fértil para sua exploração. A necessidade de manifestar a agressividade infectava a todos, em menor ou maior grau. Em suma, a guerra liberou impulsos agressivos inconscientes para pessoas em tempos mais calmos, e de que provavelmente se envergonhariam, como Gay afirma: “O amor ao próprio país e o ódio aos inimigos se mostraram as mais potentes racionalizações para a agressão que o longo século XIX produziu, conquistando a dúbia honraria de ser o álibi dos álibis” (GAY, 1995 p. 519).

O nacionalismo, muito embora continuasse sendo uma mistura de posturas políticas, em grande parte ele mudou de posição, passando da ideologia liberal, até mesmo radical, para o lado reacionário (GAY, 1995 p. 523). Ao mesmo tempo, devemos reconhecê-lo como um amálgama de libido e agressão. Inicialmente o nacionalismo cumpriu uma função agregadora, serviu de ícone de estabilidade para aqueles anseios provocados pelas transformações rápidas e incontroláveis que causaram tanto desconforto no interior de homens e mulheres do século XIX. O nacionalismo foi uma expansão da ideia de família, outro corolário da tradição que deveria permanecer inalterado dentro da lógica da transformação. E claro, a religião fecha esta triangulação (pátria, família e religião), e forma a pirâmide, forma geométrica sólida e consistente, que mantém

¹²⁵ Não por acaso penso que este volume deveria ser o último, e não o terceiro da coleção, pois a meu ver ele encerra toda a discussão sobre a análise da classe média pela ótica psicanalítica.

em pé o indivíduo da classe média, até então perdido em sua própria neurose, da qual nem sequer tinha notícia senão seus efeitos de sofrimento e angústia.

O pensamento liberal deveria manter em níveis toleráveis os enlouquecedores desvios, atrasos, incertezas e desapontamentos que acompanham a vida numa sociedade aberta, junto com um dom para testar e aceitar a realidade, para não falar de um sentimento do absurdo da existência. Mas mesmo esta capacidade de resiliência estava sob ameaça, a pressão de exigências primitivas levou às últimas consequências os usos agressivos do nacionalismo como forma de usar politicamente as agressões – a regressão está à espreita em todos os lugares – até que a capacidade técnica somada a necessidade de destruição física do inimigo desse início ao conflito totalmente inconsequente que marcou os anos de 1914 e 1918 na Europa. A Primeira Guerra demonstrou como as classes médias haviam, por um lado, domesticado a violência, e por outro, a potencializado. Não houve vencedores neste conflito, como sabemos, mas as classes médias impuseram seu modo de vida, e a Era dos Impérios havia acabado. Ou seja, os mecanismos psíquicos elaborados por esta categoria se tornaram predominantes no mundo ocidental.

Conclusão

A política democrática era muitas coisas, entre elas uma espécie de sedução, documentando mais uma vez a interação entre agressão e libido. Ela despertava e muitas vezes gratificava os impulsos hostis do eleitorado, ou, no mínimo, seu desejo de autoafirmação agressiva. Ao mesmo tempo, prendia os seguidores a seus líderes, produzindo uma comunidade cheia de tons eróticos. O amor político favorito era intensificado pelo ódio à oposição (GAY, 1995 p.287).

Peter Gay incorporou a psicanálise como uma visão de mundo, seu vocabulário deu o contorno às suas análises, ela tornou parte inseparável de sua práxis de historiador com o passar do tempo. Timidamente na década de 1950, e completamente absorvida até o final dos anos 1990. O excerto citado contempla todos estes aspectos, a presença de material histórico, um objeto de observação, o vocabulário psicanalítico e uma interpretação carregada por sua leitura pessoal. Com isso quero partir para minha conclusão final.

Após finalizados os capítulos, e com o fim da leitura da coleção *A experiência burguesa* refleti sobre os limites e possibilidades do uso da psicanálise como ferramenta teórica para a interpretação de fontes históricas. Existem dois caminhos para encerrar meu trabalho. O primeiro é sobre a trajetória da pesquisa apresentada, e o segundo diz respeito às possibilidades de continuidade da discussão em outros autores.

A discussão que realizei sobre alguns exemplos de articulação entre história e psicanálise ilustram a amplitude que o tema, sem ter a pretensão de esgotá-lo. Com relação a este ponto, acredito que o mais importante – que espero ter deixado claro – é a dedicação ao refinamento teórico que tal percurso exige. Obviamente não é esperado que o historiador necessite de uma formação em psicanálise, o que Peter Gay também afirmou em diferentes momentos de sua obra, mas deve conhecer a fundo suas bases e suas múltiplas ramificações, para se prevenir de realizar reducionismos, ou trabalhos levianos. É preciso um domínio teórico consistente para então partir para uma análise prática.

Acredito que o autor, em certo sentido, dá continuidade ao trabalho de Freud, não no plano teórico do desenvolvimento da psicanálise, mas nas reflexões histórico-sociais que o psicanalista se debruçou. Tal como os inúmeros trabalhos em que Freud se arrisca a se basear na psicanálise para interpretar

Leonardo da Vinci, a função totêmica nos povos primitivos, ou mesmo as bases psíquicas da civilização, Gay incorporou a Filosofia da História psicanalítica para interpretar o século XIX, ainda que este ponto não seja assumido de forma literal, podemos observar que a classe média vitoriana é uma amostra de como o aparelho psíquico estava se desenvolvendo e de como este grupo pode registrar materialmente este processo. A principal diferença é que Gay, como historiador, desenvolve sua pesquisa tendo como base uma profunda exploração documental, e tem como foco não o movimento de um tipo de história global, mas a especificidade de uma psicologia da experiência histórica, que sempre foi seu foco de reflexão ao se debruçar na psicanálise.

Ao contrário do tom especulativo de Freud, Gay caminha munido do aparato científico dos historiadores, reitera o tempo linear e da percepção de que o mundo havia alcançado num novo momento, cuja transição ocorreu entre os anos de 1820 e 1914. Assim, com o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, estaríamos definitivamente imersos na “fase neurótica” da civilização, o que em termos freudianos seria um avanço em relação a outros momentos históricos, contando ainda com a perspectiva do constante aprimoramento empreendido pelo movimento da razão encabeçada pela ciência moderna – o que é afirmado por Freud em diversos momentos como explanei noutro momento da tese. O conflito esteve presente nos movimentos de Eros e Tanatos, seus observadores registraram seus incômodos, felicidades e angústias diante da transformação, esta sim se manifestava como a locomotiva que metaforicamente arrastava toda sociedade por trilhos ainda desconhecidos.

Em outras palavras, em conjunto, a obra de Peter Gay afirma que alcançamos um novo estágio no século XIX, e que os conflitos sociais e individuais analisados além de demonstrar com precisão este movimento, também permitem afirmar que nada poderia ser feito para refreá-lo (com exceção talvez dos totalitarismos caso não fossem derrotados, pois, como vimos representam uma resposta regressiva do ponto de vista psíquico). Em suma, por mais que muitos se debatessem de horror diante do novo, por mais que ansiedades persecutórias fossem mobilizadas diante da transformação da sociedade, o novo havia vindo para ficar.

O trabalho de Peter Gay, também conta com a vantagem da observação meticulosa já aberta por Freud, visto que ele é foi um vitoriano estoico com muita

sensibilidade para interpretar sua época. Como fica claro em sua biografia (GAY, 1989c) Freud foi um burguês típico, e nunca deixou de ser um sujeito vitoriano, ele incorporou os costumes e viveu seguindo estes moldes. Gay afirma que ao publicar *A Interpretação dos sonhos* em 1899, Freud teria pedido ao seu editor para que colocasse a data do ano seguinte, 1900, para que assim inaugurasse o século XX com sua ciência. No entanto, Gay comete um erro de precisão matemática, pois este ano seria, na verdade, o último do século XIX. Não sei em que medida Freud tinha realmente esta intenção com a mudança da data de lançamento do seu principal livro, ou se esta é apenas uma conclusão de seu biógrafo, mas o fato é que isso ilustra muito mais como o psicanalista vienense nunca saiu de suas bases vitorianas. Freud foi um sujeito da classe média vivendo sobre sua égide do início ao fim de sua vida, o século XX não lhe pertenceu.

Portanto, a psicanálise de Freud também é fruto do século XIX, e das lutas internas da classe média, o que ele precisou fazer foi aprender a ouvir seus pacientes, e ao dar voz a eles também deu voz a toda uma categoria social. O que quero dizer é que de algum modo a análise da vida da classe média já estava em andamento em suas obras, o que Gay fez foi seguir seus passos. O exercício de Gay nos cinco volumes tem um êxito e um mérito louváveis, mas seria possível utilizar a mesma teoria para outros períodos, para outros contextos?

Como exemplifiquei ao discutir a aplicação do programa do historiador esta resposta é positiva. É possível, desde que haja elementos necessários para conduzir a análise. Alguns elementos são incontornáveis, como a disponibilidade de materiais que permitam o acesso a discursos de atores históricos, o que pode ser encontrado em diversos tipos de textos, mas também em obras de arte ou mesmo monumentos arquitetônicos. Esta afirmação leva diretamente à necessidade de materiais comparativos, que possam, em alguma medida servirem como dados de realidade que contrastem com a narrativa encontrada nos materiais citados.

Outro ponto importante é que a psicanálise freudiana possui centralidade na dualidade pulsional como componentes determinantes da relação entre sujeito e realidade. Logo, a discussão interna que está presente na psicanálise sobre a relevância deste ponto da teoria freudiana pode ser um ponto fraco desta leitura. Não foram todos os psicanalistas contemporâneos de Freud que

aceitaram estes novos postulados elaborados após 1920. Ou seja, é preciso considerar uma discussão presente no interior do desenvolvimento da própria psicanálise. O que me leva ao segundo ponto desta conclusão.

Nesse sentido, as contribuições de autores pós-freudianos, como os mais conhecidos, Melanie Klein, Donald Winnicott, Jacques Lacan, por exemplo, com toda certeza também podem ser interlocutores fundamentais deste diálogo. Por exemplo, os trabalhos de Joan Scott que traz a psicanálise para o debate sobre raça e gênero da história, e ao mesmo tempo, problematiza questões do conhecimento histórico, apontando semelhanças nos dois campos, especialmente no que tange à interpretação, discutindo o quanto a história e a psicanálise promovem a ficcionalização de discursos, que dotados de sentido conseguem produzir efeitos para aqueles que alcançam suas discussões (SCOTT, 2018). Michael Roper também segue pelo debate teórico, mas acrescenta a possibilidade de pensar no sentido da contratransferência, ou seja, o quanto o paciente afeta o analista, logo, o quanto o objeto afeta o historiador, que tipo de resultados pode ser gerado pela dinâmica afetiva passível de observação neste caso (ROPPER, 2013).

Não houve intenção nesta pesquisa de explorar estes autores, visto a amplitude do tema e as limitações de prazo que uma tese está submetida. O fato é que a psicanálise freudiana continua sendo um amplo material de exploração, e permanece incontornável àqueles que desejam compreender o campo psicanalítico contemporâneo. No que tange a história acredito que o maior mérito deste trabalho foi explorar esta dupla articulação que derivou do pensamento de Peter Gay, a filosofia da história freudiana e a psicologia da experiência histórica que conduziu seu debate sobre a teoria da história.

Há uma discussão sobre a temporalidade histórica que Freud realizou direta e indiretamente, como exemplifiquei no terceiro capítulo, que demonstra mais uma vez a imersão do autor nas concepções epistemológicas do século XIX, ainda que as tenha apropriado de modo inventivo e único. E, por parte de Peter Gay, observar os sujeitos históricos dando visibilidade aos aspectos inconscientes permite ver o quanto a razão não está sozinha nas decisões e atitudes documentadas.

Referências

AGUIRRE ROJAS. **Uma história dos Annales (1921-2001)**. Tradução de Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2004.

AMBRA, Pedro & PAULON, Clarice P. “O analista é o historiador: verdade, interpretação e perplexidade”. In: Revista de Psicologia USP. Volume 29, Número 3, pp. 412-417, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420180012>, acessado em 28 de janeiro de 2023.

ANKERSMIT, Frank. “La experiencia histórica”, en: *Historia y Grafía*, no. 10, 1998, pp. 209-266. Disponível em: <https://s99e4c72426465614.jimcontent.com/download/version/1375968363/moodle/8366899269/name/Frank%20Ankersmit-La-Experiencia-Historica.pdf> acessado em abril de 2023.

_____. “Historiografia e pós-modernismo”. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 113-135. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v2n2/2237-101X-topoi-2-02-00113.pdf> Acessado em 12 de fevereiro de 2021.

ASHPLANT, T.G. “Fantasy, Narrative, Event: Psychoanalysis and History”. In: History Workshop, Spring, Oxford University Press. 1987, No. 23 (Spring, 1987), pp. 165-173. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/4288756> acessado em 10 de maio de 2023.

ÁVILA, Arthur. *Os (des)caminhos de Clío em terras norte-americanas: episódios de uma história da história nos Estados Unidos* Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 15, n. 28, p. 325-331, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/TT5RRbm3TDLxD5KnDQMpd9s/?format=pdf&lang=pt> acessado 12 de maio de 2023.

BARROS, José D’Assunção. “Imaginário, Mentalidades e Psico-História: uma discussão historiográfica”. *Revista Labirinto*, UNIR, vol7, dez 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321020292_Imaginario_Mentalidades_e_Psico-Historia_uma_discussao_historiografica acessado em 8 de fevereiro de 2021.

_____. **Teoria da História** (Volume V): A Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

_____. **O Campo da História – Especialidades e Abordagens**, Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Interdisciplinaridade na história e em outros campos do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Teses Sobre o Conceito da História*. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BESANÇON, Alain. O inconsciente. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

BESANÇON, Alain. “Auxiliary Science or Historical Method?”. *Journal of Contemporary History*. Vol. 3, No. 2, Reappraisals (Apr., 1968), 2014. pp. 149-162.

BENJAMIN, Walter. *Teses Sobre o Conceito da História*. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BEZERRA, Danieli Machado. **Lacan para historiadores**. Curitiba: Appris, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BUENO, José Luiz. **Gertrude Himmelfarb – modernidade, iluminismo e as virtudes sociais**. São Paulo: Editora Realizações, 2015.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 - 1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

_____. (ORG). **A escrita da história – novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURSTON, Daniel. **The legacy of Erich Fromm**. Harvard University Press, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. *Freud, a sociedade e a história*. In: CASTORIADIS, C. *As encruzilhadas do labirinto: a ascensão da insignificância*. (Volume IV). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Formação social e habitus: uma leitura de Norbert Elias. In: _____. **A história cultural**. Lisboa: Difel, 1990. Pp. 91-119.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CONDÉ, Mário Lúcio & OLIVEIRA, Bernardo Jeferson. “Thomas Kuhn e a nova historiografia da ciência”. *Revista Ensaio – pesquisa em educação e ciências*. Volume 4, nº2 – Belo Horizonte, Dezembro de 2002. Pp.143-153.

COSTA, André Oliveira. "Norbert Elias e a psicanálise: envolvimento e alienações". IN. Revista **PSYCHOLOGICA** VOLUME 61 Nº 1, 2018 pp. 143-158.

DAL-CÓL, Denise Maria. "Leitura do Sintoma em Freud e em Lacan: O ato analítico, interpretação, construções". *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro: v. XXIII n.1 janeiro/abril 2020 pp. 30-38.

DE ANGELIS, Thais Klein; DE OLIVEIRA, Regina Herzog. A angústia como pathos fundamental: uma questão freudiana. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 90-97, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.5139>.

DE GOES, Clara. **História e psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2012.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos XIII-XVIII)**, 2 volumes. Bauru: Edusc, 2003.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à nova história**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **História e ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1 – Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

_____. - A. **O processo civilizador**. Volume 2 – Formação do Estado e da Civilização. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

_____. - B. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero: um destino**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FULGENCIO, L. "Comentários críticos das referências textuais de Freud a Kant". *Psicologia USP*, v. 12, n. 1, p. 49-87, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/LnX9j6ZjK7k99pRCHxQnzXg/#ModalHowcite> acessado em outubro de 2023.

FUKS, Betty b. **Freud e a judeidade: a vocação do exílio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FONTANA, Josep. **A história depois do fim da história**. Bauru: EDUSC, 1998.

FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1964.

_____. **Neuroses de transferência, uma síntese**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. In. **Obras completas**, volume 2 (1893 – 1895). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910)*. In. **Obras completas**, volume 09 (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”, 1918 [1914])*. In. **Obras completas**, volume 11 (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Totem e tabu*. In. **Obras completas**, volume 11 (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O Moisés de Michelangelo (1914)*. In. **Obras completas**, volume 11 (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Psicologia das massas e análise do eu (1921)*. In. **Obras completas**, volume 15 (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *O futuro de uma ilusão (1927)*. In. **Obras completas**, volume 17 (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *O mal-estar na civilização (1930)*. In. **Obras completas**, volume 18 (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Construções na análise (1937)*. In. **Obras completas**, volume 19 (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939 [1934-1938])*. In. **Obras completas**, volume 19 (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1964.

GARCIA-ROSA, Luis Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro, Editora Jorge Zahar, 2009.

GAY, Peter. **A experiência burguesa – da rainha Vitória à Freud**. Volume 1: A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 A.
- _____. **A experiência burguesa – da rainha vitória à Freud**. Volume 2: A paixão tenra. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **A experiência burguesa – da rainha vitória à Freud**. Volume 3: O cultivo do ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **A experiência burguesa – da rainha vitória à Freud**. Volume 4: O coração desvelado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **A experiência burguesa – da rainha vitória à Freud**. Volume 5: As guerras do Prazer. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Freud, uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 B.
- _____. “A psicanálise e o historiador”. In: ROTH, Michael. **Freud, conflito e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.
- _____. Poetics Today, 1988, Vol. 9, No. 1, Interpretation in Context in Science and Culture (1988), pp. 239-247. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1772897> acessado em 10 de março de 2023.
- _____. “The Enlightenment in the History of Political Theory”. *Political Science Quarterly*, Volume 69, Issue 3, September 1954, Pages 374–389. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2145276> acessado em 20 de agosto de 2023.
- _____. “On Not Psychoanalyzing Virginia Woolf”. In: The American Scholar, Vol. 71, No. 2 (SPRING 2002), pp. 71-75. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41213293> acessado em 10 de maio de 2023.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *Freud, o homem dos lobos e os lobisomens*. IN. **Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRUBRICH-SIMITHS, Ilse. “Metapsicologia e metabiologia, para o rascunho de Sigmund Freud sobre ‘neuroses de transferência – uma síntese (1915)’ In: Neuroses de transferência, uma síntese – manuscrito recém-descoberto. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- KOHUT, Thomas A. “Psychohistory as History”. The American Historical Review, Oxford University Press . Apr., 1986, Vol. 91, No. 2 (Apr., 1986), pp. 336- 354.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. "História e sociologia: a contribuição de Norbert Elias". In: História e Cultura, Franca, v.3, n.3 (Especial), p. 53-65, dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18223/hiscult.v3i3.1409> acessado em 10 de maio de 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

KLEIN, Kerwin L. **From history to theory**. Berkeley: University of California Press, 2011.

KLÜNERS, Martin. "Freud as a philosopher of history". In: The Journal of Psychohistory 42 (1), 2014, pp. 55-71. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26302650> acessado em maio de 2023.

KURZWEIL, Edith. "A receptividade a Freud nos Estados Unidos". IN: ROTH, M. Freud, conflito e cultura. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

LACAPRA, Dominick. "History and Psychoanalysis". Critical Inquiry, Winter, 1987, Vol. 13, No. 2, The Trial(s) of Psychoanalysis (Winter, 1987), pp. 222-251. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343490> acessado em 10 de maio de 2023.

LEGOFF, Jacques. **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEITE, Augusto B de Carvalho Dias. "Metapsicologia sobre a força inconsciente do passado". Revista de Teoria da História, UFG, volume 2, 2020 pp. 167 – 184.

LÖWY, Michael. "A filosofia da história em Walter Benjamin". Revista Estudos Avançados. Volume 16 nº45, São Paulo: Maio/Agosto, 2002 pp.199-206.

_____. **Aviso de incêndio** – uma leitura das teses "sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.

LIMA, Henrique Espada, **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MALERBA, Jurandir. "A influência intelectual de Norbert Elias". In LOPES, M. A. **Grandes nomes da História intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. Publicado em Mediações, Revista de Ciências Sociais. Volume 9, nº1, 2004 pp. 59-68.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização, uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

MANDROU, Robert. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. Uma análise de psicologia histórica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. Brasília: Brasiliense, 2006.

_____. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. “Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?” **Natureza humana**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 319-359, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em abril de 2023.

MONZANI, Luiz Roberto. “A ‘fantasia’ freudiana” IN. PRADO, JR (ORG). **Filosofia da psicanálise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MONZANI, Luiz Roberto. “Totem e tabu: uma revisão”. In: *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 243-255, jul./dez. 2011.

MORAIS, Flávia Domitila Costa. A evolução da modernidade na filosofia e na literatura: a literatura vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1999.

PECORRARO, Rossano. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2009.

POMIAN, Krzystof. **Sobre la historia**. Tradução de Magalí Martínez Solimán. Madrid: Ediciones Catedra, 2007.

PONDÉ, Luiz Felipe. Prefácio: uma história da moral. IN. BUENO, José Luiz. **Gertrude Himmelfarb – modernidade, iluminismo e as virtudes sociais**. São Paulo: Editora Realizações, 2015.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas e do fascismo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

ROCHA, Sabrina Magalhães. “O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia”. In: **História da Historiografia**. Nº 16. Ouro Preto, MG: SBTHH, UNIRIO & UFOP, 2014, p. 285. Disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/download/755/509> acessado em 09 de setembro de 2020.

ROPER, Michael. “Psychoanalysis and the making of history”. IN: FOOT, Sarah & PARTNER, Nancy (Editors). **The Sage handbook of Historical Theory**. SAGE Publications, 2013. ISBN 978-1-4129-3114-4.

ROSE, Nikolas. “Como se Deve Fazer a História do Eu?”. *Educação & Realidade*, 26(1) Pp 33-57. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/41313> Acessado em junho de 2023.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Sigmund Freud, na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.

_____. Michel de Certeau era um pensador “incômodo” e contestador. Entrevista especial com Elisabeth Roudinesco. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/567338-michel-de-certeau-era-um-pensador-incomodo-e-contestador-entrevista-especial-com-elisabeth-roudinesco> acessado em 07 de agosto de 2020.

ROUDINESCO, Elizabeth & PLON Michel. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

ROTH, Michael S. The psychoanalytic corner: notes on a conversation with Peter Gay. IN: ALEXANDER, Saly & TAYLOR, Barbara (Eds). **History and psyche – culture, psychoanalysis, and the past**, 2012.

RUSEN, Jorn. **Teoria da história – uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

Runia, Eelco. “‘Forget about It’: ‘Parallel Processing’ in the Srebrenica Report.” *History and Theory* 43, no. 3 (2004): 295–320. <http://www.jstor.org/stable/3590645>. Acessado em outubro de 2021.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEAWRIGHT, Leandro A. “Teoria da História – a escrita, o lugar do morto e do assombro: diálogos com Michel de Certeau”. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 21, pp. 375 - 401. maio/ago. 2017.

SCOTT, Joan W. The incommensurability of psychoanalysis and history. *History and Theory* 51 (February 2012), 63-83. Wesleyan University 2012.

_____. “Psychoanalysis and the Indeterminacy of History”. In: HELGESSON, Stefan & SVENUNGSSON, Jayne. **The ethos of history – Time and Responsibility**. New York, Berghahn, 2018.

STRENGER, Carlo. “Iluminismo europeu com sex appeal – homenagem a Peter Gay”. *Revista Novos Estudos CEBRAP* 101, março 2015 pp. 135-139. Disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/CsfZRH7C7snnMjz9rxvvtJ6b/?lang=pt&format=pdf> acessado em 20 de agosto de 2023.

SIMANKE, Richard Theisen. “O trieb de Freud como instinto: sexualidade e reprodução”. IN. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 73-95, 2014.

WAIZBORT, Leopoldo. "Norbert Elias & Walter Benjamin: Correspondência completa". Plural. São Paulo, v. 5, pp. 176-184, 1998.

WILLIAMSON, George S. "Memorial, Peter Gay (1923 – 2015)". In: *Central European History*, Volume 49, Issue 1, March 2016, pp. 4 – 18. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S000893891600008X> acessado em 20 de julho de 2023.

WHITE, Hayden. "The Burden of History." *History and Theory*, vol. 5, no. 2, 1966, pp. 111–34. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/2504510>. Accessed 8 Oct. 2023.